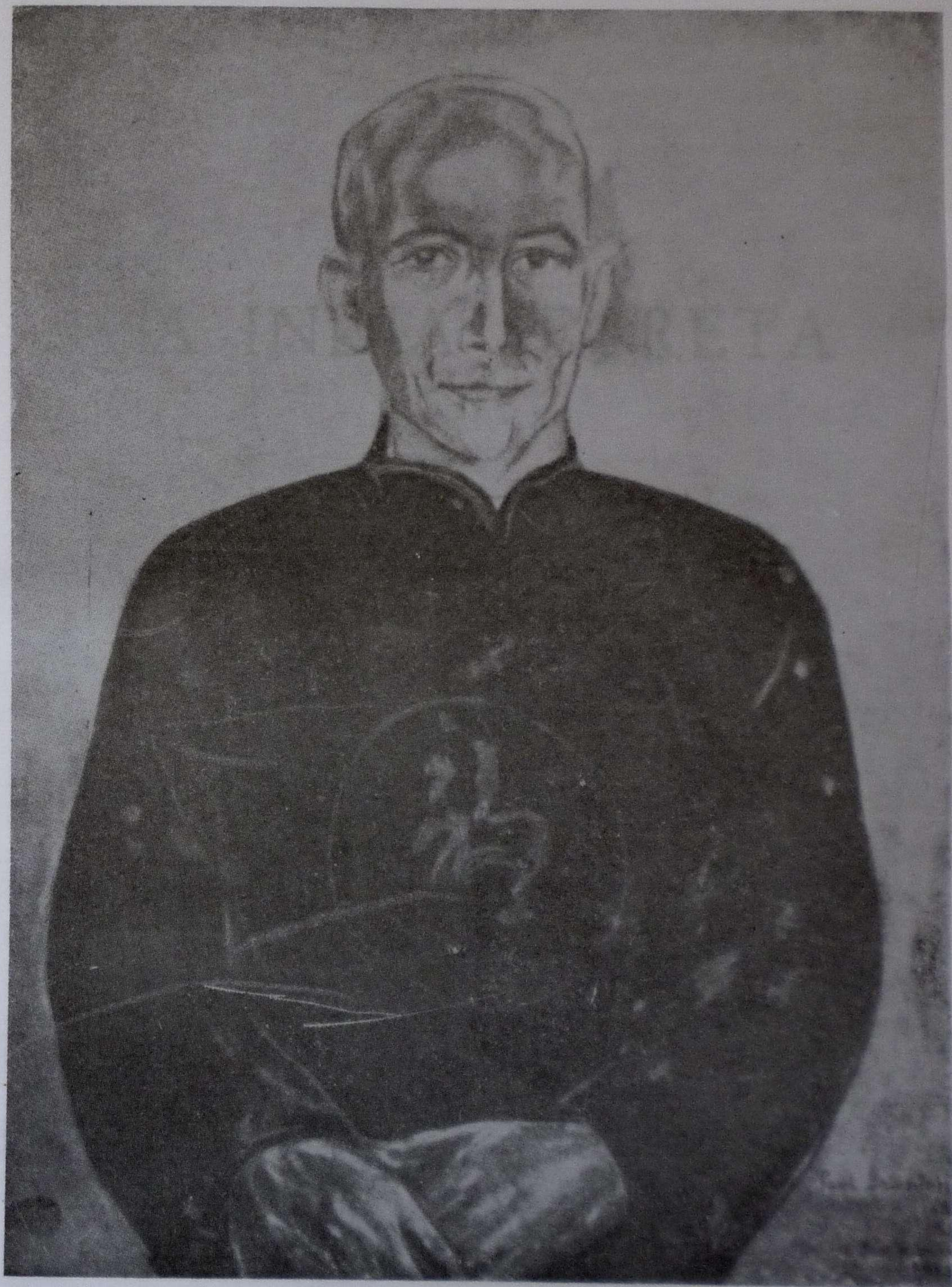


PAUL BRUNTON



INDIA

SECRETA



PAUL BRUNTON

ÍNDICE

Introdução

CAPÍTULO

I — <i>Donde saúdo o leitor</i>	9
II — <i>Prelúdios da busca</i>	17
III — <i>O Mago Egípcio</i>	32
IV — <i>Encontro um Messias</i>	42
V — <i>O Anacoreta do rio Adyar</i>	61
VI — <i>A Yoga que vence a Morte</i>	80
VII — <i>O Sábio que nunca fala</i>	97
VIII — <i>Com o chefe espiritual da Índia meridional</i>	108
IX — <i>A Colina do Santo Lume</i>	125
X — <i>Entre Magos e Santos</i>	153
XI — <i>O Taumaturgo de Benares</i>	176
XII — <i>Escrito nas Estrelas</i>	191
XIII — <i>O Jardim do Senhor</i>	212
XIV — <i>No quartel-general do Messias parse</i>	237
XV — <i>Um estranho encontro</i>	246
XVI — <i>Num eremitério da selva</i>	259
XVII — <i>Tabuinhas de verdades esquecidas</i>	275
<i>Glossário</i>	295

INTRODUÇÃO

A ÍNDIA SAGRADA — também poderia ser o título do livro porque se trata dessa Índia cujo segredo se mantém inviolável, devido, unicamente, ao caráter sagrado da sua filosofia. As coisas muito sagradas da vida não são expostas aos olhos do público. O instinto do homem o avisa da necessidade de ocultá-las nos adentros mais inacessíveis da alma. E mesmo quando ele não as pode esconder de todos, deixa, então, apenas entrever tais segredos somente aos poucos escolhidos em cuja alma sente arder amor à vida espiritual.

O que é certo para um indivíduo, do mesmo modo o será para as nações. As coisas muito sagradas de uma nação são envoltas num véu de mistério. Que estrangeiro poderia descobrir o que a Inglaterra possui de mais sagrado? Não seria fácil! Assim também a Índia; o que ela tem de mais sagrado está envolvido no maior segredo.

Não obstante, em virtude do seu caráter oculto, o segredo pede a busca. Está escrito: "Procura e acharás". Para aquele que busca saber a Verdade com todo o coração, com a real vontade de encontrá-la, o véu do mistério acabará sempre por se rasgar.

O senhor Paul Brunton possuía essa energia e acabou por encontrar o que buscava. Entretanto a tarefa não lhe foi fácil e as dificuldades foram enormes. Na Índia, aliás como em toda parte do mundo, há muita espiritualidade espúria através da qual se tem de forçar a passagem para atinar com a verdadeira. Há uma vasta multidão de saltimbancos e acróbatas mentais que deverá apartar com os cotovelos quem busca a real espiritualidade.

Com seu poder de concentração perfeitamente treinada, esses indivíduos conseguem o controle quase absoluto dos seus reflexos mentais, e a maioria desenvolve forças que nós ainda chamamos ocultas.

Esses homens são bastante interessantes nos seus diversos campos de ação, e merecem, sem dúvida, atenção dos cientistas interessados no estudo dos fenômenos psíquicos; mas eles não são verdadeiros espirituais; não é deles que flui, como da fonte, a verdadeira Luz Divina. Eles não possuem o segredo nem formam a parte sagrada da Índia que procurava o senhor Paul Brunton.

Ele passou por entre esses mercadores de ilusão, sem, todavia, demorar-se. Buscava sempre além, procurava a espiritualidade na sua mais pura essência. Incansável, procurava... procurava até que, finalmente, acabou encontrando o maior tesouro que a terra pode possuir. Longe dos lugares abafados, no mais fundo da selva agreste ou no inacessível Himalaia, onde os santos da Índia sempre renascem, o senhor Paul Brunton encontrou a verdadeira encarnação de um daqueles homens que a Índia considera como sua maior glória e o coloca no pedestal da mais alta e mais pura sabedoria divina como o que há de mais sagrado e mais santo.

Embora, Maharichi, o Grande Sábio, seja o homem que mais o atraia, não é o único de sua classe. Podem-se encontrar outros; pouquíssimos são eles, é verdade, mas existem, esparsos por toda a extensão da Índia — das montanhas nevadas até às planícies tórridas do Sul. São esses homens que representam a verdadeira alma da Índia e só através deles é que se manifesta a um grau inconcebível toda a Poderosa Alma do Universo.

Eles são os únicos dignos de nosso maior interesse e dos excelentes estudos que santificam e é o resultado de tais estudos que este livro nos traz.

SIR FRANCIS YOUNGHUSBAND

CAPÍTULO I

DONDE SAÚDO O LEITOR

HÁ SEMPRE uma passagem obscura nas páginas consagradas, pela maioria dos autores, à vida da Índia, que me acho no dever de esclarecer em benefício do leitor ocidental. Os antigos viajantes e mesmo, ocasionalmente, os modernos, transmitiam aos interessados as mais estranhas histórias sobre os faquires indianos. Que parte da verdade se oculta por trás dessas lendas que voltam sempre aos nossos ouvidos, referindo-se à misteriosa classe de homens chamados Yogues, por alguns, e Faquires, por outros? Qual é a verdade das alusões reticentes à antiga sabedoria que proporciona aos seus adeptos o mais extraordinário desenvolvimento das faculdades humanas?

Antes de resumir os fatos nas páginas que se vão seguir, empreendi uma longa viagem à procura desses homens estranhos, para, fielmente, poder transmitir o resultado das minhas observações.

Eu bem disse "resumir" — pois a inexorável exigência de tempo e espaço constrangeu-me a selecionar e tomar, apenas, alguns dos Yogues que despertavam mais entusiasmo e que me pareciam apresentar maiores possibilidades para interessar o mundo ocidental. É comum ouvir falar na Índia dos chamados "santos homens" cujos supostos poderes misteriosos e o conhecimento da mais antiga sabedoria do mundo a tantos atraem. Resolve-se, então, partir à procura deles, passando dias escaldantes nos trópicos e noites de insônia e... o que se vê ao chegar? Um comentador servil ou piedoso ignaro, prestidigitador bastante hábil a repetir eternamente os mesmos truques, ou caça-níqueis fraudulentos!...

Pouparei ao leitor a perda de tempo que tomaria a narrativa das façanhas por mim vistas, e sem o menor proveito para a finalidade a que me propus.

Julgo, entretanto, poder dizer, sem a menor vaidade, ter sido um privilegiado ao descobrir um dos aspectos mais antigos da sabedoria indiana, raramente percebido e, ainda menos, compreendido pelo comum dos visitantes. De todos os ingleses que residem ou residiam neste vasto país, quantos são, realmente, os que tiveram a verdadeira preocupação de tomar interesse e abrir os olhos a esse aspecto da Índia? Bem poucos. Mesmo entre essa ínfima minoria, quais os que tiveram a coragem de ir além das aparências e transmitir lealmente o que constataram sob o risco de verem comprometido seu prestígio de ocidentais? A maioria dos autores que tocaram no assunto, sem as convenientes indagações, restringiu-se ao ceticismo zombeteiro que os desviou da fonte da sabedoria indiana, afastando-os dos sábios hindus, únicos que realmente possuem poder para discutir o assunto. O resultado é que, de um modo geral, o homem branco possui conhecimento muito rudimentar dos Yogues e, mesmo, se ouvisse falar de alguns deles, por certo, esses não seriam dos melhores. E há razão para isso: é que seu pequeno grupo se tornou raro, mesmo no país de origem, e o cuidado com que eles escondem do público sua verdadeira qualidade é que ocasionou a preferência para que se acredite em sua ignorância, para não serem expostos à agressão e vexação do vulgo.

Na Índia, de fato, como no Tibete ou na China, eles se livram dos ocidentais que invadem seus retiros sem a mínima deferência, fechando-se propositadamente sob a máscara da indolência ou da estupidez. Se os Yogues conhecessem o sentido profundo da célebre citação de Emerson: "Ser grande é ser incompreendido" — poderiam, talvez, senti-la melhor do que nós. Seja como for, eles são, na maioria, os reclusos voluntários que não desejam misturar-se com o comum dos mortais. E, mesmo, se eles permitissem uma aproximação, não se deve esperar vê-los saírem da sua reserva, sem a certeza de uma prévia preparação adequada do postulante.

Essa é a explicação para o fato de quase nada ter sido escrito, no Ocidente, sobre a vida estranha dos homens denominados Yogues e, do pouco que foi revelado, tudo parecer tão impreciso e tão vago.

A narrativa dos autores que escreveram sobre o assunto não deixa de merecer crédito, mas também não se pode aceitá-la sem reserva, porque os orientais, comumente, confundem os fatos reais com a fantasia, sem o mínimo discernimento. Este defeito tende a despojar qualquer narrativa, que diz respeito aos Yogues, de todo valor documentário.

Quando verifiquei, à luz da investigação, os fatos idealizados, dei graças à experiência adquirida pela disciplina ocidental que me

forneceu a preciosa pedra de toque do senso comum, lograda na profissão de jornalista. É verdade; mas, no Oriente, existe sempre um dado autêntico sob o monte de superstições e só se pode discerni-lo com a vigilância constantemente alerta.

Por todos os lugares por onde andei, sempre mantive os olhos abertos para a crítica honesta, sem que houvesse qualquer espírito de hostilidade da minha parte. Não faltaram pessoas que, logo ao saberem que além do conceito filosófico, também me interessavam os fatos místicos e milagrosos, não tratassem de sofisticar e, com um verniz abundante de sabedoria, cobrir sua magra bagagem de sapiência. Alguns pensaram que me deixaria seduzir pelos seus contos maravilhosos mas inverossímeis, ou pelo brilho dos seus milagres. Não adiantava lhes dizer que a Verdade é forte por si mesma, sem o apoio dos argumentos, porque tinha algo maior a fazer.

Dei-me os parabéns por preferir receber de primeira mão meus conhecimentos a respeito do sobrenatural do Oriente, como prefiro beneficiar-me diretamente com a sabedoria do Cristo, em vez de atordoar-me com a ignorância dos seus comentadores. Procurei investigar em inverossímil conjunto de grosseiras pretensões entre as lendas inverificáveis, enfim, em tudo que trouxesse o menor sinal de Verdade, como em tudo que pudesse resistir à prova da investigação.

Estou certo, porém, de que jamais poderia ter chegado ao ponto que cheguei, se não tivesse, na minha qualidade de ocidental, os dois elementos tão freqüentemente em conflito: um ceticismo científico e uma sensibilidade receptiva sempre alerta.

Se eu intitulei este livro *A Índia Secreta* é porque ele é consagrado a um país que soube se retrair durante milênios a toda e qualquer investigação. A obstinação em que se firmaram os Yogues, entrincheirando-se atrás de um esoterismo tão absoluto, pode parecer egoísmo em nosso século de democracia excessiva; em todo caso, essa atitude nos ajuda a compreender: eles se tinham visto gradualmente rejeitados do curso normal dos acontecimentos que constituem a história do mundo.

Milhares de ingleses moram na Índia, outras centenas visitam-na cada ano. Poucos são, todavia, os que têm a mínima noção do tesouro que ali se oculta, muito mais valioso e mais real do que as pérolas e pedras preciosas. Reduzido ainda é o número daqueles que se decidem a deixar seu caminho já feito na vida e saem à procura dos adeptos da Yoga, porque, com toda certeza, nem mesmo um inglês entre mil ousaria curvar-se diante de uma figura bronzeada,

seca e seminua, sentada solitária no encovado da rocha ou num recinto onde os discípulos se oprimem. Tão intransponível é a barreira imposta pelos preconceitos de raça, que os homens mais liberais e mais esclarecidos, subitamente transportados das suas residências britânicas à caverna funda da selva, achariam perfeitamente absurda a obrigação de partilhar da companhia do Yogue, por falta total de compreensão das idéias do homem.

Não se pode censurar o inglês militar, funcionário público, homem de negócio ou simples turista, por sentir seu orgulho revolto à idéia de acocorar-se numa esteira do Yogue. Além da preocupação de manter seu prestígio britânico, que exige uma certa atitude necessária e justificada, é preciso também reconhecer que, pelo aspecto, o santo homem está sujeito a despertar mais repulsa do que atração. Certamente eles pensam nada perderem por evitar tais pessoas.

No entanto, é de lastimar que no fim de alguns anos de permanência na Índia, a maioria dos ingleses deixe o país na maior ignorância ou com idéias ingênuas a respeito da grandeza espiritual oculta na mente do sábio indiano. Tenho ainda presente na memória a conversa que tive com um cidadão londrino, à sombra do gigantesco forte de Trichinópoli. Há mais de vinte anos que ele ocupava um cargo de responsabilidade no Departamento de Estradas de Ferro, na Índia. Não pude deixar passar a oportunidade de crivá-lo de perguntas sobre os pormenores da vida diária naquela região tórrida. No fim da conversa, arrisquei-me a fazer a pergunta que me queimava os lábios:

— O senhor nunca encontrou os Yogues?

Sem nenhum brilho no olhar, respondeu-me, surpreso:

— Yogues? É uma espécie de animal? perguntou-me.

A ignorância seria perdoável num homem que nunca tivesse deixado sua terra natal, nem houvesse esquecido o som dos sinos da sua igreja, mas tendo residido vinte e seis anos no país, tanta ingenuidade surpreendia! Tive o cuidado de não destruí-la...

Se hoje sou capaz de escrever esta narrativa, é porque eu havia, deliberadamente, posto de lado meu orgulho de homem branco, ao viajar no meio da população tão heterogênea do Industão, aproximando-me dos nativos com espírito de simpatia e compreensão, livre de preconceitos mesquinhos, não achando que o caráter dependesse da cor da pele. Tenho passado a vida em busca da Verdade — fui preparado para aceitar tudo aquilo que a Verdade, finalmente percebida, quisesse transmitir-me. Trilhei meu caminho através de uma multidão de simplórios e de impostores, a fim de um

dia poder sentar-me aos pés de um autêntico Sábio, do qual pudesse receber, como da fonte cristalina, a verdadeira doutrina da Yoga. Acocorei-me no solo dos longínquos eremitérios, rodeado das mais estranhas figuras, ouvindo não menos estranhos dialetos. Pus-me em busca dos anacoretas reclusos e reservados, dos grandes Yogues cujos ensinamentos sagrados escutei humildemente. Passei horas conversando com os doutos Brâmanes de Benares, discutindo os problemas da filosofia e da fé; problemas tão velhos como o mundo, mas que sempre atormentarão o espírito e perturbarão corações, enquanto existirem na terra homens que pensem.

No caminho, passei por entre magos, pelotiqueiros e fabricantes de milagres, e estranhos incidentes marcaram minha viagem. Como já disse, eu queria, pelo método de investigação direta, chegar a saber qual é o conteúdo da verdade sobre os Yogues, tão comentados em nossos dias. Felicitei-me a mim mesmo porque minha experiência de jornalista se revelou uma grande utilidade para extrair dos fatos o máximo de informação no mínimo de tempo. O hábito de manejar o lápis azul no escritório da redação me havia treinado a separar a boa semente do joio. Os contatos que nossa profissão nos proporciona com gente, homens e mulheres de toda condição social, seja um pobre diabo ou um milionário, ajudaram a mover-me à vontade por entre a multidão matizada da Índia, onde queria descobrir os rastros desses homens chamados Yogues.

Por outro lado, eu havia sempre vivido uma vida totalmente livre de compromissos; consagrei a maior parte dos meus lazeres aos estudos das ciências herméticas, dirigindo arduamente meus passos pelos caminhos escabrosos das experiências psicológicas. Mergulhei-me nos assuntos que sempre foram encobertos pelo véu de mistério cimeriano, com uma atração inata por tudo que toca ao Oriente. Já antes da minha primeira viagem, a Índia lançava sobre minha alma poderosos tentáculos que finalmente, levaram-me ao estudo dos livros sagrados da Ásia. Devorei os sábios comentários dos doutos Brâmanes, bebi os axiomas dos mestres orientais, à medida que ia adquirindo as traduções.

Essa dupla experiência se revelou como grande ajuda para a realização da minha tarefa. Ela me ensinou a nunca permitir que minha simpatia ingênita pelos métodos aplicados no Oriente, para o conhecimento dos mistérios da vida, confundisse o espírito crítico de investigador imparcial. No entanto, sem essa simpatia eu jamais poderia ter vivido no meio desse povo ou permanecido em lugares que o inglês comum evitaria, sem dúvida, freqüentar. Se eu não tivesse adotado a tática estritamente científica, eu me teria desviado do caminho, perdido no labirinto de superstições, como já havia

acontecido a muitos hindus. Nem sempre é fácil conciliar as qualidades geralmente consideradas contraditórias. Todavia, esforcei-me sinceramente para manter os pratos da balança sempre em equilíbrio.

*
* *
*

Que o Ocidente tenha muito a aprender da Índia atual, é coisa que nego; porém, que nós temos bastante que aprender dos sábios hindus de outrora e daqueles que ainda vivem, não tenho nenhuma hesitação em afirmar. O turista ocidental que *visita* as grandes cidades da Índia e lugares históricos, embarca satisfeito ao virar as costas a uma civilização que julga, na certa, atrasada; mas, um dia outros virão que, ao invés de explorar ruínas esboroadas dos templos ou palácios de mármore dos reis mortos, irão ver os sábios bem vivos, capazes de lhes revelar a fonte da sabedoria desconhecida em nossas universidades.

Serão esses Yogues simplesmente homens ociosos bocejando ao sol tórrido dos trópicos? Criaturas indolentes que nada produzem? Nunca teriam eles pensado em coisa alguma que pudesse ser útil ao resto da humanidade? O viajante de visão curta não perceberá nada, além de decadência e preguiça. Não obstante, um pouco de consideração para com eles bastaria para tirar-lhes o selo dos lábios e ver abrirem-se as portas dos tesouros eternos. Admitimos que a Índia, há séculos, curvou a cabeça entorpecida pela inércia. Admitimos que milhões de camponeses indianos não ultrapassaram no que diz respeito à instrução e cultura, imersos nas superstições pueris e religião infantil, o nível do camponês inglês do século XIV. Reconhecemos também que, embora os eruditos Brâmanes passem a vida a esticar, em vão, o fio metafísico tão sutilmente quanto os nossos escolásticos medievais, os centros de ensino filosófico continuam a ser um núcleo de cultura, restritos porém inestimáveis, firmados sobre os termos genéricos da Yoga, proporcionando à humanidade o conhecimento de uma doutrina tão valiosa, talvez maior do que todos os progressos da ciência ocidental.

A Yoga restitui ao nosso corpo as condições de saúde que nossa própria natureza deve possuir; ensina a nossa civilização moderna como adquirir uma das qualidades de que ela mais precisa: a serenidade! E abre aos esforçados, na conquista da Verdade, as portas perenes do espírito. Admito ainda que estes inestimáveis tesouros de sabedoria pertencem mais à Índia do passado. Hoje, não estamos mais na época em que a ciência florescente da Yoga fazia com que se reunissem à volta do mestre, digno e sábio, discípulos totalmente dedicados.

Será que o próprio segredo em que os mestres, propositadamente, se envolviam, tenha acabado por matar o entusiasmo pelas investigações de sua antiga sabedoria? Não sei. Seria, entretanto, oportuno convidar os ocidentais a voltarem seus olhares para o Oriente. Não para que adquirissem uma religião nova, mas para beberem algumas gotas preciosas de sabedoria e aprenderem a esclarecer o amontoado confuso dos seus dogmas. Foi preciso que orientistas modernos como Burnoff, Colebrooke e Max Muller, aparecessem diante do mundo, segurando nas mãos alguns dos tesouros da literatura indiana, para que os sábios ocidentais comessem a compreender que os pretensos pagãos que vivem neste país não eram talvez tão estúpidos, como nossa própria ignorância se comprazia em imaginar. Os ilustres doutos e professores que nos dizem que a ciência asiática é desprovida de todo pensamento útil ao ocidental, comprovam apenas a sua própria ignorância do assunto. Essa gente prática, não achando outro epíteto além de "estúpido" para qualificar o estudo, não faz senão salientar sua própria mesquinhez.

Seremos dignos do nome de civilizados se nossa concepção da vida deve depender, para sempre, do fato de que tenhamos nascido em Bristol e não em Bombaim? Aqueles que fecham sua mente a toda influência asiática, fecham-na a uma quantidade de pensamentos sutis às verdades profundas e ao sentido psicológico — coisas para as quais valeria a pena que voltassem a atenção.

Maior sábio será aquele que se der ao trabalho de percorrer as feiras poeirentas do Oriente, na esperança de ver alguma coisa estranha, de encontrar um grão esquecido da misteriosa sabedoria, pois assim a sua procura não terá sido em vão.

*
* *

Parti então ao encontro dos Yogues e suas ciências herméticas. Preciso confessar que a idéia de encontrar a luz espiritual e a vida divina, embora não fosse meu propósito essencial, também brotava em mim. Caminhei ao longo das margens de rios sagrados da Índia: do calmo Ganges de ondas esverdeadas, do largo Jumna e da encantadora Godavari; dei a volta ao país e recebi a minha recompensa: a Índia estendeu-me os braços, apertou-me no seu coração e os últimos sobreviventes dos Grandes Sábios abriram a porta secreta ao ocidental desambientado.

Não havia muito tempo, porém, era eu um daqueles que consideram Deus uma criação do espírito humano; a Verdade espiritual, uma nebulosa sem a menor consistência e a Justiça como uma invenção para uso dos idealistas infantis. Encarava com enorme paciência os

construtores do paraíso teológico, que me enchiam a cabeça, dando-se ares importantes, julgando-se corretores de locação da divindade! Senti apenas piedade desses edificadores de quimeras e de seus fúteis, bem como fanáticos esforços.

Se, todavia, comecei a sentir e pensar diferentemente no assunto da religião, é preciso que saibam que não foi sem uma causa. Embora eu não chegasse a me converter a nenhuma crença oriental, cujo conteúdo concebi na medida do meu intelecto, cheguei a uma nova concepção do Divino. Pode isso parecer coisa insignificante ou de caráter pessoal, mas, como filho da nossa geração, eu ligava apenas aos fatos concretos e ao raciocínio puro; as coisas da religião nunca me provocavam entusiasmo, pois me pareciam quase caducas. A fé foi restaurada pela única maneira capaz de convencer um cético: não foram os argumentos enfadonhos, mas uma eficaz experiência pessoal que desmoronou as dúvidas!

E quem operou essa revolução capital foi um sábio da selva, um humilde eremita que vivia há seis anos no fundo de uma caverna; é quase certo que ele não seria capaz de passar no mais elementar exame escolar, mas mesmo assim, não senti a menor vergonha em reconhecer humildemente, no fim deste livro, a imensa dívida que contraí para com ele. O país que produz tais homens merece, ao menos, uma especial atenção por parte dos ocidentais, picados pela varejeira da inteligência! Embora secreta, a vida espiritual da Índia não é um mito; existe e existirá sempre, apesar de tempestades políticas e agitações subterrâneas.

Esforço-me por transmitir neste livro os fatos autênticos sobre mais de um adepto da Yoga, que atingiram a serenidade e a iluminação, dádivas a que nós, pobres mortais, aspiramos hoje tão desesperadamente. Transmito também outras coisas tão maravilhosas quanto desconcertantes, que me parecem ainda inacreditáveis, enquanto trabalho sentado diante de minha máquina de escrever, no ambiente prosaico da campina inglesa. Eu mesmo me admiro da minha coragem ao escrevê-las para serem lidas pelo mundo cético e corrompido.

Todavia, não creio que as idéias materialistas, que nos regem atualmente, sejam eternas. Parece-me já perceber os indícios da próxima evolução do pensamento humano. Evidentemente, como a maioria da minha geração, não acredito em milagres; pois creio, firmemente, que o conhecimento das leis da natureza é ainda incompleto. Mas, quando uma vanguarda de sábios, avançando passo a passo nesse campo, ainda inexplorado, chegar a descobrir, um dia, algumas dessas leis, nós, então, acharemos muito natural a manifestação de coisas que poderão parecer, ainda hoje, verdadeiros milagres.

CAPÍTULO II

PRELÚDIOS DA BUSCA

MEU PROFESSOR de geografia, com a régua na mão, dirige-se para a turma sonolenta e com a ponta, mostra num grande mapa envernizado, um vasto triângulo vermelho cuja extremidade avança quase até o Equador. Sentindo necessidade de estimular o interesse, visivelmente enfraquecido dos alunos, fala com voz monótona e lânguida, como a querer revelar-lhes uma verdade desconhecida: "Dizem que a Índia é a mais bela jóia da Coroa Britânica!"

Ao ouvir essa frase, um aluno de testa pensativa, subitamente arrancado dos seus devaneios, faz um esforço para fazer voltar a sua imaginação vadia e trazê-la novamente para dentro das quatro paredes da classe. A força evocadora da palavra, bem como a letra impressa na página, evocam no seu espírito um encanto e provocam a febre de mistério do mundo desconhecido; a onda inexplicável dos pensamentos traz-lhe, obstinadamente, a palavra mágica diante dos seus olhos: **ÍNDIA!**

E o professor de matemática que vê seu aluno laboriosamente curvado sobre um problema de álgebra, poderá supor que o patife utiliza a escrivania para um fim muito diferente do dos cálculos? Protegido por uma pilha de livros colocados em ordem de batalha, ele desenha cabeças com turbantes, faces bronzeadas e navios, junto dos quais os largos juncos atracam, carregados de especiarias.

Sua infância passou, mas seu amor pela Índia ficou inalterado. De modo mais amplo, ele abraça toda a Ásia com os tentáculos do desejo que o obseda. Ele se exalta, imagina poder fugir pelo mar; faz planos malucos, pensa que, uma vez embarcado, não seria nada difícil ver seu sonho realizar-se. Não pode deixar de fazer participar dos seus planos os colegas, até que um dia um deles cai no contágio do seu jovem entusiasmo.

Em silêncio e segredo, eles conspiram: o plano é atravessar a Europa e, pela Ásia Menor, atingir o porto de Aden. Não se ria, leitor! Eles acreditam, na sua impetuosidade juvenil, que o capitão do navio ancorado no porto, se deixará convencer... ele será, é claro, um homem bom, recebê-los-á a bordo e, oito dias depois, desembarcarão na costa encantada da Índia...

Preparam-se lentamente, e em grande segredo, juntam uma pequena quantia em dinheiro e um equipamento que, candidamente, imaginam indispensável a um explorador digno deste nome. Consultam mapas e guias cujas cores e ilustrações aceleram o pulso e o entusiasmo do seu ardor aventureiro. Ei-los prontos para fixar a data, confiando em seu destino, sem suspeitar que a catástrofe os aguarda na primeira esquina...

Tanta energia jovem e ingênuo entusiasmo esbanjados em pura perda! Vem um triste dia em que o professor do colega, descobrindo os preparativos, não teve muito trabalho para saber os pormenores. Toda a empresa foi por terra; a mão severa se abateu no momento exato. Vale a pena dizer quanto as crianças sofreram?...

O desejo de ver a Índia nunca abandonou o promotor dessa expedição frustrada. Porém, se ele o relega a segundo plano, é que, na aurora da vida, o homem traz consigo uma série de obrigações diversas, de interesses múltiplos, de deveres imperiosos que retêm seus passos.

Muitas páginas se voltam no calendário dos anos, antes de um encontro inesperado com um homem que vem reavivar a ambição malograda de uma criança. O desconhecido é um estrangeiro de pele bronzeada, a cabeça envolta num turbante e... vem da longínqua terra do Indústão!

*
* *
*

Deixo todas as lembranças do passado ceder lugar, aqui, às imagens do dia em que esse homem entrou na minha vida.

O outono está no seu fim; o ar é brumoso e um frio violento penetra-me através do agasalho. Sinto-me deprimido e sem coragem. Fantasma invisível alonga sua mão gelada, angustiado meu coração desfalecido.

Entro num café profusamente iluminado, para fugir à obsessão e procurar, no calor brando do ambiente, um pouco de conforto; mas, a xícara de chá quente, sempre eficaz para me devolver a serenidade, torna-se sem efeito esta noite. Não posso livrar-me

do peso da opressão; até quando me perseguirá a melancolia com seus negros intentos? Véus sombrios parecem cobrir minha alma, fechando-a a toda alegria.

O estado de insuportável inquietação acaba por afastar-me da sala acolhedora. Estou novamente na rua, andando sem rumo definido; levado, porém, por instinto, ao itinerário habitual, dirijo-me à livraria de um velho amigo. A casa é tão velha como os livros que comporta. Seu dono (está morto hoje e sua loja desapareceu) é um ser esquisito, uma relíquia humana, sobrevivente do século passado. Nossa época febril lhe é tão pouco útil quanto ele para ela. Interessam-lhe somente obras raras e edições originais, enquanto se especializa em assuntos curiosos e abstrusos. Possui notável cultura livresca, desde os currículos da erudição até os conhecimentos esparsos.

Sempre gostei de entrar na livraria, detendo-me, às vezes, a discutir qualquer problema metafísico. Entro e cumprimento o livreiro; logo meus dedos se perdem maquinalmente entre as páginas amareladas do volume encadernado em couro de bezerro, enquanto meus olhos percorrem os dorsos murchos e antiquíssimos *in folio*. Para examiná-los mais de perto, tomo um que me chama a atenção. O velhote, por trás dos óculos, nota o meu interesse e puxa logo um tema para argumentação, com relação ao conteúdo da obra que trata de metempsicose.

O livreiro, seguindo a natural inclinação do seu hábito, leva vantagem. Fala à vontade, visivelmente sabedor do assunto, que diz respeito a essa estranha doutrina, talvez melhor que o autor do livro, conhecendo em substância, os filósofos clássicos, na ponta da língua. Escuto-o em silêncio, assim colhendo as mais curiosas informações, que me interessam sobremaneira.

A um dado momento, ouço alguém movimentar-se no fundo da loja. Voltando-me, percebo o vulto esguio de um homem sair da penumbra da sala contígua, onde dormem os volumes mais preciosos. O desconhecido é um hindu. Ele vem em nossa direção num porte aristocrático e pára diante do livreiro:

— Queira desculpar-me, caro amigo, por interrompê-lo, mas não pude conter-me ao ouvi-lo falar de assunto que tem, para mim, tão grande interesse. O senhor cita os antigos filósofos gregos, norte-africanos e certos Pais da Igreja, como se fossem eles os primeiros a sustentar a doutrina do contínuo retorno da alma humana à terra. Eu julgo, entretanto, que as mais profundas inteligências da antigüidade já sabiam do assunto muito bem; porém, em que país pretende o senhor que esta doutrina realmente tenha tido origem?

Cala-se um momento, mas sem nos dar tempo para uma réplica...

— Permitam-me, então, dizer-lhes, prossegue sorrindo; foi precisamente a Índia que, na antigüidade, concebeu primeiro a teoria da metempsicose. Os diferentes povos do meu país, desde os tempos mais remotos, haviam-na considerado uma verdade essencial.

A fisionomia do homem me fascina. Poderia ser distinguida, num olhar, no meio de centenas de hindus; possuidor de uma força de atração concentrada — tal me parece neste momento; os olhos penetrantes, queixo enérgico, a testa extraordinariamente alta, logo o caracterizam. Sua tez é mais bronzeada do que habitualmente a têm os hindus; na cabeça, um magnífico turbante, ornado com uma gema lançando faíscas na sombra, molda-lhe o corpo um terno europeu de corte impecável.

Sua afirmação, um pouco pedante, visivelmente não é do gosto do livreiro; o velhote, atrás do seu balcão, toma vigorosamente a ofensiva:

— Como o senhor explicaria então, porque as cidades do Oriente Médio foram os centros da cultura e civilização que mais floresceram antes da Era Cristã? Os maiores expoentes da inteligência de outrora encontravam-se na zona da costa Mediterrânea, desde Atenas até Alexandria. Fique certo, é a filosofia deles, ganhando progressivamente o Sul, passando pelo Leste, que finalmente acabou tocando a Índia.

— Mas, não! Deu-se exatamente o contrário! exclama o hindu, sorrindo com indulgência.

— Não pode ser! o senhor pretende seriamente que essa filosofia tenha o Ocidente progressista recebido de um Oriente atrasado? Mas, isto é impossível, senhor!

— Por que impossível? Releia Apuleio (1) e veja como Pitágoras se dirigiu à Índia onde foi instruído pelos Brâmanes, pois desde sua volta à Europa começou a ensinar a doutrina da metempsicose. Isto é apenas um exemplo, entre muitos. Um Oriente atrasado? Deixe-me rir! Há milhares de anos os nossos sábios debruçaram-se sobre os mais intrincados problemas da metafísica, num tempo em que os seus patrícios nem imaginavam a existência desses problemas.

Pára um momento e fixa-nos intensamente, como para observar a impressão em nosso olhar surpreso. O velhote está perplexo; nunca o vi tão encabulado, silencioso e visivelmente impressionado ante a autoridade intelectual do contraditor.

(1) Apuleio — escritor latino do II século (N. da T.).

Quanto a mim, escuto calado sem mesmo tentar uma réplica. A conversa cai de repente por si própria; nenhum de nós se atreve a romper o silêncio. O hindu volta à sala contígua e reaparece pouco depois, trazendo na mão um caríssimo *in folio*. Paga a importância e prepara-se para retirar-se. Já está a um passo da porta; sigo-o com o olhar, incapaz de dar uma palavra.

Neste momento, ele se volta e se aproxima de mim. Tira do bolso a carteira, estende-me seu cartão de visita e sorrindo diz:

— Gostaria o senhor de continuar a conversa em minha residência?

Aceito com alegria, mas muito maior é minha surpresa quando ele me entrega, juntamente com o cartão, um convite para jantar naquela mesma noite.

*
* * *

Ao entardecer apresso-me a fim de dirigir-me à residência do desconhecido. O nevoeiro londrino, que tomou conta da cidade a ponto de não se poder enxergar as luzes, torna difícil o trânsito. Um artista poderá achar até um certo toque de beleza em nossa famosa neblina, mas meu espírito está longe e indiferente ao que me cerca. Não vejo a beleza nem sinto nenhuma impressão desagradável.

Ao chegar diante de uma grande porta maciça, que parece emergir subitamente do nevoeiro, termina o incômodo da perambulação. Dois grandes lampiões, sustentados por um par de consolos de ferro batido, parecem dois braços estendidos para acolher-me. Entro e, desde então, minha surpresa começa a crescer.

Nunca esperava encontrar interior tão requintado, que desde a entrada traía o gosto fino e a apurada sensibilidade do seu dono, visivelmente zeloso de um conforto fora do comum. Entro num vasto aposento que poderia servir de sala a algum palácio asiático, tanto pela riqueza do seu exótico mobiliário, como pela sua fina decoração. Ao fechar a porta, sinto-me de repente transportado para muito longe da umidade gelada e fôca do nosso Ocidente brumoso.

Reconheço a mistura esquisita dos estilos indiano e chinês. O vermelho, preto e dourado predominam; as paredes são ornadas de esplêndidas tapeçarias representando dragões. Cabeças de dragões verdes, de olhos glaucos e fixos, sustentam em cada canto da sala os consolos repletos de preciosas peças ornamentais e bibelôs; dois quimonos de mandarim, de seda bordada, estão colocados de cada lado da porta; espessos tapetes indianos cobrem o chão e os pés

se afundam deliciosamente na sua lã macia. Uma gigantesca pele de tigre toma toda a frente da lareira.

Num dos cantos, vejo uma pequena mesa laqueada de preto e sobre ela um oratório de marfim com as portas douradas. No fundo desse templo em miniatura destaca-se a imagem esculpida de um dos deuses indianos, sem dúvida Buda, a julgar pela expressão calma e enigmática da face e dos olhos imóveis sob as pálpebras caídas.

Meu anfitrião entra e me cumprimenta cordialmente. Traja impecavelmente a rigor; tal homem, penso, estaria bem na mais alta classe de qualquer sociedade. Minutos depois, dirigimo-nos à mesa. Os pratos são requintadíssimos e nessa noite fui iniciado nas delícias do *curry* (1) cujo paladar, desde então, jamais deixei de apreciar.

O criado que nos serve dá uma nota pitoresca em volta da mesa; traja calças e jaquetão brancos, cinturão dourado e um imaculado turbante.

Durante a refeição, a conversa é superficial e não passa de generalidades, embora em qualquer coisa que ele diga, ou assunto que aborde, o sentido das palavras assumo algo de peremptório, sem haver uma deixa sequer para argumentações; há uma tal confiança em tudo que ele afirma, que parece ter sempre a última palavra no assunto. Seu ar de calma segurança impressiona.

Na hora do café, ele se decide, afinal, a falar um tanto de si mesmo. Muito viajado e de grandes posses, regala-me com suas vivas impressões da China, onde passara um ano; do Japão, cujo futuro predisse sem vacilar; da América, da Europa, e o que menos esperei, do retiro que tinha feito num mosteiro católico da Síria. No momento de acendermos os cigarros, volta ao tema tratado na livraria, mas insensivelmente, passa ao assunto da antiga sabedoria indiana e estende-se, dizendo:

— Algumas das doutrinas de nossos sábios já atingiram o Ocidente, mas na maioria dos casos seus ensinamentos foram mal compreendidos e, mesmo, deturpados. Contudo, não me cabe lamentar. Mas a Índia de hoje, renegando a alta cultura do seu passado, despojou-se da sua grandeza, isso é triste, profundamente triste. As massas, agarradas a algumas idéas restritas, estão se arriscando a perder-se pouco a pouco no montão das tolices de pseudo-religiões e superstições insustentáveis.

(1) Curry — especiaria tipicamente indiana, de gosto picante (N. da T.).

— A que causa atribui o senhor esta decadência? pergunto.

Meu anfitrião não me responde. Passa-se um momento; suas pálpebras caem e fica com os olhos semicerrados, como se tivesse medo de romper o silêncio, depois diz:

— Meu amigo, outrora houve Grandes Videntes em meu país, homens que penetraram os mistérios da vida. Seus conselhos eram ouvidos por reis e o comum do povo também respeitava suas palavras. Sob a inspiração desses homens, atingiu a Índia o apogeu de sua civilização. Hoje, quantos são eles e onde se escondem? Talvez restem dois ou três, mas dos quais ninguém sabe, nem se houve mais falar, pois estão afastados das correntes da vida moderna. Quando esses Grandes Sábios (nós os chamamos *Richis*) começaram a retirar-se do mundo, também nossa decadência começou.

Inclinou a cabeça para o peito. Sua última frase foi dita com um acento tão doloroso que por um momento ele fica como que ausente, a alma inteiramente mergulhada na abstração melancólica. Sua personalidade impressiona-me cada vez mais; ela força o interesse, exerce um encanto irresistível. Os olhos escuros, cheios de luz, revelam uma intensa vida interior e o suave calor da sua voz denota um coração generoso. Decididamente, sinto que gosto desse homem estranho.

O criado entra com os passos macios e aproxima-se da mesa laqueada, acendendo as varinhas do incenso. A fumaça azul sobe lentamente; o suave aroma de âmbar envolve o aposento.

Subitamente, meu anfitrião ergue a cabeça e fixa-me o olhar:

— Não lhe disse que ainda ficaram dois ou três? pergunta com voz grave.

Eu tive o privilégio — continua — de conhecer um desses Sábios, a respeito do qual falo raramente, hoje. Possuidor da sabedoria divina, ele era para mim como meu próprio pai, meu guia, meu mestre e meu amigo. Eu não poderia tê-lo amado mais se fosse seu filho; nos momentos felizes que passei ao seu lado, convenci-me de que a felicidade ali estava, junto dele. O ar que o envolvia, operava milagres. Eu, que por inclinação inata tinha feito da arte meu passatempo favorito e da beleza, meu ideal, aprendi a ver a beleza divina nos leprosos, aleijados e enfermos, homens dos quais, antes de conhecê-lo, fugia com horror.

O mestre vivia num eremitério agreste, longe da cidade; eu descobri seu retiro por acaso, ou pelo que me parecia, então, ter sido um acaso. Desde esse dia comecei a visitá-lo amiúde e junto a ele permaneci horas ouvindo palavras sagradas. Com ele aprendi muito, e digo-lhe, pois, que um país que produz tais homens é um grande país.

— Mas então, por que ele não serviu seu país, participando da vida pública? pergunto.

— Os motivos de um homem tão excepcional não são fáceis de ser compreendidos por nós; com maior razão, ainda, por vocês, ocidentais. À sua pergunta, o mestre teria respondido, provavelmente, que se pode também servir, em segredo, pelo poder telepático da mente que, embora praticado à distância, não deixa de ser eficiente. Ele poderia ter dito, também, que uma sociedade degenerada como a nossa, deve suportar o destino que merece, até a hora marcada para sua renovação.

— Confesso que não esperava tal resposta.

— Calculava já que me dissesse isto, meu amigo — responde meu anfitrião.

*
* *
*

Depois desta memorável noite, volto freqüentemente à casa do meu hindu, atraído tanto pelos seus vastos conhecimentos, como pelo estranho encanto da sua personalidade. Ele toca de leve a mola de minhas ambições e estimula-me, sobretudo, o desejo de penetrar o sentido mais profundo da vida. Refratário à minha curiosidade intelectual, leva-me, aos poucos, para a senda da plena felicidade e para a devida compreensão do seu valor.

Uma noite, a palestra toma um aspecto novo, destinado a imprimir em minha vida uma direção fecunda em resultados. Descrevendo os estranhos costumes e tradições dos seus conterrâneos, salienta alguns dos tipos que se encontram, ainda, nesse surpreendente país; falando desses homens, escapou-lhe a palavra Yogues.

Tinha eu uma idéia muito vaga e incoerente do real significado desse termo. Ainda que o houvesse encontrado, várias ocasiões, no curso de minhas leituras, suas características eram, de cada vez, tão diferentes que, sem poder formar uma idéia exata do verdadeiro sentido, permaneciam em confusão. Ao ouvir meu amigo pronunciar a palavra Yogues, interrompo-o de repente, na qualidade de jornalista, para obter as informações suplementares.

— Com a maior boa vontade — responde-me sorrindo — mas não será fácil dar-lhe numa só definição a noção real do Yogues. Pergunte a doze dos meus patrícios e cada um lhe dará uma descrição diferente.

Há, por exemplo, milhares de mendigos que se fazem passar por Yogues. Eles vão de aldeia em aldeia pelas estradas e, literalmente, invadem as festas religiosas. A maioria é de vagabundos, outros são viciados, mas todos eles, igualmente analfabetos e igno-

rantes, nada sabem das doutrinas da filosofia da Yoga, sob o manto da qual se abrigam.

Interrompe-se um momento para sacudir a cinza do cigarro, e retoma:

Mas, se o senhor, por exemplo, for a um lugar como Richikesch, que é protegido pela possante muralha do nevoso Himalaia, o senhor encontrará ali uma classe de homens totalmente diversa. Eles vivem em humildes choupanas ou nas cavernas, comendo pouco e passando a vida em orações. A religião para eles é uma necessidade tal como o ar que respiram e os alimentos que comem — ela toma conta dos seus pensamentos dia e noite. São, na maioria, homens de grande bondade, estudam os livros sagrados e entoam preces. Também se chamam Yogues, embora não tenham nada em comum com os mendigos que se lançam, como a uma presa, sobre a multidão simplória e ignorante.

Então, está percebendo o senhor como é grande a elasticidade desta palavra? Isto sem levar em conta, entre os dois extremos, o lugar para o meio termo, isto é, para os que participam da natureza de um e de outro.

Eu observo:

— Contudo, parece que ainda despertam bastante interesse os misteriosos poderes atribuídos aos Yogues?

— Oh! Para isso tenho uma outra explicação em reserva, diz o meu amigo, sorrindo. — Existem ainda nos retiros solitários, longe da povoação, confinados no coração da selva ou nas grutas das montanhas, os estranhos indivíduos que passam a vida em práticas de exercícios ainda mais estranhos, com os quais esperam obter, como resultado, tais poderes maravilhosos. Alguns deles desprezam a religião, rejeitando tudo o que a ela se refere, enquanto outros são profundamente religiosos. Todos eles, entretanto, são unidos na luta com a Natureza da qual procuram arrancar o segredo das forças ocultas. Fique sabendo que a Índia sempre possuiu tradicionais conhecimentos a respeito do mistério e do oculto, e essas crenças sempre tiveram seus adeptos. Ouve-se contar muitas histórias sobre esses homens estranhos e dos milagres que produzem; eles também são chamados Yogues.

— O senhor já encontrou alguns deles? Acredita nessas tradições? pergunto, intrigado.

Meu interlocutor fica silencioso e parece ponderar sobre a forma a dar à resposta.

Enquanto isso, meus olhos se voltam para o oratório que está sobre a mesa laqueada e imagino ver, na penumbra, Buda olhando-me,

a sorrir, do seu trono esculpido em forma de lótus de madeira dourada. Sinto um encantamento no ar, que insensivelmente me penetra. Mas, neste momento, a voz clara do hindu interrompe meus pensamentos, detendo o impulso da minha imaginação.

— Olha! — diz, mostrando alguma coisa que tira de sob seu colarinho. — Sou um Brâmane e este é o meu cordão sagrado. Milhares de anos de rigorosa clausura tornam instintivas e, como que congênitas, certas particularidades da casta. Nem a instrução ocidental, nem minha permanência na Europa puderam suprimi-las. A fé num Poder Superior, a crença na existência das forças sobrenaturais e no progresso espiritual da humanidade, tudo isso é inato em mim, dentro de minha qualidade de Brâmane. Não posso destruir essas idéias mesmo querendo e, nos conflitos que surgem entre a fé e a razão, é sempre a razão que sucumbe. Assim, embora respeite os princípios e métodos da ciência moderna, que outra resposta lhe posso dar senão esta: eu creio!

Seus olhos fixam-me em silêncio; depois continua:

— Não lhe posso também negar que encontrei tais homens. Uma, duas, três vezes. Não é muito fácil achá-los no nosso caminho. Outrora, deixavam-se encontrar mais facilmente, porém, hoje chego a crer que estão quase totalmente desaparecidos.

— Mas, existem ainda alguns deles, não é?

— É muito provável, meu amigo; quanto a encontrá-los, isso é outra coisa. Seriam precisos muitos esforços e buscas prolongadas, isto é certo.

— Seu mestre era um deles?

— Não; ele pertencia a uma ordem ainda mais elevada; não lhe falei que era um Richi?

— Desse termo desejo alguns esclarecimentos. Peço-lhe os pormenores para que possa compreendê-lo.

— Pois não. Os Richis estão um grau acima dos Yogues. Transporte o senhor a teoria de Darwin para o campo do espírito e procure compreender os ensinamentos dos Brâmanes, segundo os quais a evolução do ser espiritual se processa a par da evolução do ser físico. Considere, então, os Richis como homens que alcançaram o ápice desta evolução e o senhor terá, ainda, uma idéia muito imperfeita da sua grandeza.

— Um Richi é capaz também de realizar esses prodígios de que falamos?

— Evidentemente, ele é capaz, porém com uma diferença: o milagre, para ele, não possui o valor que a maioria dos Yogues taurmurgos lhe atribui ao realizá-lo. Esse poder se desenvolve natu-

ralmente em um Richi como fruto da sua intensa concentração; para ele o milagre não é o fim, é apenas um meio de que ele geralmente se serve pouco, quando não o abandona por completo. Sua finalidade essencial é atingir a perfeição dos seres divinos como Buda no Oriente e Cristo no Ocidente — os mais vivos exemplos.

— Mas Cristo fez milagres! exclamo.

Sem dúvida, mas o senhor pensa que Ele os fez para se vangloriar? Não, em absoluto. Os milagres eram para Ele o meio de convencer as almas dos pequenos e dos humildes para trazê-los à fé.

— Mas, se existem, realmente, na Índia, homens como os Richis, por que não se atira a seus pés e não os segue?

— Indubitavelmente. Mas seria necessário, antes de mais nada, que eles se mostrassem em público e se deixassem reconhecer tal como realmente são! Ora! são raríssimos os casos em que os Richis têm adotado semelhante atitude. Eles mesmos preferem ficar afastados do mundo. Aqueles que desejam fazer uma caridade pública surgem da obscuridade por um tempo limitado, para depois nela mergulharem novamente.

— Nesse caso, qual a utilidade deles, se persistem em ser inacessíveis?

O hindu sorri com indulgência:

— Dizem no Ocidente: "Não se fie nas aparências"... a impossibilidade de conhecê-los intimamente não permite ao mundo julgá-los corretamente, perdoe-me dizer-lhe isso de maneira um tanto brusca. Como já mencionei, os Richis nem sempre desprezaram viver, ainda que ocasionalmente, nas cidades e circular entre o povo. Antigamente, quando isso acontecia mais freqüentemente, sua sabedoria, sua perfeição e seus extraordinários poderes eram evidentes para o público. Sua influência era reconhecida e compreendida. Até mesmo Marajás dignavam-se homenageá-los e consultá-los sobre assuntos políticos da nação. Todavia, é certo que os Richis preferem exercer sua influência em silêncio e em segredo.

— Como eu gostaria de encontrar um desses homens — murmuro para mim mesmo — gostaria, pelo menos, de achar-me um dia na presença de um autêntico Yogue.

— Esteja certo de que isso acontecerá, algum dia, com toda a certeza, assegura-me ele.

— Mas como pode o senhor saber? pergunto, surpreso.

— Eu já sabia desde o primeiro momento em que nos encontramos, foi a sua surpreendente resposta.

— Sabia por uma espécie de intuição, não é assim que vocês dizem? Bem, o nome não importa; é uma espécie de mensagem

profundamente sentida, mas inexplicável para tornar-se evidente. Meu mestre ensinou-me a treinar e aperfeiçoar em mim esta faculdade. Por experiência aprendi a confiar nela, sem reservas.

— Um Sócrates moderno, guiado pelo seu demônio — observo meio brincando meio sério. E, quando pensa o senhor que sua profecia será realizada?

Ele encolhe os ombros.

— Não sou um profeta; não posso fixar-lhe uma data.

— Não insisto, embora sentindo que ele poderia dizer-me muito mais, se quisesse. Depois de haver pensado um pouco, apresento-lhe uma sugestão:

— Suponhamos que um dia o senhor volte ao seu país. Se por acaso eu estiver livre nessa ocasião, não será possível viajarmos juntos? Não gostaria o senhor de ajudar-me a encontrar as pegadas de um desses homens?

— Não, meu amigo, o senhor deve ir sozinho, buscar e achar por si próprio.

— Vai ser difícilimo para um estrangeiro — respondo, desapontado.

— Evidentemente, muito difícil. Mas, vá sozinho e o senhor compreenderá que eu tinha razão.

*

* * *

Desde aquele momento tive a certeza de que um dia chegará, inevitavelmente, em que eu me verei a bordo, ancorando, cheio de esperança, num porto banhado de sol indiano. Pensei então que, se a Índia abrigara no passado homens da envergadura espiritual dos Richis e se, ainda, como meu amigo afirmava, existem alguns deles, o esforço de descobri-los seria amplamente recompensado pela vantagem de colher dos seus lábios algumas migalhas de sua alta sabedoria.

Quem sabe teria eu a sorte de ver minha vida enriquecer-se, ampliar-se de um conteúdo de compreensão mais profunda, de uma espiritualidade mais sublime, dádivas que até agora me foram negadas. Mesmo se eu falhar, minha viagem não será empreendida em vão, pois, embora desconhecidos, os homens chamados Yogues excitam minha curiosidade e sobremaneira despertam o meu interesse pela singular magia de sua personalidade, por suas misteriosas práticas e tão estranho modo de viver.

A mó do jornalismo afiou, a um grau quase anormal, a minha paixão por tudo que toca ao extraordinário. Fascina-me a perspectiva

de explorar caminhos desconhecidos. Tomo a decisão de dar, doravante, livre curso à minha imaginação e, tão logo se apresente oportunidade, tomar o primeiro navio para a Índia.

Minha determinação de ir ao país do sol nascente permanece viva, alimentada pelas profecias do meu distinto amigo, que continua a me receber na sua residência durante vários meses. Ele ajuda a orientar-me no oceano movediço da minha vida, sem todavia pretender servir-me de piloto nas águas revoltas que me arrastam. No entanto, ajuda-me a descobrir minha própria posição, facilita a revelação de minhas possibilidades latentes e a concretização de idéias ainda mal definidas, fatos que são, na realidade, benefícios enormes para um jovem inexperiente. Assim, é com sincera emoção que pago meu tributo de gratidão ao meu primeiro instrutor — o amigo sábio e bom. Um dia, porém, a roda do destino, no seu contínuo girar, separou-nos para sempre. Alguns anos depois soube, por acaso, da sua morte.

Mas, nem o tempo nem as circunstâncias do momento parecem propícias à realização da minha viagem. Ambições e desejos surgem e escravizam o homem moderno; criam responsabilidades e constroem empecilhos dos quais não é fácil a criatura libertar-se. Tenho que curvar-me ante as exigências da vida que me sufocam; mal me resigno, porém, espero e vigio. Contudo, continua viva minha esperança na profecia do meu amigo hindu e nada pode abalar essa fé, fortalecida, certo dia, por um fato inesperado.

O exercício da minha profissão aproxima-me durante alguns meses de um homem por quem passo a alimentar profundo respeito e amizade. Conhecedor invulgar da natureza humana e dotado de um espírito vivo, ocupara ele, há muitos anos, a cadeira de professor de Psicologia em uma de nossas universidades. A vida acadêmica, porém, não era do seu agrado. Abandonou-a, então, e empregou sua atividade em um novo campo, onde pôs em prática seus vastos conhecimentos, tornando-se o conselheiro de vários magnatas do mundo dos negócios. Quantas oportunidades teve ele de vangloriar-se dos honorários que lhe pagavam os chefes das maiores empresas mundiais! Possuidor de um dom inato para inspirar confiança a todos quantos dele se aproximavam, todas as pessoas, desde o vadio da rua até ao chefe milionário, encontram sempre uma ajuda e um novo entusiasmo ao seu contacto e, algumas vezes, sugestões que valem ouro.

Habituo-me a observar cuidadosamente os conselhos que me prodigaliza o professor e vejo sempre se confirmarem seus prognósticos, quer em negócios, quer em circunstâncias banais da vida.

Gosto da companhia dele e admiro a extrema facilidade com que concilia o subjetivo e o objetivo em sua natureza, a ponto de ser capaz de abordar os mais árduos e elevados problemas filosóficos logo após uma polêmica sobre negócios. Jamais foi visto tristonho ou aborrecido, mas sempre transbordante de alegria, irradiando vivacidade e bom humor. Ele me admite na sua intimidade e assim passamos juntos horas deliciosas, em trabalho ou lazeres. Não me canso de ouvi-lo; tantos conhecimentos me confundem. Sempre me pergunto como pode uma pequena cabeça conter semelhante bagagem de sabedoria!

Uma noite vamos jantar num pequeno restaurante cigano onde, ao encanto da luz suave se alia a qualidade da mesa. Terminada a refeição, saímos. A lua cheia brilha no zênite e a noite encantadora convida-nos a caminhar. A conversa fora superficial e fútil ao jantar, mas o passeio incita-nos a falar sobre coisas mais sérias. Andamos lentamente pelas ruas silenciosas da cidade, mergulhamos em temas filosóficos. Nossa conversação se torna tão alta e abstrata que subitamente penso nos clientes do meu amigo, cujos cabelos se teriam arrepiado unicamente por ouvirem a difícil nomenclatura referente à metafísica. Diante da sua porta estende-me a mão. Quando aperto a dele, repentinamente sua voz toma um tom grave; quase sussurrando, e lentamente, deixa cair as palavras:

— O senhor jamais deveria ter adotado a profissão de jornalista. O senhor é um filósofo apaixonado pela evolução das idéias e, no entanto, fica preso na rede da sua tarefa, escravizado à atualidade. Por que não se dedicou às pesquisas herméticas? Sinto que o senhor gosta, acima de tudo, de calçar os chinelos e calmamente pensar, dando voltas ao cérebro a fim de encontrar e atingir a fonte genetriz da mente. O senhor aspira aproximar-se do foco da alma. Estou certo, porém, de que um dia o senhor irá em busca dos Yogues, na Índia, dos Lamas no Tibete e dos monges Zen do Japão. Então, o senhor terá material bastante vasto para escrever algumas estranhas recordações. Boa-noite!

— O que pensa o senhor a respeito dos Yogues?

Meu interlocutor se aproxima de mim, sussurrando ao ouvido:

— Esses são homens que sabem! Meu amigo. *Que sabem...*

Sigo meu caminho profundamente confuso. A viagem para o Oriente não me parece, por enquanto, realizável. Enterro-me mais e mais fundo nas obrigações diárias, das quais não vejo possibilidade de me libertar. Passo momentos de desânimo. Serei eu um eterno condenado de um destino complexo e tirano? Prisoneiro de amarras pessoais e ambições desenfreadas?

Mas, não! Estou enganado, certamente. O destino lança novas ordens cada dia, e ainda que nem sempre tenhamos compreensão necessária para ouvi-las, dirigimo-nos inconscientemente para o fim assinalado. Doze meses depois, desembarco nas Docas Alexandra de Bombaim. Perdido no labirinto colorido da grande cidade, escuto a cacofonia dos dialetos asiáticos que se cruzam.

CAPÍTULO III

O MAGO EGÍPCIO

COISA CURIOSA e talvez significativa! Eu não começara ainda a tentar a sorte na minha busca quando a fortuna veio a mim. Não usei o privilégio de turista que logo à chegada começa a explorar os logradouros públicos de Bombaim. Tudo que sei da cidade pode ser resumido num cartão postal. Minhas malas, à exceção de uma, não foram abertas. Restrinjo minhas atividades procurando me familiarizar com os hóspedes do Hotel *Majestic*, recomendado por uma senhora que conheci a bordo, como um dos mais confortáveis hotéis da cidade. E isso foi suficiente para levar-me a uma surpreendente descoberta: entre os hóspedes há um taumaturgo, urdidor de encantamentos, um mago em carne e osso! Não daqueles prestidigitadores que fazem fortuna exibindo-se nas ribaltas e mergulhando no espanto as multidões, êmulos de Devant ou de Robert Houdine, em ambientes menos prosaicos do que o meio da rua.

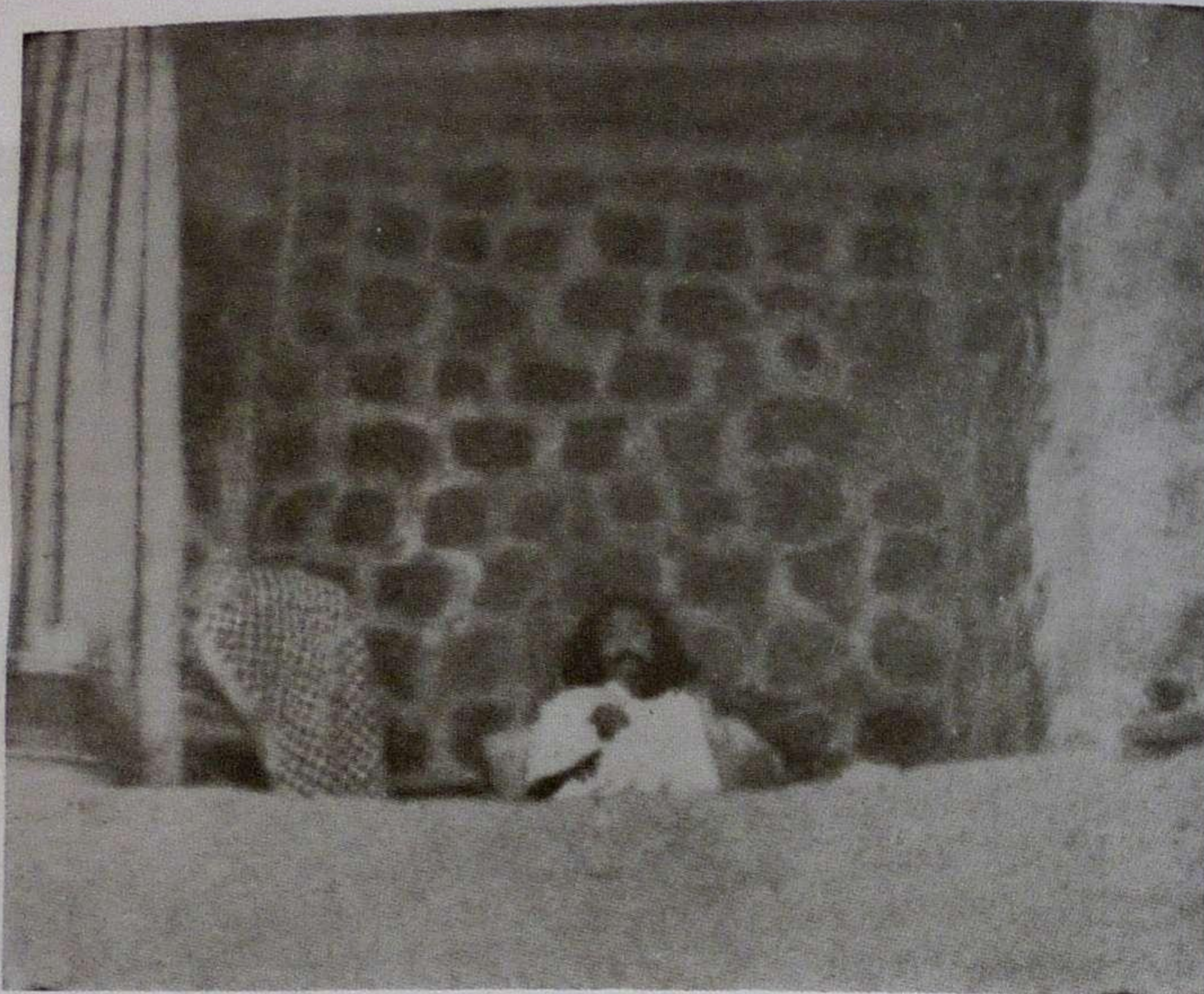
Não! O homem é da raça dos feiticeiros medievais; ele mantém um comércio diário com seres misteriosos, invisíveis para o comum dos mortais, embora bem visíveis para ele! Tem, pelo menos, esta fama. O pessoal do hotel lhe tem pavor, e falam a respeito dele em voz baixa; as conversas param à sua passagem e os olhos se enchem de lampejos de inquietação. Aliás, ele mesmo, evitando se expor, pede freqüentemente para ser servido no quarto.

O que mais nos intriga é o fato de não ser hindu nem europeu. É um estrangeiro da margem do Nilo, um mago chegado do Egito! A aparência de Mahmud Bey não se concilia com os sombrios poderes que lhe são atribuídos. Espera-se ver um rosto sinistro e emaciado e, no entanto, aparece uma face rechonchuda e sorridente. Pensa-se vê-lo embuçado num amplo traje branco, porém, ele usa um terno do melhor alfaiate; de talhe bem posto, ombros largos, com a viva-

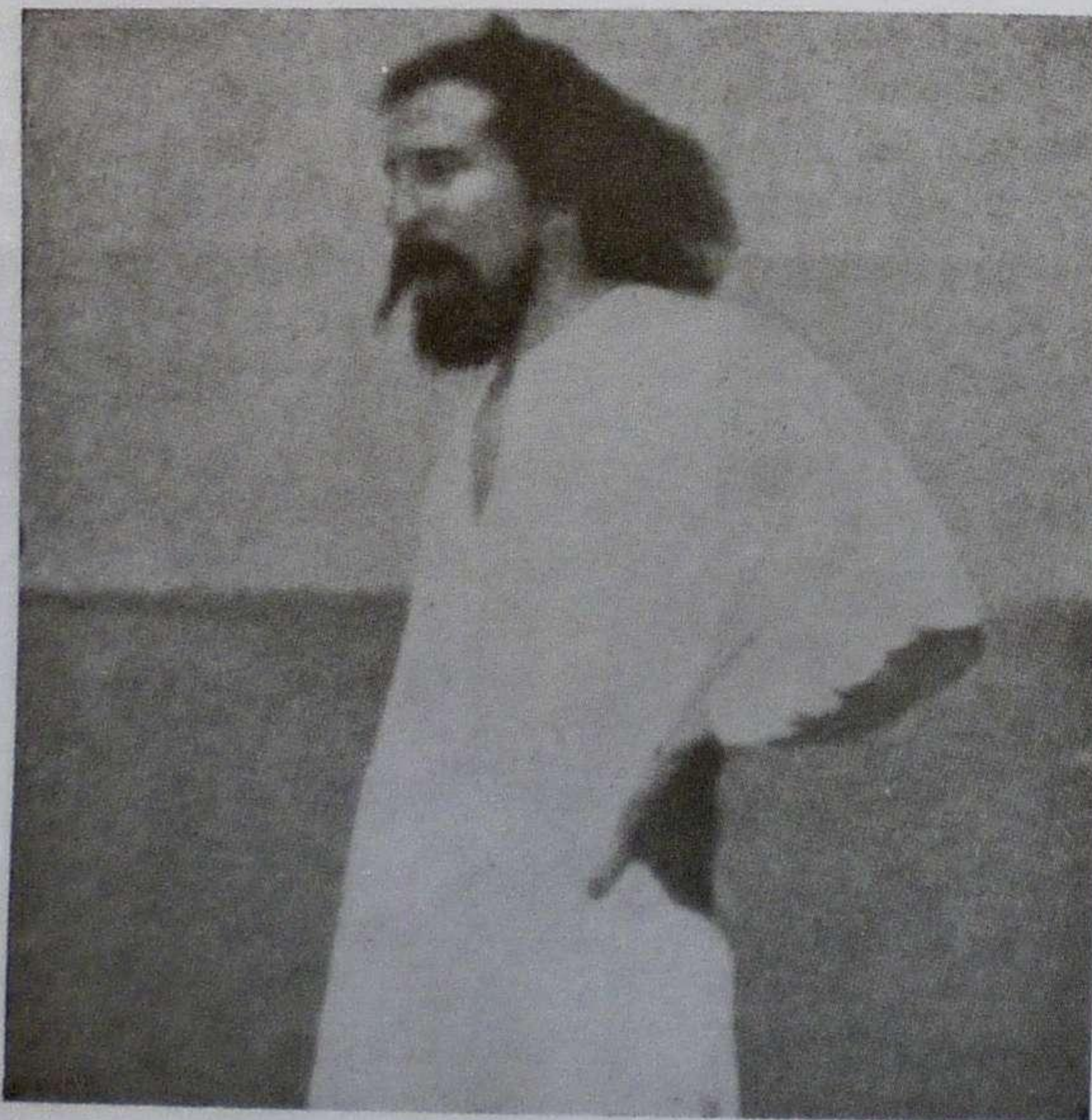
“Vá a algum lugar sobre o qual os poderosos Himalaias mantenhiam eterna vigilância. Ali encontrará uma categoria totalmente diferente de homens. Vivem em humildes tugúrios ou cavernas, alimentam-se muito pouco e oram constantemente a Deus. Também esses são chamados Yogues.

CAVERNAS DOS YOGUES ESCAVADAS NA ROCHA VIVA





A CAVERNA EM QUE VIVE SHRI SADGURU BABA



O "NOVO MESSIAS"

Este santo parse é, sem dúvida, um amante da natureza, por ter construído seu eremitério neste asilo de paz!

cidade do homem de ação, mais parecendo um francês da alta sociedade, freqüentador dos grandes restaurantes parisienses.

O dia todo pensei no assunto. Na manhã seguinte tomei uma resolução: Mahmud Bey deve ser, imeditamente, entrevistado, como dizem os meus confrades de imprensa. Rabisco algumas palavras no dorso do meu cartão de visita e marco no ângulo direito um sinal, pensando que talvez me ajudasse a obter uma entrevista, e pelo qual ele veria que não sou totalmente leigo no assunto. Passo-o furtivamente para as mãos do servente, apoiando o argumento com uma rupia e cinco minutos depois recebo a resposta: "Mahmud Bey pode recebê-lo neste instante. Ele vai tomar seu café da manhã e convida-o a acompanhá-lo".

Tal começo é animador! O criado introduz-me na sala e vejo Mahmud Bey sentado à mesa diante de um bule de chá, torradas e geléia. O egípcio cumprimenta-me sentado, com voz clara e ressonante e diz, mostrando-me a cadeira:

— Sente-se e perdoe-me; eu nunca aperto a mão de outrem.

Traja um *chambre* cinza; seus cabelos são escuros e abundantes e uma mecha ondulada cai-lhe na testa; quando fala, sorrindo, descobre os dentes de imaculada brancura.

— O senhor está servido?

Agradeço. Enquanto tomamos o chá, falo de sua reputação no hotel e de minha prolongada meditação antes de abordá-lo tão temerariamente. O mago acha muita graça e, rindo, faz um gesto como quem diz: "que posso fazer?" Depois de um silêncio, pergunta:

— O senhor representa algum jornal?

— Não, eu vim à Índia com o intuito pessoal de estudar certos aspectos da vida espiritual do país, e de colher algumas impressões para um livro que tenciono escrever sobre o assunto.

— Quanto tempo pretende demorar-se aqui?

— Depende das circunstâncias. Não me limito ao tempo e não fixei o período, respondo, com um sentimento um pouco confuso, porque o entrevistador estava prestes a se tornar o entrevistado. Mas o que Mahmud Bey me diz em seguida, sossega-me:

— Eu também estou, por assim dizer, em visita prolongada. Um ano, talvez dois; depois vou seguir para o Extremo Oriente. Gostaria de fazer a volta ao mundo, antes de voltar para o Egito, se Alá assim o quiser.

Terminamos o chá. O criado entra e limpa a mesa. Sinto que já é tempo de encarar assuntos mais sérios.

— É verdade o que dizem? O senhor possui, realmente, poderes sobrenaturais?

Calmamente, como homem senhor de si próprio e que adquiriu o domínio das suas paixões, responde:

— Sim. Alá Todo-Poderoso mos deu.

Hesito. Seus olhos escuros e francos fixam-me intensamente.

— Creio que o senhor gostaria que eu fizesse uma demonstração, não é?

Ele antecipou o meu desejo! Faço sinal que sim.

— Muito bem. O senhor tem papel e lápis?

Rasgo apressadamente uma folha de caderneta e apanho um lápis.

— Bem; agora escreva uma pergunta qualquer. Falando, dirige-se à pequena mesa no canto da janela, senta-se, vira as costas, olhando para a rua. Assim, nós ficamos a vários metros um do outro.

— Que gênero de pergunta? Interrogo.

— Qualquer; a que o senhor quiser.

Algumas idéias me ocorrem. Finalmente escrevo uma linha: "Onde estive morando há quatro anos?"

— Agora dobre o papel várias vezes, em quadradinhos, o menor possível.

Obedeço. Ele aproxima sua cadeira, sem deixar de fixar-me e diz:

— Faça o obséquio, segure o papel e o lápis na sua mão direita.

Comprimo a mão tanto quanto posso. O egípcio cerra os olhos; parece estar muito longe de mim, absorvendo-se em profunda meditação; pouco depois, suas pálpebras pesadas se abrem e os olhos cinza-escuros fixam-me novamente. Ouço-o dizer com voz sonora:

— A pergunta que o senhor escreveu não é, mais ou menos, esta: "onde estive morando há quatro anos?"

— É exato, respondo assombrado. Como leitura do pensamento, de fato, é surpreendente!

— Agora desdobre o papel, por favor.

Cuidadosamente abro a folha colocando-a na mesa.

— Examine-a! diz em tom do comando.

— Olho e... não posso acreditar, atônito, com o que vejo! Uma mão invisível traçou a lápis o nome da cidade onde eu morava há quatro anos! A resposta está escrita embaixo da minha pergunta.

— Eis a resposta; está correta?

Mahmud Bey, triunfante, sorri:

Ensurdeço de estupefação. É a tal ponto inacreditável que lhe peço para repetir a experiência.

Concorda e volta à janela, enquanto escrevo uma outra pergunta. Impossível, à distância em que estamos, supor que ele possa lê-la. Não o perco de vista, e noto que ele está atento unicamente ao movimento da rua. Dobro o papel e, junto com o lápis, fecho-os na palma da mão. Ao sinal dado, ele volta à mesa e absorve-se novamente em concentração, com os olhos semicerrados, mais um minuto e ouço-o dizer:

— Sua segunda pergunta é esta: "Em que jornal era eu redator há dois anos?"

É ainda certo! Pela segunda vez desdobro o papel e vejo, rabiscado a lápis, o nome do meu jornal!

Isto é alguma coisa mais de que simples leitura de pensamento! — calculo; sugestão? Não, isso também é inadmissível. Estou bem acordado; tirei o papel de minha caderneta e o lápis do meu bolso, escolhi as perguntas por acaso e Mahmud Bey ficou distante de mim vários metros, no momento em que escrevia. Não houve ninguém, além de nós, e tudo se passou em plena luz do dia.

Hipnotismo? Estudei o assunto e sei como afastar a menor tentativa hipnótica e proteger-me da sua influência. Mas o testemunho está aí, com todas as letras na folha! (1).

Nunca fiquei tão perplexo! No entanto, não se pode negar a evidência dos fatos. Sem dúvida, ele deve ter lido o meu pensamento; não vejo outra explicação. Suponho que tenha usado uma espécie de magia que desconheço. Pela terceira vez peço ao egípcio para recomençar a experiência.

Concorda e conclui com êxito. Ele me abafa! Meu cérebro trabalha febrilmente, imagino ter uma mão invisível escrito as respostas sobre a folha que segurei na mão... Procuro as palavras que me possam fornecer a solução do enigma. Penso bastante, mas sinto a presença de forças desconhecidas. Para o bom-senso comum a coisa é absurda e inadmissível; desafia a razão, e sinto-me sufocado.

— O senhor conhece alguém na Inglaterra que possa fazer outro tanto? Pergunta o mago interrompendo meus pensamentos.

Sou obrigado a admitir que não, pois os prestidigitadores profissionais que vi realizar algo parecido, serviam-se dos seus próprios acessórios.

Arrisco uma pergunta:

— Consentiria o senhor em explicar-me seu método? Indago no tom de um homem que sabe ser melhor perguntar à lua.

(1) Guardei o papel vários meses; a escrita não se apagou durante todo esse tempo; mostrei-o a duas ou três pessoas e todas elas leram as respostas facilmente. Evidentemente não se tratava de alucinação.

Mahmud Bey dá de ombros.

— Ofereceram-me somas consideráveis para revelar os meus segredos, mas não estou disposto ainda a fazê-lo e não tenho intenção de revelá-los no momento.

— Compreendo; mas o senhor deve ter notado que não sou inteiramente leigo no estudo dos fenômenos psíquicos.

— Sem dúvida e, mesmo se eu for um dia à Europa, coisa bem provável, o senhor poderá prestar-me certos serviços; neste caso, prometo iniciá-lo e o senhor ficará apto a fazer tanto quanto eu fiz hoje.

— Precisaria de muito tempo para chegar a um resultado satisfatório?

— Isto depende da capacidade individual. Trabalhando firme, empregando todo seu tempo, três meses serão suficientes para a teoria mas, para adquirir prática, o senhor precisaria de anos.

— Não poderia o senhor, pelo menos, expor em linhas gerais a teoria, sem comprometer seus segredos?

Eu insisto, é claro. Mahmud Bey hesita um pouco, e...

— Sim, posso fazer isso para o senhor, responde com voz suave.

Apanho meu caderno de estenografia e pego o lápis prontamente.

— Não; esta manhã, não. Tenho compromisso; queira desculpar-me. Venha amanhã às onze horas, e nós continuaremos nossa palestra.

*
* *
*

Imaginem se eu ia me fazer de rogado! No dia seguinte, à hora marcada toquei a campainha do aposento de Mahmud Bey. Depois, trocados os cumprimentos, ele me oferece um cigarro egípcio e apanhando um isqueiro, acende-o, dizendo:

— Eles são excelentes, vêm do meu país — o fumo é suave e aromático.

Lembro-me ainda, apoiado no encosto da poltrona, tirava as primeiras baforadas, quando Mahmud Bey, virando-se para mim, fixa-me com seu olhar estranho:

— Vou expor-lhe agora o que os seus amigos ingleses chamam de minhas teorias, que, no entanto, são para mim a maior certeza!

— Com um sorriso afetuoso continua falando:

— Talvez o senhor se surpreenda se eu lhe contar que sou engenheiro agrônomo diplomado, profissão que não parece ajustar-se muito bem com... digamos, a magia, não é?

Levanto os olhos; ele continua a fixar-me, e um sorriso demonstra-se nos seus lábios.

Eis uma fantástica reportagem, penso ou não me conheço mais!

— Mas o senhor é um jornalista que gosta de tudo saber, e mormente como me tornei feiticeiro, não é?

— Sim, é verdade.

— Pois bem. Sou natural do Alto-Egito, fui educado no Cairo e era um aluno como os outros, sem mais pretensões nem zelos, mas entusiasta, e trabalhava muito. Um dia, um velhote veio morar na casa onde eu residia; era um judeu de sobranceiras grossas, de barba comprida e grisalha, que andava sempre sério e silencioso. Seu traje fora da moda impressionava, lembrando uma aparição dos séculos passados; era tão reservado nas suas maneiras que os outros inquilinos guardavam distância dele. Para mim, porém, longe de me afastar, aquela reserva intrigava-me e excitava cada vez mais minha curiosidade. Sendo jovem, isento de timidez, desejava só uma oportunidade e persistia em querer conhecê-lo. Suas primeiras recusas grosseiras aumentaram minha impaciência e avivaram meu interesse pelo mistério em que se envolvia. Pouco a pouco, entretanto, foi cedendo e acabou abrindo-me a porta, deixando-me entrar na sua intimidade. Fiquei sabendo, assim, que havia dedicado uma grande parte da sua existência às ciências ocultas e à magia, fazendo buscas ininterruptas referentes às coisas sobrenaturais da vida.

Avalie só! Até então minha vida havia seguido um curso banal, rotineiro, os esportes e as aulas eram minha única preocupação e, repentinamente, enfrento alguma coisa tão diferente, mas que me atraía fortemente. O sobrenatural não me causava medo, como acontecia à maioria dos meus colegas. Realmente, fascinava-me a idéia das possibilidades das grandes aventuras que o sobrenatural poderia me proporcionar. Implorei ao velho judeu que me ensinasse um pouco da sua arte; finalmente, ele acabou por me atender. Assim, achei-me subitamente introduzido noutro círculo de interesse e de amizade. O judeu levou-me a uma Sociedade do Cairo onde se faziam investigações práticas de espiritismo, magia, e tratava-se de ocultismo e teosofia. O grupo compunha-se de filósofos, médicos, funcionários do governo e pessoas da alta sociedade, aos quais meu velho judeu dava aulas. Assim que atingi a maioridade, obtive permissão para freqüentar as reuniões.

Devorava os alfarrábios que me emprestava o judeu e exercitava-me nas práticas e rituais. Fiz tal progresso que não demorei a descobrir coisas que ele mesmo ignorava; em breve, tornei-me mestre no assunto e era considerado particularmente versado. Por minha vez fiz conferências e realizei sessões experimentais perante a Socie-

dade do Cairo, da qual fui eleito presidente e à testa do cargo permaneci durante doze anos. Ao fim desse tempo pedi exoneração para deixar o Egito, no intuito de viajar e, devo confessar, também para fazer fortuna.

Mahmud Bey pára, sacode a cinza do cigarro com o dedo, cuja unha, observei, era muito bem tratada.

— Mas isso não é uma coisa fácil! atrevo-me a interromper.

— Para mim é simples — responde-me sorrindo — necessito apenas, de alguns clientes entre os muitos ricos dispostos a recorrer aos meus poderes mágicos. Alguns ricos parses da seita do Zoroastro e os nababos hindus, já me conhecem, e vêm me consultar sobre seus problemas de vida ou dificuldades em negócios. Uns desejam aprender certas coisas que escapam ao seu entendimento; outros precisam informações que só as ciências ocultas lhes podem fornecer. Meus honorários são naturalmente muito elevados. Não cobro nunca menos de cem rupias; desejo juntar bastante dinheiro para poder deixar a magia e voltar a algum canto tranqüilo do meu país, comprar uma plantação de laranjeiras e retornar ao trabalho de agricultor.

— O senhor vem diretamente do Egito?

— Não; depois de ter deixado o Cairo, passei algum tempo na Síria e na Palestina. A polícia síria, ao saber das minhas faculdades, ia procurar-me querendo o auxílio dos meus poderes, nos inquéritos difíceis de casos criminais. Quase sempre obtive êxito em descobrir os culpados.

— Mas como era o senhor capaz de fazer tal prodígio?

— O mais misterioso crime, por mais perfeito que seja, não pode escapar aos meus espíritos auxiliares que me revelavam, reconstituindo a cena do crime na minha visão interior.

Mahmud Bey pára um momento, integrado nas suas reminiscências. Pacientemente fico esperando atento ao que vai seguir:

— Suponho que o senhor está a considerar-me um espírita praticante porque evoco os espíritos, não é? É quase uma verdade; todavia não esqueça que sou também um mago, no real sentido da palavra, e não um exorcista, nem leitor de pensamentos; seria demais.

— Sua confissão já é bastante fantástica e dá para empolgar a imaginação! Poderia dizer-me alguma coisa sobre seus auxiliares invisíveis? pergunto ao mago.

— Os espíritos? Bem; precisei nada menos que três anos para dominá-los, e não foi sem um tremendo esforço. No mundo que escapa às nossas percepções sensoriais, existem os espíritos, maus ou bons. Nunca me sirvo dos espíritos maus. Alguns são homens que já viveram e que passaram pela prova que em nosso mundo chamamos de morte, porém, a maioria dos meus auxiliares são *jinns*,

quero dizer, entes originários diretamente do mundo dos espíritos e que jamais encarnaram. Alguns são como animais, enquanto outros possuem a sagacidade do homem. Os maus *jinns* (1) — nós os chamamos *jinns* no Egito e não conheço nenhum outro termo ocidental que possa substituí-lo — são empregados pelos feiticeiros de baixa classe, especialmente pelos curandeiros da África. Evidentemente, eu recuso todo o contato com eles; são entes perigosos, capazes às vezes de se voltarem contra aquele que os emprega e de o matarem.

— E os espíritos humanos aos quais o senhor se referiu, quem são eles?

— Vou dizer-lhe: um deles é meu próprio irmão. Ele morreu há alguns anos. Contudo, preste bem atenção, eu não sou médium, pois nenhum espírito se incorpora em mim e não está autorizado a controlar-me de maneira alguma. Meu irmão se comunica comigo imprimindo as idéias na minha mente ou transmitindo as cenas por imagens, na minha visão interior. Foi assim que pude saber das suas perguntas escritas ontem.

— E os *jinns*?

— Tenho, pelo menos, trinta à minha disposição. Depois de conseguir amestrá-los, tive que ensiná-los a obedecer-me, exatamente como vocês fazem ao ensinar uma criança a dançar. É necessário, todavia, conhecê-los por seus próprios nomes, para chamá-los quando desejo obter seus serviços. Alguns desses nomes eu já conhecia dos velhos livros bolorentos que me emprestava o velho judeu.

Mahmud Bey estende-me seu estojo de cigarros, e acendendo um continua:

— Cada espírito possui sua função própria e não pode executar nenhuma outra. Assim, os *jinns* que escreveram as palavras na sua folha não são capazes de ajudar-me a adivinhar a natureza das suas perguntas.

— Como consegue o senhor entrar em contato com eles?

— Concentrando meu pensamento sobre aquele que eu quero atrair; geralmente escrevo o seu nome em letras árabes e ele vem quase instantaneamente.

O egípcio consulta seu relógio e diz, levantando-se:

— Agora, meu amigo, sinto muito não lhe poder dizer algo mais sobre o assunto. O senhor me compreende, eu devo guardar os meus métodos secretos. Talvez, um dia, nos encontraremos novamente, se Alá assim o quiser. Adeus.

(1) *Jinns* — os elementais, espíritos da natureza (N. da T.).

Sorrindo, deixa à mostra todos os seus dentes. Inclino a cabeça num gesto de despedida, compreendendo que é inútil insistir.

*
* *

Noite de Bombaim. Embora me deite tarde, não consigo dormir. Sufoco-me. O ar é tão pesado como se lhe faltasse oxigênio, o calor torna-se insuportável. O ventilador, suspenso no teto, proporciona um ligeiro alívio, mas seu ruído monótono não me permite adormecer. O ar é tão quente que magoa os pulmões a cada respiração, e o simples ato de respirar é um árduo trabalho. Meu pijama está encharcado de suor, como se meu corpo se tivesse dissolvido em água, e o pior de tudo é que meu cérebro não sossega. Será que o demônio da insônia vai me dominar até meu último dia no solo indiano? Por certo preciso aclimatar-me. Esta noite começo a pagar o inevitável tributo de minha permanência nos trópicos.

O mosquiteiro, como mortalha branca, envolve minha cama. Pela janela aberta, que dá para o terraço, suave luar entra no quarto, banhando em luz prateada os objetos mergulhados na sombra.

Volto a pensar em minha entrevista com Mahmud Bey nessa manhã e nos estranhos fenômenos da véspera; procuro encontrar uma outra solução além daquela que me fora dada, mas em vão. Ou os seus trinta espíritos devotados eram fantasmas da sua imaginação, ou retrocedemos à plena Idade Média, época em que feiticeiros e magos, de negros intentos, floresciam em todas as cidades européias, apesar das perseguições da Igreja e do Estado.

Quanto mais procuro, mais me vejo obrigado a desistir de qualquer compreensão.

Qual pode ser seu segredo? Por que Mahmud Bey fez tanta questão que eu segurasse o lápis e o papel juntos? Será que os espíritos escreveram as respostas com átomos de grafite?

Procuro recordar os fatos já acontecidos. Não relata Marco Polo, em alguma parte das suas aventuras escritas, que havia encontrado na China, Tartária e no Tibete, magos capazes de escrever sem se servirem de lápis? E esses feiticeiros asiáticos não lhe informaram que essa arte já era conhecida e praticada entre o seu povo, desde séculos? Lembro-me também de Helena Petrovna Blavatsky, a enigmática russa, fundadora da Sociedade Teosófica, que fez as mesmas experiências há cerca de cinquenta anos. Alguns membros favorecidos recebiam longas comunicações por seu intermédio; eles faziam perguntas de caráter filosófico e as respostas

vinham escritas, mensagens, como eram chamadas, sobre a mesma folha na qual as perguntas estavam. Coisa curiosa a notar é que a senhora Blavatsky dizia estar em relações íntimas com os mesmos países onde o Marco Polo havia observado os mesmos fenômenos. No entanto, a senhora Blavatsky nunca se arrogou controle, nem poderes sobre nenhum dos espíritos misteriosos, fenômenos esses alardeados por Mahmud Bey! Conforme a opinião dela, essa misteriosa escrita provinha dos mestres tibetanos, mestres em carne e osso, inspiradores presentes, porém invisíveis, da sua Sociedade. Aparentemente, eles se revelavam muito mais habilidosos do que os espíritos do egípcio, porque produziam as escritas a centenas de quilômetros do Tibete.

Discutia-se muito, na época, sobre a natureza e a origem desses fenômenos e duvidava-se que os mestres tibetanos, invocados pela senhora Blavatsky, realmente existissem e que os fenômenos fossem reais.

Não é de meu interesse reabrir polêmicas, pois essa brilhante mulher há muito tempo está noutro mundo onde ela deve se sentir muito mais à vontade que no nosso.

Não vou negar os fatos que vi com meus próprios olhos, e tenho que aceitar como autêntica a experiência, ainda que me reserve o direito de sua explicação.

Não há dúvida nenhuma de que Mahmud Bey seja um mago, um feiticeiro, perdido em pleno século vinte! Encontrá-lo, logo depois do meu desembarque, parece-me ser um bom sinal, promotor de descobertas maiores e mais estranhas.

Metaforicamente falando, coloco meu primeiro marco no solo da terra misteriosa e escrevo na página, ainda virgem, da minha caderneta, uma nota de algum modo preciosa.

CAPÍTULO IV

ENCONTRO UM MESSIAS

“MUITO PRAZER em vê-lo” — por essa frase, bastante convencional, começou minha entrevista com Meher Baba. Eu não sabia então que ele estava destinado a passar como um meteoro brilhante no céu ocidental e a despertar a curiosidade de milhões de europeus e americanos, mas também, como um meteoro, a cair e apagar-se inglório no solo.

Eu era o primeiro jornalista europeu a entrevistá-lo, por tê-lo perseguido até ao fundo de sua cova, no tempo em que sua fama não ultrapassava ainda o círculo estreito de celebridade local. Havendo feito conhecimento com um dos seus discípulos, estava curioso por saber de que espécie era o homem que, vinha engrossar as fileiras dos que se arrogam a título de redentores da humanidade.

Dois discípulos parses vieram propositadamente a Bombaim para acompanhar-me; antes de deixar a cidade eles me falam do hábito usado no país de levar um presente à pessoa que nos recebe; paramos então no mercado, onde faço uma boa escolha de flores e frutas que devem ser oferecidas ao mestre.

Passamos a noite toda no trem, para chegar na manhã seguinte a Ahmednagar. É essa a cidade histórica, onde o cruel imperador Aurungzeeb, ornamento do trono dos Mongóis e protetor da Fé, pela última vez acariciou a barba espessa dentro da sua tenda, quando a morte veio buscá-lo.

Um velho *Ford*, a serviço do Meher, espera-nos na estação. A rodovia de sete milhas, em cujas margens, em parte, alinham-se azadaracas(1), estende-se pela planície. Passamos por uma aldeia

(1) Azederaque ou Azadaraca — chamado também árvore do rosário. É uma árvore da Índia cujo caroço da fruta é usado na confecção de rosários (N. da T.).

cujos telhados castanho-escuros agrupam-se em volta do templo com sua torre finamente esculpida; corremos pelos campos cobertos de flores cor-de-rosa e amarelas, e atravessamos as águas calmas da região, agitadas pelo folgado dos búfalos.

Por fim, chegamos à colônia de Meher Baba, cujo aspecto se salienta no meio do campo pelas construções espalhadas e três edifícios extravagantes, de pedra. (Soube mais tarde que são os restos de antigo campo militar.) No terreno vizinho, três bangalôs rústicos de madeira e à distância de um quarto de milha, um lugarejo ao qual se dá o nome de Arangaon. O conjunto faz impressão de lugar vazio e deserto, como que abandonado. Meu guia parse, visivelmente confuso, esclarece-me que ali é apenas o quartel geral de veraneio do mestre, mas que o centro fica na proximidade de Násique, cidade onde reside a maioria dos discípulos e onde, habitualmente, são recebidos os visitantes.

Alguns homens saem de um dos bangalôs no momento em que passamos e param ao nos ver, na entrada da porta; fazem gestos, riem entre eles e parecem felizes pela chegada de um estranho. Atravessamos um campo e chegamos perto de uma construção de aspecto ainda mais estranho. É uma gruta artificial, feita de pedras e cascalho cimentado, com cerca de oito pés de profundidade.

O interior da caverna, voltada para o sul, é banhado pelo sol da manhã. Olho em volta e contemplo a vasta extensão de terra cultivada; a leste a cadeia de colinas cujas demarcações beiram o horizonte, e ao fundo, uma aldeia encolhida sob as árvores. Este santo parse é, sem dúvida, um amante da natureza, por ter construído seu eremitério neste asilo de paz! Por mim, sinto-me satisfeito em poder respirar tão puro ar, depois de sair do bulício de Bombaim.

Dois homens, sentinelas postadas aos lados da entrada da gruta, desaparecem ao verem-me aproximar; na certa foram consultar o mestre.

— Apaga o cigarro — diz baixinho um dos meus guias — Baba não gosta do fumo. Jogo fora o cigarro e eis-me, um instante depois, na augusta presença do homem chamado “O novo Messias”.

Vejo-o acorado no fundo da gruta, cujo solo é todo coberto de tapetes persas de lã grossa. Veste dos pés à cabeça uma ampla túnica imaculada que me faz pensar nas camisolas de dormir que se usavam antigamente em nosso país. Ele não é exatamente a pessoa que eu imaginei; seus olhos não são penetrantes e falta-lhe força na expressão do rosto. Se bem que algo de calmo e de ascético, de sobre-humano, se sinta na atmosfera que ele respira, fico surpreso, pois não sinto, como esperava, nenhuma vibração maior

na presença do homem que se propõe nada menos que subjugar as multidões. Fito-lhe o rosto aureolado por longos cabelos afeminados. Tem o nariz aquilino, os olhos escuros e francos que parecem, todavia, esconder a expressão íntima; forte bigode negro guarnece-lhe o lábio superior; a tez cor de azeitona trai-lhe a origem persa. De fato, seu pai era um súdito do Xá. É moço ainda, não lhe dou mais de trinta anos; sua testa, porém, é notável: baixa e fugidia. Existe, ou não, uma relação de qualidade entre a superfície do crânio e a faculdade de raciocínio? Talvez, mas um messias está além de todas as comparações e pesquisas!

"Muito prazer em vê-lo" — diz-me, então, mas não na linguagem de todo mundo: segura no colo uma tabuinha com as letras do alfabeto, sobre a qual mostra com o dedo indicador, uma após outra, a letra apropriada, e seu intérprete traduz em palavras essa linguagem muda. O santo homem não pronuncia sequer uma palavra desde junho de 1925. Seu irmão caçula assegurou, todavia, que no momento em que o novo messias resolver abrir a boca, o mundo inteiro estremecerá! Mas, por enquanto, envolve-se no mais absoluto silêncio. Correndo, assim, seu dedo pela tabuinha, Meher Baba informa-se de minha saúde, de minha vida e, visivelmente satisfeito, agradece-me o interesse que tenho por seu país. Ele conhece muito bem o inglês, o que facilitará a nossa entrevista, mas quando a solicito, adia-a para a tarde, dizendo:

— Agora descanse e coma alguma coisa.

Ao deixá-lo, dirijo-me a um dos edifícios de pedra, que vai me servir de alojamento. O interior é triste, lúgubre e vazio, sem outros adornos além de um estrado de madeira à guisa de cama, sem nenhum dos seus pertences; uma banca e uma cadeira que, provavelmente, já serviram em 1857, na época da civilização de Bengala.

Este iria ser o meu *lar* por mais de uma semana! Olho, curioso, pela janela sem vidraças e sinto-me recompensado ao ver amplo panorama de campos verdejantes, semeados de arbustos e cactos.

Quatro longas horas se passam em sonolenta moleza, antes que me veja novamente sentado no tapete persa, em frente do homem que arroga, para si próprio, a imensa pretensão de trazer à humanidade a luz espiritual e a regra de uma conduta prática. Esta pretensão é sustentada desde a primeira frase que forma na tabuinha do alfabeto.

— Eu quero mudar a história do mundo!

Ele se opõe que eu tome notas.

— O senhor não poderá redigi-las só depois de me haver deixado?

Obedeço, e somente escrevo as suas palavras nas páginas de minha memória.

— Do mesmo modo que Jesus veio para renovar a vida espiritual numa época de materialismo corrompido, eu vim para dar um novo impulso espiritual à humanidade de hoje. Há sempre oportunidades para as ações divinas, e quando a hora chegar, eu revelarei ao mundo minha real natureza. Os grandes fundadores das religiões, como Buda, Maomé, Zoroastro e Jesus, não diferenciam, em essência, suas doutrinas; todos esses profetas são mensageiros de Deus. Seus principais mandamentos fluem através de seus ensinamentos como um filão de ouro. Esses seres divinos encarnaram-se entre os homens no momento exato em que sua ajuda era mais necessária, justamente quando o espírito estava no seu mais baixo nível e a matéria parecia ser triunfante em volta! Ora! Nós caminhamos a grandes passos para a mesma época. O mundo atual está submerso pelas ondas da corrupção, desejos sexuais, ambições, preconceito racial e dominado pelo culto do ouro. Deus está esquecido, a religião pervertida; o homem aspira à vida e os sacerdotes lhe dão pedra inanimada. Deus precisa, pois, mais uma vez, enviar um profeta entre os homens, para restabelecer o verdadeiro culto e sacudir do torpor os povos entregues à matéria. Eu sigo apenas a via traçada pelos antigos profetas. Tal é a minha missão, o mandato que Deus me deu.

Ouçó em silêncio o secretário traduzir-me, numa voz monótona, essas audaciosas afirmações. Afasto todo espírito crítico e concentro-me em estado de pura receptividade. Não que as aceite indiscriminadamente, mas porque bem sei como é preciso saber escutar, no Oriente. Por falta dessa precaução, um ocidental muitas vezes não aproveita grande coisa deste país, arriscando-se a perder preciosas sementes que se podem encontrar entre as palavras. A verdade resiste à mais severa investigação, mas ainda assim é necessário adaptar nossos métodos ocidentais ao ambiente espiritual da Índia.

Meher Baba prossegue com um sorriso de iluminado:

— Os profetas ensinam um conjunto de leis que ajudam as massas a viverem num plano mais sublime, aproximando-as de Deus. Aos poucos, porém, essas regras se transformam em artigos de fé de uma religião organizada e num ambicioso e servil sacerdócio. Enquanto seu fundador está vivo, a força propulsora e o idealismo dominam, mas, depois de sua morte, a conduta se modifica e a religião decai gradualmente. Essa é a razão pela qual tais organiza-

ções não podem, de modo contínuo, aproximar-nos da Verdade, e por isso a verdadeira religião é uma questão de foro íntimo. As organizações religiosas acabam sempre nos museus arqueológicos, esforçando-se em vão por reviver um passado extinto. Um dogma pregado vários séculos depois da morte de seu fundador, quase sempre se diferencia, radicalmente, dos seus ensinamentos; no entanto, as bases de todas as religiões são idênticas, porque procedem da mesma fonte que é Deus. Não tenho nenhuma intenção de fundar nenhuma nova religião, nem novo culto, mas revigorar a idéia espiritual entre os povos, transmitindo-lhes uma compreensão mais elevada da vida. Quando tiver então de aparecer em público, não abolirei nenhuma religião existente, mas também não sustentarei nenhuma delas; pelo contrário, quero afastar os homens de todo espírito sectário a fim de pô-los de acordo sobre o essencial da Verdade. Entretanto, não esqueça que todo profeta, antes de aparecer em público, tem que tomar em consideração não só a época e o meio, como também o estado de espírito das massas. Ele deve saber pregar as doutrinas no momento exato e melhor apropriado às circunstâncias.

Meher Baba cala-se, sem dúvida deixando-me tempo para assimilar suas palavras. De repente, a conversa toma um aspecto totalmente inesperado.

— Não tem o senhor notado o rápido progresso das comunicações nos tempos modernos? Veja como as estradas de ferro, navios a vapor, telefones, telégrafos e estações radiofônicas fazem do mundo inteiro uma gigantesca rede de malhas cerradas. Um acontecimento produzido onde quer que seja, é conhecido no mesmo dia e levado a milhares de quilômetros de distância; de modo que, se um homem é portador de uma importante mensagem, doravante terá a humanidade toda a ouvi-lo. Isto não é sem razão, pois os tempos que estão prestes a chegar vão dar à humanidade um culto universal, válido para todos os povos e todas as raças. Em outras palavras: estando a via preparada, ser-me-á permitido dirigir, com êxito, minha mensagem ao mundo!

Esta afirmação, bem o senti, diz bastante para deixar transparecer a confiança absoluta que Meher Baba possui em sua missão, como, aliás, toda sua atitude o confirma. Pelo seu próprio julgamento, seus valores subirão um dia, muito acima do comum.

— E quando pretende o senhor proclamar sua missão ao mundo? pergunto.

— Quando vir por toda parte o reino do caos e da confusão, pois esse será o momento propício em que os povos terão maior necessidade de minha ajuda; quando o mundo estremecer nos seus

fundamentos, abalado pelas catástrofes e inundações, terremotos, erupções e flagelos; quando o Oriente e o Ocidente se levantarem, um contra o outro, e o mundo ferver em fogo e sangue, então rompereí o silêncio e levarei minha mensagem. Em verdade o mundo deve sofrer para poder ser redimido.

— E conhece o senhor a época dessa guerra?

— Sim. Ela não está longe mas... não me é permitido revelar a data.

— Mas, isso é uma terrível profecia!...

— De fato é assustadora. Esta guerra será pavorosa, causada pelos engenhos inventados por vossos cientistas, aos quais ela deverá seu poder de destruição e cujos efeitos serão tremendos, e se comparados com os da última guerra, estes dão uma idéia bem fraca. Porém, será curta, alguns meses apenas; quando atingir seu paroxismo, aparecerei então, proclamando minha missão em face do mundo; meu esforço pessoal e meu poder espiritual serão suficientes para apressar o fim do conflito e restabelecer a paz entre as nações. Mas não haverá somente a guerra que devastará a humanidade; grandes mudanças produzir-se-ão simultaneamente na superfície do globo. Em vários lugares o homem sofrerá, tanto na sua própria existência quanto nos seus bens, e devido às condições do mundo, tornar-se-á necessário que eu aceite o papel de Redentor. O senhor pode ter certeza de que não falharei em minha missão!

Seu secretário, o homenzinho de face bronzeada e cabeça coberta por um turbante negro, à moda dos maratas, fita-me como querendo dizer: "Olá! o que me diz disso? Você vê como nós sabemos coisas importantes aqui, não? Mas os dedos do Messias correm de novo habilmente sobre a tabuinha e o intérprete já está pronto para me comunicar novas revelações:

— Depois dessa guerra virá uma longa época da paz imperturbável e tranqüilidade mundial; o desarmamento não será apenas um simples pretexto para polêmicas e, sim, uma realidade. Não existirão mais conflitos raciais, sectarismos, nem lutas de classes, nem ódio entre os diversos cultos religiosos, desde então reconciliados. Quando eu percorrer o mundo, os povos vão acorrer à minha voz, e minha mensagem espiritual atingirá todas as nações, todas as cidades, até a mais humilde aldeia. Fraternidade entre os homens, paz na terra, piedade para os pobres e oprimidos, amor divino, tudo isso será obra minha.

— E o que vai ser da Índia em tudo isso? pergunto.

— Eu não terei paz enquanto o pernicioso sistema de castas não for abolido. Precisamente esse regime foi o que levou a Índia ao nível de rebaixamento em que hoje se encontra. Quando os

“intocáveis” párias, homens excluídos da sociedade, puderem levantar-se, a Índia recobrará seu antigo prestígio e o seu lugar no mundo.

— Qual será então o papel dela?

— Apesar das suas falhas, a Índia sempre se manteve como centro de espiritualidade. Ela voltará a ser o guia moral de todas as nações. Saiba que todos os grandes fundadores de religiões nasceram no Oriente e é para o Oriente que os povos sedentos de luz continuarão a voltar-se.

Por mais que me esforce, não posso imaginar nossas grandes nações ocidentais curvando-se aos pés desses mansos homenzinhos bronzeados; parece-me, no entanto, que a figura acorçada diante de mim percebe meu embaraço, pois Meher Baba acrescenta:

— O estado de escravidão da Índia é apenas aparente; toca somente o corpo perecível; a alma do país permanece imortal, mesmo ao ver-se despojada do seu poder.

A sutileza dessa asserção vai além do meu entender. Assim, acho melhor voltar ao tema inicial.

— Mas não há nada de novo na sua mensagem; nós no Ocidente já ouvimos tudo isso de outras fontes também.

— É que as minhas palavras são como eco das verdades eternas! Meu poder místico é tal que trará um novo elemento para a Humanidade.

Hesito um pouco. O que posso perguntar depois disso? Caímos em silêncio. Volto a cabeça e dou um rápido olhar pela janela aberta. Por ali se descortina a suave ondulação de campos cultivados e, no horizonte, os picos abruptos da serra estendem-se imponentes. O sol, já majestosamente alto no céu, queima indistintamente a criatura e a terra. Os minutos passam sonolentos. Reflito que neste lugar isolado, sob o céu escaldante, rodeado apenas de alguns cérebros receptivos, é trabalho fácil edificar os planos grandiosos da redenção universal, cuja extravagância acabei de ouvir; mas lá fora, no mundo da cruel realidade, em meio ao árduo labor das cidades tentaculares, todas essas divagações se fundirão como a neve ao sol.

— A Europa é cética e indiferente — observo, voltando-me para o *Novo Messias* — como poderá o senhor convencer-nos de que sua inspiração é de fonte divina? Como conseguirá converter, pelas palavras, pessoas inteiramente alheias às suas concepções e ao seu modo de pensar? O ocidental gritará contra o absurdo e o senhor colherá, apenas, o ridículo!

— É que o senhor não tem a menor idéia da mudança que, nessa ocasião, já se terá operado no mundo...

Meher Beba esfrega as mãos pálidas e finas e, com imperturbável calma, continua a emitir mais algumas reivindicações, cujo único enunciado ressoará fantasticamente aos ouvidos do ocidental:

— O dia em que eu me apresentar publicamente como messias, nada resistirá ao meu poder. Provarei, apoiado por milagres, a verdade da minha missão. Darei vista aos cegos, curarei os enfermos, ressuscitarei os mortos. Tudo isso será simples para mim! Farei esses milagres à vista das multidões; assim as forcerei a crerem em mim, e minha mensagem então lançada ao mundo não será para satisfazer a vã curiosidade, mas para converter os céticos.

Suspendo a respiração. A entrevista agora ultrapassa os limites do senso comum. Meu espírito cambaleia; vamos, então, entrar no campo da fantasia! Eis bem o Oriente!

— Contudo, não se engane — continua o parse — eu já preveni aos meus discípulos de que esses milagres são destinados ao mundo e não a eles. Por mim, nem teria a preocupação de fazê-los, mas, o senhor compreende, esse é o melhor meio de forçar a atenção das massas; pasmarei as multidões, para depois espiritualizá-las.

— Baba já fez milagres — frisa o secretário. Imediatamente indago, alerta:

— Por exemplo...?

O mestre sorri, como para defender-se:

— Tu dirás isso a ele em outra ocasião, Vixnu; e, virando-se para mim:

— Eu posso fazer qualquer milagre, se for preciso; é fácil para quem já atingiu o meu estado de divindade.

Prometo a mim mesmo tirar proveito, no dia seguinte, da companhia do secretário e colher da sua boca alguns pormenores sobre esses pretensos milagres. Sou um investigador circunspecto e tudo é grão para o meu moinho.

Novo silêncio. Pergunto, então ao santo homem, alguns fatos sobre sua infância.

— Tu dirás isso também, Vixnu — responde Meher dirigindo-se ao secretário.

— O senhor terá muitas oportunidades de conversar com meus discípulos, pois vai ficar algum tempo entre nós; assim, eles lhe dirão tudo o que o senhor gostaria de saber.

A palestra torna-se geral e, pouco depois, todos se dispersaram. Meu primeiro cuidado, uma vez fora, é de acender um cigarro, cuja espiral de fumaça azul, olho, pensando...

Ao anoitecer, assisto a um curioso espetáculo. Algumas estrelas começam apenas a cintilar; a noite ainda não caíra por completo, e as lanternas de querosene aparecem, iluminando com luzes fracas o crepúsculo envolvente.

Meher Baba está acorocado no fundo da gruta onde se agrupam em meio círculo, em volta da entrada, a multidão matizada dos seus discípulos, visitantes, e o povo da aldeia vizinha. Essa cerimônia parece repetir-se diariamente.

Um dos discípulos balança, sete vezes, em torno da cabeça do mestre, uma espécie de taça de metal, à guisa de lamparina, cuja mecha está mergulhada em óleo de sândalo, enquanto a assistência canta, em coro, ladainhas entremeadas de orações em dialeto dos maratás. Ouço várias vezes o nome do Meher se repetir. Não há dúvida que eles cantam de modo hiperbólico o louvor ao mestre, pois todos os olhares nele se fixam em adoração extática. O irmão caçula do mestre acompanha o canto no pequeno órgão portátil.

Durante a cerimônia, os devotos entram em fila e prosternam-se diante de Meher, beijando-lhe o pé descalço; alguns, transbordantes de emoção, prolongam esse contato por mais de um minuto. Disse-me que a bênção do mestre é dotada de uma particular eficácia: proporciona aos seus fiéis redenção de grande parte dos seus pecados!

Voltando ao alojamento, pergunto a mim mesmo que novidade iria me trazer o dia seguinte.

O silêncio noturno é interrompido pelos uivos do chacal que se elevam, em intervalos, de algum canto da selva.

Na manhã seguinte, convido o secretário e alguns dos discípulos que falam o inglês a sentarem-se comigo diante de um dos bangalôs. Queria extrair daqueles cérebros tudo o que desconhecia ainda do passado do mestre. Os discípulos que não entendem o idioma, ficam a observar-nos à distância, com interesse vivo nos olhares e rostos sorridentes. Seu nome é simplesmente Meher, mas ele o completa com mais dois: Sadguru Baba. Sadguru quer dizer *Mestre Perfeito* — Baba é um termo de afeição, bastante comum na Índia. É por esse nome que seus discípulos o tratam, de preferência. Seu pai é persa. Adepto de Zoroastro, emigrou para a Índia, quando ainda jovem e pobre. Meher, seu filho primogênito, nasceu em Puna, em 1894. Mandaram-no à escola com a idade de cinco anos. Mostrou-se um excelente aluno, e aos dezessete anos, já no *Deccan College* de Puna, recebeu durante dois anos uma boa instrução moderna.

Nessa época começou a fase obscura e incompreensível da sua carreira. Uma tarde, voltando do colégio de bicicleta, passou diante da casa de uma velha muçulmana, famosa então em toda a redondeza, como faquir. Chamava-se ela Hazrat Babajn e passava por ter mais de cem anos. Naquele momento, ela estava recostada em uma cama turca, colocada na varanda que prolongava a única peça de sua pobre morada. Vendo o jovem ciclista passar em frente dela, a velha levantou a cabeça a fez-lhe um sinal. Percebendo-o, o moço desceu da bicicleta e aproximou-se, curioso. Ela tomou-lhe as mãos e, abraçando-o, deu-lhe um beijo na testa.

O que se passou em seguida é ainda menos claro. Pelo que eu entendi, Meher voltou à casa, visivelmente perturbado, como que louco, e durante oito meses seguidos suas faculdades mentais desequilibraram-se de tal maneira que impossível lhe foi continuar os estudos, deixando, finalmente, o colégio. Seu estado agravou-se, beirando à loucura; seus olhos tornaram-se fixos, o olhar distante e embaciado; não era capaz do menor esforço, nem mesmo para satisfazer as necessidades fisiológicas, nem cumprir os deveres mais elementares, como lavar-se ou alimentar-se. Seu pai forçava-o a comer, ele obedecia como um autômato, sem compreender, todavia, porque colocavam os pratos diante dele. Tinha então vinte anos e deixava-se tratar como se fora criança. O pobre pai receava que o rapaz estivesse com um esgotamento nervoso ou anemia cerebral, mas vários médicos consultados opinaram tratar-se de um caso de regressão mental, receitando-lhe injeções. Ao fim de nove meses, ele obteve uma melhora e começou a participar, novamente, da vida familiar; seu comportamento parecia mais ou menos normal, porém quando a cura se tornou radical, o caráter de Meher havia mudado completamente. Suas ambições escolares, seu desejo de vencer, o gosto pelos esportes, foram substituídos por uma ardente sede de vida espiritual.

Convencido de que sua transformação tivera origem no beijo da muçulmana, voltou a vê-la, solicitando seus conselhos, e ela lhe disse que procurasse um mestre. O rapaz perguntou-lhe de que modo poderia encontrá-lo; como única resposta a muçulmana fez um gesto vago, mostrando-lhe o espaço.

Meher procurou, então, vários santos homens da redondeza; depois foi mais adiante, a aldeias distantes cem milhas da sua cidade natal; um belo dia, entrou num pequeno templo nas imediações de Sacori. Esse templo era um pobre santuário, mas servia de morada a um homem muito santo, no dizer dos aldeões, e desde o momento em que Meher se achou frente a frente com Upasani Maharaj, compreendeu haver encontrado seu mestre e seu caminho.

O jovem prosélito passou a fazer periodicamente a viagem de Puna a Sacori. Geralmente ficava alguns dias com seu mestre; de uma vez, porém, permaneceu quatro meses na companhia dele e foi nesse período de aperfeiçoamento que Meher sentiu, por fim, estar maduro espiritualmente, pronto para sua missão.

Uma noite chamou trinta dos seus colegas de turma e levou-os a Sacori. Fechadas as portas do pequeno templo, Upasani Maharaj levantou-se e, tomando a palavra, começou a falar-lhes de Deus e recomendou-lhes que procurassem a virtude. Em seguida, revelou-lhes que Meher seria o sucessor dos seus conhecimentos e poderes místicos, e ao terminar, para grande surpresa de todos, comunicou-lhes que Meher havia chegado à perfeição divina e aconselhou-os a tornarem-se seus discípulos, pois alcançariam grandes benefícios neste mundo e no outro.

Uns ouviram o conselho e seguiram Meher, outros ficaram em dúvida. Um ano depois, Meher, que estava então com vinte e sete anos, disse a seu pequeno rebanho que recebera a revelação de uma missão divina: Deus lhe reservara uma tarefa de capital importância para benefício da humanidade. Ele, porém, não lhes revelou a natureza exata dessa missão. Só alguns anos depois deixou perceber seu segredo: na revelação que tivera lhe fora prometido que se tornaria um novo Messias!

Em 1924, Meher, pela primeira vez, deixou a Índia e embarcou para a Pérsia, acompanhado de meia dúzia de discípulos, comunicando-lhes seu desejo de conhecer o país de seus antepassados. Mas quando o navio fez escala em Buchar, mudou subitamente de idéia, desembarcou e voltou à Índia no primeiro navio pronto a largar. Três meses depois as forças rebeldes apoderaram-se de Teerã, destituíram o Xá, e novo soberano subiu ao trono da Pérsia. Nessa ocasião, Meher Baba disse aos seus discípulos:

— Agora vocês vêem o resultado do meu poder! É pela minha influência mística que essas coisas acontecem...

Contaram-me os discípulos que a Pérsia era mais feliz com a soberania do Xá atual. Os muçulmanos, persas, judeus e cristãos vivem agora em boa paz, enquanto sob o antigo regime só havia conflitos e dissensões.

Alguns anos depois dessa misteriosa viagem, Meher Baba inaugurou um centro de estudos muito singular. Sugestionado por Meher, um discípulo comprou um terreno, a atual colônia de férias, adjacente à aldeia de Arangaon, e vários bangalôs foram construídos ao lado de cabanas de palha. Uma escola livre foi aberta; recrutaram professores entre os discípulos já instruídos, e alunos entre a mocidade das famílias amigas. Tudo era gratuito: ensino, manu-

tenção e alojamento. Entre outras matérias ensinadas, como em todas as escolas, uma aula de religião não especificada era ministrada por Meher, em pessoa. Condições tão atraentes não podiam deixar de interessar muitos alunos, que rapidamente formaram uma centena, com uma dúzia de rapazes chegados da Pérsia. Ensinavam-se aos alunos os ideais, mais ou menos comuns a todas as religiões, e também a vida e a história dos grandes profetas. Naturalmente a aula de religião não tardou em tornar-se uma atração especial do período de estudos e, nesse ambiente, os alunos mais velhos começaram a ser dominados por um estado bastante confuso de devoção religiosa. Meher excitava-lhes a imaginação passando por um personagem divino, e fez-se adorar como Deus. Alguns deles manifestaram sinais de histeria mística e, freqüentemente, cenas extravagantes se repetiam.

Era uma das características dessa escola de novo gênero a admissão de alunos sem distinção de casta, de raça e de credo religioso. Hindus, muçulmanos cristãos e parses, acotovelavam-se livremente, mas isso não era, ainda, suficiente aos olhos de Meher, cujas ambições eram mais amplas. Mandou à Inglaterra seu principal discípulo para lá recrutar alguns alunos brancos. O emissário, porém, chocou-se com dificuldades muito naturais, pois os pais relutavam em confiar seus filhos a um estranho que não escondia seu intuito de levá-los para os confins da Ásia distante. A idéia de uma escola onde se fundiam todas as religiões não lhes significava coisa alguma; ademais há muitas escolas na Inglaterra onde os alunos de diversos credos se misturam da maneira mais natural do mundo. O mesmo não acontece na Índia, onde as crenças são mutuamente inimigas, e quando acontece um caso excepcional como esse da escola do Meher, é também muito natural que haja clamor justificável para os hindus — incompreensível para os ingleses.

Contudo, um dia o esforçado missionário encontrou um inglês que, depois de algumas palestras, declarou estar pronto a ligar-se ao *novo messias*. Era um homem de gênio entusiasta, conhecia todos os cultos existentes, em profusão, em Londres, e tinha suficiente maturidade para aderir ao que lhe parecia uma mensagem sublime. Pôs-se a ajudar o representante do Meher na procura de alunos brancos e, finalmente, conseguiu três crianças, cujos pais, gente humilde, consentiram que levassem os filhos, satisfeitos por serem aliviados do peso da carga da família, embora ao preço da separação. Mas, quando o Ministério da Índia, alarmado, abriu inquérito, interditou a saída das crianças. O agente do parse voltou então à Índia, levando apenas o inglês que, recém-casado, foi acompanhado de sua esposa e de uma cunhada. Cinco ou seis meses depois que chegaram, Meher Baba mandou-os de volta, às custas do discípulo.

Soube isso do próprio Meher Baba: sua finalidade ao fundar uma escola era dupla; antes de mais nada, ele queria abolir, acabar de vez, com todas as barreiras religiosas e raciais entre os alunos; em segundo lugar, ele procurava formar da elite os futuros embaixadores para sua causa e, logo ao atingir o grau de preparação suficiente, Meher os mandaria pelos cinco continentes pregar em público, como apóstolos, o novo evangelho, destinado a *espiritualizar* a humanidade, preparando o caminho do Messias.

Um outro campo de ação foi criado paralelo à escola. Um hospital foi aberto e vários discípulos, entre os mais ardorosos, percorriam o país em busca de doentes, cegos, paráliticos e aleijados, que necessitassem de cuidados. O tratamento, alimentação e alojamento eram gratuitos, sem falar do conforto espiritual em que era pródigo o parse.

— Cinco leprosos foram curados pelo simples toque! — disse-me um devoto entusiasta. — Lamento, mas sou obrigado a permanecer descrente: ninguém pode dizer onde eles estão, nem que fim levaram! Ainda um exemplo de exagero oriental! Um, pelo menos, desses leprosos, levado pela gravidão, não poderia ter engrossado as fileiras dos discípulos do santo homem? E assim a notícia desse milagre ter-se-ia espalhado como o fogo na floresta, mormente neste país, devastado pelo flagelo da lepra; e não poderia ter sido, então, encaminhada ao hospital de Arangaon uma multidão dessas vítimas?!

Contudo, um vasto núcleo cresceu, aumentado por centenas de fiéis, visitantes e famintos das aldeias vizinhas, e esta colônia, um tanto singular, vibrava de intenso fervor religioso, cujo foco espiritual era Meher Baba, é claro. Mas dezoito meses não se haviam passado desde a sua fundação, quando tudo foi fechado, escola, hospital e abandonadas todas as atividades; os alunos foram mandados de volta às suas famílias e os doentes às suas respectivas casas, sem que Meher se dignasse fornecer a mínima explicação dessa brusca reviravolta. Soube que as súbitas desigualdades de humor e os inexplicáveis impulsos eram comuns em sua conduta. Na primavera de 1929, ele ordenou ao seu primeiro apóstolo, chamado Sadu Leik, viajar pela Índia, espalhando o nome do Meher, e antes de partir deu-lhe a seguinte ordem: "Você, que tem o privilégio de trabalhar para um messias, seja o cidadão do mundo! Não abale nenhuma religião e não se deixe dominar pela crítica. Saberei tudo de você e vou guiá-lo mas não siga outro mestre além de mim!"

Das informações que respiguei, soube que o pobre diabo não sentia a menor vocação para a vida errante. Conseguiu recrutar alguns prosélitos em Madras, mas ficou logo doente, e voltou para morrer.

Isto é o que, em linhas gerais, consegui saber sobre a carreira desse santo homem.

*
* *
*

Depois de alguns encontros familiares com Meher Baba ainda tive o desejo de obter informações mais definidas sobre a natureza da missão que se impunha a si próprio. Solicitei, então, e obtive, uma última entrevista.

Encontro-o com uma espécie de xale azul-claro nos ombros, e sobre os joelhos o seu alfabeto, pronto para a conversação. Atrás, os discípulos formam um complacente auditório. Eles se entreolham, sorrindo, até que minha audaciosa pergunta rompe o silêncio:

— Como sabe o senhor que é o messias?

Meu atrevimento confunde os discípulos. O mestre ergue as sobancelhas mas não fica perturbado e, sorrindo para o ocidental curioso responde sem hesitar:

— Eu sei! E muito bem até! Como o senhor sabe que é um homem, eu sei que sou um messias. Isso é a minha vida, cheia de beatitude infinita. O senhor nunca se toma por um outro, não é? Permita-me o mesmo; não posso, pois, me enganar sobre o que sou! Tenho uma missão divina a cumprir e a cumprirei!

— O que realmente se passou, quando a mulher muçulmana, a mulher-faquir o beijou — o senhor se recorda?

— Sim. Até então eu era mundano como eram todos os meus colegas. Hazrat Babajan abriu-me o caminho; seu beijo decidiu da minha vida, senti o universo absorver-me e fiquei só — só com Deus. Durante meses fiquei privado do sono e apesar disso não enfraqueci; minhas forças permaneceram as mesmas; meu pai, que nada compreendia, pensou que eu acabasse enlouquecendo, chamou um médico, depois outro; os doutores prescreveram-me remédios, davam-me injeções, mas como se enganavam! Nada havia a curar, pois eu estava com Deus! O que podiam eles fazer? Apenas eu perdera o contato com a existência normal, e precisei bastante tempo para voltar de tão longe, o senhor me compreende?

— Compreendo-o, sim. Mas agora que o senhor já voltou, quando pretende se manifestar em público?

— O dia se aproxima, mas não lhe posso revelar a data...

— E, então?

— Minha tarefa neste mundo durará trinta e três anos; passado esse tempo, morrerei tragicamente, e meus correligionários, os parses, ficarão com a responsabilidade da minha morte. Os outros, todavia, continuarão minha obra.

— Seus discípulos, suponho?

— Sim, do meu círculo de doze discípulos escolhidos, um deles será o mestre quando o tempo chegar; é para eles que hoje faço jejum e guardo silêncio. Redimo-os, assim, dos pecados, tornando-os capazes de atingir a perfeição. Eles já foram meus companheiros em vidas anteriores e assumi o compromisso de ajudá-los. Também formarei um grupo externo, composto de quarenta e quatro membros, homens e mulheres em grau de espiritualidade menos elevado; quando esses chegarem à perfeição suficiente, tornar-se-ão auxiliares dos meus doze principais discípulos.

— Alguém mais, além do senhor, arroga-se o direito a um título de messias? — arrisco perguntar.

— Sim... Há Krishnamurti, protegido de Annie Besant. Os teosofistas se iludem: querem que seus mestres ocultos estejam em alguma parte do Himalaia ou do Tibete. Lá o senhor não achará nada senão pedras e pó em lugar de supostos santuários. Além disso, jamais um verdadeiro mestre espiritual exigiu que o corpo de outra pessoa fosse preparado e treinado para os fins que tem em vista. Essa pretensão é ridícula!

Houve outras afirmações não menos estranhas durante este último encontro; curiosa mistura de ingênuas asserções surge, letra por letra, da ponta dos delgados dedos do messias: "A América tem um grande futuro... um dia esta nação se tornará um valor espiritual..." "Eu sei que aquele que colocar sua fé em mim será socorrido..." "Não adianta quererem compreender meus atos, pois ninguém jamais poderá alcançar-lhes o significado profundo..." "Onde quer que eu esteja, logo a atmosfera do ambiente se espiritualizará..." "Darei ao mundo um novo impulso e de uma tal força, que todos os problemas materiais, econômicos, políticos, sexuais e sociais serão, finalmente, solucionados, e o egoísmo individual, nessa ocasião, dará lugar à fraternidade universal..." "Sivagi está aqui — foi ele quem edificou o Império dos Maratas no século XVII". (Ao dizer essas palavras ele aponta seu peito, querendo significar, suponho, que é uma encarnação de Sivagi...) Alguns planetas são habitados; assemelham-se à nossa terra em cultura e progresso material, porém, em relação ao espírito, o nosso orbe leva vantagem...

Meher Baba, como se vê, não peca pelo excesso da modéstia quanto à sua missão. Eu estava ainda pouco surpreso, quando — palavra de honra — com um tom de ordem mal dissimulado, concluiu ele, assim, essa memorável entrevista:

— Volte ao Ocidente como meu representante! Propague o meu nome como o de um mensageiro divino e proclame que a

época de minha missão se aproxima! Trabalhe para mim, preparando boa receptividade no mundo ocidental; desse modo o senhor estará cooperando para o bem de toda a humanidade...

— Mas pensarão que estou louco — respondo um pouco constrangido — pois confesso que tal empresa confunde minha imaginação.

Meher não é dessa opinião. Eu lhe respondo que precisaria realizar uma série de milagres bastante evidentes para poder convencer o Ocidente, pois só assim o povo acreditaria que de fato alguém é super-homem ou, mais ainda, um messias, e como pessoalmente não posso nem sonhar em fazer milagres, digo-lhe que não vejo como poderia levar sua mensagem ao Ocidente com qualquer probabilidade de êxito.

— Está bem! Então o senhor fará os milagres — respondo-me com toda segurança.

Fico calado. Meher interpreta mal o meu silêncio.

— Fique comigo e o senhor verá quantos e quais poderes sou capaz de transmitir-lhe. O senhor é um privilegiado por ter-me encontrado! Ajudá-lo-ei a obter bastante poderes eficazes e o senhor poderá, assim, prestar grandes serviços ao Ocidente.

*
* *
*

Dispensar-me-ei de descrever o fim dessa inacreditável entrevista. Certos homens nascem grandes, outros alcançam a grandeza, ainda outros recorrem a uma agência de publicidade.

Parece-me que este último recurso foi o escolhido por Meher Baba.

No dia seguinte, preparo-me para ir-me embora. Havia absorvido grande dose de sapiência e advertências proféticas, suficientes no momento. Eu não vim aos confins do mundo para ouvir declarações de fé e afirmações grandiloquas; preciso de fatos, ainda que estranhos e inconcebíveis, mas que possam ser aceitos; necessito de uma prova que possa testemunhar, de alguma experiência extraordinária, pessoal, que possa satisfazer meu desejo latente...

Com as mochilas prontas, estou quase de saída e vou despedir-me do Meher. Ao ver-me, ele diz que passará algum tempo no seu quartel-general em Násique, e pede-me que vá visitá-lo e fique um mês em sua companhia.

— Faça o favor, venha quando puder; poderá observar-me pôr-me em prova, e garanto-lhe que depois não duvidará mais de minha missão, pois será uma testemunha do meu poder, por sua

própria experiência, e quando voltar à Europa, estou certo, não hesitará em conquistar para mim as multidões.

Resolvo voltar com vagar e passar um mês com ele. Apesar de tudo o que há de teatral na atitude desse santo homem e na fantástica natureza de sua missão, vale a pena investigar tudo com plena liberdade de espírito.

*
* *
*

Após uma curta estada em Bombaim, ponho-me a caminho de Puna, atraído pela fama da velha muçulmana, cuja brusca intervenção mudou a vida de Meher, fazendo-o virar seu leme de maneira tão radical. Tenho a impressão de que minha viagem não será tempo perdido; colhi algumas informações sobre ela em Bombaim, com o juiz honorário Khandalavalla, que a conhece há cinquenta anos e me assegurou que ela é, de fato, quase centenária — deve ter noventa e cinco ou noventa e seis anos. Os discípulos de Meher disseram-me cento e trinta, exagero que creditei na conta do entusiasmo deles. O juiz narra-me, resumidamente, a história da muçulmana:

Nascida em Balochistão, território mal definido entre a Índia e o Afeganistão, fugiu, mocinha ainda, da casa paterna, e depois de errar muito tempo pelos caminhos da aventura, chegou a Puna no começo deste século para nunca mais sair. Instalou sua moradia sob um azadaraca, teimando em ficar sob sua folhagem durante todas as estações do ano. Sua reputação, bem como o boato do seu estranho poder, espalharam-se rapidamente entre a população muçulmana dos arredores — tanto que, no fim de pouco tempo, conquistou a confiança e a veneração dos hindus. Como ela se recusasse obstinadamente a morar numa casa, seus correligionários construíram sob aquela árvore uma espécie de bangalô aberto, mas que a abrigava contra a inclemência da monção.

Pergunto ao magistrado sua opinião sobre ela; o juiz não duvida da qualidade de faquir que, de fato, possui essa mulher; como ele é parse também, faço-lhe perguntas sobre Meher Baba, e por fim o que acha de Upasani Maharaj, inspirador atual do santo homem. Khandalavalla, juiz aposentado, homem de idade e de experiência, faz-me então um resumo das suas desgraças, motivadas pelas relações que manteve com Upasani. Vou citar apenas dois casos que o juiz me narrou:

— Upasani cometeu erros chocantes; um dia chamou-me a Benares onde estava morando naquela época; fui, e estava lá há algum tempo, quando tive o pressentimento de uma morte e quis voltar

a Puna, onde deixara minha família. Upasani impediu-me que regressasse, assegurando que tudo ia bem por lá. Dois dias depois, recebi um telegrama com notícias da morte da criança que viveu apenas alguns minutos, após ter minha nora dado à luz. De outra vez, meu genro o consultou sobre uma operação bancária que tencionava fazer na bolsa de Bombaim. Upasani estimulou-o, prognosticando um ótimo negócio. Na boa-fé deste conselho, meu genro fez o negócio, mas... voltou quase arruinado!

O juiz Khandalavalla impressiona-me pela clareza e imparcialidade de seus pareceres. Ele diminuiu o valor de Upasani que Meher descreveu como "uma das maiores espiritualidades da nossa época", mas também não hesitou em afirmar que acreditava sinceramente na honestidade do anseio espiritual de Meher, embora sua missão não se apoiasse sobre nada de sério. Assim que chego a Puna, procuro a moradia de Hazrat Babajan. Um guia me acompanha; ele a conhece pessoalmente e poderia servir-me de intérprete, em caso de necessidade. Acharmos a anciã no fundo de uma pequena rua, iluminada ainda pelas antigas lamparinas que fazem um anacronismo chocante ao lado dos globos elétricos. Recostada sobre um leito baixo, e separada da rua apenas por um gradil de arame, pode facilmente ver os transeuntes. Por cima de seu abrigo de madeira estende-se a majestosa folhagem do azadaraca, cujas flores brancas exalam suave e doce aroma.

— Precisa tirar os sapatos — avisa-me o guia — pois usá-los ao entrar é considerado como falta de respeito.

Obedeço e entramos. A anciã está deitada de costas, com a cabeça ligeiramente levantada pelas almofadas; a brancura radiosa dos seus cabelos contrasta com a face descorada e sulcada pelas rugas. Faço apelo a todos os meus recursos lingüísticos para apresentar-me. Ela se volta na minha direção e estende-me um braço, tomando uma das minhas mãos na sua, segura-a por um momento, e fixa-me com o olhar que já não é mais deste mundo. Seus olhos perturbam-me, parecem vazios e privados de compreensão; durante três ou quatro minutos, sem dar uma palavra, continua a segurar minha mão, fixando-me intensamente com seu olhar profundo. Tenho a impressão de que esse olhar me penetra e vai até o âmago da alma. É bem estranha essa sensação... Fico parado, calado, sem saber exatamente o que fazer...

Finalmente, ela retira sua mão passando-a várias vezes na testa; depois, volta-se na direção do meu guia e diz-lhe alguma coisa, que ele sussurando-me ao ouvido, traduz: — Ele está sendo chamado à Índia... ele vai compreender brevemente. Ela articula ainda uma frase, cujos termos será melhor gravar na memória do

que imprimir-lhes. Sua voz é extremamente fraca e as palavras saem-lhe lentamente e com tremenda dificuldade. Será possível que esse corpo esquelético, essa forma ressequida seja suporte de uma autêntica alma de faquir, dotada de poderes maravilhosos? Mas não é pela forma do corpo que se consegue saber os mistérios da alma... Como essa pobre mulher se aproxima dos cem anos, aconselham-me a poupá-la, pois está fraca demais para suportar uma conversa prolongada. Preparo-me para a despedida, fortemente impressionado com a idéia de que esses olhos vidrados e turvos parecem traduzir um sinal de morte iminente. O espírito, pronto a deixar o corpo já quase sem vida, parece voltar através de seus olhos apagados e conceder, ao mundo que vai abandonar, um resto de atenção (1).

Chegando ao hotel, esforço-me por recapitular minhas impressões. Tenho certeza que naquele ser decadente brilha a ciência profunda da sabedoria da alma, e respeitosamente curvo-me diante do fato. Acho também que o breve toque dessa estranha mulher fez desviar o curso normal dos meus pensamentos e despertar em mim um sentido, ainda indefinível, do mistério que continua a envolver nossa vida terrestre, a despeito de todas as descobertas e das especulações mais audaciosas da ciência moderna.

Percebo com deslumbrante clareza que os cientistas que nos pretendem revelar os segredos fundamentais deste vasto labirinto, que é o nosso orbe, em realidade não conseguem senão levantar apenas a ponta do misterioso véu. O que eu não compreendo é como um instantâneo contato com essa estranha mulher fosse suficiente para abalar até às bases a minha formação mental!

Procurro em vão entender o sentido profético das suas palavras. Ninguém me chamou aqui... Não vim então livremente, arrastado por minha própria inspiração? Somente agora, no momento em que escrevo estas linhas, começo a entrever, vagamente, o profundo sentido daquilo que ela desejava dizer-me então.

Ponho-me a pensar... decididamente, este mundo é cheio de mistério...

(1) Tornei a vê-la alguns meses depois e tive de novo a mesma impressão de que a sua morte não devia tardar. Ela faleceu, efetivamente, pouco tempo depois.

CAPÍTULO V

O ANACORETA DO RIO ADYAR

NAS SEMANAS seguintes, prossigo minha viagem em direção ao sul, através do planalto de Decão; visito lugares maravilhosos, templos históricos, mas em nenhum deles encontro vestígios daqueles homens excepcionais que procuro. Entretanto, uma força imperiosa à qual obedeco cegamente, sem a compreender, acelera meus passos e obriga-me, às vezes, a correr para diante como se fosse um simples turista.

Eis que um dia resolvo viajar de trem para Madras, levando a intenção de, nessa cidade, permanecer por mais tempo. Viajo à noite; incapaz de dormir, tento rememorar e reunir a colheita dos fatos ocorridos, e confesso que o resultado é medíocre. Não posso felicitar-me, pois não encontrei ainda nem as pegadas de um Yogue sequer; quanto à esperança de encontrar um Richi, autêntico Sábio, essa então, deixo-a para o final das minhas aspirações!

Em compensação, sobrava-me um desanimador conhecimento de sufocantes superstições e costumes caducos. Como compreendo agora o sorriso irônico e as advertências dos meus amigos de Bombaim! Pela primeira vez avalio a imensa dificuldade de minha tarefa. Encontram-se aqui piedosos e santos personagens, tanto quanto se queira; são eles bem numerosos e de uma variedade infinita, mas se vale a pena que se lhes dê maior atenção, isso já é uma opinião toda individual. Quando passamos diante dos templos cujo interior severo parece estar cheio de promessas, entramos; com respeito sagrado avançamos até o átrio, damos um rápido olhar ao santuário e vemos o quê? — Ingênuos devotos que oram, sacudindo campainhas para terem maior certeza de que suas preces não escaparão aos ouvidos das divindades da sua escolha! Essa é a verdade.

Fiquei satisfeito ao chegar a Madras, cujo aspecto colorido deslumbra e fascina. Ao invés de instalar-me no bairro europeu, escolhi um pitoresco subúrbio a duas milhas distante da cidade,

para poder estar em contato mais direto com o elemento indígena do país. Fixo-me na rua dos Brâmanes, avenida em cuja espessa camada de pó afundam-se meus sapatos. A rua é de terra batida, não há nela o menor vestígio de revestimento, que é o orgulho de nosso século; as casas são pintadas a cal, com as varandas abertas e portões gradeados. No interior da minha morada há uma galeria coberta de telhas, que contorna o pátio onde fica um velho poço que abastece a casa.

Há duas ou três dessas ruas, e depois uma luxuriante paisagem tropical se desdobra para o gozo do olhar extasiado. Perto dali corre, suavemente, o rio Adyar, e ao largo das suas margens há algumas palmeiras que encantam minha imaginação. Sempre que tiver um momento livre, hei de parar sob a sombra delas ou repousar à margem do rio de águas claras e serenas. Adyar tem sua foz em Madras, onde forma o limite ao sul, antes de desembocar nas águas espumosas do Golfo de Coromandel.

Por uma cálida manhã, lembro-me, passeava ao longo desse rio encantador, acompanhado de um Brâmane, cujo conhecimento tinha feito pouco antes, e ao qual acabei confiando o objeto das minhas buscas. De repente, ele, agarrando meu braço, exclama:

— Olhe! — Veja o jovem que vem ali, em nossa direção; é um Yogue. Ele poderia interessar o senhor, mas lamentavelmente não há meios de fazê-lo falar.

— Mas por que não?

— Não conheço homem mais reservado; apenas sei onde ele mora.

O hindu está a alguns passos de nós, com um corpo de atleta, aparentando ter trinta e cinco anos, sua estatura é acima da mediana. O que me impressiona mais é o seu rosto, que revela os traços característicos da raça negra: a pele muito escura, o nariz achatado, os lábios grossos, constituição musculosa. Nada tem de ariano. Os cabelos são bem tratados, presos no alto da cabeça; um par de brincos, de forma extravagante e tamanho incomum, guarnece-lhes as orelhas; um xale branco caindo sobre o ombro esquerdo, cobre-lhe o busto. As pernas e pés estão nus.

Ele cruza conosco a passos lentos e parece nem reparar em nós; traz os olhos baixos e as pálpebras caídas, como que procurando alguma coisa na rua poeirenta. Tem-se nitidamente a impressão de que por trás desses olhos brilha uma inteligência, e parece estar absorvido em pensamentos profundos. Gostaria de saber qual seria o motivo dessa meditação ambulatória...

Súbito, um desejo de romper as barreiras que me separam desse homem se apodera de mim.

Ele passa, sereno, à nossa frente.

— Eu quero falar com ele — digo ao meu companheiro — voltemos.

O senhor vai perder seu tempo — respondeu-me o Brâmane, procurando convencer-me.

— Este homem é tão pouco sociável que nós não sabemos quase nada a seu respeito; mantém-se sempre à distância, mesmo com seus vizinhos; acredite-me, é melhor deixá-lo em paz.

Mas eu já tinha voltado, forçando meu companheiro a seguir-me; alcançamos as pegadas do homem que continua andando, sem parecer notar nossa presença, e logo o ultrapassamos um pouco.

— Pergunta-lhe, por favor, se posso falar-lhe — peço a meu amigo que vacila, sacode a cabeça e responde com a voz frouxa:

— Eu não me atrevo...

A oportunidade, prestes a se escapar, impele a minha audácia. Não tenho outra alternativa; ponho de lado as convenções, volto-me resolutamente e barro o caminho ao Yogue, parando diante dele digo uma curta frase com meu ligeiro conhecimento de hindustani. O homem levanta as pálpebras, sua boca esboça um sorriso, mas sacode a cabeça em sinal de negação.

Naquela época eu conhecia apenas uma ou duas palavras de tâmil, o dialeto de Madras, mas o Yogue, na certa conhecia ainda menos o inglês. Poucas pessoas falam hindustani no Sul da Índia, mas eu então não sabia disso.

Felizmente meu Brâmane percebe que já é tempo de vir em meu socorro e, com sua voz hesitante, diz algumas palavras de desculpas. O Yogue não responde; seu rosto se endurece, o olhar fica frio e distante. O Brâmane olha-me bastante confuso... o silêncio torna-se penoso. Como sair disso?

Embaraçado, reconheço que não é uma tarefa fácil decidir um Yogue a desatar a língua. Evidentemente, eles não apreciam ser entrevistados e, ainda menos, abrirem-se a um estranho, curioso por saber algo das suas experiências íntimas; desagrada-lhes, sobretudo, verem-se obrigados a romper o silêncio em favor de um inglês, isto é, de um indivíduo de que se ouve falar que, sob o capacete colonial, não alimenta simpatia nem compreensão pelas sutilezas da Yoga. Todavia, esta impressão dá logo lugar a outra. Sinto, nitidamente, ser objeto de uma penetrante inspeção da parte do Yogue; tenho certeza de que, por trás dessa máscara de indiferença, ele está penetrando no meu pensamento mais secreto. Será que me engano? Mas não posso me livrar desta chocante impressão: sou uma cobaia humana sob um microscópio!

O Brâmane, impaciente e nervoso, cotuca-me como para dizer que é preferível irmos embora. Ele me irrita; mais um minuto e serei obrigado a ceder e retirar-me, com o sentimento de derrota.

Aquele momento foi decisivo! O Yogue faz um gesto, mostrando com o dedo uma grande palmeira ali perto de nós, fazendo-nos sinal para sentarmos à sua sombra; ele mesmo senta cruzando as pernas, por último, trocando algumas palavras, em tâmil, com o Brâmane. Ouço a ressonância toda particular de sua voz musical.

— O Yogue está disposto a falar-lhe — traduz meu companheiro — ele diz que durante vários anos percorre essa parte pouco freqüentada do rio e conhece bem a região. Começo por perguntar o nome do nosso novo companheiro e ouço uma tal ladainha de apelidos que logo o crismo à minha maneira. Seu nome à Brama-sugananda, mas tem ainda quatro outros, tão complicados que parece mais cômodo chamá-lo, simplesmente, Brama. Pois se eu fosse chamá-lo pelos seus cinco nomes, ocuparia uma linha inteira da página! Uma tal abundância de patronímicos espanta-me, mas impõe respeito (1). Assim, para facilitar a leitura nós o chamaremos — Brama.

— Diga-lhe, peço ao Brâmane, que sou interessado em Yoga e gostaria de saber alguma coisa sobre essa doutrina.

O Yogue faz sinal de consentimento, e retruca sorrindo:

— Sim, isso se percebe claramente. O Sahib quer me fazer perguntas? Posso responder-lhe.

— De que categoria de Y oga o senhor é adepto?

— O sistema que adotei é chamado *Controle do Corpo*; é o mais difícil das Yogas. O corpo, e em particular a função respiratória, devem ser domados e treinados como os cavalos. Obtido tal resultado, o domínio sobre os nervos e o cérebro torna-se, em seguida, absoluto.

— E quais são os benefícios que o senhor obtém desse controle? Pergunto.

— Alcançar uma perfeita saúde, dominar os sentidos, impedir a decadência do corpo e conservar a mocidade até idade avançada são alguns dos benefícios, responde Brama com o olhar perdido no espaço. Um Yogue, pelo sábio treinamento do corpo, consegue dominá-lo dando-lhe resistência de ferro. Os mestres são

(1) A língua tâmil, idioma do sudeste da Índia, possui as mesmas particularidades que o alemão pela formação das palavras compostas. Ao passar pela estação ferroviária, pode-se notar o nome: KULASEKPA-RAPATNAM. Pouco o leitor de outros exemplos do mesmo gênero.



UPASANI MAHARAJ

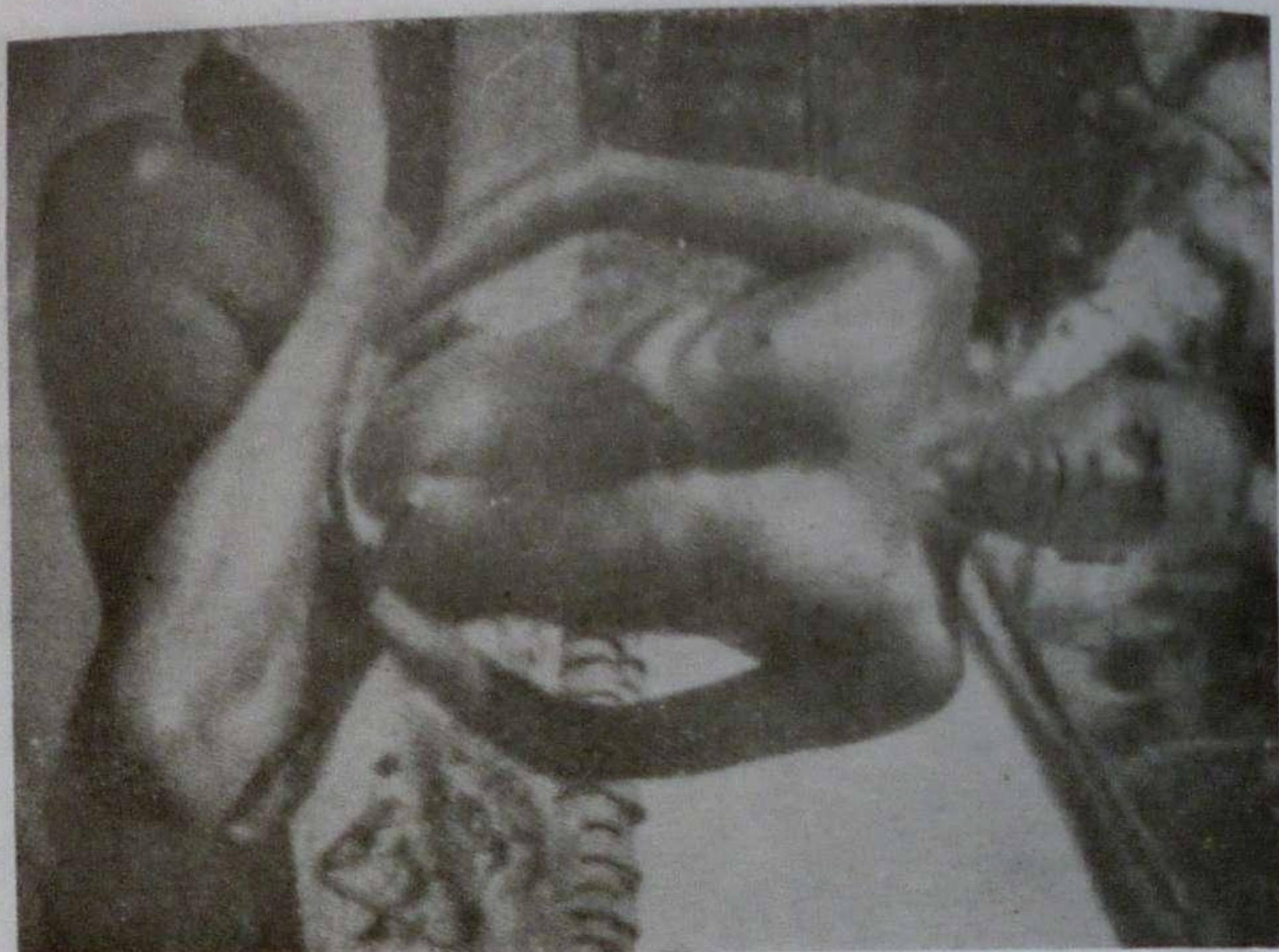
Desde o momento em que Meher se achou frente a frente com Upasani Maharaj, compreendeu haver encontrado seu mestre e seu caminho.



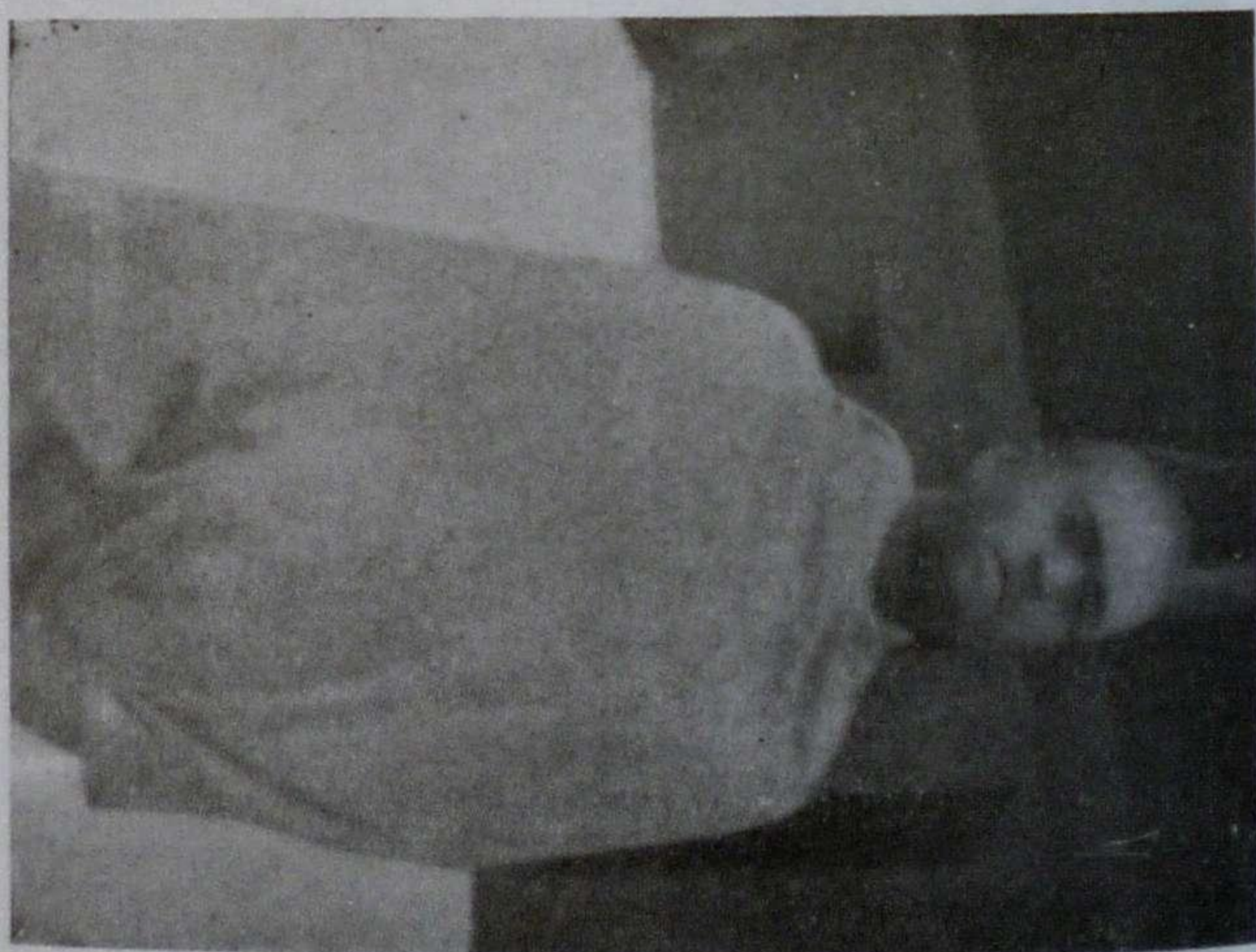
HAZRAT BABAJAN, A MULHER FAQUIR

Será possível que esse corpo esquelético, essa forma ressequida, seja suporte de uma autêntica alma de faquir, dotada de poderes maravilhosos?

BRAMA SENTADO NA
POSIÇÃO FAVORITA DA YOGA
"Se um yogue se coloca nesta postura
e depois pratica certo exercício de
respiração, rejuvenecer-se-á".



O ANACORETA DO RIO ADYAR
Tem-se nitidamente a impressão de que
por trás desses olhos brilha uma inteligência,
e parece estar absorvido em pensamentos
profundos.



insensíveis à dor; conheci um deles que se submeteu a uma intervenção cirúrgica sem anestesia — sofreu sem gemer! outros podem agüentar o frio, por mais intenso que seja, e não sentem mal nenhum, mesmo que estejam despidos.

Apanho meu caderno de notas, pois a conversa começa a tornar-se interessante; minha estenografia faz sorrir Brama, sem, todavia, provocar nenhum comentário.

— Poderia o senhor estender-se um pouco mais sobre esse sistema? peço ao Yogue.

— Pois não. Meu mestre, quando morava nas montanhas do Himalaia, cobertas de neves eternas, estava apenas agasalhado por um burel, e ficava sentado horas, em lugar onde a água instantaneamente gelava, sem sentir incômodo nenhum. Tal é o poder da nossa doutrina.

— E o senhor é seu discípulo?

— Sim, mas ainda não alcancei o grau máximo, embora me esforce diariamente com toda a perseverança, há doze anos, praticando nossos exercícios.

— Mas, o senhor, com certeza, alcançou alguns desses poderes extraordinários?

Brama faz sinal que sim, mas conserva-se em silêncio.

O estranho jovem intriga-me cada vez mais. Hesito em prosseguir e, timidamente, pergunto:

— É permitido saber como o senhor tornou-se Yogue?

Não obtenho resposta. Há um silêncio constrangedor entre nós, acorados sob a palmeira. Ouço o grasnar dos corvos aninhados nos coqueiros, à margem oposta do rio, misturado aos gritos estridentes dos macacos, que exploram as copas das árvores. Um suave marulho levanta-se das ondas tranquilas do Adyar.

— Com muito prazer, diz Brama, repentinamente, rompendo o silêncio.

Ele compreendeu, suponho, que minhas perguntas tinham um motivo mais sério do que a mera curiosidade, puramente acadêmica. Escondendo as mãos sob o xale, torna a fixar os olhos em não sei que objeto do outro lado do rio, e começa assim:

— Eu era criança pacata e solitária, não encontrando nenhum prazer nos folguedos dos meus companheiros, fugindo até da companhia deles, preferindo passear sozinho pelos bosques ou sentar-me na relva dos campos. Bem pouca gente sabe o que se passa na alma fechada de uma criança; vivia afastado e não me sentia feliz. Aos doze anos ouvi, por acaso, uma conversa entre adultos que falavam sobre a doutrina Yoga; pela primeira vez ouvia essa pala-

vra, mas o que eu compreendi foi o suficiente para provocar o desejo de querer saber mais. Comecei a indagar de várias pessoas e consegui, finalmente, encontrar livros que revelaram tanta coisa fascinante sobre a doutrina que, como um cavalo galopante no deserto aspira à fonte fresca do oásis, assim meu espírito impaciente tinha sede de conhecimento. Chegara, porém, a um ponto em que me parecia impossível, sozinho como estava, ir mais além, e um dia, ao abrir por acaso um dos meus livros li esta frase: "para fazer progresso no caminho da Yoga, precisa o discípulo ser chamado pelo mestre". Essas palavras me transtornaram. Um mestre! Compreendi que, para encontrá-lo, não havia outra solução senão deixar a casa e viajar. Naturalmente não pude contar com a autorização dos meus pais, e não sabendo de pronto como agir, pus-me a fazer, em segredo, alguns dos exercícios respiratórios sobre os quais havia adquirido alguma noção. Essas práticas, em vez de me fazerem bem, fizeram-me mal. Não me dava conta de que elas poderiam ser prejudiciais, se praticadas sem a vigilância de um monitor experimentado, e minha impaciência era de tal ordem que não queria perder tempo em esperar. No fim de alguns anos, as conseqüências se manifestaram por um rompimento no ápice do crânio, como se o mal tivesse se localizado na parte de menor resistência. Minhas forças esmoreciam, o sangue escorria da ferida, senti meu corpo resfriar-se, pensei que estivesse morrendo. Duas ou três horas depois, tive uma estranha visão — flutuava ante meus olhos o rosto de um Yogue venerável que me dizia: "Você está vendo em que perigoso estado puseram-no essas práticas proibidas aos profanos? Que isso lhe sirva de lição!" A visão desapareceu e, coisa curiosa, no mesmo instante senti-me melhor e aos poucos voltei a mim, para depois recuperar logo a saúde abalada. Pode-se, ainda hoje, ver a cicatriz que aqui ficou.

Brama abaixa a cabeça e mostra-nos, de fato, um pequeno sinal perfeitamente visível, no couro cabeludo.

— Após esta infeliz experiência, desisti dos exercícios respiratórios, esperando pacientemente que os laços familiares se relaxassem com o correr do tempo. No momento em que me senti mais livre, deixei a casa e pus-me em busca do mestre. Sabia que a melhor maneira de pôr à prova aquele que se escolhe, é viver com ele algum tempo. Encontrei vários instrutores e comecei por dividir meu tempo, passando parte com eles e parte em casa, à qual sempre voltava, desapontado, pois todos eles, apesar de estarem à testa de mosteiros ou instituições religiosas, não conseguiram satisfazer-me. De filosofia, sim, aprendi o quanto quis, mas sobre suas experiências íntimas, nada. A maioria não fazia outra coisa senão repetir o que estava escrito nos livros, mas para guiar-me

nas práticas espirituais, mostravam-se totalmente incapazes. Ora! eu estava farto de teorias; eram as práticas da Yoga que buscava! Cheguei a conhecer uns dez desses instrutores, mas nenhum me parecia digno do nome de mestre. Não desesperei; meu ardor juvenil entusiasmava-me cada vez mais e essas decepções sucessivas aumentavam minha ânsia.

Cheguei à maioridade. Resolvi então deixar para sempre a casa de meus pais e renunciar à vida mundana, para ir em busca do mestre, custasse o que custasse! Parti. Já era a décima primeira viagem, ou peregrinação, como vocês preferiram. Sempre andando, andando, até que um belo dia cheguei a uma grande aldeia do distrito de Tanjore. Desci à margem do rio, para fazer minhas abluções matinais, e depois fiquei vagando sem destino, ao longo da ribanceira. Subitamente surgiu à minha vista um pequeno edifício de pedras vermelhas, assemelhando-se a um templo em miniatura. Lancei um olhar ao interior, por mera curiosidade, e parei surpreso, vendo um homem seminu, rodeado de pessoas. Trajava uma espécie de cinta ou tanga, e todos o olhavam com expressão de profundo respeito. Algo de misterioso, de venerável, emanava de sua face. Fiquei parado à porta, mudo de admiração, como que fascinado. Logo tinha a certeza de que os assistentes recebiam um ensinamento de grande valor e tive a intuição clara de que esse homem não era um pedante recheado de teorias, mas desta vez era um Yogue verdadeiro, um autêntico mestre! Por que tive eu essa impressão não lhes sei dizer.

Bruscamente o Yogue voltou o rosto para a porta, nossos olhares se encontraram e eu, obedecendo a um irresistível impulso, entrei no interior do templo, andando em direção dele. O Yogue cumprimentou-me afetuosamente, convidou-me a sentar e disse:

— Afinal, você chegou! Há seis meses que uma instrução me foi transmitida para recebê-lo como discípulo.

Exatamente seis meses se tinham passado desde que deixara a casa. Assim encontrei meu mestre. Em seguida acompanhei-o por toda parte, algumas vezes à cidade, outras às profundezas da mata ou selva agreste e, a partir desse momento, comecei a fazer rápidos progressos no caminho da Yoga. Em breve havia razão de sobra para considerar-me satisfeito, pois meu mestre era um Yogue de alta experiência, embora adotasse o método chamado *Controle do Corpo*.

Existem de fato vários sistemas de Yoga, diferenciando-se entre si por suas doutrinas e práticas, porém o sistema que me foi transmitido é o único que, em primeiro lugar, tende a controlar o corpo e, em seguida, a mente. O controle da respiração faz parte do seu

ensinamento; uma vez jejei quarenta dias, preparando-me para ser digno de receber um dos poderes da Yoga.

Assim imaginem a minha estupefação quando, um dia, meu mestre mandou chamar-me e disse:

— A vida da renúncia total ao mundo ainda não é para você. Volte para os seus e retome as atividades normais; você se casará e terá um filho. Quando atingir trinta e nove anos, certos sinais lhe serão dados pelos quais você terá liberdade de ação e, se quiser retirar-se então, novamente, do mundo, voltará à selva e praticará a meditação, até chegar ao ideal que se propõe todo verdadeiro Yogue. Poderá então voltar a mim, eu o esperarei:

Obedeci e voltei à minha cidade natal. Casei-me com uma moça fiel e devotada que me deu um filho, exatamente como meu mestre me havia predito, mas minha esposa morreu. Pouco tempo depois meus pais faleceram; então compreendi, e deixei mais uma vez minha cidade para vir para cá, onde moro na casa de uma viúva idosa, conterrânea minha, que me conhece desde o berço; ela toma conta da casa e, como a idade fê-la discreta, deixa-me viver em paz a existência reservada que nossa regra nos impõe.

Brama cala-se. Tão impressionado fico, que não me atrevo a formular novas perguntas. Depois de um curto silêncio, o Yogue se levanta e começa a andar a passos lentos na direção de sua morada. O Brâmane e eu seguimo-lo.

Passamos duas ou três horas em agradável passeio através de lindos bosques de altas palmeiras, ao longo das margens do Adyar, o rio brilhando ao sol. Os pescadores chafurdam na água, pois eles não pescam com barcos, nem na beira do rio, mas entram até à cintura na água, à moda tradicional do país. Afinal, avistamos as primeiras moradias dos pescadores, pobres mas pitorescas. Para animar a paisagem, pássaros de brilhantes plumagens escrevem arabescos acima do rio; uma brisa leve e perfumada sopra do mar e nos acaricia o rosto.

Sinto-me triste por ter que deixar o passeio pelas margens, para tomar a poeirenta estrada na primeira encruzilhada do caminho. Ao nosso lado passa uma vara de porcos conduzida por uma mulher humilde de cabelos grisalhos, que distribui golpes com um pedaço de bambu nos animais que se afastam do grupo.

Brama se volta para despedir-se. Expresso-lhe meu desejo e minha esperança de revê-lo. Ele consente. Estimulado, pergunto-lhe se pode dar-me a honra de sua visita, e para grande surpresa do meu companheiro, o Yogue agradece e promete visitar-me nessa mesma noite.

*
* *
*

À tardinha espero a chegada do Brama com a impaciência que bem se pode adivinhar. As perguntas que tenciono fazer-lhe acumulam-se-me no cérebro, porque o pouco que ele me havia dito de sua vida deixara-me perplexo e excitara a minha curiosidade.

Quando o criado vem avisar-me de uma visita, desço rapidamente os quatro degraus de minha varanda e levanto as mãos, juntando as palmas, em sinal de cumprimento. Conheço o simbolismo oculto nesse gesto, que diz: "Minha alma e a tua são uma só". O ocidental, o acharia esquisito, ainda que seja um simples substituto do nosso aperto de mãos; no entanto, agrada ao hindu, principalmente quando vem de um europeu. Com essa saudação procuro expressar minhas boas intenções, esforçando-me sempre em respeitar os costumes do país, todas as vezes que tenho conhecimento deles. Não pela idéia de tornar-me *nativo*, mas por cortesia, sabendo que se precisa tratar o próximo como se quer ser tratado.

Brama, segue-me; entramos na sala, e ele imediatamente se acocora no chão, com as pernas cruzadas.

— O senhor não prefere o divã? pergunto, seria mais cômodo. Não, ele prefere sentar-se nos ladrilhos (não se conhecem assoalhos na Índia).

Para agradar Brama, ofereço-lhe uma pequena refeição, que ele aceita e toma em silêncio. Ao terminar, sinto-me na obrigação de falar-lhe um pouco de mim, nem que seja para justificar minha brusca intromissão na sua vida, e conto-lhe resumidamente o estranho entrechoque de imprevistas coincidências que me levaram à Índia. Quando acabo de falar, Brama, até então reservado, levanta-se, põe-se diante de mim e coloca, amistosamente, a mão no meu ombro.

— Como me alegra ouvir que há realmente homens como o senhor, no Ocidente; o senhor não perdeu seu tempo e vai aprender muito. Este é um dia feliz para mim, porque o destino aproximou nossos passos; pergunte-me o que quiser; terei a máxima satisfação em responder-lhe, na medida do possível, até onde meu juramento permita.

Que palavras de bom presságio! Pergunto-lhe então sobre a natureza, a história e a finalidade exata da sua Yoga. Ele começa:

— Quem poderá dizer de que remoto passado, nos vem este sistema chamado *Controle do Corpo*, o objeto dos meus estudos? Os textos sagrados dizem que foi revelado pelo deus Siva ao sábio Gheranda; o sábio Marteyanda colheu a doutrina dos lábios de Gheranda e por sua vez ensinou-a aos discípulos que a transmitiram, inalterada, através de milênios, até nós. Quantos foram os milênios

não o sabemos, nem há o menor interesse em sabê-lo. Naqueles tempos imemoráveis, a Humanidade já era de tal maneira decaída, que os deuses precisavam dar um meio de salvação espiritual através de uma técnica que se referisse exclusivamente ao corpo. Esta Yoga não era compreendida senão por poucos adeptos que se haviam aprofundado na doutrina; o vulgo possui hoje, a seu respeito, idéias completamente errôneas. Como, lamentavelmente, esses adeptos tornam-se cada vez mais raros, as mais estúpidas e distorcidas práticas são atribuídas, ao nosso sistema, sem o menor desmentido. Vá a Benares, e o senhor verá um homem que passa dias sentado e noites deitado sobre um leito crivado de pregos, ou um outro com o braço levantado, já meio atrofiado pela posição, e as unhas crescidas de várias polegadas. Dirão ao senhor que esses homens praticam a Yoga; entretanto, isso não é a verdade, pois tais homens somente a desonram! O nosso objetivo não é torturar o corpo, só com o fim de pasmar o público. Esses ascetas são pobres diabos que ouviram falar alguma coisa de nossos métodos e, nada sabendo da doutrina, nem da finalidade da Yoga, deformam as práticas e usam-nas contra a natureza e o bom senso. No entanto, gozam de veneração da multidão simplória que lhes distribui alimentos e dinheiro.

— Serão eles tão culpados, se os verdadeiros Yogues são muito raros hoje e mostram-se tão avaros de seus segredos? Não é natural que tais equívocos se tornem inevitáveis?

Brama dá de ombros e um leve sorriso de compaixão lhe passa pelos lábios.

Julga o senhor que um Rajá colocaria suas jóias na estrada para uma exibição pública? Não, ele as conserva escondidas na câmara do tesouro, no fundo do seu palácio. Ora! qual é o tesouro que possa valer nossa ciência? Vamos então expor deliberadamente no mercado as jóias mais preciosas que temos? Aquele que aspira possuí-las, que se dê também ao trabalho de buscá-las. É o único caminho, mas é o certo. Nossos textos sagrados não se cansam de repetir que se guarde segredo, e nossos mestres revelam os mais importantes ensinamentos somente aos discípulos comprovados, que conviveram com eles por muitos anos. Nossa doutrina é a mais secreta, precisamente porque é cheia de perigos, não somente para os discípulos, mas também para os profanos. Avalie então se, nessas condições, estou autorizado a revelar-lhe algo mais do que os rudimentos da doutrina, e mesmo esses com extrema prudência?

— Começo a perceber...

— No entanto — continuou Brama — há um lado de nossa filosofia de que poderia falar-lhe mais abertamente; trata-se do método pelo qual fortalecemos a vontade e enrijecemos o corpo

dos neófitos, de maneira a torná-los capazes de iniciar as práticas mais difíceis da verdadeira Yoga.

— Oh! Isso interessaria ao Ocidente!

— Temos vinte exercícios corporais — continua Brama — que têm a finalidade de fortalecer diferentes partes do corpo e dos órgãos, como também a de curar ou antecipar a cura de certas doenças. Uns consistem em posições que fazem pressão sobre certos centros nervosos que afetam, por sua vez, certos órgãos cujo funcionamento é defeituoso, ajudando, assim, a restabelecer o corpo afetado.

— Usam vocês também remédios? pergunto.

— Recorremos, ocasionalmente, a certas ervas colhidas na lua crescente, mas temos quatro exercícios para o primeiro trabalho de corpo em perfeita saúde. Em primeiro lugar aprendemos, em quatro movimentos, a arte do repouso para acalmar os nervos; em segundo, aprendemos a arte de ficar sentado, em exercício que apenas copia as posições naturais que o animal toma em repouso; em terceiro lugar, purificamos o corpo por métodos que parecerão a vocês ocidentais, esquisitos, sem dúvida, mas cujos efeitos são excelentes. E, por fim, praticamos a arte de respirar para obter o controle da respiração.

— Poderia o senhor ensinar-me alguns desses exercícios? pergunto com interesse.

— Não há nenhum segredo neste que lhe vou mostrar, responde Brama, sorrindo.

— Começamos, então, pela posição de repouso; neste ponto temos muito que aprender do gato. Um dia o mestre trouxe um gato e fez-nos observar a graça e a perfeição do repouso neste felino especialmente quando a sesta do meio-dia convida ao sono, ou quando ele fica em expectativa diante dos movimentos de um rato. Nessas ocasiões o gato oferece um perfeito exemplo de repouso e absorção total colhendo e armazenando toda e qualquer parcela de energia. O senhor pensa que sabe descansar, mas garanto-lhe: o senhor não o sabe. Quando sentado na cadeira, fica o senhor balançando-se de um lado para o outro, mexendo as pernas, com um corpo continuamente em movimento; o senhor tem aparência de repouso, mas seu espírito está ativo, com um pensamento a puxar outro, no seu cérebro que não descansa. O senhor pode chamar a isso repouso? Ou será apenas uma forma de atividade atenuada?

— Confesso que nunca me havia ocorrido essa idéia.

— Os animais sabem descansar, todavia poucas pessoas possuem essa arte. E isso acontece porque o animal é guiado pelo instinto, que é a voz da natureza, enquanto que o homem é levado pela inteligência. Por haver perdido o controle do seu cérebro, de

seus nervos e do seu corpo, o homem não sabe mais repousar realmente.

— Mas como se pode remediar, então?

— Em primeiro lugar é necessário aprender, ou reaprender, a sentar-se à maneira oriental, porque as cadeiras podem ser muito boas no Ocidente, porém o senhor não deve usá-las mais, no período preparatório da Yoga. A nossa maneira de sentar proporciona o verdadeiro descanso. Depois do trabalho ou marcha prolongada restabelece a calma no corpo inteiro. O meio mais fácil de aprender é colocar um pequeno tapete ou esteira no chão do seu quarto e sentar-se o mais comodamente possível, apoiando as costas contra a parede; ou colocar a esteira no meio do quarto, apoiando-se contra um divã ou uma poltrona qualquer. Isto feito, dobre as pernas, os joelhos lhe servem de apoio; cruze os pés; evite todo o esforço e afrouxe os músculos. Eis aí o seu primeiro exercício. Fique sentado nessa posição, dando ao corpo um relaxamento total, diminua a respiração, afaste de sua mente toda preocupação material e concentre-se sobre um objeto agradável, como, por exemplo, uma bonita paisagem ou uma flor.

Imediatamente deixo a cadeira e sento no chão, em frente a Brama, na posição descrita, que não é outra senão a dos alfaiates dos tempos passados, em nosso país.

— Bem; executou-a sem dificuldade — observa Brama — mas muitos ocidentais a achariam incômoda por falta de hábito. Todavia, há uma falha na sua execução: o senhor deve endireitar sua coluna vertebral, ela está curva. Agora vou-lhe mostrar um outro exercício.

Brama levanta os joelhos à altura do queixo, conservando os pés cruzados, mas afastados do tronco, fechando as mãos sobre os joelhos.

— Esta posição é muito repousante, depois de se ter ficado longo tempo de pé. Descarregue o mais possível o peso do corpo na parte posterior. Pratique esse exercício durante alguns minutos toda vez que se sentir cansado; ele proporciona uma ação calmante a importantes centros nervosos.

— Realmente os acho muito simples.

— Para praticar a arte do repouso, evita-se precisamente tudo o que é complicado, pois os exercícios mais fáceis são os que dão os melhores resultados. Agora deite-se de costas, as pernas esticadas, os pés voltados para os lados, as mãos abertas ao lado do corpo; relaxe todos os músculos, feche os olhos, descarregue todo o peso no chão. Este exercício não deve ser feito na cama, onde a coluna vertebral nunca pode ficar completamente reta. Coloque uma esteira

nos ladrilhos e deite-se sobre ela; nessa posição as forças benéficas da natureza vão concorrer para seu repouso. Com a prática, o senhor conseguirá ficar em qualquer dessas posições uma hora, ou mais, se assim lhe aprouver; elas o livrarão da tensão muscular causada pela fadiga, acalmando-lhe os nervos. O repouso dos músculos é essencial e antecipador do repouso da mente.

— Em suma, seus exercícios consistem em sentar-se quieto, de uma forma ou de outra!

— E pensa o senhor que isso não tem valor? Vocês ocidentais vivem em constante atividade, mas isso implica em desprezar o repouso? O descanso dos nervos, então, nada significa? O repouso é a base da doutrina da Yoga, mas se nós precisamos dele, o seu agitado mundo ocidental tem muito mais necessidade ainda do que nós.

— Neste ponto não estou longe de dar razão a Brama.

— Esses ensinamentos são suficientes por hoje. Tenho que ir-me embora.

Agradeço ao ermitão e peço-lhe que continue as aulas.

— O senhor me encontrará amanhã de manhã, à margem do rio.

Pondo seu xale nos ombros, ele junta as palmas das mãos em sinal de despedida e afasta-se, rapidamente, deixando-me perplexo pela interessante entrevista, tão bruscamente interrompida.

*
* *
*

Voltei a encontrar o Yogue em várias ocasiões. Como ele já me autorizara, interrompo-o com prazer nas suas perambulações matinais, mas fico mais entusiasmado quando o convenço a passar as noites em casa, pois essas horas são extremamente proveitosas, tanto para mim quanto para o progresso da minha investigação, visto que o Yogue externa suas confidências com maior prodigalidade sob a suave luz do luar do que nas horas ardentes de sol.

Um dia faço-lhe uma pergunta sobre um ponto que desde o início excitava minha curiosidade. Eu sei que a raça hindu tem pele escura, azeitonada, mas a pele do Brama é negra. Por quê? indago.

— É simples. Sou originário de um povo indígena, considerado autóctone da Índia. Há vários milênios, quando os invasores arianos subiram as montanhas, ao descer para a planície chocaram-se com os drávidas, forçando-os a recuar para o sul. Os drávidas formaram até hoje um povo à parte, exceto quanto à religião, que assimilaram dos seus conquistadores. O sol tórrido dos trópicos pigmentou-lhes a pele, o que faz crer, a certos etnologistas, que eles descendem de alguma tribo africana. Como na época longínqua em que eram os

donos absolutos do país, os drávidas usam ainda hoje os cabelos amarrados atrás da cabeça e falam dialetos dos quais o mais importante é o tâmil.

Brama está convencido de que os conquistadores da Índia adquiriram de sua raça, além de muitas outras coisas, o conhecimento da Yoga, porém os hindus cultos, aos quais indaguei sobre o assunto, acharam tais informações absurdas. Deixo então aos outros o trabalho de estudarem o problema.

Como não tenho intenção de escrever uma tese sobre a cultura física dos Yogues, restrinjo-me apenas a falar aqui de alguns exercícios que parecem ocupar uma parte considerável da doutrina da Yoga. As vinte posições que me demonstrou Brama à sombra das palmeiras, ou no ambiente mais prosaico da minha casa, necessitam de tais contorções que não podem deixar de parecer, para um ocidental comum, ridículas ou impossíveis, ou ambas as coisas, às vezes.

Uns exercícios consistem em balançar-se sobre os joelhos com a planta dos pés virada para cima, ou balançar o corpo nas extremidades dos dedos. Outros, em levar os braços para trás das costas, abraçar o corpo, e voltar as mãos para frente; ou entrelaçar todos os membros numa espécie de nó complicado. Há ainda uma outra, em que se põem as pernas em torno do pescoço e sobre os ombros, parecendo verdadeiras acrobacias. No quinto grupo de exercícios, tem-se que voltar o tronco para trás, para em seguida tomar as atitudes mais extravagantes e impossíveis de ser executadas por homem comum. Ao ver Brama fazer essas poses, começo a ter uma vaga noção das dificuldades da Yoga.

— Existem muitas dessas posições? pergunto, curioso.

— Oitenta e quatro — responde Brama, mas eu conheço apenas sessenta e quatro das práticas chamadas *Controle do Corpo*. Ao falar, ele toma uma das posturas descritas, tão facilmente quanto eu ao sentar-me numa poltrona, posição, aliás, que é uma das suas favoritas. Não a acho difícil, mas que é pouco confortável é certo! A perna esquerda fica dobrada até tocar a virilha com o calcanhar, e o pé direito, que é posto em baixo do corpo, sustenta a maior parte do seu peso.

— Qual é a utilidade dessa postura? pergunto novamente.

— Acompanhada de certos exercícios respiratórios, fará o Yogue rejuvenescer-se.

— E os exercícios respiratórios?

— Isso não me é permitido revelar.

— Mas, enfim, qual é a utilidade de tudo isso?

O simples fato de ficar sentado ou em pé, durante um tempo determinado, em certas posturas, pode parecer de ínfima importân-

cia: no entanto, a concentração da vontade exigida pelo exercício, quando bem executado, desperta em nós as forças latentes, forças essas que fazem parte dos segredos da natureza. Elas serão totalmente desenvolvidas, quando acrescidas dos exercícios respiratórios, pois a respiração possui valores específicos inestimáveis. Despertar essas forças é a verdadeira finalidade das práticas. Temos também uns vinte exercícios, especialmente destinados a prevenir e a curar certas doenças, ou ainda a livrar o corpo de suas toxinas. Não é já alguma coisa? Outras posições têm por objetivo ajudar-nos a dominar nossos próprios sentidos, a mente e a alma, pois é um fato sabido e comprovado que o corpo influencia os pensamentos, tanto quanto o pensamento age sobre o corpo. Em graus mais adiantados da Yoga, quando se mergulha, durante horas, em êxtase místico, essas posições ajudam o aspirante e impedem a invasão de pensamentos alheios, fortificando-o no seu afã espiritual. Acrescente-se a tudo isso o tremendo desenvolvimento da força de vontade, que esses exercícios proporcionam a quem os pratica com perseverança, e o senhor começará a compreender a virtude de nossos métodos.

— Mas por que todas essas contorções?

— O senhor deve saber que os centros nervosos estão distribuídos por todo nosso corpo, e cada posição afeta diretamente um centro nervoso particular. Pelo influxo nervoso podemos influenciar o funcionamento dos órgãos internos, bem como a evolução dos nossos pensamentos. Esses movimentos de torções permitem-nos ativar certos centros que não podem ser atingidos de outra maneira.

A luz começa a brotar na minha mente, a respeito dos princípios dessa estranha cultura física da Yoga. Seria interessante confrontá-la com o nosso sistema ocidental.

— Não conheço os vossos métodos ocidentais, responde Brama, mas pelo que vi em Madras, quando os soldados brancos treinavam, creio ter compreendido a finalidade dos seus monitores. Parece-me que eles visavam, antes de tudo, fortalecer os músculos porque, suponho, é à atividade e ao trabalho físico que vocês dão maior importância. E por isso preocupam-se, sobretudo, com os movimentos do corpo, gastando assim grande parte de energia, esperando obter em troca maior eficiência em todos os setores de trabalho. Não duvido da excelência de tais métodos, cuja finalidade só é útil em vossos países setentrionais.

— Qual é a maior diferença que o senhor notou?

— Nossos exercícios, em realidade, são apenas as poses e não exigem nenhum movimento, uma vez a pose tomada. Ao invés de procurar um suplemento de energia, preocupamo-nos mais com a faculdade de resistência. Qual é a utilidade de desenvolver os mús-

culos? Importa menos, ao nosso ver, do que a força que os move. Assim, quando lhe digo para sustentar o peso do corpo sobre os ombros, de uma certa maneira, o senhor está dirigindo o fluxo do sangue ao cérebro, limpando-o e acalmando os nervos; resultado dessa prática manifesta-se na cura de certas debilidades orgânicas. No Ocidente, se tiver vontade, poderá o senhor repetir o exercício várias vezes, às pressas. Chegará talvez a fortalecer os músculos que participam dessa ginástica, mas o senhor não obterá o mesmo benefício que o Yogue, porque este o executa da maneira como lhe é prescrita.

E como o executa o Yogue?

— Lentamente, pausadamente, aplicando na execução toda sua atenção, mantendo pacientemente a posição tomada, durante alguns minutos. Antes, olhe e repare como executo esta posição em que participa o "corpo todo"; aliás é assim que nós denominamos.

Brama deita-se de costas, as pernas juntas, as mãos ao longo do corpo, as palmas viradas para o chão. Levanta as pernas esticadas até formarem um ângulo de sessenta graus; em seguida, com os cotovelos apoiados no chão, levanta as costas com as mãos. Nessa posição, o corpo do Brama fica completamente no ar; o tronco e as coxas verticais, o peito tocando o queixo, as mãos servindo-lhe de apoio, seguram o tronco. Todo o peso do corpo repousa nos ombros e na nuca. Ficando cinco bons minutos nessa posição, o Yogue levanta e explica os benefícios oriundos dessa pose:

— Na posição normal, o sangue é levado para o cérebro pelo esforço do coração, que trabalha como uma bomba, enquanto que nesta postura, o sangue afluí para o cérebro só por efeito da gravidade. O benefício se manifesta pela influência calmante sobre o cérebro e os nervos; para os intelectuais, cientistas e estudantes, sua prática traz alívio imediato nos casos de esgotamento cerebral. E não é a sua única virtude, pois também fortalece os órgãos sexuais, mas é eficaz somente quando executado com precisão e não às pressas, como tudo o que vocês fazem no Ocidente.

— Pelo que pude compreender, o senhor quer dizer que as diversas posturas da Yoga, quando firmam o corpo do homem imóvel, proporcionam-lhe o estado de equilíbrio e de tranqüilidade, enquanto que nossos exercícios, pela sua violência, deixam-no ainda mais agitado?

— É exatamente — reafirma Brama.

Um dos exercícios que escolhi do seu repertório, talvez seja mais fácil de compreender. Nessa postura, o Yogue, sentado com as pernas esticadas, levanta os braços acima da cabeça curvando as primeiras falanges dos dedos formando um gancho, avança o tronco

para frente, faz expiração e agarra os dedos dos pés com os dedos, assim curvados; depois, lentamente inclina a cabeça até ficar entre os braços estendidos, com a testa tocando as coxas. Guarda essa curiosa posição alguns minutos, para voltar à atitude inicial.

É difícil obter êxito na primeira tentativa — objeta Brama — deve-se aproximar muito lentamente a cabeça dos joelhos. Talvez tenha que repetir o exercício várias semanas antes de sair-se bem, mas uma vez dominada a posição, o senhor poderá repeti-la durante anos. Saiba que esse exercício fortifica a coluna vertebral e, agindo sobre ela, alivia os distúrbios gástricos, nervosismo e tem efeito maravilhoso sobre a circulação sangüínea. No exercício seguinte, Brama, sempre sentado, dobra e cruza as pernas, com as plantas dos pés tocando as nádegas; deixa cair lentamente o tronco para trás, até que os ombros toquem o chão. Cruzando os braços, põe cada mão na escápula oposta, as mãos assim cruzadas. Essa postura, acho-a graciosa e Brama conserva-a algum tempo.

— Os centros nervosos do pescoço, dos braços e das pernas são favoravelmente afetados por essa posição, que também influi e beneficia o tórax — explica Brama.

O inglês comum, que possui uma errônea capacidade, aliás hereditária, para considerar o hindu como *MINUS HABENS*, como um produto enfermo, resultante do sol ardente dos trópicos e da subnutrição secular, teria uma grande surpresa se conhecesse na Índia a existência de um método de cultura física tão sabiamente elaborado, desde os tempos mais remotos.

Nossos métodos ocidentais já adquiriram, de fato, indiscutível valor prático, e isso ninguém poderá negar. Mas poderemos daí deduzir que nossos métodos sejam perfeitos? E a última palavra já foi pronunciada no campo da cultura física, da profilaxia e da terapêutica? Quem sabe se o Ocidente, aplicando seus métodos de investigação científica, não conseguiria tirar do ensino tradicional da Yoga, doutrina na aparência caduca, as noções capazes de enriquecer nossos conhecimentos do corpo humano, o método que nos faria dar um grande passo à frente, encaminhando-nos à vida sadia?

Não obstante, é preciso reconhecer que embora uma dúzia dessas posturas seja bastante fácil e valha a pena ser estudada e praticada, as outras setenta e tantas, cada uma mais difícil e mais extravagante do que a outra, só poderiam ser tentadas por alguns entusiastas ainda jovens e flexíveis.

Brama concorda.

— Durante doze anos, rigorosamente, cada dia pratiquei os exercícios e só assim consegui dominar a sessenta e quatro

asanas, como nós as chamamos, e que hoje pratico. E houve para mim uma boa oportunidade de começar jovem ainda, pois o homem maduro não poderá iniciar essa Yoga sem perigo. Com a idade, os músculos e ossos não podem ser movimentados sem dor; no entanto, com perseverança o homem maduro também pode obter resultados surpreendentes.

— Eu não duvido, porém não é menos certo que para tornar flexíveis as articulações e os músculos são necessários anos de prática contínua; os acrobatas chegam a um bom resultado treinando desde a infância. Torna-se evidente que os Yogues devem começar as práticas das *asanas* antes do fim do seu desenvolvimento físico ou, pelo menos, antes dos vinte e cinco anos. Mas duvido que um ocidental, chegado à idade adulta, possa começar essa ginástica sem o risco de quebrar os ossos.

Brama não é totalmente desta opinião; sustenta que um esforço contínuo, na maioria dos casos deve levar ao êxito, admitindo somente que, para um ocidental, a tarefa seja mais difícil. Acrescenta ainda:

— Nós, orientais, temos a vantagem de estar acostumados, desde a infância, à posição elementar de cruzar as pernas; o cruzamento das pernas constitui a base de diferentes posturas e nós a consideramos como particularmente benéfica. O senhor quer ver? Brama toma a mesma pose que vemos nas inumeráveis representações de Buda, e senta-se com o corpo perfeitamente reto, dobra primeiro a perna esquerda de maneira a colocar o pé esquerdo sobre a coxa direita e o pé da perna direita sobre a coxa esquerda, a planta dos pés fica virada para cima, mantendo o tronco e a cabeça eretos. Esta posição é equilibrada e bonita. Vale a pena experimentá-la!

Tento imitar Brama e... ai! A recompensa do meu esforço é uma dor violenta no tornozelo. Decididamente isso não me é possível! Tantas vezes admirei a graça desembaraçada dos Budas, nas vitrinas das lojas de antigüidade no meu país, e quando eu tento fazer a pose que parece tão natural, meu fracasso é completo!...

Brama anima-me com seu sorriso, mas prefiro adiar a experiência.

— Suas articulações já estão rígidas, esfregue-as com azeite. O hábito de sentar-se nas cadeiras deu a seus membros uma conformação da qual eles não podem livrar-se sem esforço. Alguns minutos de prática diária resolverão a dificuldade.

— Tenho minhas dúvidas se poderei fazê-lo um dia...

— Não ache impossível! Talvez leve algum tempo, mas tenho certeza que o senhor chegará ao fim. O êxito vem sempre quando menos se espera!

— Mas isso é uma verdadeira tortura! (1)

— A dor vai diminuindo, decrescendo, até o senhor conseguir essa pose sem o menor sofrimento.

— É possível. Mas, francamente, isso valerá a pena?

— Se vale! A *asana* do Lótus, como nós a chamamos, é tão importante, a nosso ver, que nenhum dos novatos está excluído de sua prática. É uma atitude do Yogue em meditação; ela proporciona ao corpo uma base firme, evitando uma queda eventual, coisa possível de acontecer ao se entrar inopinadamente em êxtase, embora isso dependa, de modo geral, da própria vontade do adepto. Repare bem: na *asana* do Lótus, o cruzar das pernas dá ao corpo uma base sólida, o Yogue sente-se seguro, senhor de si, enquanto que com um corpo mal sentado a mente se turva, causando irritação. A *asana* do Lótus ajuda-nos, ainda, a adquirir a força de concentração, que representa para nós uma conquista inestimável. É nessa mesma posição que praticamos, de preferência, os exercícios respiratórios, pois a junção das duas práticas reanima a chama adormecida do

espírito. Quando essa chama invisível desperta, o sangue aquecido corre com um vigor renovado e a força nervosa afluí a certos centros importantíssimos. Ao terminar nossa entrevista, sinto-me satisfeito. Brama esclareceu-me suficientemente, na sua demonstração de contorções e atitudes convulsivas, de modo a não restar a menor dúvida sobre o seu completo domínio do corpo.

Qual é o ocidental que possui uma dose bastante de paciência, de força de vontade, de resistência e perseverança para chegar ao fim almejado, mediante exercícios tão extravagantes? Qual é o ocidental que tem, pelo menos, tempo e calma para executá-los(2)?

(1) Obcecado pela harmoniosa postura de Buda, consegui afinal o êxito, depois de oito meses de perseverantes esforços. Depois passei a usá-la naturalmente.

(2) É de meu dever avisar o leitor sobre o risco que corre ao querer experimentar a maioria dessas poses. Um médico, com quem falei a respeito, afirmou que um tornozelo torcido, ou um tendão luxado, são acidentes graves.

CAPÍTULO VI

A YOGA QUE VENCE A MORTE

BRAMA expressa-me o desejo de que lhe faça uma visita. Atualmente ele deixou de morar em casa; fez um barracão no fundo do quintal para ter maior independência, como me disse.

Uma tarde, com ansiedade que não escondo, faço-me anunciar. A casa fica no fim de uma rua poeirenta e de aspecto pobre; paro um instante e fito as velhas paredes caiadas de branco, de sobrado de madeira e janelão saliente, a lembrar nossas moradas medievais.

Empurro a pesada porta e ouço o barulho dos gonzos ressoar por toda casa. Uma mulher idosa, com sorriso maternal, aparece e, curvando-se várias vezes ante mim, leva-me através de um corredor escuro até a cozinha que dá para o quintal.

A primeira coisa que noto é um grande pé de ficus, cuja frondosa folhagem cobre com sua sombra um velho poço. Do outro lado deste surge uma cabana, bem perto da árvore, aproveitando também seu frescor. É uma construção leve, feita de bambus, de vigotes, e coberta de palha.

A velha senhora, cujo rosto é tão escuro como o do Brama, está visivelmente excitada e, em palavras desconexas, dirige-se, suponho, ao habitante invisível da choupana. Um voz sonora, bem conhecida, responde do interior; a porta se abre lentamente, o Yogue aparece, e com viva satisfação introduz-me no interior. Ele não fechou a porta, e a mulher fica na entrada algum tempo, o olhar preso no meu, o rosto refletindo uma felicidade extática.

A choupana está quase vazia; vejo só um divã sem almofadas, que toma todo o comprimento da parede do fundo, e num canto, um tamborete de madeira tosca, coberta de papéis. Noto uma moringa de cobre amarelo, com água, suspensa por meio de uma corda fixada a uma das vigas. Uma grande esteira trançada cobre todo o chão de terra batida.

— Sente-se — diz Brama, mostrando a esteira. Não temos cadeiras para lhe oferecer; queira desculpar. Acocoramo-nos então, Brama, eu e um jovem novato que se ligou a mim e me serve de intérprete. Alguns minutos depois a mulher sai, e volta com um bule de chá quente que põe sobre uma toalha, à guisa de mesa, e torna a sair; reaparece com biscoitos e uma bandeja de cobre cheia de frutas diversas do país.

Contudo, antes de começar essa frugal e agradável refeição, meu anfitrião apanha uma coroa de flores amarelas e coloca-a no meu pescoço. Protesto vivamente, pois sei que o hábito indiano manda reservar essa honra às pessoas de destaque, e eu nunca tive a menor pretensão a ser classificado como tal.

— Meu irmão! exclama Brama sorrindo, você é o primeiro ocidental a visitar minha casa e o primeiro a tornar-se meu amigo; honrando-o assim, não faço nada mais do que exprimir a grande alegria que sinto, aliás, que nós sentimos, a senhora e eu.

Começo a protestar de novo, mas ele não quer ouvir nada, forçando-me a ficar com a grinalda de flores sobre meu casaco. Felizmente meus amigos europeus não me vêem com esse adorno! Como haviam de rir...

Tomamos o chá e saboreamos as frutas, tagarelando; Brama me diz que construiu essa casa e confeccionou a mobília com suas próprias mãos! Os papéis, que ao primeiro relance vi sobre o banquinho, chamam minha atenção; reparo que as folhas são cor-de-rosa, escritas com tinta verde. Brama passa-me algumas, e nelas reconheço, facilmente, os caracteres do tâmil. Ao vê-las, imagino quanta dificuldade encontrará aquele que desejar estudá-las. Lamentavelmente, acrescenta Brama, os grandes clássicos da filosofia e da literatura tâmil, que era uma língua literária há vários séculos, mas hoje não é mais compreendida senão por alguns eruditos, substituíram essa forma arcaica por um dialeto moderno, chamado alto tâmil, que é mais complicado para os que o lêem, do que o dialeto inglês da Idade Média para um inglês de hoje.

— Escrevo essas folhas à noite — acrescenta Brama — às vezes são curtas sentenças resumindo minhas experiências da Yoga, outras, verdadeiros poemas nos quais deixo meu coração expandir-se à vontade, na devoção ao divino. Alguns jovens que gostam de se dizer meus discípulos, vêm aqui para lê-las em voz alta.

Enquanto fala, Brama apanha um rolo, artisticamente decorado, contendo algumas folhas de papel cor-de-rosa escritas com tinta vermelha e verde, amarradas por uma fita também verde. Sorrindo, estende-me o rolo:

— Escrevi isto em sua intenção.

Junto as palmas das mãos, agradecendo.

O jovem intérprete me informa que se trata de um poema composto de oitenta e quatro versos, que começam e acabam pelo meu nome. Isso é mais ou menos o que ele sabe me dizer; todavia se esforça e consegue traduzir algumas palavras, acrescentando que o poema representa uma espécie de apologia, uma mensagem pessoal dirigida a mim, mas que não é capaz de traduzir o alto tâmil, em sua forma mais antiga.

Pouco importa! O presente encanta-me, como primeiro sinal de afeição que recebo de um verdadeiro Yogue.

Após homenagear-me com sua presença, a velha senhora afasta-se, e nós abordamos então assuntos mais sérios. Torno a voltar à questão dos exercícios respiratórios, aos quais os Yogues dão tamanha importância, envolvendo-os, porém, em tão absoluto segredo, Brama me interrompe, dizendo que não lhe é permitido dar-me mais exercícios, por enquanto, mas pode me dar alguns pormenores sobre a teoria da Yoga a esse respeito.

A natureza fixou em 21.600 o número de trocas respiratórias para cada homem, no período que vai de um nascer do sol a outro. Uma respiração rápida, barulhenta e agitada, acelera o ritmo cardíaco, e por conseguinte, encurta a vida. Ao contrário, uma respiração lenta, profunda e calma, economiza e diminui o trabalho do coração, prolongando-a. As respirações economizadas acumulam-se e formam um imenso reservatório, do qual o homem se aproveita para usufruir alguns anos suplementares da vida. Os Yogues respiram muito mais lentamente do que o comum dos homens, sem que por isso se sintam mal.

— Agora, lamento, mas não vejo como poderei dar-lhe maiores esclarecimentos sem transgredir os meus juramentos.

Sinto-me frustrado. Um conhecimento que com tanto cuidado deve ser mantido em segredo, sem dúvida possui um valor inestimável. Se essa é a verdade, compreende-se que os depositários de tamanho tesouro façam todo o possível para protegê-lo dos profanos e dos curiosos. Se eu estou classificado entre esses últimos, por que hei de teimar em querer saber mais? Brama interrompe meus pensamentos:

— Nossos mestres possuem a chave do mecanismo respiratório; eles sabem que a circulação do sangue e a respiração se acham em estreita conexão, como também sabem que o espírito está em relação direta com essas funções. Assim, possuem o segredo de despertar a consciência espiritual, controlando a respiração, pois convém acrescentar que a respiração é apenas uma expressão física de uma força sutil que é, de fato, o verdadeiro sustentáculo do corpo. Essa força

é precisamente aquela que se oculta, invisível, em todos os órgãos vitais. Quando ela deixa o corpo, a respiração pára, e com isso sucede então o que nós chamamos morte. O controle da respiração permite dominar, até certo ponto, essa corrente invisível. Mas embora levemos ao extremo o controle do corpo, até mesmo o controle dos movimentos do coração, não imagine por isso que quando nossos sábios da antigüidade começaram a ensinar o nosso sistema, tivessem em vista apenas o controle dos órgãos.

O que os antigos sábios pensavam ou queriam não me interessa no momento; fico a pensar numa das últimas frases de Brama, e levado por intensa curiosidade, pergunto:

— Você pode, realmente, controlar os movimentos do coração?

— Sim. Os nossos órgãos vegetativos, como coração, estômago, rins, podem ser reduzidos a um certo grau de obediência.

— Mas como você consegue isso?

— Simplesmente por ação da vontade e exercícios respiratórios, em combinação mútua. E saiba que esses exercícios são muito difíceis e fazem parte do grau superior da Yoga; bem poucos são aqueles que conseguem executá-los devidamente. Graças a todas as minhas práticas, cheguei a controlar os músculos cardíacos, e agindo sobre o coração, consigo dominar também os outros órgãos.

— Mas isso é verdadeiramente fantástico!

— Você acha? — Veja, ponha sua mão no meu peito no lugar do coração.

Dizendo isso, Brama toma uma pose esquisita, cerrando os olhos. Obedeço e espero. Durante alguns minutos nada reparo de anormal; gradualmente, porém sinto as batidas de seu coração diminuírem, e tornarem-se mais lentas, mais lentas ainda e... um arrepio de pavor apodera-se de mim, quando sinto parar completamente o seu ritmo cardíaco. O fenômeno dura mais de sete segundos. Será uma alucinação? Apalpo-me, estou bem acordado, alerta como nunca. Sinto um alívio quando as batidas do coração de Brama tornam a voltar, aumentando o ritmo, como se o órgão renascesse, até voltar ao normal. Mas só após alguns minutos o Yogue reabre os olhos, voltando do seu absorvimento.

— Você sentiu o coração parar?

— Sim, distintamente.

O que irá ele inventar ainda? pondero. De fato, como se tivesse lido meu pensamento, Brama prossegue:

— Isso não é nada, comparado com que pode meu mestre, que é capaz de isolar uma artéria e controlar o fluxo de sangue, parando totalmente a circulação; cheguei a certo resultado neste sentido, mas não consigo fazer tanto quanto o mestre.

— Você pode demonstrar-me? pergunto, ansioso.

O Yogue estende-me a mão, dizendo para tomar-lhe o pulso. Alguns minutos se passam; aos poucos sinto nitidamente as pulsações diminuírem até parar por completo. Espero, nervoso, que tornem a bater. Um, dois minutos escoam, dos quais tenho consciência de cada segundo. Três minutos... três minutos e meio, até que percebo um ligeiro retorno à vida. A tensão diminui e logo o pulso torna a bater normalmente.

— É maravilhoso, digo involuntariamente.

— Isso não é nada, responde-me, sem a menor fanfarronice.

— Parece ser um dia de estranhos acontecimentos. Você pode mostrar-me mais outras coisas?

Brama hesita, desta vez:

— Está bem, mas vai ser a última; depois disso você tem que se dar por satisfeito. Agora vou suspender a respiração.

— Mas você pode morrer... exclamo, assustado; minha observação o diverte.

— Ponha sua mão sob minhas narinas.

Obedeço, hesitando. Sinto na pele da mão o sopro do ar exalado. Brama fecha os olhos, imobilizando-se em rigidez de mármore, e parece estar se absorvendo numa espécie de transe. Não tenho coragem de tirar a mão. Pouco a pouco o sopro diminui, chega a ser quase imperceptível, até parar totalmente. Observo-lhe as narinas, os lábios, os braços, o tórax, nenhum movimento, não vejo nenhum sinal externo de respiração; mesmo assim, acho que estas não são ainda provas absolutas e gostaria de ter outro comprovante. Não há um espelho por ali; o que fazer? Percebo um cinzeiro de cobre polido, que pode servir para a experiência. Seguro-o sob as narinas, passo-o diante dos lábios... nada, nenhum empanamento, nenhum vapor turva a superfície do metal.

Parece-me impossível! Nesta casa singela, neste subúrbio pacato, encontrara eu alguma coisa totalmente inédita, um fenômeno cujo mistério nossa ciência será forçada a reconhecer um dia, querendo-o ou não, pois a evidência está aqui, diante de mim, clara, deslumbrante, inegável! A Yoga não é um mito!

Finalmente Brama volta desse estado de aparente catalepsia; parece um pouco cansado.

— Você está satisfeito? pergunta-me com um sorriso um tanto forçado.

— Mais do que satisfeito, porém renuncio a compreender.

— Também não tenho direito de explicar-lhe. A suspensão momentânea da respiração é uma das práticas que faz parte do grau

superior da Yoga. Para um homem branco ela pode parecer uma loucura, mas para nós ela é da maior importância.

— No Ocidente nos ensinam, porém, que o homem não pode viver sem respirar. Acho que isso não é uma loucura.

— Certamente que não, mas também não é a verdade. Posso reter minha respiração por duas, três horas, se assim me aprouver; tenho freqüentemente feito essa prática, e no entanto não estou morto, como vê! responde Brama sorrindo.

— Não posso conter minha admiração. Você nada me pode explicar, compreendo, mas talvez me possa dizer algo sobre a teoria em que se baseiam suas práticas, sim?

— Pois não. Podemos tomar como exemplo, certos animais, e isto, como já lhe disse, foi um dos métodos favoritos do meu mestre. Um elefante, que respira muito mais lentamente do que um macaco, vive também muito mais tempo; o mesmo acontece com certos grandes répteis, em relação ao cachorro. Parece então que há uma conexão entre a função respiratória e a longevidade. Vamos mais adiante. Encontram-se no Himalaia morcegos que dormem durante todo o inverno; ficam meses assim, suspensos nas paredes das grutas da montanha, e sua respiração conserva-se inteiramente parada até o despertar. Os ursos do Himalaia, algumas vezes, durante o inverno, apresentam uma rigidez cadavérica, sem nenhum sintoma da vida, e nos covis de certas regiões, também do Himalaia, encontram-se ouriços-cacheiros que, quando não podem nutrir-se durante o rigoroso inverno, dormem um sono profundo em que a respiração fica totalmente suspensa. Por que então você acha impossível que o homem realize aquilo que o animal faz normalmente?

— Tudo isso é muito interessante e maravilhoso, não há a menor dúvida, porém menos convincente do que as suas demonstrações de há pouco.

Você compreende — digo eu — há em nós uma noção tão enraizada de que a respiração é uma função essencial à vida, que não é tão fácil mudá-la nem renunciar a ela, assim, de um momento para outro. Acho que nós ocidentais jamais chegaremos a compreender que a vida possa continuar após a parada da respiração.

— Nem por isso alguma coisa muda. A vida continua sempre, responde Brama; a morte é apenas uma outra forma da existência.

— Em todo caso, você não pretende vencer a morte, creio eu?

— E por que não?

Brama fixa-me com o olhar estranho, sem todavia deixar de ser benevolente.

— A possibilidade que leio em você é a razão que me leva a revelar-lhe um dos nossos segredos, mas com uma condição...

— Qual é?...

— Promete você não tentar a prática de outros exercícios, além desses que lhe posso ensinar?

— Prometo.

— Então mantenha sua palavra! Você imaginava, até este momento, que a respiração suspensa traz rapidamente a morte, não é?

— Sim, é claro.

— Pois bem. Você não acha, então, que no momento em que haja possibilidade de retenção do alento no corpo, retemos nele a vida? E quando um dos nossos adeptos consegue reter a respiração, não está retendo nele o fluido vital? Você está seguindo meu raciocínio?

— Faço todo o esforço para isso, Brama.

— Imagine agora um adepto da Yoga que consiga reter sua respiração, não apenas por algum tempo, mas durante meses e mesmo durante anos? Desde que você admite que onde há o alento deve haver a vida, você terá que aceitar que — nesse caso — surge uma possibilidade para os homens de prolongar a vida à vontade, não é?

Fico atônito, atordoado; não sei mais o que dizer, nem se posso tachar tal asserção de absurda. Na Idade Média, os nossos alquimistas já haviam idealizado esse sonho; a morte os surpreendia, uns após outros, invariavelmente, diante de suas retortas, nas quais eles buscavam o elixir da longa vida.

Estará Brama abusando da minha ignorância? Não pode ser; ele não tem intenção de iludir — é mais do que certo — não procurou a minha companhia e nem faz questão de adquirir discípulos. Seria Brama um louco? Também não, pois ele raciocina sobre todas as coisas com perfeita clareza. Abusa de mim, simplesmente; alguma coisa me diz que não. Francamente, não sei o que pensar...

— Você não está ainda convencido? diz Brama, rompendo minhas reflexões. Você não ouviu falar de um faquir, que foi sepultado por Ranjje Singh, no túmulo em Lahore? O enterro teve lugar na presença do último dos reis Sikhis e dos oficiais ingleses; a sepultura foi vigiada por soldados, durante seis semanas, no fim das quais, ao abrirem o túmulo, viram sair o faquir são e salvo. Você pode tomar informações, pois me disseram que este fato foi objeto de um relatório que se acha depositado nos arquivos do seu governo.

A explicação é simples: o faquir havia adquirido um absoluto domínio da função respiratória e podia suspendê-la à vontade, sem o risco de morte. Aliás, nem era um adepto da Yoga e, como também ouvi dizer, não gozava de boa reputação; não era, portanto, uma pessoa particularmente recomendável; chamava-se Haridas e morava no Norte do país. Então, se esse homem podia viver tanto

tempo num cubículo fechado sem respirar, o que pensa você que podem fazer nossos mestres que não buscam a publicidade, nem fama, nem tampouco dinheiro, e cujo desinteresse é indubitável e real (1).

Profundo silêncio cai entre nós.

— Aliás, nossa doutrina — prossegue Brama, rompendo o silêncio — proporciona-nos, além desses, ainda outros poderes não menos surpreendentes. Mas quem, em nossa época de decadência, dar-se-ia ao trabalho de empregar o esforço necessário para obter esses bens?

— Mas que quer você? Quando vivemos como nós, em turbulenta vida diária, não sobra mais tempo para as atividades que não nos proporcionem lucro imediato.

— É verdade, mas também por isso a senda do controle do corpo é hoje apanágio de uns poucos. Você compreende agora porque os mestres da Yoga se foram fechando em silêncio e segredo através dos séculos; compete aos discípulos ir procurá-los.

*
* *
*

De outra vez, é Brama que vem jantar em minha casa; terminada a refeição, sentamo-nos na varanda suavemente iluminada pelo luar; eu, na poltrona, e Brama acha a esteira mais cômoda. Ficamos alguns minutos em silêncio, gozando o encanto da noite, mas obcecado pela lembrança de minha última visita, volto a falar a respeito dos homens que riem da morte e nos quais não posso acreditar.

— Por que não? — Brama faz sua pergunta favorita — Um dos adeptos da Yoga do Domínio do Corpo vive na solidão das montanhas de Nilgiris, no sul da Índia, e nunca sai de seu retiro; um outro, no norte, mora numa caverna no Himalaia. Você não encontrará jamais esses homens, pois eles desprezam todo o contato humano; a existência deles é uma verdadeira tradição entre nós e, segundo se diz, eles vivem há centenas de anos.

— E você realmente acredita nisso?

— Forçosamente, pois tenho como prova meu próprio mestre.

Esse mestre já me intrigava há dias, mas ainda não ousara indagar nada sobre ele. Agora, pela intimidade que se criou entre nós, arrisco a pergunta:

(1) Verifiquei esta história; o fato realmente se passou em Lahore, em 1837; o faquir Haridas foi enterrado na presença do rei Ranjje Singh, de sir Claude Wade, do médico Honigberger e de várias outras testemunhas; os soldados sikhs lhe faziam guarda dia e noite. O faquir foi desenterrado quarenta e oito dias depois, vivo. Para mais pormenores consultar os arquivos de Calcutá.

— Brama, quem é seu mestre?

Constrangido, hesita um pouco, depois, com sua voz melodiosa, responde:

— No Sul, seus discípulos o chamam Swami Yerumbu, quer dizer o mestre das formigas.

— Que apelido singular! exclamo sem querer.

— É por uma razão muito simples. Meu mestre ama as formigas e guarda sempre um pacote de arroz reduzido a pó para nutri-las. Mas, no norte do país, nas aldeias do Himalaia, onde ele permanece, às vezes, usa outro nome.

— E atingiu a perfeição dentro da Yoga?

— Sem a menor dúvida.

— E você acredita que ele vive há...

— Sim, há mais de quatrocentos anos.

Brama diz isso num tom de voz firme e com a maior naturalidade do mundo. Fixando-me percebe o assombro no meu olhar. Depois de um prolongado silêncio retoma:

— Muitas vezes ele falava de acontecimentos dos quais foi testemunha e que se passaram sob o reinado dos imperadores mongóis. Ele me narrava mesmo histórias que datam da época em que vossa *Companhia das Índias* se instalou em Madras.

É difícil dar-se crédito a isso, sobretudo em se tratando de um cético da minha espécie.

— Mas, Brama, qualquer escolar que aprendeu um pouco de história poderia dizer tudo isso que seu mestre contou.

Brama fez como se não se ouvisse e prossegue:

— Meu mestre se lembra, perfeitamente, da primeira batalha de Panipate, e nunca se esqueceu dos dias da batalha de Plassey (1), como também lembro-me de um dia tê-lo ouvido referir-se a um dos seus condiscípulos, Beshudananda, então com oitenta anos, como se fosse uma criança.

Distingo muito bem, ao luar, a calma imperturbável com que são afirmadas essas fantásticas asserções. Como poderia um cérebro ocidental, acostumado aos métodos racionais da ciência moderna, endossá-las? Apesar de tudo, Brama é um hindu e deve partilhar, sem dúvida, do gosto dos seus conterrâneos pelas lendas mais absurdas. Qualquer discussão sobre o assunto seria inútil; assim, deixo-o falar à vontade.

(1) Em 1526, as hordas bárbaras de Baber, descendentes de Tamerlan, chocaram-se em Panipate com as tropas do rei de Agra. Quanto à famosa batalha do Plassey, em 1757, foi ela que deixou a Índia sob a dominação inglesa.

— Durante mais de doze anos meu mestre foi o conselheiro espiritual de um dos antigos Marajás do Nepal, o Estado que fica, como você deve saber, entre o Tibete e a Índia, e onde ele é conhecido e venerado pela maioria dos habitantes da região. Eles o adoram como um Deus, e o mestre os trata como um pai trata seus filhos. Ignora todo preconceito de castas, e não se alimenta de carne nem de peixe.

— Mas, Brama, como pode um homem viver tanto tempo? A advertência escapou-me involuntariamente.

Com o olhar perdido no espaço, como que esquecido da minha presença, Brama prossegue:

— Existem três maneiras para alcançar a longevidade: a primeira consiste em treinar todas as posições e praticar todos os exercícios respiratórios, conjuntamente com as práticas secretas que constituem nosso sistema de *Controle do Corpo*; essas práticas devem ser, bem entendidas, levadas ao extremo da perfeição, o que não é possível senão com o treinamento sob o vigilante controle de um mestre, capaz de provar a sua teoria no seu próprio corpo. A segunda maneira consiste em fazer uso regular de certas ervas raras, conhecidas apenas por alguns dos adeptos que as colhem em segredo e as guardam sob suas vestes, mesmo viajando; quando se aproxima o tempo de um mestre deixar este mundo, ele escolhe entre seus discípulos aquele que julga mais digno de lhe suceder e lhe revela o segredo dessas plantas. Este será, de então em diante, o único conhecedor do segredo. A terceira é mais difícil de ser explicada.

— Tente sempre, Brama.

— Você vai rir, talvez.

— Asseguro-lhe que não, pois tenho o maior respeito pelas suas revelações.

— Então escute:

Existe no cérebro humano uma pequena cavidade que é a sede da alma (1). Uma espécie de válvula protege a abertura da passagem. Na base da espinha dorsal, nasce um fluido vital do qual já tivemos oportunidade de falar. O escoamento constante desse fluido causa a velhice e a morte; seu controle é uma fonte de vida. Quando o homem adquire absoluto domínio de si mesmo, ele pode então começar a treinar esse controle por meio de certas práticas, só conhecidas pelos mais perfeitos Yogues da nossa escola. Se ele consegue fazer subir esse fluido invisível até a parte superior da

(1) Suponho, sem ter certeza, que Brama se referiu à cavidade formada pelo encontro dos quatro ventrículos cerebrais que se comunicam entre si.

coluna vertebral, então será preciso que se esforce para concentrá-lo nessa cavidade do cérebro da qual já lhe falei. Torna-se indispensável, porém, que um mestre o ajude a abrir essa válvula protetora. Se ele encontrar um mestre capaz, esse fluido vital, ao penetrar na cavidade, transformar-se-á em verdadeiro elixir de longa vida.

Evidentemente esse empenho não é coisa fácil e o audacioso que a isso se arriscar sozinho, concorre, indubitavelmente, para sua própria perda. Aquele que for bem-sucedido pode realizar, à vontade, as condições de uma morte aparente, e assim triunfar sobre o poder da própria morte, quando ela vier buscá-lo. Também pode escolher à vontade o momento de seu traspasse, em qualquer época, e os exames mais rigorosos efetuados por médicos atestarão morte natural. O Yogue que disponha desses três métodos pode viver, se isto lhe convém, várias centenas de anos e, e ainda que venha a falecer, os vermes não atacam seu corpo que, imputrescível, pode desafiar os séculos.

Intimamente agradeço a Brama, mas, embora muito interessado, não estou convencido. A anatomia ignora este fluido vital, e receio muito que essas maravilhas só existam na imaginação fértil dessa boa gente que nos leva à idade das bruxarias e do elixir da longa vida. No entanto, conforme testemunhei, o controle da respiração e da circulação sanguínea são bastante convincentes para provar que os poderes dos Yogues não são quimeras e que, por suas altas faculdades, são capazes de realizações fabulosas, pelo menos aos olhos dos não iniciados (1).

Sinceramente não sei o que dizer; guardo silêncio e controlo-me cuidadosamente, para não deixar transparecer minha luta interior.

— Todos nós, evidentemente, queremos adquirir o poder de desafiar, assim a morte — conclui Brama — mas não devemos olvidar que a aplicação desse sistema é muito perigoso. Portanto não é de estranhar que nossos mestres guardem em sigilo essas práticas que devem continuar rigorosamente secretas, pois sempre nos recomendam silenciá-las e cuidá-las como o mais precioso diamante.

— Então você não mas pode revelar?

— Aquele que deseja ser um adepto deve, primeiro, aprender a andar antes de correr.

— Uma última pergunta Brama: onde vive seu mestre, atualmente?

(1) Todas essas afirmações são estupendas, tanto por si mesmas, quanto pela calma certeza com que me foram reveladas. No entanto,

— No Nepal, retirou-se para um templo, no coração das montanhas, na orla da selva do Terai.

— Espera você que ele desça um dia ao vale?

— Como poderei adivinhar suas intenções? Ele pode demorar-se no Nepal ainda por muitos anos, como pode também retomar suas peregrinações. Tem preferência pelo Nepal, porque foi lá que nossa escola mais floresceu. Os ramos da doutrina da Yoga diferem entre as escolas e a nossa, que é consagrada ao domínio das funções corporais, a chamada Tantra, é mais facilmente aceita no Nepal do que entre os hindus.

Brama recai no silêncio; seus pensamentos devem estar longe, certamente perto da enigmática figura do seu mestre venerado.

Oh! se o que acabo de ouvir não é fruto de uma vã quimera, que novo e maravilhoso horizonte se abrirá sobre o mistério e sobre o nosso sonho de imortalidade!

*
* *

Se não moderar o impulso da minha pena, jamais chegarei a concluir este capítulo. Passo então sem mais divagações à última dessas memoráveis entrevistas, ocasionadas pelo encontro com o anacoreta de cinco nomes, meu bom amigo Brama.

A noite cai bruscamente, sem ser precedida de crepúsculo demorado, como se dá na Europa, e a escuridão desce sobre a rústica choupana de Brama; o Yogue acende uma lâmpada a óleo, que suspende à viga do teto mediante uma corda, e nos sentamos, cruzando as pernas, nas esteiras sob sua luz trêmula.

A velha senhora afasta-se discretamente e ficamos sós com meu jovem intérprete, enquanto o incenso perfuma o recinto com seu místico aroma. A idéia de breve separação magoa-me profundamente; procuro em vão libertar-me desse sombrio sentimento e, obrigado que sou a exprimir-me somente com ajuda de um terceiro, fico

no momento em que escrevo essas linhas, aparecem-me como uma fantasmagoria, como algo de impossível, e quase cedo ao impulso de deixá-las em silêncio, como já fiz com muitas outras coisas extraordinárias que vi e ouvi. Sei que os homens com pretensão a intelectuais as tacharão de absurdas superstições asiáticas, e entrevejo seu sorriso irônico ao lerem estas páginas. Mas se tomei a decisão de publicá-las, foi apenas por ter sido estimulado por pessoas mais qualificadas do que eu e altamente capazes de julgá-las.

impossibilitado de dizer as palavras de ternura que transbordam de meu coração.

Pouco importa, neste momento, a parte de verdade ou de fantasia contida em suas estranhas teorias, pois o que me comove, e aprecio tanto, é sua afetuosa diligência, a grande bondade de Brama em permitir que eu penetrasse em sua existência solitária. Senti a aproximação de nossas almas e avalio agora quanto devia sacrificar-se um homem da espiritualidade de Brama para sair de sua reserva habitual em favor de um desconhecido, e ainda mais de um inglês. Pouco a pouco minha ânsia de saber prevalece: alegando minha despedida, tento obter a revelação de mais alguns segredos.

Mas meu amigo Brama está na defensiva:

— Você seria capaz de abandonar a vida das cidades e retirar-se para a solidão das montanhas?

— Isto exige ponderação, Brama.

— Você estaria pronto a renunciar a todas as atividades, ao trabalho, aos prazeres, e dedicar-se exclusivamente às práticas de exercícios de nosso sistema, não somente por uns dias, mas por longos anos?

— Não... eu creio que não; não estou suficientemente preparado. Pode ser que um dia... talvez...

— Então não posso guiá-lo mais adiante. A Yoga não é um esporte para horas vagas.

Vejo claramente que a oportunidade de tornar-me um Yogue está reduzida a nada. Constato com tristeza que semelhante doutrina, que exige anos de disciplina tão rigorosa, não é para um cético da minha espécie. No entanto, sinto que deve haver uma coisa capaz de prender-me mais profundamente que os estranhos poderes oriundos do *Controle do Corpo*. Confio isso a meu anacoreta:

Brama, todos esses poderes são, inegavelmente, maravilhosos e fascinantes; gostaria de aprofundar-me na sua doutrina, mas diga-me, enfim, que felicidade duradoura pode trazer o domínio do corpo? Não há no seu conhecimento algo mais elevado? Não sei se estou exprimindo bem o que sinto; você me compreende?

Brama sorri, mostrando seus dentes belos e saudáveis:

— Sim, é claro que eu o compreendo. Nossos textos sagrados dizem que o *Controle do Corpo* deve acompanhar o *Controle da Mente*, pois seu objetivo, na realidade, é o preparo do neófito para a Verdade Real. Quando nossos sábios de outrora receberam a doutrina das mãos do deus Siva, souberam de fonte certa que ela não tinha uma finalidade material. Eles sabiam que a conquista do corpo era apenas o primeiro passo a dar para a conquista da mente,

cujo domínio colocaria o discípulo no caminho da perfeição divina. Você pode ter certeza de que nosso sistema não trata das realidades sensoriais a não ser como meio para chegar, através delas, ao governo da mente e daí às profundezas do puro espírito. Vou dizer-lhe as palavras pelas quais me ensinava meu próprio mestre: "Em primeiro lugar, não perca a oportunidade de treinar o *Controle do Corpo*, em seguida, poderá aproximar-se da ciência verdadeiramente real, isso é o *Controle da Mente*. Lembre-se que o corpo, quando dominado, fica automaticamente desligado de todas as distrações exteriores; são muito poucos aqueles que conseguem diretamente o domínio da mente. No entanto, se um homem se sentir bastante forte para trilhar o caminho do *Controle da Mente*, nós não interferiremos, pois ele encontrou intuitivamente sua própria via".

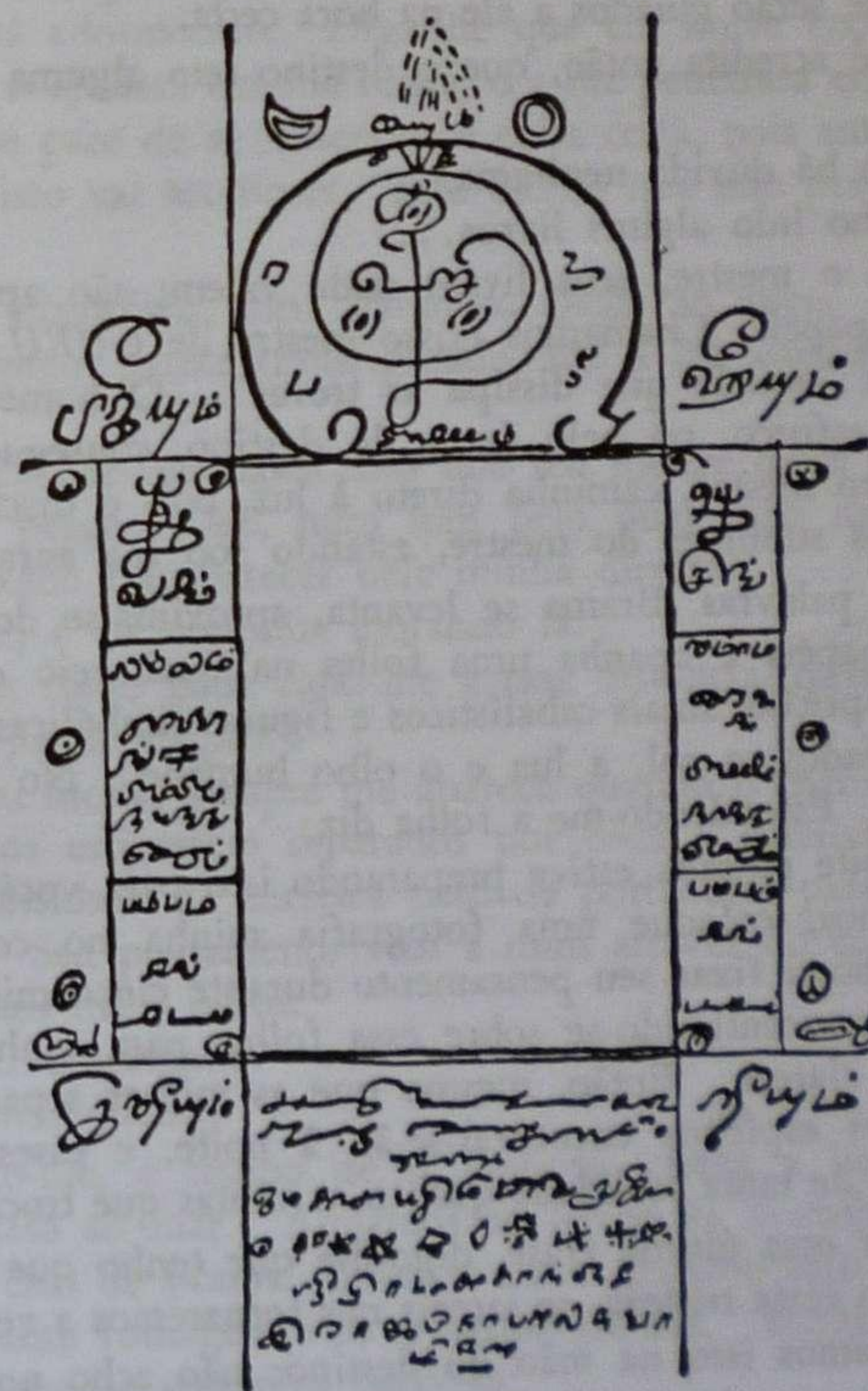


DIAGRAMA MÁGICO DO YOGUE

"Coloque uma fotografia minha no centro. Embora nos separem oito mil quilômetros, concentre seus pensamentos neste papel e nossos espíritos se encontrarão à noite".

— Existe então a Yoga puramente espiritual?

— Evidentemente. É uma doutrina que tem por finalidade tornar a mente humana numa espécie de farol a iluminar as profundezas do puro espírito.

— E como se principia o treinamento dessa doutrina?

— Ligando-se a um mestre, bem entendido.

— A um mestre! Mas onde encontrá-lo?

Brama encolhe os ombros.

— Meu irmão, quando sentimos fome, procuramos alimentos, mas aqueles que estão morrendo de fome são capazes de tudo para saciá-la. Se você anseia tanto encontrar um mestre, como o homem que morre de fome deseja alimento, você vai acabar por encontrá-lo, pois aqueles que buscam o mestre com toda sinceridade, é mais do que certo que serão guiados a ele na hora certa.

— Você acredita então, que o destino tem alguma coisa a ver com isso?

— Não há dúvida nenhuma.

— Tenho lido alguns livros...

— Sem o mestre, seus livros nada valem; são apenas meros farrapos de papel. Chamamos nosso mestre de *GURU* — palavra que significa "aquele que dissipa as trevas". O homem que por seu próprio esforço, ou pelo favor do destino, consegue encontrar um verdadeiro mestre, caminha direto à luz, pois o discípulo participa dos dons sublimes do mestre, estando sob sua aura.

A essas palavras, Brama se levanta, aproxima-se do tamborete coberto de papéis e apanha uma folha na qual vejo desenhados, com muito capricho, sinais cabalísticos e figuras simbólicas em forma espiral; aos lados, o sol, a lua e o olho humano. No centro, um espaço vazio. Estendendo-me a folha diz:

— À noite passada estive preparando isto para você. Quando nos separarmos, coloque uma fotografia minha no centro desse desenho. Bastará fixar seu pensamento durante cinco minutos antes de deitar-se, concentrando-se sobre essa folha, para sonhar comigo, com perfeita clareza. Então, mesmo que as milhas separem nossos corpos, nossos espíritos encontrar-se-ão à noite, e esses encontros serão dotados de tanta realidade quanto as visitas que trocamos.

Ao ouvir essa última frase, digo-lhe que tenho que deixá-lo e pergunto, com certa tristeza, se jamais nos tornaremos a ver.

— Ponhamos isso na mão do destino; não acho possível que falhe. Quanto a mim, partirei daqui na primavera para o distrito de Tanjore, onde dois discípulos me esperam. Não sei o que irá acontecer depois, pois, como é do seu conhecimento, estou sempre na expectativa do apelo do meu mestre.

Brama cala-se novamente. Faz-se um prolongado silêncio, interrompido afinal pela sua voz baixa que vem a mim num sussurro concentrado, surdo:

Voltando-me na direção do intérprete à espera de novas revelações, ouço:

— Na última noite meu mestre me apareceu. Falou-me de você: "Seu amigo Sahib — disse-me — tem sede de conhecimento, ele já era um dos nossos em sua existência anterior e seguia as práticas da Yoga, mas não da nossa escola. Ora ele torna a voltar ao Indostão na pele de um inglês; tudo o que ele sabia, esqueceu, mas não será por muito tempo. Todavia, enquanto o mestre não lhe tiver concedido sua graça, não recobrará a consciência de sua sabedoria. Bastará, porém, o mestre tocá-lo de leve, para despertar o que nele está adormecido. Diga-lhe que em breve encontrará esse mestre, que o ajudará em sua busca, e a luz penetrará em sua mente. Diga-lhe que pare de se lamentar; é coisa certa, pois antes de deixar nossa terra isto vai acontecer. Está escrito que não partirá de mãos vazias..."

Recuo estupefato; meu assombro chega ao auge. O rosto do jovem intérprete parece transfigurado, sob a luz amarelada da lâmpada.

— Você não me havia dito que seu mestre mora longe daqui, no Nepal? pergunto-lhe, num tom pelo qual logo me arrependo, por ter deixado transparecer nele minha dúvida.

— Sim; e ele continua morando lá.

— Mas como pode falar-lhe a essa distância, quando duzentas milhas o separam daqui?

— Meu mestre sempre me aparece quando o chamo, ainda que nossos corpos estivessem separados por toda a extensão da Índia, não há necessidade de correios nem de portadores para receber sua mensagem. Seu pensamento vem a mim através do espaço, claro e inteligível aos meus olhos.

— Isso é telepatia?

— Como queira!

Levanto-me, é tempo de ir embora; chega a hora do nosso último passeio ao luar. Andamos ao longo da muralha do templo vizinho da casa de Brama, paramos sob o gracioso tufo de palmeiras cuja abundante folhagem vela o brilho da lua. Brama se despede, sussurrando-me as seguintes palavras:

— Você já deve ter notado que sou pobre; não possuo grande coisa, eis o que tenho de mais precioso, aceite-o.

Dizendo isso, tira do dedo um anel, usado no anular esquerdo, e o põe na palma aberta da mão, onde vejo brilhar ao luar uma

pedra verde, com veios castanho-dourados, encastoadada em ouro. Brama coloca-o no meu dedo, apertando-me a mão num gesto de despedida. Como me recuso a aceitar tão valioso presente, ele continua a pressão de sua mão forçando-me, assim, a aceitá-lo.

— Recebi-o de um homem famoso por sua sabedoria; ele me deu na ocasião em que eu andava ansioso, em busca do conhecimento da Verdade. Agora é a sua vez de usá-lo.

Agradecendo, pergunto meio brincalhão:

— Trar-me-á, ao menos, felicidade?

— Não é exatamente isso, porém o poderoso encanto que está encerrado nessa pedra ajudá-lo-á a entrar em contato com os sábios e despertará seus próprios poderes latentes. A experiência lho dirá; use-o quando for em busca das realidades sublimes!

Um último adeus e nossos passos se distanciam na noite. Vou andando, lentamente, enquanto os mais estranhos pensamentos invadem meu cérebro febril. Essa extraordinária mensagem do mestre longínquo é demais fantástica para ser comentada. Meu espírito assiste, impassível, ao combate que se trava em minha alma: combate entre o ateísmo e a fé. E este anel? Como acreditar que um simples aro possa determinar o destino das criaturas, influenciar-me ou influir os outros com seu poder misterioso? Não será pura superstição? Todavia, Brama parece realmente acreditar e acabo admitindo que tudo é possível neste estranho país. Mas logo em seguida surge a razão, que se opõe com uma barreira de argumentos. Fico tão absorto, que perco o caminho e esbarro contra um tronco de palmeira, cuja delicada folhagem está toda iluminada por pirilampos que dançam, rondam ao luar.

No céu de um azul profundo, Vênus brilha com tal fulgor que parece estar perto de mim. Uma imensa paz envolve a natureza adormecida; o silêncio torna-se absoluto, não se ouvem nem as batidas das asas dos grandes morcegos que esvoaçam por cima da minha cabeça. Surge um transeunte, que parece deslizar como uma sombra, na luz difusa do luar. Abandono-me ao feitiço da noite tropical, deslumbrado.

Chegando em casa, não consigo adormecer; a aurora já vem despontando no horizonte quando o sono, como um bálsamo, vem acalmar, finalmente, a febre de meus pensamentos tumultuosos.



SHRI SHANKARA, O CHEFE ESPIRITUAL
DA ÍNDIA MERIDIONAL

Sua nobre face, moreno-cinzenta, ocupa um lugar de honra na grande galeria de retratos de minha memória.



INTERIOR DO TEMPLO DE DILWARA

"Sou obrigado a fazer um sermão no templo da localidade e ministrar alguns ensinamentos aos habitantes que desejem ouvir-me."

CAPÍTULO VII

O SÁBIO QUE NUNCA FALA

PEÇO permissão ao leitor para interromper por um instante a ordem cronológica dos acontecimentos, e falar de um encontro que tive, o qual me parece ser de algum modo interessante. Desde a minha estada no subúrbio de Madras, não perdi uma só oportunidade e travei relações com diversas personalidades, algumas capazes de favorecer meu inquérito. Procurei ministros, homens de lei, professores, homens de negócios, enfim cidadãos notáveis do lugar. Entrevistei os próprios repórteres, passando horas agradáveis com meus colegas de imprensa, e acabei por descobrir o redator de um jornal, que me confessou ter sido, nos tempos da sua mocidade, um zeloso discípulo da Yoga. Disse que escutara as palavras sagradas, sentado aos pés de um mestre, grande adepto do *Controle da Mente*, mas que, lamentavelmente, há dez anos esse mestre falecera. O ex-estudante da Yoga, embora um hindu culto e amável, não soube informar como e onde poderia eu encontrar Yogues da mais alta sabedoria espiritual.

Nesses dias de busca, não colhi senão bisbilhotices sem importância, lendas tolas ou às vezes desfeitas em grosserias. Um dia encontro um santo homem cujo rosto parecido com o de Cristo provocaria sensação em Picadili; confessa estar percorrendo a Índia à procura de uma vida mais sublime; renunciara a todos os seus bens, mendigando seu sustento ao longo das estradas. Ofereceu-me generosamente suas propriedades, caso eu queira morar nelas, sob a condição de cultivá-las em proveito dos seus compatriotas menos favorecidos pelo destino. Ai de mim! Quem sou eu senão um pobre mortal que luta nas trevas! Espero que ele já tenha encontrado alguém a quem interesse a maneira de usar sua liberalidade!

De outra vez indicam-me um Yogue célebre, que mora, parece, a meia milha de Madras, mas que foge de toda curiosidade e só é

conhecido por muito pouca gente. Para mim, tal informação basta para despertar a curiosidade, e logo decido pedir-lhe audiência. A casa fica protegida por uma cerca viva de bambus, plantados em quadrado em volta do terreno, isolando-a completamente da estrada. Meu guia comenta, apontando com o dedo o cercado:

— Disseram-me que esse Yogue permanece em êxtase a maior parte do dia; podemos bater à porta e gritar à vontade, ele não ouvirá. Se acontecer ouvir-nos, passaremos, na certa, por indelicados.

Uma porta toscamente talhada dá acesso a uma espécie de pátio, mas está tão bem aferrolhada e trancada que pergunto a mim mesmo se conseguiremos transpô-la.

Do interior não sai nenhum ruído. Damos volta ao cercado, em desespero de causa, e encontramos, no terreno vizinho da cerca, um rapazola que sabe onde mora o criado do Yogue. Apressamo-nos, então, a procurá-lo.

O homem é um simples assalariado; sua mulher e uma porção de crianças seguem-lhe os calcanhares. Expomos-lhe a razão da nossa visita; logo ele se nega ao nosso pedido, esforçando-se por nos explicar que, estando o Yogue isolado em completa reclusão e permanecendo em êxtase o dia todo, ficaria muito ofendido se alguém se atrevesse a interromper-lhe o silêncio.

Suplico ao criado uma exceção a meu favor, mas decididamente, ele não transige. Meu guia emprega, então, um bom recurso; ameaça-o com todas as fúrias do governo, caso não nos faça uma concessão. Isto, bem entendido, é um blefe que nada justifica e não hesito em fazer-lhe algumas caretas significativas. Segue-se uma discussão animada, no decorrer da qual uso como isca uma boa gorgjeta para apoiar nossos argumentos. O homem se decide, afinal, e meu companheiro conclui que se trata, realmente, de um criado, pois jamais um discípulo se deixaria seduzir por ameaças ou vantagens.

Voltamos à porta do cercado; o homem, abrindo um grande cadeado de ferro, conta-nos que o Sábio possui tão pouca coisa de seu que nem tem a chave da porta. Fecham-no do exterior, e se por acaso o criado deixasse de abrir a porta, seria o Yogue incapaz de sair por si mesmo. Ficamos sabendo também que o Sábio permanece em êxtase durante o dia, mas à noite toma um pouco de alimento, que se compõe de frutas, doces e um copo de leite. Mas, às vezes, a refeição posta diante dele fica sem ser tocada. Ocasionalmente sai ao cair da tarde, mas não conhece outro exercício além dos passeios ao campo. Atravessamos o pátio e aproximamo-nos do bangalô moderno, construído de pedra com vigas de madeira; o

criado, apanhando outra chave, abre uma porta pesada. Estranho tanta precaução da parte de um homem que tem fama de nada possuir e o criado explica-nos a razão de tais cuidados:

— Há alguns anos o Sábio vivia neste cercado, sem fechaduras nem ferrolhos de espécie alguma. Por infelicidade, um dia um ébrio entrou na casa, e vendo-o só e sem defesa, o atacou, puxou-o pela barba e deu-lhe uma surra de pauladas, acompanhada de injúrias de baixo calão. Felizmente, alguns rapazes brincavam no terreno vizinho, soltando papagaios. Ao ouvirem o barulho acorreram a livrar o Sábio das mãos do agressor, enquanto um deles apressou-se em dar alarma nas redondezas.

O vadio teria sido, sem dúvida, linchado por ter se atrevido a atacar o santo homem, se não fosse a intervenção do Sábio que, com a calma estóica que não o abandonou durante toda essa lastimável ocorrência, escreveu em defesa do ébrio: "Se vocês baterem nesse homem, é o mesmo que baterem em mim. Deixem-no ir em paz, pois eu já o perdoei".

Como a menor palavra do Sábio constitui lei, o bêbado foi solto e deixado livre, embora a contragosto, evidentemente.

*
* *

Antes de entrar, o criado dá um rápido olhar ao interior e recomenda-nos silêncio, vendo que o Sábio está em êxtase. Tiro os sapatos, conforme o hábito, colocando-os na varanda, onde percebo uns dizeres em tâmil, gravados numa pedra encaixada na parede: *AQUI É A MORADA DO SÁBIO QUE NUNCA FALA*, traduz meu companheiro. Entramos. A sala é ampla e de meticulosa limpeza; no centro, uma base de mármore, de cerca de um pé de altura, coberta por um tapete persa sobre o qual, como uma estátua de pedra, o Sábio está sentado de pernas cruzadas.

É um homem de tez bronzeada, de porte ereto e solene; está numa pose que logo reconheço por ser uma daquelas que Brama já me havia ensinado: a perna esquerda dobrada para trás, o pé sob o corpo, a perna direita apoiada na coxa esquerda; as costas, a nuca e a cabeça formam uma linha reta. Os cabelos caem-lhe, em longos cachos negros, quase até os ombros, emoldurando-lhe a cabeça; uma grande barba negra cobre-lhe o queixo, as mãos rígidas agarram os joelhos. Como ele não usa outra roupa, além de uma pequena tanga, noto as formas firmes e musculosas do corpo, evidentemente sadio; o rosto exprime serenidade e os lábios parecem prontos a abrir-se num sorriso. Vê-se pela fisionomia que ele tri-

unfou sobre a vida e livrou-se do fardo que nós, pobres mortais, carregamos, mesmo reconhecendo a futilidade mundana.

Observo o nariz curto e reto, quase grego, os olhos muito abertos, o olhar fixamente para frente; o conjunto dá perfeita impressão da imobilidade de uma estátua. O guia diz que o Sábio, quando mergulha em êxtase comungando com a Consciência Universal, fica num estado em que a natureza parece diluir-se, e afunda-se num extraordinário arroubamento, perdendo, por completo, a noção do ambiente. Observo-o mais atentamente. Não há dúvida sobre a autenticidade da crise, e o que me causa maior impressão são as pálpebras imóveis, abertas durante horas sem o mínimo cansaço aparente. Os olhos, apesar de estarem abertos não vêem; mesmo que o espírito esteja desperto, a impressão que se tem é que está muito longe de nós e do nosso mundo sublunar. Quanto às funções corporais, elas parecem completamente adormecidas, embora de vez em quando uma lágrima corra-lhe ao longo da face, devido, forçosamente, à imobilidade das pálpebras.

Um pequeno lagarto verde desce do teto, atravessa o tapete e entra sob a perna dobrada do Yogue, que nem se move; numa insensibilidade de pedra, permanece firme. Moscas pousam e passeiam-lhe pelo rosto, sem que o menor movimento traia a persistência de imobilidade nessa figura de bronze. A respiração é lenta e regular, embora apenas perceptível. No entanto, ela é o único indício de vida naquele corpo imóvel.

Para encurtar a espera, bato uma ou duas chapas, mas a luz fraca obriga-me a focalizar em pose. Olho o relógio: há exatamente duas horas que estamos esperando e a rigidez escultural do corpo se mantém sem o menor desfalecimento. Ficaria ali o dia inteiro, se isso fosse necessário para chegar ao fim a que me proponho, isto é, obter uma entrevista desse homem extraordinário; o criado, porém, nos desaponta, dizendo que é inútil esperar; se quiséssemos poderíamos voltar dentro de um ou dois dias. Talvez então tivéssemos mais sorte, embora nada nos prometa.

Magoados, deixamos a sala, eu, mais do que nunca, intrigado com o que vi.

Nos dias seguintes esforço-me para obter algumas informações sobre o curioso asceta que representa um gênero novo para mim, e nas minhas investigações emprego a astúcia e a paciência de um detetive; começo por indagações junto a um criado e acabo por ouvir informações do chefe de polícia, conseguindo assim obter, embora fragmentada, pelo menos parte da história do santo homem.

Faz oito anos — disseram-me — que ele chegou a estas paragens. Quem era ele, e donde vinha, ninguém o sabia. Escolheu para morada um terreno inculto, próximo do lugar onde fica atualmente seu bangalô. Curiosos se aproximaram, tentando ouvir algumas palavras, mas como ficaram desapontados! Ele não lhes dirigiu sequer uma palavra, nem quis ouvir ninguém; foi impossível fazê-lo falar. De quando em vez estendia uma cuia, feita de casca de coco, pedindo alimento, e passava dias e noites acorado no terreno baldio, sem abrigo de espécie alguma que o protegesse da inclemência do sol tórrido, tempestade da monção, poeira e picadas dos insetos. Parecia totalmente ausente do mundo exterior, permanecendo horas e horas na mesma posição, e durante todas as estações do ano usava apenas uma tanga.

As redondezas de uma grande cidade como Madras, devido ao seu bulício não são absolutamente indicadas nem propícias à meditação de um eremita que pretende fugir à vista do público. Isso só seria possível nos tempos da Índia antiga, mas para um Yogue de hoje obter perfeita meditação, é indispensável o retiro nas cavernas das montanhas ou, ao menos, na solidão da cela de um mosteiro. Por que, então, esse singular asceta escolheu um lugar tão pouco favorável à meditação?

Soube, em seguida, a lamentável história que lhe ocorreu, e o desfecho tão imprevisto: Uma vez, um bando de jovens vagabundos, ao descobrir o Yogue, tomou-o para alvo de suas brincadeiras e, com uma insistência pouco recomendável, vinha insultá-lo, atirando pedras e lixo na sua cabeça.

O eremita continuava impassível, embora só dependesse dele administrar-lhes uma boa correção; no entanto, como tinha feito voto de silêncio, nem os repreendia. Essa brincadeira poderia, assim, continuar por muito tempo, se não fosse um transeunte que apanhou esses jovens brutos em flagrante e, revoltado com o espetáculo, correu a avisar a polícia de Madras, que os dispersou, admoestando-os severamente.

Em seguida a esse incidente, um oficial da polícia tomou a decisão de obter algumas informações sobre o singular solitário, mas não encontrou ninguém que soubesse informá-lo sobre a vida do asceta. Não havendo outro recurso, resolveu indagar pessoalmente ao Yogue, sob a autoridade da lei. Após muitas reticências, o eremita apanhou uma lousa e escreveu o seguinte:

"Sou um discípulo de Marakayar; meu mestre me deu ordem para atravessar a planície e chegar a Madras. Depois designou-me este pedaço de terra, dizendo-me onde e de que maneira o acharia. Ordenou que me estabelecesse neste lugar para que pudesse continuar

as práticas da Yoga até atingir a perfeição. Renunciei à vida deste mundo e não peço outra coisa senão que me deixem em paz; não tenho nenhum interesse pessoal em Madras, e não aspiro a nada que não seja a via da iluminação”.

O oficial da polícia, satisfeito com a resposta, reconheceu no solitário um faquir de grande classe e retirou-se, assegurando-lhe sua proteção. Sabia que Marakayar era um famoso faquir maometano que havia morrido recentemente.

“Após a miséria, a bonança” — diz o provérbio. Assim, o caso chegou ao conhecimento de um piedoso cidadão de Madras, que ofereceu ao faquir uma residência na cidade; o eremita, porém, não quis por nada desobedecer às instruções do seu mestre. Finalmente, o bom homem encontrou outra solução e construiu um bangalô no terreno vizinho. O Yogue acabou aceitando morar ali; daí em diante ficou abrigado da inclemência das estações, e dos vexames. O caridoso homem tornou-se protetor do solitário, contratou um criado para seu serviço, poupando-lhe assim não só a necessidade de mendigar seu sustento, como, também, o trabalho de manter limpo o ambiente.

Pergunto a mim mesmo: teria o seu mestre previsto a reviravolta da prova imposta ao discípulo?

Disseram-me que o Sábio não tem discípulos, não os procura nem aceita ninguém; fechando-se numa completa solidão, julga chegar mais rápido à sua “libertação espiritual”.

Esta atitude pode parecer egoísta, aos olhos do ocidental; no entanto, torna-se difícil tachar de egoísmo a atitude de um homem que revelou tanta mansidão com o ébrio e recusou vingar-se dos vagabundos que o perseguiram impiedosamente.

*
* *
*

Voltei ainda para tentar entrevistar o “Sábio que nunca fala”, mas desta vez acompanhado de duas pessoas: uma, o meu intérprete habitual, e a outra, o Yogue a quem devo tantos conhecimentos preciosos, o meu bom amigo Brama, o anacoreta de Adyar. Evidentemente Brama não aprecia muito o bulício da cidade, mas ao saber do objetivo da minha jornada, aceitou logo acompanhar-me.

Perto do cercado encontramos um outro visitante, que deixara seu carro estacionado na estrada e vinha atravessando o campo a pé, sem dúvida também desejoso de contemplar o Sábio. Acaba por narrar-me que é irmão da rainha de Gadwal, um pequeno estado tributário do Nizam de Hyderabad, e arroga-se a generosidade de

também ser protetor do Yogue, contribuindo para sustentar o bangalô. Estando de passagem em Madras, não quer regressar à sua terra antes de homenagear o Sábio e solicitar sua bênção. Quanto ao valor dessa ação de graça, o irmão da rainha cita a seguinte história: “Uma dama da corte da rainha de Gadwal vivia em desespero por ter um filho atacado por uma perniciosa doença. Um dia, ouvindo por acaso uma conversa, soube da existência do *Sábio que nunca fala*, e apesar de ser muito longa a viagem até Madras, não hesitou, e veio suplicar ao Sábio que lhe salvasse a criança. O Yogue cedeu às lágrimas da mãe e, no mesmo instante, o milagre se fez: o enfermo incurável e condenado à morte foi salvo! O fato chegou aos ouvidos da rainha que fez questão de vir agradecer ao eremita; sua Majestade ofereceu-lhe a soma de seiscentas rupias que ele não quis aceitar. Finalmente, ao ver a devoção e a insistência da rainha, o asceta consentiu que empregasse o dinheiro na construção de um cercado em volta da casa, que o protegesse dos curiosos e evitasse que tão freqüentemente ele fosse interrompido durante a meditação. A rainha satisfez-lhe a vontade.”

Eis-nos, afinal, os quatro, diante do bangalô. O criado deixa-nos entrar; como da primeira vez, achamos o Yogue em êxtase e acorramo-nos em silêncio, formando meio círculo em volta dessa estátua majestosa e grave, ereta no seu suporte de mármore.

No fim de uma hora e meia, começamos a perceber os primeiros sinais de retorno à vida, a respiração vem mais funda, mais perceptível, as pálpebras começam a bater, os globos oculares se revolvem e voltam ao lugar na órbita. Os músculos se distendem, a posição do corpo toma uma atitude mais frouxa e, no fim de cinco minutos, uma expressão diferente no seu olhar deixa perceber que o Sábio voltou à consciência do meio que o rodeia. Com atenção ele olha meu intérprete, volta a cabeça para o lado de Brama, para o irmão da rainha e por fim para mim. Aproveitando o interesse, coloco aos seus pés um bloco de papel e um lápis; por um momento ele vacila, depois os toma e escreve com letra elegante, em tâmil:

— Quem foi que um dia destes quis tirar-me fotografias?

Sou obrigado a confessar minha ousadia, embora minhas chapas não estivessem boas por faltar-lhes nitidez.

Ele retoma o lápis e escreve:

— Quando o senhor for visitar Yogues em êxtase, não os incomode, jamais, dessa forma; é arriscado interromper bruscamente uma meditação; no meu caso não houve maior importância, mas eu lhe digo, apenas para avisá-lo, a não proceder assim por ocasião das visitas que pretende futuramente fazer aos Yogues. Tal interrupção pode ser perigosa para eles, e também atrair maldição sobre o senhor.

É bem evidente que cometi um sacrilégio em querer tirar fotografias e a única coisa que posso fazer é pedir-lhe desculpas.

O irmão da rainha de Gadwal exprime-lhe sua devoção e faz as reverências; quando ele termina, chego mais perto e apresento-me como viajante que atravessou os mares em busca da antiga sabedoria indiana e se sente ansioso por encontrar alguns desses sábios que atingiram a perfeição pela Yoga e dos quais tanto ouvira falar no Ocidente. Acrescento que me consideraria feliz e favorecido se o Sábio pudesse me fornecer alguns esclarecimentos que julgasse convenientes.

O Yogue continua impassível, sem que um músculo da face escultural se mova, e após dez minutos de espera, acabo pensando que talvez ele não me tivesse ouvido, ou que novamente eu houvesse cometido outra falta. Aos seus olhos, suponho, um ocidental deve parecer um materialista incorrigível, por quem não há nada mais a fazer; ou quem sabe, talvez, não me houvesse perdoado o sacrilégio cometido? Não sei o que pensar. Será que peço demais a esse asceta solitário, fazendo-o descer das alturas e quebrar seu silêncio e sua altiva reserva, em favor de um descrente infiel?

Não, nada disso, meu desencanto é prematuro, pois eis que o Sábio retoma o lápis e escreve algo no papel; curvo-me para apanhá-lo de sua mão, passando-o ao intérprete.

— Sinto dificuldade em decifrar a caligrafia, que é difícil de ser lida — diz o intérprete, voltando-se para mim.

— O universo é tão cheio de mistérios... balbucio, perplexo. Mas ao ouvir essas palavras, percebo um leve sorriso irônico passar nos lábios do Sábio.

— Se o senhor não se entende a si mesmo, como quer compreender o universo?

Nossos olhares se encontram. Ele está me fixando com seu estranho olhar; sinto por trás desse olhar um mundo de pensamentos ocultos, segredos ciosamente guardados.

— Estou ainda tão confuso... não acho nada melhor para responder-lhe.

— Por que voar, então, feito abelha que enquanto voa colhe apenas uma gota de mel, quando todo o mel da mais pura sabedoria o está esperando?

Fico encabulado. Tal resposta poderia ter sentido para uma mente oriental; para mim, a sibilina sutileza da sentença tem o suave encanto da poesia mas me confunde literalmente, e não contribui em nada para solucionar o problema que me absorve.

— Mas, mestre, onde buscar, aonde ir?

— Procure em si próprio, pois só em si achará a Verdade que aí se oculta profundamente.

— Procurei em mim e não achei senão ignorância.

— A ignorância existe só em seus pensamentos — escreve laconicamente.

— Perdoe-me, mestre, mas suas respostas não fazem senão aumentar minha confusão.

O Sábio, sorrindo da minha temeridade, hesita um pouco e acrescenta:

— Isso acontece porque o senhor está raciocinando em seu atual estado de ignorância. Volte ao ponto de partida e comece a pensar com sabedoria que, na realidade, não é outra coisa senão o autoconhecimento. O pensamento é como uma carroça de bois que leva o homem à escuridão de uma gruta funda encravada na rocha. Volte para trás e o senhor verá novamente a luz.

O Yogue, vendo-me cada vez mais confuso, faz sinal para retomar o papel e escreve, depois de ter levantado o lápis no ar durante um momento:

— Esse retorno do pensamento é a Yoga em sua essência — o senhor me compreende agora? Efetivamente, entrevejo um pouco de claridade, porém isso não é ainda a luz. Preciso de tempo para pensar; no momento acho que seria mais conveniente, não continuar insistindo. Tão absorto estou que não percebo a chegada de um novo visitante que se senta atrás de mim, e só tenho consciência da sua presença quando ouço sussurrar-me ao ouvido algumas estranhas palavras. Abstraido, pensava no sentido oculto da sentença do Sábio, um pouco desapontado por não ter conseguido apreender o valor real que aí devia se ocultar, quando ouço, em voz baixa, em excelente inglês, esta frase:

— Meu mestre pode dar-lhe a resposta daquilo que o senhor procura.

Volto a cabeça; vejo que o recém-chegado é homem dos seus quarenta anos e, à maneira dos Yogues errantes, usa um manto amarelo. É de complexão forte, ombros largos, tez de bronze polido e um nariz fino, aquilino, dominando o rosto; os olhos muito pequenos, parecem pregueados nos cantos, em perpétuo sorriso. Como ele é descortês, e mesmo saliente, querendo conversar na presença do Sábio! Assim, não lhe dou mais atenção e torno a voltar ao meu pensamento anterior e ao meu interlocutor silencioso.

Uma outra pergunta vem cruzar minha mente. Mas, penso: não serei atrevido demais e talvez impertinente? Ora...

— Mestre, o mundo clama por socorro; assim sendo, será conveniente que sábios como o senhor se fechem em semelhante solidão e silêncio, perdidos para a Humanidade?

Percebo novamente um leve sorriso de ironia no rosto imperturbável do eremita.

— Meu filho, se você não se conhece a si mesmo, como pode querer compreender-me? Fazer polêmica com assuntos espirituais é de pouco proveito. Esforce-se a fim de recolher-se em si, pela prática da Yoga; persevere nesse caminho e a solução se lhe apresentará espontaneamente.

Faço a última tentativa:

— O mundo tem sede de Luz; também eu gostaria de encontrá-la para caridosamente difundi-la. Que devo fazer, mestre?

— Quando o senhor conhecer a Verdade, saberá também o que há de fazer para ser útil à Humanidade, e as possibilidades não lhe faltarão; quando alguém possui sabedoria e força espiritual, não precisa mais procurar servir, pois os homens virão por si mesmos e se aproximarão, atraídos pela necessidade da sua ajuda. Saiba: a flor que possui mel tem certeza que a abelha virá distingui-la entre todas as outras. A única coisa que o senhor deve fazer é cultivar seu ser íntimo e nenhum outro ensino lhe será necessário.

Por sinal, com essas palavras, o Sábio nos deu a compreender que gostaria de ficar só, para voltar ao seu êxtase. Peço-lhe então uma última mensagem.

O olhar do Sábio parece perder-se no espaço e flutuar acima de minha cabeça. Depois escreve algo e entrega-me o bloco.

— Fico satisfeito por você ter vindo. Tome isto como sua iniciação.

Apenas acabo de ouvir estas palavras, sinto uma força estranha penetrar-me; ela aflui ao longo da coluna vertebral, endurece meu pescoço e obriga-me a levantar a cabeça. Sinto um poder desconhecido nascer e crescer com uma singular potência. Adquiro uma sensação, bem nítida, de que um dinamismo interior exige a conquista de mim mesmo e põe meu corpo em obediência, a serviço da mente, pronto a realizar seu mais alto ideal. E, por intuição repentina, compreendo que esse ideal é a sintonização das vozes da consciência, é a essência daquilo que há de melhor em mim, é a verdadeira felicidade prometida ao homem, mas que não se encontra em parte alguma, a não ser em nós mesmos. Tenho certeza de que essa estranha mensagem que recebo, e a sensação que não posso dominar, são uma força invisível irradiada do Yogue e projetada em minha mente por uma espécie de telepatia misteriosa. Será

possível que ele empregue esse meio para me transmitir um pouco de sua alta sabedoria?

Seu olhar torna-se fixo, os olhos parecem atingir aos poucos esferas inacessíveis para nós, o corpo retoma sua rigidez escultural. Sem equívoco, sente-se que o Yogue transporta sua alma além de todo pensamento e mergulha nas profundezas ocultas de seu ser, nesse âmbito íntimo que ele ama acima de todas as coisas do mundo.

Será ele um verdadeiro Yogue? Estará mesmo no caminho das conquistas misteriosas, capazes de florescer no campo insuspeito da sabedoria, em proveito da nossa pobre Humanidade? Quem o sabe?

Ao sairmos, Brama se aproxima, falando com sua voz melodiosa:

— Esse Yogue já atingiu um mui alto grau de sabedoria da nossa doutrina e, mesmo assim, não alcançou o auge. Possui vastos poderes, porém seu maior esforço consiste em aperfeiçoar-se a si mesmo. Tem excelentes condições físicas, que atribui à longa prática do *Controle do Corpo*, porém ainda está mais adiantado em Yoga do *Controle da Mente*. Há bastante tempo o conheço.

— Desde quando? pergunto.

— Há alguns anos o encontrei num campo baldio, onde vivia desabrigado; logo o reconheci pelo que ele é, quero dizer um irmão em Yoga. Disse-me, escrevendo, é claro, que quando moço foi soldado e, ao terminar o serviço militar, sentiu-se cansado desse mundo e retirou-se para a solidão. Foi exatamente nessa época que encontrou o famoso faquir Marakayar e tornou-se seu discípulo.

Continuamos andando em silêncio através dos campos e aproximamo-nos da estrada poeirenta. Não digo a ninguém da inesperada e estranha experiência por que passei na cabana. Preciso pensar isolado, enquanto o eco ainda ressoa no mais íntimo do meu ser.

Nunca mais vi o Sábio. Como ele não deseja e não tolera intromissão na sua vida solitária, preciso respeitar essa vontade, deixo-o então envolto no seu manto de impenetrabilidade, entregue aos seus êxtases.

Ele não tem interesse em fundar escola nem juntar discípulos, e não parece alimentar outras ambições, além de passar sua vida em silêncio.

Acho também que ele não teria mais nada a acrescentar ao que já me disse. Por causa disso ele não desenvolve um artifício de conversação, como é tão em voga entre nós, ocidentais.

CAPÍTULO VIII

COM O CHEFE ESPIRITUAL DA ÍNDIA MERIDIONAL

NÃO HAVÍAMOS ainda chegado à estrada, que nos leva a Adyar, quando ouço alguém se aproximar. Voltando-me, vejo o mesmo Yogue de manto amarelo, com sua boca talhada até às orelhas e suas pálpebras franzidas. Continua com aquele mesmo risinho que me aborrece.

Começo por perguntar-lhe:

— O senhor tem alguma coisa a me dizer?

— Exatamente, senhor — responde-me em bom inglês — que está fazendo neste país?

Mas que audácia!

— Bem, simplesmente, viajo...

— Entretanto, pelo que vejo, o senhor se interessa muito por nossos santos homens.

— Sim, às vezes... mais ou menos...

— Eu também sou Yogue, senhor.

Para um Yogue ele não parece passar mal, penso comigo.

— Faz muito tempo? pergunto.

— Três anos, senhor.

— Sua aparência, apesar disso, não é das piores — permita dizê-lo.

Visivelmente lisonjeado, ergue-se, põe-se em posição de sentido e com os pés descalços bate os calcanhares.

— Servi sete anos no Exército da Sua Majestade, o Imperador e Rei!

— Não diga!...

— Sim, senhor. Tomei parte na guerra da Mesopotâmia; ao terminá-la, graças à minha inteligência superior, fui admitido nos serviços de contabilidade militar!

Sorrio a esse auto-elogio. Afinal, aqui está alguém a quem não preciso rogar que fale.

— Deixei o serviço por motivos de família e conheci então um período de grande aflição moral, que me levou, irrevogavelmente, a abraçar o caminho da renúncia e a tornar-me Yogue.

Dou-lhe meu cartão de visita, apresentando-me.

— Meu nome é Subramanya, da casta de Aiyar.

— Muito prazer, senhor Subramanya; agora espero que me explique sua intromissão de há pouco, durante minha entrevista com o Sábio silencioso.

— Eu também, só esperei por este momento, para falar-lhe.

— Faça suas perguntas a meu mestre — eis o que eu lhe queria dizer, porque ele é o maior sábio das Índias e o mais sábio de todos os Yogues...

— Pois bem... e o senhor já percorreu todas as Índias, e conhece todos os grandes Yogues?

— Pelo menos encontrei alguns, e conheço o país do cabo Camorim até os Himalaias...

— Não diga!

— Sim senhor, e digo-lhe, não há outro Yogue igual a ele. É uma grande alma e quero que o senhor o conheça.

— O senhor quer, por quê?

— Foi ele quem me mandou falar-lhe; pois pela força do seu poder foi que o senhor veio à Índia!

Esta afirmação é forte demais! Começo a desconfiar... não aprecio muito o modo exagerado de falar das pessoas demasiadamente exaltadas, e o entusiasmo do meu Yogue de manto amarelo é levado ao extremo. Sente-se o exagêro em tudo: em sua voz, no seu ar, no menor dos seus gestos.

Respondo friamente:

— Não o entendo...

Eis que ele continua a ser mais loquaz, submergindo-me em ondas de explicações:

— Faz oito meses que encontrei meu mestre; ele me deixou ficar cinco meses em sua companhia; em seguida ordenou-me que começasse a vida errante. Garanto-lhe, o senhor jamais encontrará um ser mais sublime; suas faculdades espirituais são tão extraordinárias que poderá responder aos seus pensamentos, antes mesmo de

serem formulados. Uma breve estada em sua companhia convencê-lo-á do grau de perfeição que ele alcançou.

— O senhor tem a certeza de que ele faz tanta questão de minha visita?

— Estou absolutamente certo, senhor! Não lhe disse que foi ele quem me conduziu até o senhor?

— E onde mora seu mestre?

— Em Arunachala, na colina do Santo Lume.

— Onde fica?

— No território de Arcot do Norte, no sul do país. Permita-me acompanhá-lo. Meu mestre resolverá todas as suas dúvidas, pois conhece a verdade máxima.

— Tudo isso é muito interessante, senhor Subramanya (sou obrigado a admitir) mas não me é possível no momento; tenho minhas malas prontas, pois estou de partida para o Nordeste, onde assumi um importante compromisso.

— O que eu lhe estou propondo é de muito maior importância.

— Sinto muito, mas não posso, é tarde demais. Já tomei todas as providências e não vejo possibilidade de mudá-las. Irei ao Sul com o maior prazer, mas não agora.

O Yogue está visivelmente desapontado...

— O senhor está perdendo uma oportunidade, e...

Prevendo uma argumentação inútil, corto bruscamente:

— Agora tenho que deixá-lo, senhor Subramanya, de qualquer modo; muito obrigado.

— Eu não aceito sua recusa. Visitá-lo-ei amanhã à noite e espero que o senhor mude de idéia.

Não temos nada mais a dizer. Sigo com o olhar sua alta e forte silhueta, de manto amarelo, atravessando a estrada, para logo após desaparecer.

Em chegando à casa, raciocino: terei eu respondido irrefletidamente? Mesmo se o valor do seu mestre fosse a metade do que ele pretende, e apesar de ser tão longa a viagem para encontrá-lo, nunca seria esforço totalmente perdido. Entretanto, começo a ficar farto desses devotos simplórios que cantam louvores à glória do seu mestre, a maioria dos quais não resiste à mais leve crítica. Além disso, tantas noites passadas em claro e tantos dias tórridos fizeram dos meus nervos uma pilha e, se ainda por cima esse Yogue me propõe gastar energias à toa... não, muito obrigado, não quero!

Nenhum argumento prevalece contra essa impressão, mas um instinto imperioso me leva a crer que talvez haja alguma coisa no fundo de sua insistência. Sinto-me atônito e perplexo.

*
* *

Na hora do *tiffin* — como nós diríamos — na hora do chá com biscoitos, o criado me anuncia uma visita. É meu confrade, o escritor Venkataramani.

Tempos atrás, havia eu escrito algumas cartas de apresentação, mas, pensando que me podiam prejudicar ao invés de me ajudar, guardei-as no fundo da mala; não pensei em usá-las. Porém, uma certa ocasião tive a idéia de que talvez fosse bom reconciliar-me com os deuses e mandei uma a Bombaim. A outra em que me incumbia de transmitir um recado pessoal, enviei-a a Madras e ela me trouxe o dito escritor. Membro da Reitoria da Universidade de Madras, ele é famoso como autor de romances bucólicos, e o primeiro escritor hindu de língua inglesa, condecorado pelas autoridades locais com a medalha de marfim, por serviços prestados à causa literária. Sua sutileza de estilo e de pensamento valeu-lhe, na Índia, grande estima do poeta Rabindranath Tagore, e na Inglaterra, os elogios do falecido lord Haldane. Possuidor de um talento invulgar, sabe, particularmente, pintar bem as imagens melancólicas, descrevendo a vida das aldeias abandonadas.

Vejo-o entrar; rosto fino e emaciado, abundantes cabelos, queixo delicado, óculos cobrindo grandes olhos de sonhador, idealista e poeta. Contudo, suas tristes íris parecem refletir os sofrimentos dos aldeões.

Todavia, há entre nós idéias em comum, suficientes para nos sentirmos logo à vontade. Depois de confrontarmos nossas impressões sobre diversos assuntos, criticando os políticos e elogiando nossos autores favoritos, vem-me a necessidade de confiar-lhe o real objetivo de minha viagem. Pergunto se conhece os autênticos Yogues, possuidores de reais poderes, pois não me interessam os anacoretas, cuja única originalidade consiste em lambuzar-se de lixo, nem os faquires pelotiqueiros e saltimbancos. Meu interlocutor sacode a cabeça:

— Infelizmente não, pois a Índia deixou de ser a pátria dos Grandes Sábios; com a invasão do materialismo e da cultura sem alma, emprestada do Ocidente, o declínio do nosso país começou e nossos grandes mestres de outrora desapareceram. Creio, porém, que nos restam alguns; mas hoje eles se enclausuram em profundo retiro e, penso, o senhor jamais terá oportunidade de encontrá-los. Meus próprios conterrâneos, quando se põem em busca desses homens, não poupam seus passos nem seus esforços; imagino quanta dificuldade terá o senhor, um europeu!

- Não há, então, nenhuma esperança de êxito, a seu ver?
- Meu Deus, nunca se sabe! É uma questão de sorte.
- O senhor não ouviu falar de um sábio que mora nas montanhas do Arcot do Norte?

Ele sacode a cabeça negativamente. Voltamos a palestrar sobre literatura; ofereço-lhe um cigarro, ele não fuma. Acendo um, e o suave aroma de fumo turco espalha-se na sala, em espirais.

Venkataramani, cujo coração transborda de compaixão, começa o elogio apaixonado da antiga civilização indiana e do idealismo desaparecido. Esse ideal, ele somente o concebe na simplicidade do viver, na doçura da mente a vagar, na dedicação à vida espiritual e no amor ao próximo. Gostaria de varrer a onda de tolices que ameaça afogar toda a sociedade indiana; o que a seus olhos mais importa é salvar as aldeias, reduzidas a serem os centros de recrutamento para as oficinas das cidades industriais. Talvez seja apenas uma ameaça, mas o exemplo do Ocidente mostra claramente a finalidade das tendências atuais.

Venkataramani continua narrando que é oriundo de abastada família possuidora de propriedades perto de uma das mais antigas aldeias do Sul. Era de lamentar a miséria material e o declínio moral que arrastaram essa pobre aldeia a uma triste decadência e ele só pensa em fazer alguma coisa para aliviar a vida desses humildes aldeões, recusando aceitar a felicidade, se eles também dela não puderem gozar.

Ouçoo atentamente, sem nada dizer, esforçando-me por compreender seu ponto de vista.

Quando, tendo se despedido, ele me deixa, sigoo com o olhar seu vulto elegante até desaparecer na esquina da rua, e fico pensando...

Na madrugada do dia seguinte, meu amigo surpreende-me com sua visita inesperada, dizendo-me haver tomado um táxi e corrido à disparada, receando não me encontrar mais.

— Recebi ontem à noite uma mensagem de que meu grande protetor — diz-me todo ofegante — Sua Santidade Shri Shankara Acharia de Kumbakonam, o chefe espiritual da Índia Meridional, permanecerá um dia em Chingleput. Milhões de homens o veneram como um enviado de Deus. Sempre se interessou por mim e estimulou minha carreira literária; não faço nada sem lhe pedir conselhos. Não julguei oportuno falar-lhe ontem à noite, entretanto digo-lhe agora: ele é um mestre da mais alta realização, verdadeiro santo e grande filósofo, embora não sendo Yogue. É o mais alto dignitário de todo o sul da Índia e conhece todos os grandes movimentos espirituais do nosso tempo; em virtude mesmo da sua perfeição,

deve saber melhor do que ninguém algo sobre os verdadeiros Yogues e, como está fazendo uma viagem pastoral através do país, é também o mais indicado do que ninguém para saber os acontecimentos da vida espiritual da Índia. Por ocasião de sua passagem acorrem de toda parte os santos do país para homenageá-lo. Creio que ele poderá dar-lhe a informação que pretende. Quer ir vê-lo?

— É o que mais desejo! É muita amabilidade sua. Chingleput é longe daqui?

— Não, trinta e cinco milhas apenas; mas espere...

— Que há?

— Não sei se Sua Santidade consentirá em recebê-lo e permitir-lhe uma audiência. Farei todo o possível, mas...

— Por eu ser europeu? Oh! compreendo...

— Aceita o risco da recusa?

— Sem dúvida, vamos já.

Como se pode imaginar, durante a viagem crivei meu companheiro de perguntas; assim, soube que Shri Shankara vive com uma simplicidade quase monástica no que toca à sua própria pessoa, mas a dignidade de seu cargo o obriga a ter um padrão de vida principesco. Durante suas viagens, uma verdadeira escolta de elefantes e camelos montados o segue; uma procissão de doutos Brâmanes com seus estudantes, de arautos e adeptos o acompanha.

A multidão se aglomera à sua passagem, todos vêm implorar sua graça com os intuitos mais diversos, quer espirituais quer materiais, ou mesmo financeiros. Não se passa um dia sem que os ricos e potentados não venham depositar milhões de rupias a seus pés, porém como ele fez voto de pobreza, todo esse dinheiro é empregado em obras de caridade. Alivia os aflitos, subvenciona escolas, restaura templos, constrói e aperfeiçoa reservatórios para a água de chuva, por serem raros os ribeirões no sul da Índia. Mas tudo isso é apenas acessório; sua missão é, antes de tudo, puramente espiritual.

Em todo o lugar em que pára, esforça-se por levar à população indiana uma compreensão de sua herança ancestral, bem como elevar seus corações e mentes. Habitualmente ele pronuncia uma alocução no templo da localidade e, em seguida, recebe em audiência particular a multidão que vem vê-lo na sua passagem.

Shri Shankara é o sexagésimo sexto titular da sua dignidade hierárquica, desde o primeiro Shankara. Isso me leva a perguntar a Venkataramani algumas minúcias sobre o fundador dessa linhagem.

O primeiro Shankara viveu há mais de dois mil anos; foi um dos maiores sábios Brâmanes da história; grande filósofo, era uma espécie de racionalista místico. Na sua época, o hinduísmo já estava em franca decadência e toda a sua vida espiritual parecia estar em

completa aniquilação. Com apenas dezoito anos de idade, andava a pé pelas estradas, percorrendo o país; discutia com os filósofos e sacerdotes, ensinando sua doutrina, e os fiéis sempre mais numerosos, curvavam-se aos seus pés. Sua inteligência lhe permitia concorrer com as maiores sumidades da ciência, e ainda em vida era considerado e venerado como um profeta. Suas idéias eram muito liberais; embora partidário da religião oficialmente reconhecida, condenou muitas superstições que se escondiam sob seu manto e esforçava-se por dirigir o povo pela senda da virtude, expondo ao seu auditório a inutilidade de uma religião baseada apenas no culto dos rituais, e não acompanhada pelo esforço individual. Fez pouco caso das leis da sua casta, tomando parte ativa nas exéquias de sua mãe, proceder que lhe valeu a excomunhão dos sacerdotes. Mostrou-se digno sucessor de Buda, que foi o primeiro a atacar o espírito partidário das castas; contradisse os sacerdotes, ensinando que todo ser humano, sem distinção de casta ou de cor, podia gozar da graça divina e chegar ao conhecimento das verdades mais sublimes. Não fundou nenhuma religião; contudo, doutrinava que não importava qual fosse o credo adotado, pois qualquer deles, irrefutavelmente, levaria os homens a Deus, sob a condição de que fosse respeitado na sua pureza primitiva e no seu conteúdo místico. Para apoiar seus argumentos, elaborou um sistema filosófico completo, deixando uma importante herança literária, que ainda hoje é respeitada nos centros de estudos religiosos de todo o país. Os doutos Brâmanes dão grande valor à sua obra religioso-filosófica, embora vivam discutindo, sempre em controvérsias, quanto à interpretação das idéias nela contidas. Com o manto amarelo e um bastão de peregrino, Shankara percorria a Índia; humilde e inteligente, por uma hábil tática fundou quatro grandes instituições, nos quatro pontos cardiais do país. A fundação do norte ficava em Badrinath ao norte, outra em Puri, a leste da Índia, e seu quartel general, que se compunha de um templo e um mosteiro, foi estabelecido no sul, onde proferiu seu primeiro sermão. Até os nossos dias essa fundação permanece e o Sul é considerado como o santuário do Hinduísmo. As instituições cresceram no país e sua doutrina espalhou-se levando a toda a parte as palavras de Shankara. Esse homem extraordinário morreu, ou conforme a lenda, desapareceu na idade de trinta e três anos.

O que dá valor a esta narrativa é o fato de saber que o mestre Shankara que devo ver agora, continua a obra do seu fundador, sem se desviar em nada do ensino do primeiro Shankara. Uma estranha tradição enraizou-se nesse sistema doutrinário. O primeiro Shankara prometeu aos seus discípulos ficar em espírito com eles e zelar pelos seus sucessores. Note-se que essa mesma tradição está ligada à sucessão do mais elevado cargo do Tibete, mantida pelo Grande

Lama. O Shankara em exercício escolhe, no momento de sua morte, o discípulo mais digno de sucedê-lo; como de modo geral é escolhido um jovem, fica ele entregue aos grandes mestres, dos quais recebe uma instrução adequada às altas funções que foi chamado a assumir. Esse ensino não é puramente intelectual e religioso, pois também inclui o estudo da Yoga nos graus superiores e a prática de meditação; após esse período de estudos, segue-se um tempo de vida ativa, inteiramente consagrada pelo neófito ao serviço do povo. Isso é, evidentemente, uma tarefa singular, executada em respeito a uma ordem estabelecida e perpetuada através dos séculos, sem que um só titular haja falhado à prova de abnegação, na sua essência mais elevada e mais pura.

Venkataramani dá colorido à sua narrativa com fatos destinados a realçar os excepcionais dons de Shri Shankara, o sexagésimo sexto da dinastia. Entre outros casos interessantes, narrou-me a cura milagrosa feita pelo mestre em um dos seus primos, parálítico há muitos anos em consequência de reumatismo. Shri Shankara, pelo simples toque da mão, fê-lo andar em menos de três horas e curou-o completamente, no fim de pouco tempo.

Disse também que ele pode ler os pensamentos, dom no qual Venkataramani acredita piamente.

*
* *
*

Chegamos a Chingleput pela estrada bordejada de altas palmeiras, que desaparecem ao se entrar no labirinto complicado das ruas estreitas, marginadas de casinhas brancas, cujos telhados castanho-escuros formam como que um bloco, uns ao lado dos outros. Deixamos o automóvel e andamos até o centro da cidade, regorgitante de povo.

Entramos numa casa onde um grupo de secretários se absorve, atarefado, no exame do volumoso correio que sempre segue Sua Santidade, do seu quartel general de Kumbakonam. Fico esperando numa sala sem cadeiras, enquanto Venkataramani envia um recado a Shri Shankara. No fim de meia hora, um funcionário aparece para nos dizer que a audiência não pode ser concedida, pois para Sua Santidade não há, no momento, possibilidade de receber os ocidentais; ademais, perto de duzentas pessoas o esperam, e a maioria passou a noite inteira na rua, ao relento, na expectativa de ser recebida. O secretário, visivelmente embaraçado, confunde-se em desculpas.

— Aceito a situação com estoicismo, mas Venkataramani não se deixa derrotar. Quer mesmo esforçar-se em prol de minha causa, lembrar a Shri Shankara a amizade que os une e insistir para que

eu seja admitido à sua presença. Quando o vejo querendo passar antes da sua vez, ouço um murmúrio na multidão; usando, porém, de diplomacia, consegue atravessar. Minutos depois, volta risonho e triunfante, para anunciar a boa nova:

— Sua Santidade vai fazer uma exceção e nos receberá dentro de uma hora.

Nesse ínterim, perambulando sem destino, passeio pelas ruas pitorescas que desembocam no templo. Vejo os palafreiros levarem ao bebedouro uma tropa de elefantes e camelos andando em fila. Alguém me aponta a passagem de um belo animal destinado à Sua Santidade nas viagens; de fato, é montaria digna de um rei! O suntuoso palanquim está todo coberto de ouro e esplêndidas tapeçarias trabalhadas; o elefante, como se tivesse consciência da sua alta função, balança majestosamente a cabeça, ao passar à minha frente.

Lembro-me de que o costume do país manda que se leve à personalidade que nos recebe, uma oferenda de frutas, flores e doces; aproveito, então, para providenciar o presente, adquirindo tanto quanto posso decentemente levar. Infelizmente, não se pode pensar em tudo; imprensado que fico pela multidão, esqueço de tirar os sapatos.

— Tira depressa e vamos! — diz Venkataramani.

Não sabendo o que fazer deles, deixo-os simplesmente na rua, fazedo votos para encontrá-los ao sair.

Atravessamos um vasto corredor e entramos numa grande sala vazia. Ao fundo, numa espécie de alcova, apenas iluminada por uma luz embrionária, percebo uma figura erguida na penumbra. Aproximo-me e deposito minha oferenda, fazendo reverências. Sempre apreciei o caráter verdadeiramente estético dessa cerimônia, além do respeito e da cortesia que por dever me cabem.

Shri Shankara não é o Papa, pois tal posto não há no Indostão; entretanto, é o pastor de um vasto rebanho — o pai espiritual de toda a Índia Meridional.

*

* *

Observo-o em silêncio. Envolto em ampla túnica ocre, apoiado no seu bastão de peregrino, parece não ter mais de quarenta anos, mas já tem os cabelos encanecidos. Sua nobre face de tez castanho-cinza, gravou-se na minha memória, de modo a nunca mais esquecê-la, dentre a considerável galeria das fisionomias já vistas por mim.

Um francês chama-lo-ia de *spirituel*; não sei se o termo é adequado, pois a expressão geral dos seus traços denota tanta humildade

e doçura quanta é grande a beleza dos seus negros e meigos olhos; o nariz é reto e de uma regularidade clássica, a barba curta e a boca de uma seriedade notável. Tal como o vejo, parece mais um santo da Idade Média, acrescido de um toque intelectual. Um ocidental talvez julgasse seus olhos um pouco sonhadores: para mim, porém, sem saber por que, sinto que há algo mais do que um sonho, oculto atrás dessas pálpebras pesadas.

— Vossa Santidade é muito bondoso por me ter recebido, digo, à maneira de introdução.

Ele se volta na direção do meu companheiro, dizendo-lhe alguma coisa que não compreendo, mas adivinho. Venkataramani traduz:

— Sua Santidade entende seu idioma, mas não tem hábito de falá-lo; prefere que eu traduza as respostas.

Passo rapidamente sobre a primeira parte da entrevista, que trata de minha pessoa e das minhas experiências neste país. Ele se mostra curioso de saber minhas impressões sobre as coisas e o povo da Índia, e assim começo a contar-lhe tudo o que penso, misturando louvores e críticas. Daí a conversa se estende e fico surpreso ao notar que este Prelado oriental lê diariamente os jornais ingleses e está a par de tudo o que se passa no mundo. Se houver, por acaso, uma sessão tempestuosa no Parlamento, ele sabe qual é o motivo do tumulto, como também não ignora quão doloroso esforço empregou a Europa para dar à luz a democracia.

Lembrei-me que Venkataramani me disse que Shri Shankara possui o dom da profecia. Eis, penso, este é o melhor momento de perguntar sua opinião sobre o próximo futuro de nosso planeta.

— Quando Vossa Santidade julga que vai melhorar nossa situação política e econômica?

— Não vejo mudança para breve. Isso é uma questão de tempo. Como podem as coisas melhorar se as nações gastam em armamento a maior parte de suas rendas?

— Entretanto, fala-se muito em desarmamento; será sempre conversa vã?

— Pois bem; podem demolir os couraçados e pôr os canhões no ferro velho, isso não impedirá a guerra. Os povos continuarão se batendo, mesmo com paus, se não houver nada de melhor para ser usado como arma.

— Mas então qual é a solução?

— Nenhuma. É o espírito que precisa mudar. Somente a mútua compreensão das nações e das classes trará a confiança, estabelecendo a paz e a prosperidade na terra.

— Teremos ainda muito que esperar, então. Conforme o senhor está dizendo, nossas perspectivas não parecem atraentes.

Sua Santidade se apóia um pouco mais no bastão e suavemente responde:

— Ainda nos resta Deus.

— Se resta Deus, então Ele parece estar bem longe — retruco, secamente.

— Deus não tem senão amor pelos homens — responde com sua voz suave.

Esforço-me por conter o sentimento de amarga ironia que me invade:

— A julgar pelas nossas infelicidades e desgraças, mais depressa acredito que Deus não tem senão indiferença para conosco.

Mas ante o sentimento de censura, que percebo nos olhos de Sua Santidade, sinto logo arrependimento de minhas palavras.

— Com um pouco de paciência o senhor mais tarde compreenderá melhor. Deus restabelece as coisas na hora por Ele marcada. O estado permanente de agitação, de decadência moral dos povos, os sofrimentos de milhões de indivíduos farão com que o homem inspirado por Deus venha em nosso socorro. Cada século possui seu redentor. Isso é como uma lei física: quanto maior for a decadência causada pelo materialismo e pela ignorância das forças mentais, maior será o homem que se levantará para socorrer a Humanidade.

— O senhor, então, aguarda que o homem se levante espiritualmente, ainda em nossos dias?

— Em nosso século, mais exatamente, não resta a menor dúvida. A angústia do mundo é tão grande, tão profunda é a noite em que a humanidade se debate, que o homem inspirado por Deus tem que se levantar.

— Na sua opinião, por que estará ele caindo cada vez mais em estado de degradação?

— Não, não é a isso que me refiro. A alma divina que habita o homem, acabará finalmente por levá-lo a Deus.

— Não obstante, nossas cidades ocidentais estão povoadas por tal quantidade de velhacos, patifes e criminosos que mais fazem crer que uma alma do demônio está morando neles.

— Não censure o povo. O meio, as circunstâncias fazem-no piores do que na verdade ele é, tanto no Oriente como no Ocidente. É a sociedade que deve se levantar, despertar espiritualmente e substituir seu desastroso materialismo por um ideal qualquer. Não há outro remédio para sarar as chagas purulentas do mundo. Essa agitação tumultuosa das nações, a corrupção, a agonia da sociedade, são justamente os males dos quais sairá uma solução; é assim também em relação ao indivíduo: quando uma série de desgraças nos cerca,

é uma advertência de que chegou o momento de tomarmos outro rumo na vida!

— Então, se é que eu o compreendo, o senhor quer que os povos introduzam princípios morais na base das relações internacionais?

— É exatamente isso. Não é impossível; é, sim, a única solução que pode beneficiar cada qual de maneira mais estável. E, se houvesse mais homens de realização divina dispostos a divulgar a Luz, o resultado seria bem mais rápido. A Índia tem a honra de possuir alguns desses sábios, não tanto como no passado remoto; mesmo assim, não deixa de tê-los e guardá-los com veneração e respeito. Se o mundo inteiro fizesse o mesmo e aceitasse conselhos dos Sábios que vêem com os olhos do espírito, não haveria conflitos, e, sim, a paz na terra e prosperidade crescente em volta.

Fico satisfeito por saber que Shri Shankara, ao contrário da maioria dos seus patrícios, não exalta seu país em detrimento do Ocidente; ele admite que tanto um como outro têm seu caráter próprio, feito de vícios e de virtudes, mas se equiparam em conjunto; acredita que uma geração mais sábia fundirá num plano mais elevado o que as duas civilizações possuem de melhor.

Deixando esse assunto, peço à Sua Santidade permissão para fazer-lhe algumas perguntas de ordem pessoal, o que me foi concedido facilmente.

— Há quanto tempo Vossa Santidade está de posse do seu título?

— Desde 1907. Tinha então apenas doze anos. Quatro anos depois, retirei-me para as margens de Cauveri, dedicando-me aos estudos e à meditação. Foi depois de então que comecei a aparecer em público.

— Vossa Santidade não costuma permanecer no seu quartel general em Kumbakonam, presumo?

— A razão é muito simples: em 1918 o Marajá de Nepal convidou-me a fazer uma visita ao seu palácio. Aceitei, e desde aquela ocasião estou a caminho para seu Estado, no extremo norte do país. Veja só, desde aquela época não avancei mais do que algumas centenas de milhas, pois a tradição do meu cargo obriga-me a parar em todas as cidades e aldeias por onde passo, e mesmo naquelas que ficam perto da minha rota. Sou obrigado a fazer um sermão no templo da localidade e ministrar alguns ensinamentos aos habitantes que desejem ouvir-me.

Passo ao objeto das minhas buscas e Sua Santidade pergunta sobre os Yogues e ermitões que encontrei; não lhe escondo nada e com toda franqueza respondo:

— Gostaria tanto de encontrar um homem que, dentro da doutrina, já tivesse atingido uma suficiente perfeição e fosse capaz de dar-me uma espécie de prova convincente. Muitos dos vossos santos homens, quando lhes peço que comprovem o que dizem, respondem com torrentes de palavras de pura lábia. Será que peço demais?

Seus olhos meigos me escutam; em silêncio, Sua Santidade acaricia a barba e diz:

— Se o senhor busca a iniciação na Yoga real, do tipo superior, não pede demais, não. Sua sinceridade ajudá-lo-á, porque sinto a força do seu empreendimento, e a luz que começa a despertar em seu espírito guia-lo-á ao objetivo dos seus esforços, sem a menor dúvida.

Não sei se o entendi bem.

— Até agora sempre fui meu próprio guia e jamais contei a não ser comigo mesmo. Os vossos sábios de outrora doutrinam que não há outro Deus senão Aquele que possuímos em nós.

— Deus está em toda parte. Ele sustenta o universo, como estaria contido nos limites do nosso ego?

Sinto que estou escorregando em terreno perigoso e mudo a pergunta:

— Qual, para mim, a diretriz mais prática a tomar?

— Continue sua peregrinação. Ao terminá-la, pense nos diferentes Yogues e santos homens que encontrou; escolha então um deles, aquele que mais o tenha atraído; volte para ele e o senhor receberá, sem dúvida, a iniciação que tanto anela.

Admiro a perfeita serenidade dessas palavras e a paz imperturbável do seu semblante.

— Mas se nenhum deles preencher essa condição?

— Neste caso, continue sozinho até que Deus mesmo o inspire; pratique regularmente a meditação. Os melhores momentos para a prática desses exercícios são a hora de acordar e a do crepúsculo, pois a quietude que então se espalha sobre a natureza favorece a meditação.

Tanta benevolência me comove; chego a invejar essa paz inabalável que ilumina sua face.

Com toda a certeza, esse coração jamais conheceu os horrores que devastaram o meu! Cedendo a um impulso mais forte que a minha vontade, pergunto:

— Se fracassar, poderei implorar a sua ajuda?

Shri Shankara meneia suavemente a cabeça:

— Estou à testa de uma instituição de ordem geral e o tempo não me pertence; meu cargo absorve-o quase que inteiramente; durante anos dormi apenas três horas por noite; nestas condições como poderei tomar discípulos? Procure um mestre que lhe possa consagrar seu tempo.

— Disseram-me que os mestres dignos desse nome são raros e que um ocidental tem muito pouca probabilidade de encontrá-lo.

— Sem dúvida, mas a Verdade deve estar em alguma parte. Quando alguém a procura, deve forçosamente acabar por achá-la.

— Não poderia Vossa Santidade indicar-me algum mestre capaz de provar a verdade da sua doutrina?

— Com todo prazer; conheço dois que poderiam satisfazê-lo. Um deles mora em Benares, escondido no fundo de uma chácara; poucas pessoas têm sido admitidas ou têm podido aproximar-se dele. Um ocidental, ainda menos do que qualquer outro, e não creio mesmo que um só o tivesse conseguido. Contudo, poderei recomendá-lo, mas receio que ele recuse recebê-lo.

— E o outro? pergunto ansioso.

— O outro mora no interior do país, muito longe, lá no sul. Visitei-o uma única vez e reconheço-o grande mestre; recomendo-lhe que vá vê-lo.

— Quem é ele?

— Chama-se Maharichi (1). Vive em Arunachala, nas colinas do Santo Lume, no território de Arcot do Norte. Deseja mais informações a respeito?

Repentinamente essas palavras tornam-se para mim como um raio de luz. Revejo em pensamento uma espécie de frade, em vestes de cor amarela que em vão tanto se esforçou para levar-me ao seu mestre longínquo. Não, eu não me engano, eu bem o ouvi dizer: "A colina do Santo Lume".

— Muito obrigado à Vossa Santidade; tenho precisamente alguém que me dará todas as informações suplementares.

— Então o senhor irá?

Ainda meio hesitante, digo:

— Tomei todas as providências para viajar ao sul amanhã...

— Neste caso, tenho que pedir-lhe que me prometa não deixar o sul da Índia, antes de ver o Maharichi.

Leio no seu olhar tanta sinceridade e tão leal desejo de ajudar-me, que lho prometo sem vacilações.

(1) Título derivado do sânscrito. *Maha* significa grande; *richi* significa sábio ou vidente. Portanto *Maharichi* significa Grande Sábio.

— Não se atormente mais, pois vai encontrar o que o senhor está buscando.

Ouçó atrás de mim as vozes da multidão, que começa a perder a paciência.

— Receio ter abusado do seu tempo, Santidade. Perdoe-me.

Mas, não. Shri Shankara está sorrindo e me acompanha até à porta, sussurrando alguma coisa no ouvido do meu companheiro. Ouço meu nome na conversa. Volto-me, para uma última reverência, e Sua Santidade ainda me fala com suavidade:

— O senhor sempre se lembrará de mim, como eu também nunca o esquecerei.

Com essas enigmáticas palavras, retiro-me, pesaroso por deixar esse homem, cuja vida toda está entregue ao culto do divino. Não ligando ao poder desse mundo e a tudo renunciando. Aquilo que recebe, bondosamente dá. Evidentemente, essa bela alma, bem como sua nobre personalidade, jamais se apagarão de minha memória.

Até ao anoitecer, estive vagando pelas ruas de Chingleput, apreciando seu secular encanto, mas antes de deixar a cidade, e na esperança de rever pela última vez o Shri Shankara, dirijo-me ao templo. Encontro-o falando a uma multidão de homens, mulheres e crianças; sua voz ressoa no mais absoluto silêncio. Embora sem compreender as palavras, sinto que todo aquele rebanho, desde o douto Brâmane, até o camponês analfabeto, está suspenso de seus lábios. Pelo que já sei da sua personalidade, adivinho que ele expõe, em palavras muito singelas, as verdades mais profundas. Mais ainda do que a nobreza da sua grande alma, invejo a fé daqueles que o ouvem, porque jamais conheceram o horror da dúvida; eles simplesmente crêem, nada mais. Parecem nada saber do que é atravessar sombrias noites de desespero de alma, quando não se percebe o mundo senão como uma selva, onde feras famintas se despedaçam, donde Deus se afastou para esferas longínquas e inacessíveis, e onde a própria existência humana parece nada mais ser que o efeito de um capricho do universo indiferente.

Deixamos Chingleput sob o céu cor de anil semeado de estrelas; uma brisa inesperada perfuma o ar, balouçando os topos das palmeiras.

Meu companheiro rompeu esse encantador silêncio, visivelmente muito satisfeito:

— O senhor pode vangloriar-se de ter sorte! É a primeira vez que Sua Santidade concede uma entrevista a um escritor ocidental.

— É verdade mesmo?

— E, de agora em diante, sua bênção o acompanhará e iluminará o caminho da sua busca.

*
* *
*

Era quase meia-noite quando chegamos em casa. As estrelas brilhavam em cintilações magníficas, num extraordinário esplendor, de que não se tem a menor idéia no Ocidente.

Subindo os degraus de minha varanda, percebo um vulto acoorado, surgindo da penumbra.

— Subramanya! — exclamei surpreso. — Que está o senhor fazendo aqui?

O Yogue embuçado de amarelo acolhe-me com seus risos trejeitosos:

— Não havia prometido visitá-lo, senhor?

— É exato.

Ouçó em sua voz uma nota de censura, mas agora sei como acalmá-la.

— Seu mestre não se chama Maharichi?

— Como o sabe, senhor? Quem lho disse?... exclama, quase fulminado de surpresa.

— Pouco importa. Mudei de idéia; desejo vê-lo. Vamos partir amanhã de manhã.

— Isso é que se chama uma boa notícia!

— Sim, mas talvez só possa ficar lá alguns dias.

Estou exausto, penso somente em dormir, mas Subramanya é tão feliz que não quer me deixar; põe uma esteira no chão e deita-se, cobrindo-se com um pano felpudo que lhe serve de colchão, de lençol e de cobertor, recusando minha oferta de um pouco mais de conforto.

Adormeci aparentemente; em todo caso perdi a consciência. Bruscamente acordo. Que horas são? Consulto o quadrante luminoso do meu relógio: faltam quinze para as três. A escuridão é completa. Sinto meus nervos extremamente tensos, como se o ar estivesse carregado de eletricidade. Nesse momento, com os olhos semicerrados, tenho consciência de alguma coisa luminosa estar brilhando nos pés da minha cama. Levanto a cabeça e sento-me de um salto. Para meu grande assombro, vejo os olhos de Shri Shankara, sua face, e o corpo de Sua Santidade! Estou bem desperto, isso não é uma ilusão. Não o vejo como uma sombra ou um fantasma transparente e fluido, mas sim como um ser real, dotado de vida. Seu rosto está nimbado por uma espécie de auréola fosforescente; foi, aliás, essa aura que me deu a impressão de luminosidade.

Não pode ser! Deixei-o em Chingleput, como seria possível? Fecho os olhos, a aparição está lá, como uma presença amiga, bené-

vola. Torno a abrir os olhos: vejo-o, nitidamente, embuçado em seu traje ocre.

Ó rosto parece animar-se, os lábios sorriem e se movem, parece que eles me falam: "Sê humilde e acharás o que buscas!"

Essas palavras eu não as ouço senão em mim mesmo; no entanto, tenho a certeza de que isso não é uma alucinação; há realmente diante de mim um ser humano que me fala! A visão desaparece tão misteriosamente como veio. Sinto-me transbordante de exaltação e felicidade e, apesar de tudo ser tão extraordinariamente fantástico, fico num estado de calma que me surpreende.

Não posso dormir mais essa noite. Acordado o resto das horas, ponho-me a repassar na memória os pormenores da inesquecível entrevista com Sua Santidade, o representante de Deus para a humilde população do Sul da Índia, o Shri Shankara de Kumbakonam.

CAPÍTULO IX

A COLINA DO SANTO LUME

EM MADRAS, onde termina a ferrovia do Sul da Índia, tomamos, Subramanya e eu, o trem especial para os passageiros que devem tomar o navio para Ceilão. Tínhamos já rodado horas agradáveis por entre a pitoresca e variada paisagem da região, descortinando os arrozais, alternados de colinas arroxeadas de aspecto tristonho e abandonado, as plantações de coqueiros entremeadas de campos de arroz nos quais vimos penar os camponeses, curvados sobre o sulco do arado, quando bruscamente cai o crepúsculo. A paisagem começa a ficar velada e eu deixo então de olhar pela janela e retorno aos pensamentos que me obsedam.

Quantas aventuras sucederam desde que Brama me deu este anel! Todos os meus planos ficaram desde então transtornados; uma corrente estranha de forças ocultas, as circunstâncias criadas lançam-me para o sul, enquanto sou chamado para o leste. Será possível que essa pedra engastada num aro possua, realmente, o poder que lhe atribui o Yogue? Preciso conservar minha mente lúcida para poder julgar os fatos com toda clareza, pois para um europeu acostumado aos métodos de investigação da ciência moderna é difícil formular uma hipótese. Também não a procuro, e há para isso uma razão encoberta: não posso duvidar mais de que houve forte e estranha coincidência no conjunto de circunstâncias imprevisíveis, guiando meus passos a esse eremitério nas montanhas.

Parece-me que esses dois homens desconhecidos, de surrão amarelo, são os instrumentos na mão do destino que me leva a um outro desconhecido chamado Maharichi. Não entendo o destino, no sentido banal da palavra, mas não encontro um outro termo, e por experiência sei como às vezes um incidente, aparentemente insignificante, faz parte da vida do homem. E quem não o sabe?

A quarenta milhas de Pondicheri, esse comovente vestígio do que foram as antigas possessões francesas na Índia, deixamos o trem

especial e baldeamos para um outro, suburbano, numa linha que se perde no interior do país. Mas soubemos que o trem não iria chegar tão cedo e isso obriga-nos a passar duas horas na semi-obscuridade da sala de espera vazia, da pequena estação ferroviária. Eu fico na sala enquanto Subramanya prefere andar num vaivém pelo cais deserto. Sigo com o olhar seu vulto esguio, que parece um fantasma sob o céu escuro. Finalmente o pequeno trem aparece. Somos quase os únicos passageiros.

Adormeço. Caio mesmo num sono agitado, cortado por sonhos; ao cabo de algumas horas, meu companheiro me sacode. Saltamos numa estaçãozinha de aldeia, que entra em silêncio e escuridão logo que a locomotiva se afasta levando sua luz e seu bafejo, dissipando-se dentro da noite. Outra vez somos forçados a acomodar-nos na sala de espera escura e sem conforto, onde acendemos a sua única lâmparina a querosene.

Quando, ao despontar da alvorada, os primeiros raios de sol penetram pelo gradil de estreita janela, procuro orientar-me. A algumas milhas de distância perfila-se o contorno, ainda vago, de uma elevação isolada; sua base é imponente, mas o vértice, por aquela manhã brumosa, está coberto de nuvens.

Subramanya vai dar uma espiada à procura de condução e descobre logo, pelo barulhento roncar, um cocheiro adormecido no assento de uma pequena carroça de bois. Aos nossos apelos estridentes, o espírito comercial do negociante o desperta rapidamente. Ao saber de nosso destino ainda mais se excita o seu zelo, apesar do meu olhar um tanto desconfiado, ao examinar o estreito veículo de duas rodas que nos iria servir de transporte. Enquanto o homem ajeita nossa bagagem na traseira da carroça, instalamo-nos o melhor possível. Meu santo companheiro se faz o menor que pode para deixar-me maior espaço livre. Subo ligeiro para baixo do baldaquim e sento-me com as pernas balançando no ar. Quanto ao cocheiro, ele toma o lugar entre as traseiras dos bois, no varal, o queixo tocando os joelhos. Assim acomodados, partimos.

Avançamos lentamente, apesar do consciencioso esforço de um bonito par de zebus brancos.

Esses belos animais são aqui muito mais úteis do que os cavalos, sobretudo como bestas de carga, porque são mais resistentes ao calor e muito menos dispendiosos. A vida nos pequenos lugarejos e aldeias do interior da Índia não evoluiu; é a mesma dos séculos passados. Essa carroça de bois que nos leva agora é do mesmo gênero das que transportavam os viajantes há cem anos ou mais, antes da Era Cristã. Nosso cocheiro, um rapagão de face bronzeada, sente-se orgulhoso dos seus zebus que estão com os longos

cornos, em forma de lira, enfeitados com adornos dourados. Levam sinetas de cobre, amarradas nas pernas, que tilintam ao andar monótono dos animais; são conduzidos por meio de uma corda que lhes atravessa as narinas, e seus cascos mergulham na poeira fulva da estrada.

O sol tropical, depois de uma rápida aurora, já se vai levantando no céu cor-de-rosa. Uma luxuriante paisagem se descortina ao nosso olhar. Não é uma planície monótona; a região é montanhosa e serras onduladas se estendem até onde a vista pode alcançar no horizonte. A terra é roxa, semeada de pequenos arbustos e arrozais, cujo verde vivo repousa o olhar.

Vejo um caboclo de face sulcada de rugas, certamente gasto pelo labor, indo para os afazeres cotidianos. Uma jovem caminha com um cântaro de cobre amarelo posto graciosamente na cabeça, um sari vermelho envolve-lhe o corpo airoso, uma pedra cor de sangue orna-lhe uma das narinas e um par de pulseiras douradas brilha-lhe nos pulsos, aos reflexos do sol. A tez escura de sua pele lhe trai a origem dravidiana. Aliás, é essa a raça da região. Os Dravidianos são alegres e brincalhões por natureza, mais sociáveis e faladores do que os da raça morena e possuem também voz mais harmoniosa. Pelo olhar de surpresa que a jovem nos lança, suponho que a aparição de um homem branco não deve ser uma coisa comum nestas redondezas.

Finalmente chegamos a uma pequena povoação, cuja aparência próspera pode ser atribuída à imensidade de um gigantesco templo que aí se levanta, tomando vários quarteirões com seu volumoso tamanho.

Ao passarmos diante de um dos portões que, por si só, dão idéia da gigantesca arquitetura, faço parar um pouco o veículo, pois desejo ter uma rápida visão do lugar. O conjunto é tão imponente quanto grandioso. Nunca eu vira antes uma construção igual: o interior é formado por um vasto pátio em forma quadrilátera, onde a vista, constantemente presa, fica como num verdadeiro labirinto. Quatro gigantescos portais das fachadas exteriores estão cobertos de ornamentos e esculturas batidos pelos séculos e dourados pelo sol tropical. Este imenso portal com a base de pedra talhada e a parte superior revestida de estuque, está sobreposto por pagodes em forma de pirâmide, que também, apresentam uma variedade infinita de baixos relevos e esculturas. Além dessas quatro torres dos portais, percebo ainda cinco outras, balizadas no interior do templo. Todas elas têm o mesmo perfil, o que me faz lembrar as pirâmides do Egito. O último lance de vista revela-me um imenso pátio central, fileiras de colunas, claustros cercados por sombrios santuários,

passagens escuras e uma quantidade de pequenas construções abrangendo incalculáveis oratórios.

Prometo a mim mesmo explorar todas essas maravilhas quando tiver um momento livre.

Os zebus continuam seu andar plácido e outra vez estamos em pleno campo. A paisagem é encantadora; a estrada é coberta por uma espessa camada de pó fulvo. Aos lados enfileiram-se os arbustos baixos em cujos galhos devem-se aninhar milhares de pássaros, a julgar pelo ruflar das asas e pela sinfonia dos coros matutinos que chegam aos nossos ouvidos.

De vez em quando, de ambos os lados da estrada surge algum santuário cuja variedade de estilos denota diversas épocas de construção; uns com excesso de ornamentos bem à moda indiana; outros possuem colunas de pedra polida como se podem encontrar somente no Sul. Dois ou três desses templos têm uma sobriedade de perfil clássico, assemelhando-os pela sua pureza aos templos gregos.

Depois de percorrer mais cinco milhas, chegamos à primeira elevação da serra que vagamente percebi da estação. Agora vejo-a erguer-se diante de mim, na limpidez da luz matinal, em toda sua forma gigantesca, castanho-escura. A neblina dissipou-se, e do conjunto se destaca uma montanha isolada, de terra avermelhada, cuja rocha castanho-metálica, em maior parte nua, é um amontoado de enormes pedras esboroadas, espargidas em caótica desordem.

— Arunachala! a sagrada montanha vermelha! — exclama Subramanya com uma expressão de fervor e exaltação tão profunda, que seu rosto iluminado assemelhava-o a um santo medieval.

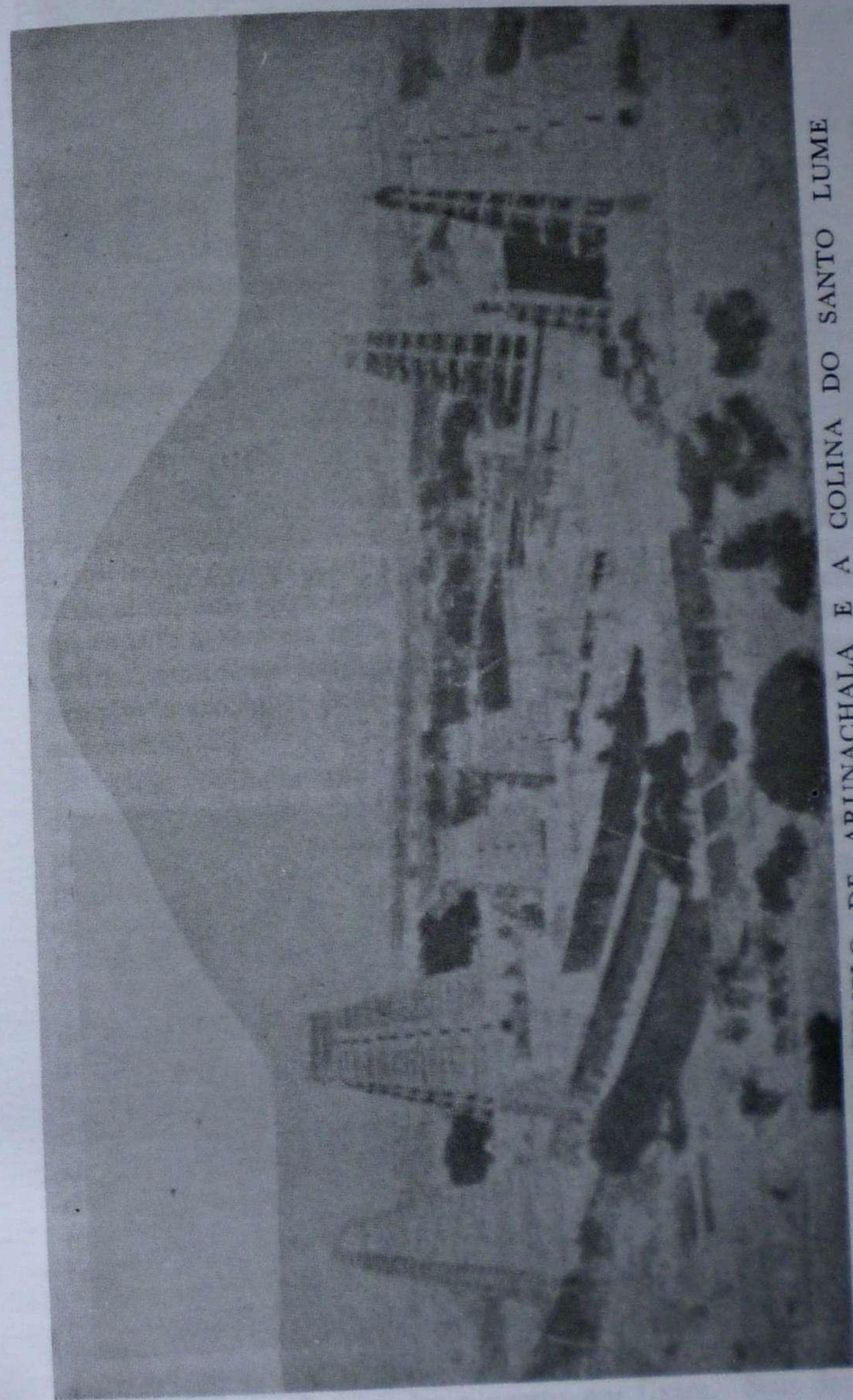
— O nome dela possui uma significação especial? pergunto.

— Acabo de dizer: compõe-se de duas palavras: Aruna e Achala, isto é, a montanha vermelha. Mas é também o nome da divindade do templo, por isso, a chamamos "Sagrada Montanha Vermelha".

— E o que vem a ser santo lume?

— Uma vez por ano, numa festa religiosa cuja cerimônia é celebrada no templo, os sacerdotes acendem uma grande fogueira no topo da montanha; o fogo é alimentado por tão grande quantidade de manteiga e cânfora, que arde durante dias e sua chama é visível a várias milhas em redor. Ao vela, todo o povo se prosterna em veneração, pois esse fogo simboliza que a montanha é uma terra sagrada, sob a proteção de grande divindade poderosa.

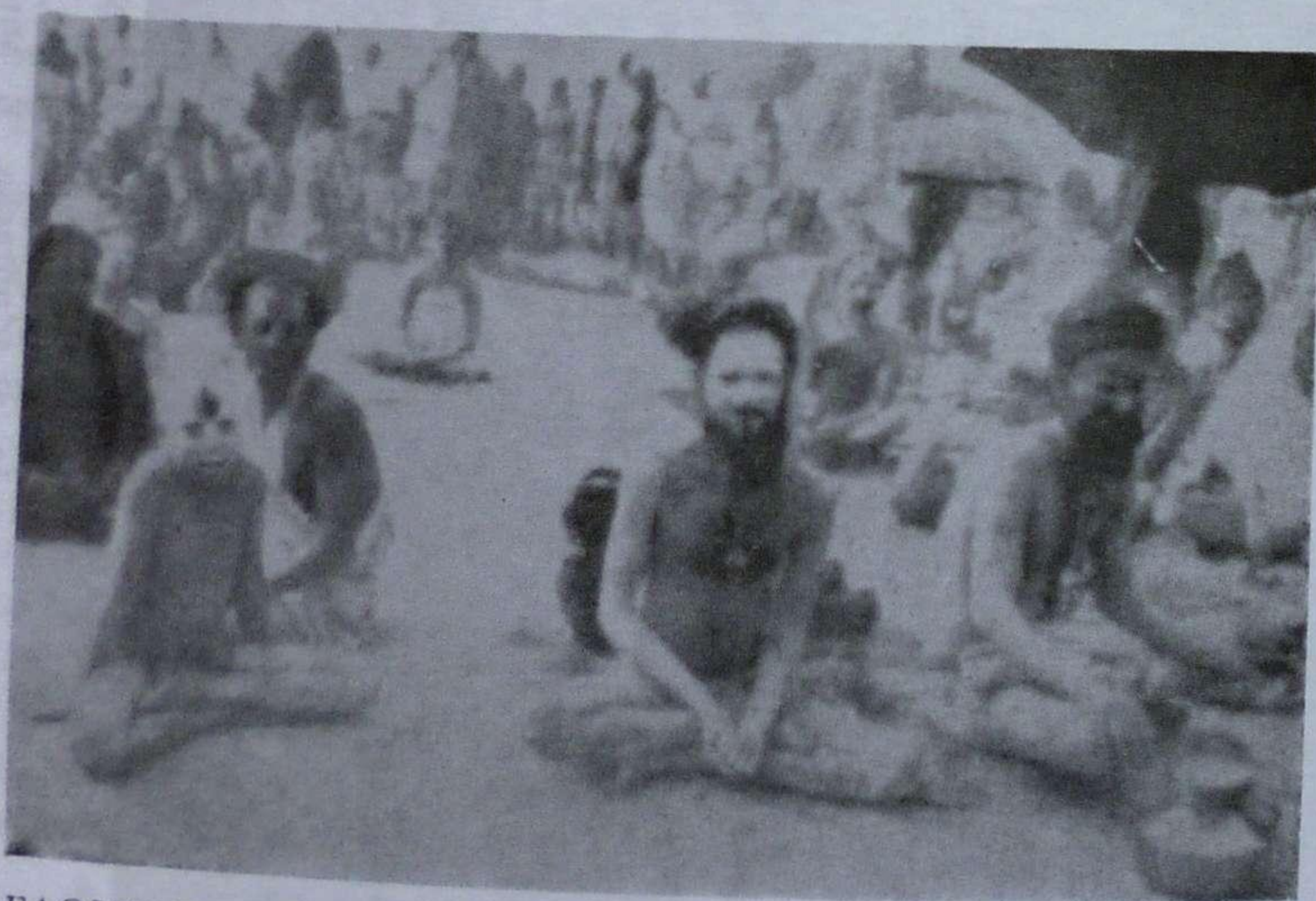
A montanha aparece cada vez mais em toda sua massa volumosa. É de fato imponente, esse pico solitário, matizado de cores vermelha, castanha e cinza, erguendo sua cabeça a milhares de pés



O GRANDE TEMPLO DE ARUNACHALA E A COLINA DO SANTO LUME
Nada aqui lembra as colunas gregas, cujo espetáculo de beleza em plena luz provoca sempre emoção e admiração. É antes um santuário tenebroso, de obscuros mistérios.



ENCANTADORES AMBULANTES DE COBRAS



FAQUIRES COMUNS, DE ORDEM INFERIOR, EM BENARES

acima da planície para o céu cor de pérola. Seja por causa das palavras do Yogue, ou por uma outra razão que ignoro, é com um sentimento de sagrado respeito que meus olhos percorrem as encostas íngremes da montanha.

Sussura-me o meu companheiro:

— Convém notar que essa montanha não é apenas um desses venerados lugares, consagrado a uma divindade; conforme a tradição, os deuses queriam que ela marcasse ali o centro espiritual do universo!

É bastante ousada a concepção; não posso conter o sorriso. O que me interessa no momento é a notícia de que estamos quase chegando. Deixamos a estrada e descemos pelo caminho em franco declive; passamos a floresta de coqueiros e mangueiras e chegamos ao lugar onde a vereda acaba bruscamente diante de um portão. O cocheiro desce e abre a porteira; paramos no centro de um vasto pátio. Afrouxo um pouco minhas pernas dormentes e procuro orientar-me.

A ermida de Maharichi está cercada, em frente, por árvores plantadas em fila fechada e por um jardim de vegetação; por trás e dos lados, protege-a uma cerca viva de arbustos e cactos gigantes. Mais além, uma selva densa de silvas e tojos estende-se para terminar em copada e sombria mata. Embora a ermida esteja construída nas escarpas mais acessíveis, parece perdida na solidão, isolada do mundo; nenhum outro lugar poderia ser mais indicado para a meditação do que este.

Dois pavilhões com telhados de palha ficam do lado esquerdo do pátio; alargando-se, acabam na fachada de uma construção comprida e moderna, revestida de tijolos, e coberta por telhas; uma pequena varanda toma uma parte da fachada; no meio do pátio, um poço, onde percebo um rapazola seminu, de pele quase negra, enchendo um balde de água, mediante uma roldana que range.

A notícia de nossa chegada atrai a atenção de alguns moradores da casa. Fico chocado ao ver a maneira com que eles se vestem: uns têm por toda roupa um pano em volta dos rins, outros trajam magníficos indumentos brancos de seda pura! Todo esse povo nos olha com ar de surpresa. Subramanya se aproxima falando-lhes alguma coisa em tâmil, acompanha-o esse riso que parece mais uma chacota, mas com o qual felizmente, acabei por acostumar-me. Os rostos se iluminam, e eu já os amo, essas faces bronzeadas de homens francos e sorridentes.

— Vamos nos apresentar — diz Subramanya — convidando-me a segui-lo. Antes de entrar ainda paro à porta para tirar os sapatos e pôr um pouco de ordem na cesta de frutas que trouxe em oferenda.

Vinte rostos bronzeados e negros nos fixam. Seus donos, aco-
corados de pernas cruzadas em meio círculo no chão de ladrilhos

vermelhos, ficam a respeitável distância do ponto para o qual seus rostos estavam voltados. Logo, esse ponto atrai meu olhar; vejo uma figura sentada no divã comprido e branco, e não preciso mais perguntar a ninguém, tanta certeza tenho de que é Maharichi em pessoa. Subramanya se aproxima e prosterna-se no chão, cobrindo os olhos com as mãos. Uma alta e larga janela está a alguns passos do divã; a luz viva que cai sobre o asceta permite-me distinguir-lhe bem os traços.

Reparo seu olhar fixo na direção do caminho pelo qual nós chegamos; a cabeça está em absoluta imobilidade; inclino-me e deposito na janela minha oferenda, recuando um passo.

Um pequeno braseiro de cobre fica em frente do divã, um agradável aroma de âmbar sobe das brasas acesas, rescendendo no ambiente como num santuário. Mais perto ainda, um defumador com varetas de incenso; uma leve fumaça azul se levanta das pontas, oscilante, espalhando um perfume penetrante, mas diferente do outro.

Ponho no chão um cobertor de algodão e sento-me para contemplar a figura silenciosa e rígida, acorçada no divã. O corpo está nu, uma pequena tanga cobre-lhe as partes mais íntimas; é o modo muito natural de vestir-se nessa região tórrida. A pele é ligeiramente bronzeada, mas muito clara em comparação à dos moradores, originários do Sul. Deve ser alto, aparenta uns cinquenta anos; a cabeça bem torneada, de cabelos encanecidos que são cortados muito rente; a testa denota uma grande inteligência; seus traços se assemelham mais aos de um europeu que aos de um hindu. Essa é minha primeira impressão. O divã está coberto por travesseiros alvos, e aos pés, uma magnífica pele de tigre cobre o chão de ladrilhos.

Não se ouve nada — na sala reina um silêncio mortal; o sábio continua majestosamente imóvel, aparentemente inconsciente. Gostaria eu de saber se, todavia, ele nos percebeu entrar! Minutos se passam. Um discípulo de tez morena vem romper o silêncio, puxando a corda que move uma ventarola feita de tiras de bambu entrelaçadas. A ventarola está suspensa a uma das vigas, abanando a cabeça do Sábio.

Olho o Maharichi, fixando-lhe bem os olhos, esperando chamar-lhe a atenção; seus olhos, de cor castanho-escuro, são muito abertos. Não sei se ele tem, ou não, consciência da minha presença, pois nenhum sinal exterior o denota; o corpo conserva a rigidez de estátua. Essa imobilidade, acho-a sobrenatural. Não, ele não pode me ver porque seus olhos estão parados num vácuo, fixos e ausentes como se estivessem em esferas longínquas, onde não se tem acesso. Mas eu já vi uma atitude parecida! Não preciso andar muito longe

através das galerias de minhas lembranças para ver o retrato do *Sábio que nunca fala*, o Yogue do subúrbio de Madras, cujo corpo parecia ser esculpido em pedra. Era a mesma rigidez, a mesma imobilidade assustadora. Na Europa tomei como axioma a idéia comumente conhecida de que pela leitura dos olhos é possível chegar à análise da alma, mas diante dos olhos do Maharichi, hesito e me perco.

Minutos se escoam vagarosamente. O relógio suspenso na parede marcou meia-hora, depois uma, mas ninguém se move, ninguém fala. Cheguei até a esquecer a existência dos homens que me rodeiam. Todo meu poder visual se concentrou nessa figura imóvel, sentada com as pernas cruzadas no divã.

Minha oferenda ficou onde a coloquei, ninguém dela tomou conhecimento.

Meu guia não me tinha avisado que iria ter uma recepção igual àquela de Madras, recepção característica pela sua total indiferença à minha pessoa.

Ao ver o homem sentado, imóvel, minha primeira idéia deve ser a mesma de qualquer ocidental: essa atitude, será simplesmente uma atitude fingida? — Não, o homem está em êxtase! Tenho certeza, embora meu guia não me explicasse nada. Aí vem uma outra hipótese: será que esse estado de contemplação mística é apenas um vácuo da mente? — fico pensando. Finalmente, afasto também essa idéia, por uma razão muito simples: acho-me incapaz de responder.

Contudo, alguma coisa neste homem me atrai como ímã; não posso desviar dele meus olhos e, pouco a pouco, com minha surpresa, a confusão que senti ao chegar aqui desapareceu e cedeu lugar a uma muito estranha, mas imperiosa fascinação. Duas horas se passam. Começo a notar uma mudança singular a efetuar-se em mim. As perguntas, que meticulosamente elaborei no trem, começam a cair, uma após outra. Acho-as tão fúteis para formulá-las. Os problemas que me assediavam parecem tão insignificantes!... Começo a sentir uma imensa quietude, uma paz infinita a envolver-me como se ela fosse vinda das partículas do ar que respiro aqui. Não compreendo como se pode dar isto, mas sinto minha mente, torturada pela tirania dos pensamentos, acalmar-se, como que perder-se no esquecimento.

Percebo agora quão fúteis são, de fato, essas perguntas! Quão mesquinha é a fuga dos anos perdidos... Com nitidez concebo de súbito que a mente cria seus próprios problemas, torturando-se em vão para resolvê-los. Para quem, até agora, dava valor soberano ao intelecto, a idéia é de fato nova. Abandono-me a ela com tanto prazer que me dá essa sensação de repouso — eis que duas horas se haviam passado sem que me sentisse aborrecido ou irritado! A

corrente pesada de problemas à qual estava amarrada minha mente parece afrouxar-se e largar-me.

Pouco a pouco todavia, uma nova pergunta me invade: qual será o mecanismo desse fenômeno? A sensação de paz que sinto, emana desse homem, como perfume da flor? Não acho resposta. No entanto, sinto minhas próprias reações! Essa suspeita vem crescendo: será que essa paz divina que nasce em mim é o resultado da minha situação geográfica atual, ou quiçá um reflexo natural da minha mente, perante a forte personalidade do Maharichi? Essa quietude que se segue ao bulício da minha alma, será obra sua? Como a consegue? Por algum processo telepático ainda desconhecido? — Não sei, mas por incrível que pareça, ele ali está, quietinho, completamente absorto e, na certa, nem sabendo da minha existência.

Na superfície da minha mente, como na água parada, um leve sopro faz o primeiro sulco.

Alguém se aproxima, cochichando-me ao ouvido:

— Não tens perguntas a fazer ao Maharichi?

Possivelmente, Subramanya perdeu a paciência. Ou talvez ele imagine que o agitado europeu já ultrapassou o limite da própria paciência. Sinto muito, meu curioso amigo, mas embora seja evidente que eu vim aqui para interrogar seu mestre, na hora em que me sinto em paz com a humanidade e comigo mesmo, por que iria me atormentar com perguntas tolas? Meu navio ia içar a vela no mar encantado e você quer retê-lo no limiar da aventura, neste porto barulhento e empestado que acabo de deixar?

Mas, infelizmente o encanto se rompeu. Como se a intervenção malograda fosse o sinal esperado, as formas humanas, sentadas à minha volta, levantam movimentando-se. Vozes ressoam ao meu ouvido e, ó milagre dos milagres! As pálpebras do Maharichi começam a mover-se, uma, duas vezes; o rosto se volta lentamente em torno da sala, lentamente... e... mais um pouco, fico no seu campo visual. Seu olhar firma-se no meu. Agora não há mais dúvida: ele está desperto do seu longo êxtase e ciente de tudo o que se passa.

Subramanya, na certa pensa que eu não lhe respondi por não tê-lo ouvido bem e repete a pergunta em voz alta. Não obstante, leio nos luminosos olhos do Maharichi, cujo olhar sereno me penetra, uma outra pergunta bem mais eloqüente: "será que você ainda se tortura com dúvidas depois de haver sentido na sua própria carne o efeito dessa paz profunda de espírito, acessível tanto a eles todos quanto a você?"

Em verdade, sinto uma paz benfazeja inundar-me. Volto-me para o meu companheiro, dizendo:

— Não, obrigado, não quero fazer agora perguntas... outra vez...

Contudo, sei que se espera de mim uma explicação qualquer, não o Maharichi, é claro, mas o seu pequeno rebanho que, animado, conversa em volta. Conforme o que me disse Subramanya, alguns deles são discípulos titulares, outros, apenas visitantes fortuitos. Meu guia, surpreso, encarrega-se da apresentação, falando em tâmil com palavras desconexas e grande profusão de gestos — parece exagerar um pouco, a julgar pelo clamor de admiração que suas palavras provocam.

*
* *

Acabamos de almoçar. O sol efervescente faz subir o termômetro a graus que nunca se teria imaginado possíveis, mesmo no Equador. Mais uma vez, porém, sou grato à Índia, tanto por gozar do frescor sombrio do arvoredado na hora da sesta, quanto por seus diversos modos de agir...

Eu posso agora aproximar-me do Maharichi à maneira que gosto, isto é, partilhar sua vida diária, normalmente, e com a maior simplicidade.

Ao entrar na grande sala, vejo o Maharichi sentado, apoiando-se no monte de almofadas brancas, e seus pés repousam na pele macia de tigre, aproximo-me e acocoro-me perto do divã quase tocando seus pés. Nesse momento ele está atarefado, escrevendo algo no caderno com extrema aplicação, enquanto um servente, puxando a corda, manobra o "punkah" que, com ruído surdo e ritmado, espalha o ar abafado da sala, proporcionando um pouco de alívio.

O mestre, depois de alguns minutos, põe seu caderno de lado e chama um dos discípulos, com quem troca algumas palavras em tâmil; o discípulo se volta para mim, dizendo:

— O mestre lamenta muito que o senhor possa não gostar da nossa refeição toda frugal, mas como nós nunca tivemos hóspedes ocidentais, não sabemos do que eles se nutrem.

Agradeço a atenção e asseguro que com o maior prazer partilharei de seus alimentos sem condimento e, se por acaso sentisse falta de alguma coisa, não seria difícil procurá-la na aldeia vizinha. Aliás, acrescento, essa questão é para mim totalmente secundária, diante do objetivo que me trouxe aqui.

Maharichi me ouve atentamente, mas conserva-se impassível; durante algum tempo ele me fita com seus olhos penetrantes, e finalmente diz:

— Esse objetivo é digno de louvor.

Sua resposta me estimula a continuar:

— Mestre, dediquei-me aos estudos filosóficos da ciência ocidental; misturei-me entre a multidão das grandes cidades, participei de seu labor, gozei de seus prazeres e deixei-me levar pelas ambições. Todavia, fui também a lugares solitários e me perdi em profundas meditações. Interroguei os sábios do Ocidente, procurando saber; agora é para o Oriente que volto minha face, ansioso, em busca de luz.

Maharichi faz um gesto como quem diz: "sim, eu o compreendo..."

Prossigo então:

— Ouvi muitas opiniões; atentei a diversas teorias. Fornece-ram-me a prova racional de um conceito, depois de um outro... meu gabinete de trabalho está atulhado deles; estou cansado e farto dos argumentos livrescos e das teorias cabais! Cético de tudo que não pode ser comprovado; só uma experiência pessoal pode convencer-me ainda. Perdoe-me, Mestre, por eu ser franco, mas não tenho o que se diria, espírito religioso. Existe algo além da matéria? E se existe, como posso prová-lo a mim mesmo?

Três ou quatro discípulos que nos ouvem parecem chocados com minha audácia. Será que fiz alguma coisa errada? Infringi alguma etiqueta ou ofendi o mestre pela minha franqueza? Não sei; a amargura de tantos anos de vã esperança, decepções contínuas, abriram-me os lábios dos quais saíam palavras sem que as pudesse frear. Não importa! Se o Maharichi for o homem que suponho ser, ele deve então estar além das convenções e vai me compreender! No entanto, ele não me respondeu; imutável, parece seguir o curso dos seus próprios pensamentos.

Agora que minha língua se desatou, não me retenho mais, e não vou parar tão facilmente. Continuo falando:

— Os nossos cientistas, os sábios do Ocidente, embora cheios de honrarias por sua alta sabedoria, confessaram não possuir nenhum conhecimento sobre o mistério do além-túmulo, nem poder desvendar o sentido oculto da vida. Disseram-me que neste país ainda existem homens que podem responder àquilo em que a ciência do Ocidente é omissa.

Eu quero saber, mestre! — Pode o senhor ajudar-me a desvendar a verdade velada e alcançar a Luz? Ou talvez seja essa busca mera ilusão, e a Verdade, uma miragem? Terminei, e fiquei esperando ansiosamente a resposta. Maharichi continua a fitar-me; raciocina ele sobre minhas perguntas? Não sei. Dez minutos se passam.

Finalmente, seus lábios começam a mexer-se e ouço-o dizer com voz muito suave:

— O senhor disse — eu — "eu quero saber" — diga-me, por favor, quem é esse eu?

Que quer ele insinuar? Dispensou o intérprete, falando-me diretamente em inglês, porém não consigo entendê-lo, não posso seguir seu raciocínio.

— Receio não o ter compreendido — respondo com a voz trêmula.

— Minha pergunta não é bastante clara? Pense um pouco!

Raciocino novamente, tentando decifrar as suas palavras. De repente uma idéia me atravessa a cabeça: aponto o dedo para mim mesmo e digo o meu nome.

— E o senhor o conhece?

Toda a minha vida! — replico sorrindo.

— Bem; mas isso é apenas o seu corpo! Repito-lhe a pergunta: quem é o *senhor*?

Que resposta eu posso dar a tão incrível pergunta?

Maharachi insiste:

— Aprenda primeiro a conhecer esse *eu* e o senhor conhecerá a Verdade.

Minha mente se turva e não dissimulo meu assombro; sem dúvida o Sábio já atingiu o limite do conhecimento do idioma, pois, voltando-se para o intérprete, disse-lhe algumas palavras, que ele traduz assim:

— Há apenas uma única coisa a fazer: olhar o íntimo de si mesmo. Se o senhor o fizer adequadamente, achará a resposta a todos os seus problemas, em si próprio!

— Mas como se deve fazer?

— Pensando no âmago mais profundo da sua natureza e mantendo essa meditação ininterruptamente — eis o caminho que o pode levar à luz.

— Meditei sobre todas essas coisas sem perceber o menor progresso.

— Como o pode o senhor saber? Não é uma coisa fácil notar seu próprio progresso na senda espiritual, como se nota na matéria.

— É necessário um mestre?

— Depende...

— Quero dizer, pode um mestre guiar o homem nessa introspecção?

— Sim, ele pode proporcionar tudo o que for preciso nessa via, porém a questão de que se trata aqui é puramente da experiência pessoal.

— E, com auxílio do mestre, quanto tempo levará para, pelo menos, aproximar-se da Luz?

— Isso depende do grau de preparo de cada um; a pólvora pega fogo num instante, no entanto, é necessário muito tempo para acender o carvão.

Vagamente percebo que o Sábio não aprecia muito falar de mestres, nem de métodos. Faço como se não entendesse e insisto. Vejo, porém, seu rosto desviar-se, firmando o olhar na floresta que se descortina da janela aberta. Mas, onde está a resposta? Vou me considerar satisfeito? Não!

— Mestre, vivemos em tempos críticos; ou tem o senhor uma opinião sobre o porvir do mundo?

— Não se preocupe com o futuro! Porventura, sabe o senhor tudo que toca ao presente? Cuide do presente e deixe o futuro por conta dos deuses.

Mas, que resposta! Desta vez não vou largar a presa tão facilmente, porque sou deste mundo, onde as tragédias da vida pesam bem mais do que neste tranqüilo eremitério perdido na selva.

— Mestre, talvez o senhor possa dizer-me, então, se o mundo entrará brevemente na era de paz e de ajuda mútua, ou se está, mesmo, condenado a afundar-se na desordem e o caos tomará conta da terra?

Maharichi parece não gostar.

— Existe um Ser que governa o mundo; é a carga d'Ele que está essa preocupação. Este que criou o universo sabe melhor do que nós o que há de fazer; é Ele quem carrega o peso do mundo e não o senhor.

— Pois não. Mas, mesmo assim, olhando bem, é difícil de enxergar que parte do globo se beneficia com Sua benevolência.

Visivelmente, o Sábio não apreciou, mas deu a resposta:

— Assim como o senhor é, o mundo lhe parece; se o senhor não se compreende a si mesmo, como pode compreender o universo? Aquele que busca a Verdade não se importa com coisa alguma e não faz perguntas, gastando energia à toa. Antes de mais nada, procure esforçar-se a fim de encontrar a Verdade em si, para em seguida poder colocar-se melhor para perceber a Verdade, que se encobre por trás desse mundo que o rodeia.

Silêncio. Um servente se aproxima e acende uma vareta de incenso. Maharich, depois de ter fixado o vultear da fumaça azul, retoma seu caderno e se põe a escrever, dando-me claramente a entender que se ocupou bastante de mim. Fico ainda sentado mais uns quinze minutos e percebo que Maharichi não está disposto a me

dar mais atenção. Que fazer, senão levantar-me, reverenciar o Sábio, com as palmas das mãos juntas, e sair?

* * *

Mandei chamar na cidade o meio de condução para ir visitar o templo de Arunachala. Pedi que fosse a cavalo, pois a carroça de boi, embora pitoresca, falta-lhe velocidade e conforto.

Na porteira aparece um cabriolé de duas rodas; não há assento mas não acho que isso seja grande incômodo; aos poucos estou esquecendo o gosto do luxo. O cocheiro, um rapagão forte, com um turbante sujo enrolado na cabeça, de olhar vivaz, traja, por toda roupa, um pano de algodão preso à cintura, as pontas passam-lhe entre as pernas, formando uma espécie de calça.

O caminho longo e poeirento acaba por levar-nos à encosta de altos terraços sobrepostos e de baixos-relevos sobrecarregadíssimos de esculturas. Começo por visitar, rapidamente, o conjunto.

— Eu não sei lhe informar a época exata da construção do templo — responde-me Subramanya quando o interrogo — porém, como o senhor pode notar, ele deve ser várias vezes secular!

Ao redor dos portais e nas adjacências do templo, as barracas rústicas de paus e vime espalham-se e abrigam-se à sombra de palmeiras. Os vendedores, pobremente vestidos, trocam imagens santas e estatuetas fundidas em cobre amarelo, e que representam toda a quantidade numerosa das divindades indianas. Nota-se aqui a primazia do deus Shiva; não obstante, em diversos lugares que visitei, observei a predominância de Krishna ou Rama. Meu guia acaba de contar-me uma lenda, segundo a qual, o deus Shiva apareceu, um dia, no topo da sagrada montanha vermelha sob o aspecto de uma coluna de fogo. Em memória dessa data, cada ano, numa certa época, os sacerdotes acendem a grande fogueira no alto da colina. Conforme a lenda, embora o fato tenha acontecido há milhares de anos, o espírito de Shiva, ainda hoje, paira nas montanhas e santifica o templo.

Vejo alguns peregrinos fazerem suas escolhas nas barracas; aí se podem comprar, além de estatuetas de cobre, muito curiosas estampas coloridas que representam episódios da história sacra indiana, os livros de caráter religioso redigidos em tâmil ou télego, e tintas destinadas a pintar sinais distintivos de casta ou símbolos da seita. Um leproso avança a passos lentos, as chagas do seu corpo, quase desnudo, estão em carne viva; o pobre desgraçado deve pensar se vai ser ignorado ou causar-me piedade. A terrível doença imobi-

lizou e desfigurou os músculos de sua face. Envergonho-me de mim mesmo ao depositar no chão uma esmola, com medo de tocá-lo.

O gigantesco portal assemelha-se a uma pirâmide do Egito, toda a sua superfície é ornada com baixos-relevos gravados na pedra, antes de se acabar em pico cortado. Noto quatro deles todos iguais, que com seu gigantesco volume dominam a região. Vêem-se a várias milhas de distância, antes de se aproximar deles.

Os baixos-relevos e curiosas estatuetas, tiradas da mitologia sagrada ou de lendas do Panteão indiano, ornaram suas fachadas. O conjunto forma um pandemônio bem singular. Algumas das divindades estão solitárias, acoradas e absortas em meditação; outras, de pé, dois corpos entrelaçados em amoroso abraço; como se sabe, na mitologia indiana há de tudo e para todos os gostos, porque ela tem a pretensão de abranger o universo inteiro em seus dogmas.

Atravesso o adro do templo, e me detenho num canto do enorme quadrilátero. Aquela vasta estrutura compreende um labirinto de colunatas, claustros, galerias, altares, habitações, corredores, espaços cobertos e descobertos. Não se trata de um edifício de pedra cuja beleza colunária nos prenda por instantes as emoções de silenciosa admiração, como ocorre com os átrios das divindades perto de Atenas; trata-se, antes, de um tenebroso santuário de obscuros mistérios. Aqueles vastos recintos me impressionam com seu frio ambiente de solidão. É um autêntico labirinto, mas o meu companheiro o percorre com segurança. De fora, o templo tem um aspecto atraente, pela cor avermelhada de suas pedras, mas por dentro é todo cinzento-chumbo.

Transpomos um vasto claustro de paredes grossas e lisas, cujas colunas, que sustentam o teto, estão cobertas das mais extravagantes esculturas. Passamos pelos corredores escuros e suas celas sombrias, para chegar diante de outro amplo pórtico, que dá acesso a outro pátio interno, formado por um antigo templo.

— A Nave de mil colunas — anuncia-me Subramanya.

Vejo descortinarem-se avenidas, ladeadas de gigantescas colunas de pedra. Umas com seu simples aspecto, outras ricamente esculpidas; esse lugar dá uma impressão de abandono e solidão petrificante. As colunas monstruosas surgem da sombra, como gigantes. Aproximo-me mais para examiná-las melhor; cada coluna é feita de um só bloco; o teto que ela sustenta é formado por um alinhamento de enormes blocos de pedra achatada. Noto, de novo, os mesmos deuses e deusas em todas as posições em que a fantasia do escultor os colocou, circundados de rebanhos de animais, tanto fantásticos quanto familiares.

Atravessamos as avenidas de colunas, aprumadas como soldados em ordem de batalha, para novamente entrar nos corredores,

apenas iluminados por lâmpadas em forma de taça, com as mechas mergulhadas em óleo de rícino. Por fim, chegamos diante de um outro pátio que atravessamos com alegria, para gozar do sol, ao sair dessa escuridão gelada.

Desse pátio tem-se uma visão geral dos cinco pagodes menores, balizados no interior do templo, e que são uma réplica exata dos quatro que já notei ao chegar, destacando-se com seu gigantesco volume em forma de pirâmides; observo com maior atenção e reparo que eles são de tijolos, e não como pensei, talhados na pedra. Estes baixos-relevos são gravados numa espécie de estuque; algumas das esculturas são pintadas, mas estão desbotadas pelo tempo.

Ao passar a muralha, novamente entramos na escuridão; estamos atravessando longos corredores sombrios desse templo, raro em sua espécie, quando meu companheiro me avisa que está próximo o santuário central, cujo acesso, porém, não é permitido aos ocidentais. Embora o Santo dos Santos seja proibido aos ímpios, dar-se-ia uma espiada, pela abertura, no adro.

Ouç o barulho dos gongos e tambores, as encantações monótonas de hinos entoados por sacerdotes misturarem-se ao ritmo estranho de tocar os instrumentos; a escuridão densa do santuário realça mais ainda a estranheza do ofício. Aos poucos meu olhar se acostuma e vejo uma chama dourada consumir-se diante de um ídolo, dois ou três castiçais no altar de mármore, ricamente esculpido, e alguns fiéis cumprindo um ritual misterioso. Não percebo os músicos, mas ouço o som das trompas e címbalos acompanhar o coro, com suas notas graves e estridentes.

Subramanya sussurra-me que seria preferível irmo-nos embora, porque minha presença poderia chocar os sacerdotes, em ofício. Voltamos pelo outro caminho, deixando o santuário e a escuridão, ao entrar na parte exterior do templo onde reina o silêncio da morte e aí dei por terminada a minha inspeção.

Quando tornamos a passar sob o gigantesco pórtico, afasto-me para não esbarrar num velho Brâmane, sentado no meio do caminho; vejo uma cuia ao seu lado; segurando um pedaço de espelho na mão, ele está pintando na sua testa um tridente vermelho e branco, o sinal distintivo dos hindus ortodoxos do Sul. Isso lhe dá um aspecto grotesco, mas evidentemente, ele não tem, como nós, o senso do ridículo. Um velho, todo encarquilhado e murcho pela idade, acorado no abrigo do pórtico, troca imagens de Shiva. Ao ver-me passar, levanta os olhos com uma expressão tão sugestiva, que paro um momento para satisfazê-lo...

Dos confins da cidade destaca-se um esguio e alvo minarete de mármore. Nunca pude olhar, sem sentir uma singular emoção,

os delicados arcos e as cúpulas graciosas de uma mesquita. Peço ao nosso cocheiro para levar-me até lá.

Mais uma vez tiro os sapatos e penetro nesse encantador recinto de imaculada brancura. Sob seus arcos, tudo parece ser calculado pelo divino arquiteto com a intenção de exaltar as almas. Vejo alguns fiéis ajoelhados, outros sentados ou prosternados nos coloridos tapetes de oração. Aqui não há santuários misteriosos, nem estátuas ou imagens, porque o Profeta disse que nada se deve interpor entre o homem e Deus; todos os sequazes de Alá são iguais diante d'Ele e nenhuma hierarquia sacerdotal deve-se impor aos fiéis que rezam à sua maneira e voltam, livremente, os pensamentos à Meca.

Voltamos pela rua principal da cidade, ladeada de casas bancárias, confeitarias, lojas de tecidos e vendas de sementes e de arroz, cuja quantidade se justifica pela avalanche de peregrinos, atraídos pelo templo secular, e também por inúmeros habitantes que moram nos arredores de suas possantes muralhas.

Agora só penso em voltar ao Maharichi. Lanço meu último olhar às nove torres esculpidas do templo de Arunachala. Quantas gerações se teriam consumido na sua construção? Não sei por que este templo me faz pensar no Egito. Mesmo as ruas se assemelham às desse país; as baixas moradas de paredes grossas parecem possuir caráter egípcio muito marcado. Será que um dia, como no Egito, esses templos abandonados se tornarão pó vermelho e cinzas, donde a fé humana os tirou? Ou talvez o homem vá edificar novos santuários, para abrigar os novos deuses ainda inexistentes? Quem sabe?

Absorto em pensamentos, acalentado pelo galope monótono de nosso pônei, quase me esqueço de olhar o magnífico panorama da mãe natureza, que se descortina à nossa vista. Quantas vezes, nas Índias, esperei por esse momento, único em beleza, quando o sol menos tórrido põe-se no horizonte e atira-se no domínio misterioso da noite.

No Oriente, o crepúsculo encanta pelo seu espetáculo de deslumbrante harmonia de colorido incomparável; mais precioso ainda por ser tão rápido, não leva mais do que meia hora! Os intermináveis crepúsculos europeus são desconhecidos aqui.

Vejo o enorme disco em brasa deslizar no horizonte e mergulhar nas profundezas da selva que passa, então por todos os matizes da cor-de-laranja, enquanto o céu resplandece de todas as cores do arco-íris, oferecendo ao olhar deslumbrado uma gama de colorido vibrante, que nenhuma paleta será capaz de imitar. Os campos e a floresta põem-se uníssonos com esse silêncio de encantamento. A chilreada dos pássaros calou-se, como se calaram também as parolagens intermináveis dos macacos da selva. O globo gigantesco, rapi-

damente cortado, desaparece no horizonte; a escuridão cai cada vez mais densa. A magia das cores apaga-se lentamente e, logo mais, a paisagem toda se esfuma por trás do véu da noite, sob o céu salpicado das primeiras estrelas.

A paz profunda da natureza penetra meu coração e envolve meus pensamentos em infinita ternura. Jamais poderei esquecer esses inefáveis momentos que o destino nos prodigaliza tão generosamente, quando nos deixa manter a esperança, a despeito da enfadonha e cruel fachada da vida, encobrendo uma força benigna que reduz ao seu justo valor nossas mesquinhezas de cada dia. Tais instantes surgem da imensidão tenebrosa da existência como os meteoros brilhantes, que apesar de se apagarem tão rapidamente, ainda nos deixam a esperança.

*
* *
*

Quando o nosso cabriolé parou na entrada, sob as palmeiras, os inumeráveis pirilampos faziam rondas pelo jardim do eremitério, desenhando caprichosos arabescos na vegetação negra da noite.

Entramos na grande sala e sentamo-nos nos ladrilhos cruzando as pernas. O silêncio sublime da natureza parece penetrar o ambiente, e impregnar de paz o ar que o envolve. Nenhuma conversa rompe o encanto; a assembléia, acomodada em meio círculo em volta da sala, está mergulhada em meditação.

Maharichi, sentado no divã, está com os pés cruzados sob o corpo e as mãos pousadas nos joelhos. Seu rosto, como sempre, me impressiona vivamente pelo seu ar de dignidade altiva, mas que não exclui a simplicidade e a modéstia; a cabeça de porte majestoso, tal como devia ser a dos sábios no tempo de Homero; o olhar fixo se mantém num ponto, sempre o mesmo, na extremidade oposta da sala; essa fixidez também representa para mim, sempre, o mesmo enigma: estará ele se voltando a algum objeto exterior, como por exemplo, ao último raio de sol, à primeira estrela que aparece no horizonte, no momento de iniciar a meditação, ou bem estará o Sábio mergulhado em abstração absoluta e não vê nada do que se passa em volta dele?

A fumaça do incenso sobe lentamente, acumulando-se nas vigas do teto. Esforço-me por fixar esses olhos vidrados, mas logo os meus se fecham e uma estranha sonolência me invade, acalentada por essa paz indizível, que parece ser inseparável deste lugar privilegiado. Não quero dormir, porém no fim de alguns minutos as pálpebras se tornam mais pesadas, até que um vácuo se faz na minha mente e, encantado, penetro numa estranha espécie de sono.

Sinto que estou voltando à infância; devo ter meus cinco anos. Vou andando por esses rudes e escarpados atalhos que serpenteiam a colina sagrada de Arunachala, segurando a mão do Maharichi. Mas ele é tão alto que parece um gigante, comparado com a minha minúscula pessoa. Saímos da ermida e seguimos pelos abruptos flancos da montanha; apesar da escuridão completa, o Sábio conduz-me com a mão firme. Súbito, aparecem a lua e as estrelas iluminando o difícil caminho com sua luz fria, e então percebo que Maharichi me faz evitar, cuidadosamente, as fendas enormes e os blocos gigantes de pedras que pendem ali, prontos para nos esmagar. Escalamos lentamente a colina escarpada e sua encosta rude e áspera. As cavernas de anacoretas e grutas de solitários, escondidas entre as estreitas veredas, cavadas na rocha de vez em quando, surgem pelo nosso caminho; seus moradores saem para cumprimentar-nos quando passamos, e embora o luar lhes dê a aparência de fantasmas, reconheço-os como Yogues de várias espécies. Contudo, não nos demoramos, antes de haver atingido o ápice; aí paramos, e meu coração bate com força, na esperança de uma revelação inevitável que se aproxima.

Maharichi me olha, e eu, tão pequenino diante dele, levanto os olhos cheios de súplica.

De repente, sinto uma estranha mudança operar-se em mim; a antiga razão de ser parece abandonar minha mente. Ambições, desejos nos quais me baseei até agora, se desvanecem, assim como se desligam de mim, antipatias, mal-entendidos, discussões, insensibilidades, retraimento, indiferença e egoísmo, coisas que me ligavam aos meus semelhantes, afrouxaram-se, largam-me e tornam-se inexistentes. Uma indescritível paz se apodera de todo meu ser. Adquiro, subitamente, a consciência e a certeza de que tudo o que me for permitido pedir à vida, basta só estender a mão para possuí-lo.

Maharichi convida-me a dar uma olhadela abaixo da colina. Obedeço e vejo nosso hemisfério ocidental estender-se a meus pés; posso distinguir vagamente as massas confusas de corpos amontoados, imersos nas trevas.

A voz do Maharichi faz-me ouvir as palavras:

— Quando voltares ao meio deles, guardarás esta paz em ti, mas com a condição de rejeitares a idéia de que és um corpo e um cérebro determinado. Quando sentires correr em ti essa onda benévola do espírito, vais esquecer tua própria personalidade, pois terás volvido tua vida para *AQUELE* (Deus).

Com essas palavras, o Sábio me põe na mão a extremidade de uma luz prateada.

Ao voltar a mim, embebido nessa sublime visão, meu olhar encontra os olhos do Maharichi. Não, eu não me engano; sua face está dirigida para mim e é a mim que ele está olhando.

Qual pode ser o significado profundo que se encobre nesse sonho vívido? Desejos, amarguras do passado, tudo se desvanece como uma miragem ilusória; o estado de sublime indiferença para comigo e a profunda piedade para com os homens persistem em mim. Quão apaziguadora é essa sensação! Como posso explicá-la? Sinto, todavia, que o efeito não é duradouro; é belo demais; ainda não pode ser para mim...

Quanto tempo fico sentado assim? Vejo todos se levantarem, aprontando-se para dormir.

Tenho que imitá-los, mas a sala é tão abafada, insuficientemente arejada, que prefiro mesmo me deitar ao relento, em algum canto do pátio. Um discípulo de barba grisalha me traz uma lanterna, recomendando deixá-la acesa, pois é de recear uma visita de hóspedes insólitos tais como cobra, chacal ou tigre, e a luz acesa será suficiente para ficarem a respeitável distância.

Deitado na terra, o corpo dolorido, fico acordado horas sem conciliar o sono, mas não me aborreço; tenho bastante que pensar, pois sinto que encontrei em Maharichi a mais misteriosa personalidade que a vida até agora colocou na órbita de minha existência. A coisa é mais estranha ainda, porque o próprio destino me pôs no caminho; sinto estar na véspera de grande momento, sem poder, no entanto, determinar o que irá acontecer exatamente. Sinto que o Sábio me prepara para algo imponderável... será algo que espero?... Cada vez que torno a pensar em Maharichi, lembro-me desse sonho vívido, e estranhas emoções me penetram, fazendo meu coração estremecer na esperança do mistério mais sublime que sinto aproximar-se.

*
* *

Entretanto, durante os dias que se seguem, em vão me esforço por entrar em contato com Maharichi. Há três razões para isso: em primeiro lugar, sua reserva inata e pouca apreciação de polêmicas e discussões, devido à sua completa indiferença em relação a credos e opiniões. É mais do que evidente que ele não tem a mínima preocupação, nem o menor interesse, em converter quem quer que seja e, ainda menos, aumentar o rebanho de seus discípulos. A segunda razão pode parecer estranha, porém sinto-a claramente: desde a noite desse sonho estranho, quando me acho na sua presença, sinto-me penetrado por sagrado respeito; as perguntas que se teriam acumulado em outras ocasiões, não me assaltam mais. Calaram-se. Julgo tam-

bém um sacrilégio discutir, de igual para igual, com o homem que se elevou a tal ponto acima do comum dos mortais, e sinto-me diminuto, na presença dessa sublimidade. A terceira razão é mais simples: há sempre povo ao seu redor e desagrada-me profundamente expor em público o mais íntimo de mim mesmo. Afinal, eu não sou senão um estranho para toda essa gente; não é tanto a diferença de idiomas que influi, mas meu ceticismo ocidental, a ausência total de sentimento religioso na expressão de minhas idéias; eu me arriscaria a ofendê-los; simular, entretanto, não é do meu feitio.

Não me é tão fácil transpor essas três barreiras. Cada vez que estou decidido a falar, uma dessas três razões surge para o impedir e condenar-me ao silêncio. Tomei as disposições para passar um fim de semana, e eis aí uma semana inteira que passou. A primeira tentativa de falar com o Mestre vai ser a última? Salvo duas ou três conversações, todas convencionais, e algumas palavras trocadas fortuitamente, ficamos, ele e eu, em nossas posições.

Quinze dias se passaram. Sinto cada vez mais e mais profundamente o bem-estar, a paz, a serenidade que parecem vir do próprio ar que respiro aqui. Vem o último dia. Minha visita se resume a uma sublime exaltação entremeada de desânimo. Sinto-me deprimido; a maioria dêsses homens fala uma linguagem por demais diferente da minha, tanto no seu exterior quanto no seu mais íntimo. Como esperar, então, uma possível aproximação. Observo o Sábio. Ele paira nas alturas olímpicas e julga a vida humana de ponto de vista tão alto, que ele me foge; não consigo segui-lo. Não há dúvida de que ele não é como nós outros. Ele não é da nossa espécie. É um elemento da natureza, como esse pico solitário que se ergue por trás do seu eremitério, qual essa imensa selva virgem que circunda seu retiro, como esse céu impenetrável. Algo dessa solidão terrível e petrificante deve ter passado na alma inacessível do Maharichi.

Há trinta anos que ele viera para Arunachala — disseram-me — e nunca deixara sua colina. Uma ligação tão forte deve haver influído no caráter do Sábio. Sei que ele ama essa colina, porque alguém me traduziu os versos cheios de emoção e encanto, escritos pela mão do Mestre, onde ele dá expansão ao seu amor.

Como a montanha que se destaca da selva e se ergue solitária para o céu, assim o Sábio levanta a cabeça acima da selva humana, porque sua grandeza também é solitária e sem par. Como a Montanha do Santo Lume faz um pico isolado no cinturão da serra, assim o Maharichi, por não sei que poder misterioso, domina com sua grandeza o rebanho de fiéis que o amam e cercam. De uma maneira ou de outra, ele faz parte do caráter impessoal e sagrado dessa natureza soberba e, ainda mais, dessa colina santa. Ele é sozinho, des-

tacando-se na dianteira, e seus companheiros da vida, mais fracos, não podem segui-lo. Faço votos para que ele se torne um pouco mais humano, mais acessível ao que para nós é normal e natural, mas que, junto à sua augusta individualidade, parecem fraqueza e desgraça.

Contudo, como poderia ele atingir essa grandeza de perfeição espiritual, se não tivesse deixado a humanidade longe, muito longe, na sua retaguarda, e não tivesse renunciado para sempre às criaturas mundanas? Sinto, todavia, uma promessa no seu olhar, a promessa de uma extraordinária revelação...

Até agora, entretanto, nada além dessa inalterável serenidade e desse sonho, que brilha na minha memória como estrela no céu. O tempo vai se escoando. Em quinze dias, uma única entrevista, da qual nada entendi, por mais que me esforçasse. A expressão rude do seu rosto fechado basta, por si só, para me afastar. Nunca esperei ser recebido dessa forma, pois devo dizer que, ao chegar aqui, estava na expectativa de algo brilhante, que o homem de manto amarelo me fez vislumbrar. E, no entanto, é ao Maharichi que me obstino agora em fazer falar, porque não posso deixar a idéia de que ele é único, entre todos aqueles que me foi dado encontrar, que resolveu o enigma da vida e ao qual nenhum sofrimento pode atingir mais.

Vou tentar mais uma vez! Resolvo procurar um dos discípulos mais antigos do Mestre, atarefado em algum trabalho na proximidade do eremitério. Era sempre muito amável para comigo, o que me faz perder meu acanhamento. Digo-lhe, sem embargo, que gostaria imensamente de ter uma última entrevista com o Mestre, mas não me atrevo a pedi-la pessoalmente. O discípulo me compreende, pois sorri e afasta-se; volta minutos depois e comunica:

— O Maharichi tem muita satisfação em conceder-lhe a entrevista desejada.

Apresso-me, todo feliz, em retomar meu lugar aos pés do Mestre. O Sábio se volta para mim e põe-me logo à vontade, cumprimentando-me com a cortesia habitual dele.

— Mestre, os Yogues dizem que para encontrar a Verdade é necessário renunciar ao mundo e retirar-se para as profundezas da selva ou para as cavernas da montanha. No Ocidente isso é uma coisa praticamente impossível, de tal modo nossa existência é diferente. Qual é sua opinião nesse sentido, Mestre?

Maharichi se volta para um discípulo, um Brâmane muito cortês, e pede-lhe traduzir-me a resposta:

— Não é absolutamente indispensável renunciar à vida ativa. Faça uma hora ou duas por dia de meditação, continuando seus

afazeres. Precisa saber meditar. Quando se faz meditação perfeita, cria-se uma corrente espiritual cujos benefícios o senhor poderá sentir até no seu labor cotidiano. Isso será, em outras palavras, como duas maneiras de expressão de uma única idéia, sua atividade prosseguirá paralela à sua meditação.

— E qual será o resultado?

— O senhor verá, por experiência própria, que sua atitude para com as coisas e os seres e até para com os acontecimentos modificar-se-á aos poucos.

— Mestre, o senhor então não concorda com os Yogues, pelo menos, nesse ponto!

Eu queria provocá-lo, mas ele evita dar uma resposta direta.

— É o egoísmo pessoal que põe o homem prisioneiro deste mundo. Que ele procure libertar-se! A verdadeira renúncia está no abandono voluntário de nosso ego ilusório e enganador.

— Mas, Mestre! como despojar-se de todo egoísmo e viver no mundo?

— Não há conflito essencial entre a vida ativa e a sabedoria.

— O senhor quer dizer que se pode continuar a exercer uma profissão, por exemplo, e alcançar a Sabedoria?

— E por que não? Mas neste caso não será mais a mesma personalidade de homem que prossegue sua vida ativa, porque a consciência vai se transformando, aos poucos, até chegar ao foco espiritual que está além da pequenez do eu.

— Mas quando se tem uma vida ativa, pouco tempo nos sobra para a meditação necessária.

Maharichi não parece chocado com meu raciocínio.

— Reservar algum tempo para a meditação pertence apenas aos principiantes na vida espiritual. O homem avançado começará a gozar a beatitude mais profunda, esteja em atividade ou não.

Enquanto suas mãos estão atarefadas no trabalho, sua mente paira nas solidões infinitas.

— Mas isso não é mais a Yoga! exclamo, surpreso.

— O Yogue se esforça por impelir a mente para o ideal, como um vaqueiro impele o touro com uma vara, mas neste caminho o buscador atrai o touro com um punhado de feno.

— Como devo compreender, Mestre, como então se deve fazer?

— Fazendo a pergunta a si mesmo: quem sou? — Essa busca o levará, finalmente, a descobrir, em seu mais íntimo, algo que se oculta além da mente. Quando o senhor resolver este problema maior, todos os outros estarão resolvidos e não haverá mais dúvidas.

Esforço-me por compreendê-lo. Pela abertura retangular, que na Índia substitui a janela, percebo os primeiros atalhos da colina sagrada, banhada de luz matinal. O Maharichi, depois de uma curta pausa, retoma:

— Vou tentar fazer-me compreender melhor e ser mais claro. Todos os seres vivem constantemente na busca da felicidade, de uma felicidade que eles pudessem pegar com as mãos e que jamais tivesse fim. Esse instinto é bom e natural. Entretanto, ao senhor nunca ocorreu a idéia de que acima de tudo eles se amam a si mesmos?

— E daí?

— Aproxime esse fato do outro: para chegar à felicidade, os homens agarrados a si mesmos provam-na mediante todos os meios; uns escolhem a bebida, outros se entregam à religião. Relacionando esses fatos, o senhor pode ter a chave da verdadeira natureza do homem.

— Não... eu não compreendo, não sei bem onde o Mestre quer chegar...

A voz anima-se:

— A verdadeira natureza do homem é a felicidade! A felicidade é inata no homem; a busca da felicidade é busca inconsciente do *Eu* absoluto e eterno. Portanto, o homem que consegue elevar-se por seu próprio esforço para alcançá-lo — atinge a felicidade que também jamais perece.

— Mas, Mestre! Há tanta infelicidade no mundo...

— Certamente; mas isso acontece porque a ignorância veda ao homem a noção da sua verdadeira natureza; no entanto, todos os seres, sem exceção, conscientemente ou não, estão à sua procura.

— Mesmo os mais indignos, miseráveis, brutos e criminosos?

— Sim; somente se enganam quando julgam ter achado em suas falhas e fraquezas o segredo da felicidade. Essa ânsia é instintiva, mas, por ignorância, eles não sabem que, na realidade, é o seu verdadeiro *Eu* que buscam, e por isso procuram o caminho da felicidade na ignomínia e na baixeza. Seus próprios erros lhes são fatais, porque a conduta do homem, irremediavelmente, recai sobre ele mesmo.

— O senhor quer dizer, Mestre, que se tivermos o conhecimento do nosso verdadeiro *Eu*, conheceremos a felicidade sem limites?

Meu interlocutor faz um sinal de que sim. Pela janela sem vidraça, um raio de sol, subitamente, vem iluminar o rosto do Maharichi. Sua fronte nobre reflete serenidade; a boca de contornos firmes exprime perfeita satisfação de si mesmo; os olhos brilhantes, como uma chama do santuário de paz inabalável, transmitem mensagem do infinito. Nada em sua atitude desmente suas palavras. Acaso

essas palavras ocultam outra coisa, além do seu significado aparentemente simples? O intérprete traduziu palavra por palavra. Talvez algo mais profundo tivesse escapado da sua interpretação? Esse algo é para eu descobrir, evidentemente. O Sábio, porém, não parecia se exprimir como filósofo nem como doutrinador, mas como um homem que fala com o coração; não se expressava como quem vive sua própria e feliz experiência?

— Que é exatamente esse *eu* do qual o Mestre falou? Se isso que o senhor diz for verdade, então é necessário que haja dois *eus* no homem? pergunto, perplexo.

Seus lábios esboçam um leve sorriso.

— Como poderia o homem estar na posse de dois *eus*? Para compreender melhor, precisa analisar-se a si mesmo. O hábito de pensar como todo mundo pensa, faz com que o homem não se veja mais tal qual ele é de verdade; sua própria imagem não é mais exata. Por tempo demais ele se identifica com seu corpo e com seu cérebro. É por isso que lhe aconselho buscar a solução da questão na pergunta: "quem sou eu?"

Parou, como se quisesse deixar-me tempo para assimilar suas palavras. Fico calado, aguardando o que se vai seguir.

— O senhor me pergunta pela verdadeira definição do *eu*. Como posso dá-la? É aquilo do qual nasce o senso do "eu" pessoal e em que ele terá de desaparecer.

— Desaparecer? Perde-se, então, a noção da personalidade?

— O pensamento predominante no homem é o do *eu* — também é o primeiro sentido humano a aparecer no espírito. O *eu* vem sempre antes do *tu*. Seguindo o pensamento do *eu* pela introspecção mental, descobre-se que, como foi o primeiro a aparecer — também será o último a dissolver-se. Pode-se, aliás, fazer essa experiência por si mesmo.

— O Mestre acha então possível tal investigação no nosso íntimo e que possa ser facilmente praticada?

— Certamente; essa investigação pode nos levar até o ponto onde o ego gradualmente desaparece.

— Mas então o que será de nós nesse momento? O homem ficará em estado de inconsciência ou se tornará idiota?

— De maneira alguma; dá-se precisamente o contrário. Ele vai atingir a vida consciente, a única que é imortal. Ao despertar da vida do seu verdadeiro Ser, que de fato é sua Real natureza, o homem tornar-se-á o Sábio.

— Mas, o senso do *eu* deve participar, evidentemente, dessa natureza? pergunto.

— O senso do *eu* parte da pessoa; esse senso é ligado ao corpo e ao cérebro.

Quando o homem, pela primeira vez, reconhece seu *Eu* real, uma força vem do seu íntimo e apodera-se dele; essa força é a inteligência transcendente; ela é incriada, infinita, divina e *perene*. Alguns a chamam o Reino do Céu, outros, Nirvana; os hindus a denominam Libertação. Pode-se-lhe dar o nome que se quiser — isso não influi. Quando essa força toma posse do homem — o homem então se perde realmente, ou melhor, ele se encontra.

Essa última frase me faz pensar nas mesmas palavras proferidas pela boca do Galileu, muito embora permaneçam, ainda hoje, um enigma para muitos: "Aquele que procurar salvar sua vida, perde-la-á — e aquele que a perder, conservá-la-á."

A analogia é surpreendente! E esse Sábio chegou a isso sem o apoio da idéia do Cristo. Apenas servindo-se de intensa concentração interior.

A voz do Maharichi vem interromper a fuga dos meus pensamentos:

— Enquanto o homem não se tiver comprometido nessa busca, seguindo esse caminho, a dúvida e a incerteza sempre seguirão seus passos. Os grandes reis e os maiores estadistas lutam para governar os demais; no entanto, sabem muito bem no seu íntimo que são incapazes de se dirigir a si mesmos; porque o verdadeiro poder pertence ao homem que penetrou no âmago mais profundo da sua alma! O cientista que passa a vida acumulando conhecimentos terá que baixar a cabeça quando lhe perguntarem se resolveu o mistério do homem e conquistou-se a si próprio. Ora! Para que serve saber todas essas coisas quando o senhor não sabe nada de si? Que adianta conhecer o que se passa fora de nós se ficamos na ignorância do que se passa dentro de nós? Evitamos pensar. No entanto, qual conhecimento é mais digno da nossa atenção e do nosso empenho?

— Talvez o empreendimento seja quase sobre-humano.

— Minha observação provoca um ligeiro encolher de ombros.

— É indispensável tentar; a dificuldade é menor do que se supõe.

— Para nós, ocidentais, ativos e práticos, essa introspecção desinteressada... hesito, sem saber como terminar a frase.

— O conhecimento da Verdade, bem como a ação da mente são iguais para todos e representam as mesmas dificuldades, tanto para os hindus como para os ocidentais. Admito que seja mais difícil para aquele que se debate nas amarras da vida agitada, mas num caso, como no outro, pode-se e deve-se alcançar o bom êxito.

Trata-se aqui de criar uma corrente espiritual obtida pela prática da meditação constante, mantida pelo hábito diário. Pode-se então continuar seus afazeres sem que haja um choque entre a meditação e a atividade física. Quando o senhor for meditar sobre a pergunta: "QUEM SOU?" — começará a compreender que nem o corpo, nem a mente, nem os desejos dos sentidos são realmente o que o senhor considera ser o seu ego; basta só essa atitude para fazer surgir a resposta do recôndito do seu ser, aparecendo-lhe como uma profunda realização. Aprenda a conhecer-se a si mesmo e a Verdade brilhará em sua alma como um raio fulgente do sol; sua mente estará em paz e as ondas de felicidade o submergirão e o inebriarão, pois o *Eu* real e a felicidade são termos idênticos, e no momento em que conseguir a percepção direta do *Ser*, suas dúvidas se dissiparão, porque saberá tudo.

Com essas palavras, Maharichi desviou a cabeça, seu olhar voltou a fixar o mesmo ponto do lado oposto da sala. Compreendo, então, que isso é o sinal por ele marcado para o fim da entrevista.

Saio com a satisfação de tê-lo arrancado, mais uma vez, do seu mutismo.

*
* *
*

Ao deixar a sala, refugio-me na mata, numa clareira bem tranqüila, onde passo o resto do dia, redigindo notas. Voltei quando o crepúsculo estava a se aproximar, algumas horas antes de minha partida. A carroça de bois levar-me-ia para longe desse asilo de paz. Retomo meu lugar na sala carregada do perfume de incenso. Maharichi, semi-inclinado sob o ondulante "punkah", mas no momento em que entro, endireita-se e toma sua pose favorita: o pé direito posto na coxa esquerda, e o pé esquerdo, dobrado, está apoiado na coxa direita. Lembro-me da demonstração de Brama que chama essa posição de "cômoda". É realmente parecida com a pose de Buda, e relativamente fácil de ser tomada. Com a mão direita segurando o queixo e o cotovelo apoiado no joelho, o Mestre silencioso fixa-me atentamente; ao seu lado percebo um jarro com água e um bastão de bambu. — Eis toda a riqueza que possuí no mundo! — resposta bastante expressiva à nossa sede insaciável de posses! Seus olhos brilhantes, muito abertos, com o escoar do tempo tornam-se mais fixos, o corpo retoma sua rigidez, a cabeça, antes de imobilizar-se, cambaleia ligeiramente; mais uns minutos e tenho a certeza de que Maharichi está absorto em êxtase, igual àquele em que o vi à minha chegada. Alguém se aproxima, sussurrando: "não se deve falar mais, Maharichi está em êxtase."

Todos se calam ao redor, e à proporção que os minutos estão passando, o silêncio envolve o ambiente, mais e mais profundo...

Embora não sendo religioso, abandono-me ao sentimento de sagrado respeito que me inunda com força tão irresistível quanto a de uma abelha quando atraída pelo perfume da flor. Uma força sutil, impalpável, indefinida, parece flutuar no ambiente e penetrar-me. Agora não duvido mais que o Maharichi seja o operante desse prodígio. Seus olhos brilham com estranho fulgor; sensações desconhecidas despertam em mim, sinto-me atingido pelo raio que emana desse olhar flamejante e penetrando no mais íntimo e mais secreto da minha alma. Tenho certeza de que ele vê tudo em mim; nada lhe escapa dos meus pensamentos, emoções, desejos secretos; fico como que despido e impotente diante desse olhar. Tenho uma sensação de mal-estar, pois sei que nada lhe foge das páginas vividas do meu passado e mesmo que fossem esquecidas por mim, ele as sabe todas, tenho certeza. E é em vão que procuro reagir, tentando esquivar-me; para dizer a verdade, não penso em ocultá-las, porque um sentimento vago do benefício futuro força-me a submeter-me a essa investigação impiedosa.

Todo o meu passado, forças a fraquezas, pecados e virtudes em conjunto, desfilam em minha mente. Segue-se então um sentimento de sossego, quando compreendo que ele sabe que eu fui impedido e arrastado por um impulso irresistível que me afastou da vida comum, forçou-me a deixar os caminhos batidos, lançando-me em busca de homens tais como ele.

Pouco a pouco, nitidamente, sinto a evolução dessa corrente telepática entre seus olhos firmes e meu olhar inseguro, e que pelo suave mas imperioso lance do seu espírito, transmite-me o fluxo dos seus pensamentos e convida minha alma a entrar nesse estado de paz inabalável, da qual ele parece gozar perpetuamente. Esta quietude extraordinária é acompanhada de uma sensação de alívio que me submerge em ondas de serenidade inigualável. O tempo suspende a sua marcha. Sinto meu coração aliviado despojar-se do seu fardo caótico e turbulento, não se afligir mais por amarguras, decepções ilusórias, nem se atormentar com a melancolia dos desejos insatisfeitos. Com clareza deslumbrante, concebo que o instinto que força o homem a levantar os olhos e esperar, a despeito de toda a desesperança, é o que o sustenta nas horas amargas, um instinto que não se engana, porque é de essência divina. Nesse silêncio sagrado, onde o tempo perde seu valor soberano, onde a dor, o pecado, as ilusões e as falhas do passado parecem banais, sinto todo meu ser fundir-se em Maharichi, cuja sabedoria atingiu ao auge. Esse olhar fulgente aparece diante dos meus olhos profanos como uma vara mágica, evocadora de um mundo de esplendor insuspeito.

Quantas vezes observei, surpreso, todos esses discípulos, pensando: por que eles ficam assim, anos e anos aos pés desse Sábio, sem nenhum conforto, satisfeitos com tão poucas palavras, nada para distraí-los, nenhuma atividade exterior que os possa prender; por quê? Agora começo a compreender — não pela especulação cerebral, mas pela iluminação interior, bruscamente sentida, que cada dia que passa lhes traz sua própria recompensa!

Após algumas horas de silêncio mortal, um dos discípulos se levanta discretamente e, nas pontas dos pés descalços, sai; depois um outro, e ainda um outro o segue até que todos se vão. Por fim, acho-me só, pela primeira vez estou só diante do Maharichi!

Deu-se então um fenômeno estranho: seu olhar muda de expressão, vejo suas retinas se contraírem como se fossem um diafragma de objetiva fotográfica e a agudeza do olhar intensificar-se entre as pálpebras, quase cerradas. Subitamente meu corpo torna-se leve, airoso, e paira junto ao seu, flutuando no espaço infinito. A sensação é de uma agudeza tão violenta que, amedrontado, resolvo romper seu encanto. Acho coragem na minha própria decisão, e no mesmo momento sinto-me reintegrado no corpo, sentado na sala. Não houve palavras trocadas. Volto a mim, coordeno as idéias, espio o relógio na parede da sala, e levanto-me em silêncio. É o momento de ir-me embora. Inclino a cabeça em sinal de despedida — o Sábio silencioso responde-me com o mesmo gesto. Digo algumas palavras de gratidão — ele as aceita sem nada dizer. Hesito, ainda um pouco, no limiar da porta, quando ouço de fora o tilintar das sinetas da carroça de bois. Pela última vez levanto as mãos, juntando as palmas, e curvo a cabeça em reverência. Assim nos separamos.

CAPÍTULO X

ENTRE MAGOS E SANTOS

O TEMPO e o espaço, esses dois inimigos indomáveis do homem, obrigam-me a acelerar minha pena e a restringir à narrativa os fatos mais dignos de serem memorizados.

O faquir de poucos recursos, o mágico das ruas, interessam-me, como a qualquer pessoa, mas apenas de relance, pois sei que não é deles que pode vir alguma luz sobre os grandes mistérios da vida, únicos que merecem os mais profundos pensamentos do homem. Mas afinal suas constantes aparições no caminho do viajante oferecem tão curiosa diversão, que me forçam a tomar algumas notas. A variedade de tipos que eles representam era de tal espécie, que não posso resistir ao prazer de esboçar, pelo menos alguns deles, que ficaram na tela de minhas lembranças.

Um deles era um pelotiqueiro vulgar que encontrei em Rajahmundry, cidade pacata do distrito de Madras. Perambulando pelas ruas, sem alvo, afundando meus sapatos nas calçadas cobertas de poeira fofa, apreciando o colorido incomparável e típico do Oriente, vejo-me numa dessas ruas que desembocam na praça do mercado.

Ainda me lembro desse ambiente abafado, onde havia velhos acorados nas portas das vendas e crianças brincando no lixo; um rapazola todo nuzinho sair de casa e reentrar, precipitadamente, ao ver um estranho; lembro-me do bazar buliçoso e turbulento, onde vendilhões, sentados à porta das barracas, acariciavam suas barbas, à espera dos eventuais fregueses; dos vendedores de comestíveis, acorados na terra ao lado das mercadorias, sem o menor cuidado para afastar os enxames de moscas que as assaltavam.

Lembro-me de chegar a um templo de arquitetura um pouco pesada, e perceber um grupo de homens e mulheres se levantarem da poeira, ao notar minha chegada. Na Índia, as entradas dos tem-

plos e as estações ferroviárias servem para o encontro dos leprosos, aleijados e mendigos de toda a espécie. Vejo os fiéis a entrar e a sair, sem perceberem a poeira na qual se afundam seus pés descalços. Devo juntar-me a eles e assistir aos ofícios dos sacerdotes? — pondero. Não, não me decido, e continuo andando, aproximando-me de um moço que ia na mesma direção. Traja uma camisa européia, embora usando-a à moda hindu, isto é, de frente para trás e apertada por uma corda frouxa; sob seu braço vejo um maço de livros; deve ser um aluno do colégio local. Enquanto meus passos o seguem, ele volta instintivamente a cabeça, nossos olhares se cruzam e, pronto — o conhecimento está feito!

As exigências da minha profissão me ensinaram a respeitar, tanto quanto possível, as conveniências, mas, também a rejeitá-las, quando se tornam incômodas nas investigações.

Oh! não, eu dificilmente poderei servir como exemplo aos turistas da agência Cook Ltda.!

O jovem, aluno de um grande colégio local, parece ser inteligente e demonstra interesse pela filosofia antiga do seu país. Quando soube do pendor que tenho pelo mesmo assunto, transbordou de alegria.

Noto com grande satisfação que ele não se absorveu na política, como acontece, lamentavelmente, com a maioria dos seus colegas, desde que Gandhi, por sua infelicidade, incitou a Índia a levantar o seu povo contra a dominação branca.

Após meia hora de conversa, chegamos a uma praça, onde um punhado de gente rodeava um homem que, com voz de falsete, articulava palavras incompreensíveis para mim. Conforme o que o moço me traduz, ele está se elogiando de forma a ressaltar todos os poderes maravilhosos dos quais dispõe e se gabando sem a menor vergonha.

É um homem forte, embuçado num amplo traje branco. Logo desconfio, tanto ele fala de suas qualidades, mas quando acrescento algumas moedas ao monte aos seus pés, mostra-nos um desses espetáculos que me deixa perplexo.

Acocorado na poeira, começa por colocar diante de si um grande jarro cheio de terra e mostra-nos um caroço de manga que planta, em seguida, no vaso. Da sua mala tira um longo pedaço de pano, com que cobre o vaso e as pernas. Durante alguns minutos o espetáculo prossegue, acompanhado de encantações estranhas. Ao tirar o pano, vejo uma pequena muda de mangueira brotar, da terra! Cobrindo-a novamente, apanha uma flauta de bambu e começa a tocar sons esquisitos, tomando-os, sem dúvida, por música. Alguns minutos depois, retira o pano para mostrar uma planta já crescida de algumas

polegadas! A operação se repete, várias vezes, segundo os mesmos intervalos musicais, até que um pequeno pé, de nove a dez polegadas, brota do vaso e... uma pequena manga dourada pende no galho superior da mangueira!

— Tudo isso — anuncia o Yogue com a voz triunfante — saiu da semente que vocês me viram plantar!

É muito interessante, sem dúvida, mas minha formação ocidental não me deixa, evidentemente, aceitar semelhante afirmação, a não ser sob os refletores da investigação direta; receio que isso não passe de um simples truque de saltimbanco. Meu companheiro, entretanto, se mostra menos exigente:

— Sahib, ele é um Yogue. Esses homens são capazes de coisas extraordinárias!

Sim; mas eu persisto na minha conclusão: esse homem é simplesmente um êmulo da fraternidade Maskelyne e Devant. O Yogue fecha sua sala e a multidão se dispersa a contragosto.

Vem-me, então, uma idéia; quando ficamos a sós com o faquir, apanho no meu bolso uma nota de cinco rupias, dizendo ao jovem:

— Faça o obséquio de dizer-lhe que essa soma será dele, contanto que consinta em explicar a sua arte.

O moço traduz-lhe, o homem faz um gesto de recusa, mas percebo também, no seu olhar, um clarão de cobiça. "Ofereço-lhe sete rupias" — Mesmo jogo. — "Bem, diga-lhe que nos vamos embora". Fingimos que íamos, porém sem pressa. Como eu esperava, o faquir nos chama:

— Cem rupias e dir-lhe-ei tudo o que quiser.

— Não, sete, ou nada. — Vamos. Começamos a andar, quando pela segunda vez o homem nos chama:

— Está bem, aceito as sete rupias.

— Eis aí a explicação: o homem reabre sua mala da qual tira os apetrechos, compostos de um caroço, uma manga e três ramos de mangueira de diversos tamanhos. Comprime o ramo menor numa espécie de concha, empurrando-a na terra do vaso. Para obter a primeira muda, ele tem que mergulhar o dedo na terra, abrir a concha e endireitar a planta. Os dois ramos maiores estão dissimulados sob a manta, que está enrolada em volta da cintura. Durante os intervalos do canto ou de tal música, ele apanha um desses ramos e, plantando-o, põe o anterior dissimulado sob a manta.

Eis a fraude descoberta! Dou-me por satisfeito, mas um pouco desiludido. Lembro-me, felizmente, das advertências de Brama quando me alertava contra esses faquires de baixa classe e os pseudo Yogues, cujos alegados milagres não passam de vulgares truques de

pelotiqueiros. Evidentemente, ele acrescentava, "tais homens desvirtuam o título de Yogue tanto no espírito da mocidade, quanto no da classe culta".

Afinal, esse homem é apenas um falso Yogue. Eis tudo.

*
* *
*

Existem, entretanto, os verdadeiros faquires, cuja magia não deixa dúvida. Vi um em Berhampur no caminho de Puri, cidade onde as tradições ancestrais e a poeira secular não vão desaparecer tão cedo!

Tomei aposento numa casa avarandada, cujo balcão envidraçado dava para um parque. Numa dessas tardes particularmente tórridas, refugiei-me na sua sombra, apreciando da minha poltrona o jogo da luz, através da vegetação frondosa do jardim.

Num dado momento ouço um chiado de passos descalços nas lajes do pátio. Logo vejo um homem de ar hirsuto, carregando na mão uma pequena cesta de bambu. Num rápido olhar noto-lhe os longos cabelos ondulados e negros e os olhos ligeiramente injetados de sangue. Silencioso, avança, põe sua cesta na areia e cumprimenta-me, levantando as mãos à altura do rosto. Começa a falar num idioma que julgo reconhecer como télego, misturado com um horroroso inglês, mas sua pronúncia é tão execrável que apenas consigo pegar três ou quatro palavras. Esforço-me por responder-lhe em algumas palavras em télego, mas como o sei tanto quanto ele o inglês, tenho que renunciar a me fazer entender. Finalmente, pelos gestos do homem adivinho que ele tem alguma coisa na cesta e por força quer mostrá-la.

Para tirar-nos do embaraço, chamo meu criado, que também não sabe grande coisa do inglês, e isso o incomoda muito, dada a sua costumeira prolixidade.

— É um faquir, sahib; ele quer mostrar sua magia.

— Pois não, que mostre; só quero saber quanto isso vai me custar.

— Ele diz que o sahib lhe pagará o que julgar melhor.

— Então vamos!

O aspecto do faquir não me inspira confiança, repugna-me e repele-me. Há nele, em todo seu modo de ser, alguma coisa lúgubre, sinistra, sem todavia nada em que possa discernir qualquer má intenção; sinto-o como se fosse envolvido em aura obscura de forças ocultas.

Ele não tenta subir os degraus da varanda, mas afastando-se discretamente, acocora-se à sombra do ficus, e abrindo a cesta, com ajuda de dois pauzinhos de madeira, tira um escorpião vivo. O animal venenoso se torce para escapar-lhe, enquanto o faquir, rapidamente, traça com o dedo um círculo na areia fofa do jardim. O escorpião, posto em liberdade, gira em volta do círculo traçado, e de cada vez, ao chocar-se com a circunferência, hesita como se fosse diante de uma barreira intransponível, recua e volta na direção oposta. Isso leva dois ou três minutos; a um sinal meu de satisfação, o faquir põe o escorpião na cesta, da qual tira, desta vez, um par de espetos de pau. Fecha os olhos injetados de sangue e fica imóvel como se meditasse; abre-os e, compenetrado, introduz o punhal na boca, de ponta para dentro, forçando até que ela sai pela face. Como se não fosse bastante essa nojenta demonstração, ele a repete do outro lado do rosto com o outro espeto. Sinto tanta admiração como repugnância. Afinal ele julga ter mostrado o suficiente; retira-os um após outro e inclina-se em reverência. Desço os degraus da varanda e examino-lhe o rosto. Além de ínfimas marcas de sangue, vejo dois buraquinhos, apenas perceptíveis. Com um gesto, o homem convida-me a sentar. De novo, preparando sua atitude, tranqüilamente, como quem tira o botão da sua roupa, ele agarra com os dedos seu globo ocular direito, tirando-o inteiramente fora da órbita! Recuo com horror, mas ele, imperturbável, continua puxando até que o órgão lhe cai na face, suspenso apenas pela extremidade dos nervos e das veias. Isso é horrível! Tenho vontade de vomitar; sinto-me aliviado vendo-o pôr, tranqüilamente, todo o órgão no lugar. É suficiente para mim; não quero mais. Agradeço-lhe com algumas moedas. Ainda sob o efeito desse horror, peço ao meu criado perguntar ao homem se consente em dar uma explicação do mecanismo desses horrores anatômicos.

— Faquir nada quer dizer, sahib, somente pai ao filho, somente família saber...

Não me atormento com essa recusa; ademais a explicação pertence ao setor da medicina.

O faquir torna a cobrir sua face com as mãos e, cumprimentando-me, despede-se. Passa pelo portão e desaparece virando a esquina da rua poeirenta.

*
* *
*

Lembro-me do suave marulho das ondas de Puri, sob o leve carinho da brisa do golfo de Bengala, enquanto perambulava pelas praias desertas, contemplando, através das vibrações do ar em

brasa, a fita da areia dourada que se estendia no horizonte; o mar era como uma safira líquida; o vidro do meu relógio refletia clarões de fogo. Voltando à cidade, ainda cheio dessa refulgência esplendorosa de cores deslumbrantes, fui testemunha de um mistério que, sem dúvida, ficará para mim um enigma nunca esclarecido.

Aproximando-me, vejo um grupo formado em volta de um homem, cujos trajes um tanto extravagantes chamaram minha atenção. Pelo seu turbante e calças de pijama, reconheço logo um muçulmano, aparição bastante rara na cidade, tão profundamente indiana. O homem aguça ainda mais minha curiosidade, por estar acompanhado de um macaco amestrado, que veste calcinhas listadas em cores; o animal obedece cegamente às ordens do amo e parece possuir uma inteligência quase humana. Ao perceber-me, o homem sussurra não sei o quê ao pobre bichinho que, imediatamente, afastando a multidão, vem a mim ganindo, curva-se, tirando seu minúsculo chapéu e o estende com gesto de imploração. Dou-lhe uma moeda de quatro anás, agradece curvando-se, e volta ao seu amo que, munido de um velho acordeão, o faz executar uma dança. O símio faz piruetas ao som da música, com ritmo tão perfeito e tal graça que mais de um mestre de *ballet* poderia tê-lo invejado.

Ao terminar a apresentação pública, o homem vira-se para seu ajudante, um jovem também muçulmano, e diz-lhe alguma coisa em urdu. Ele se aproxima de mim e me convida a entrar na tenda, sob o pretexto de alguma coisa especial que o amo quer me mostrar. Enquanto sigo o homem, o moço fica fora, guardando a entrada da tenda, dos curiosos.

Entro num cubículo quadrilátero, sem teto, feito de lona e sustentado por meio de paus.

Uma mesa de madeira grosseira compõe todo o mobiliário. O homem, desfazendo um embrulho, tira de um pano, uma após outra, pequenas bonecas de cera de duas polegadas. Reparo as cabeças de cera pintada e as pernas de palha torcida, armadas com ferro achatado. O homem coloca essas figurinhas graciosas na mesa, uma ao lado da outra; e ao pronunciar algumas palavras em urdu... vejo as bonecas estremecerem e movimentarem-se em cadência!

Como um regente de orquestra com a batuta na mão, ele marca o ritmo e fá-las dançar com uma perfeição estupenda. As bonecas animadas com movimentos graciosos, evitam a queda, afastando-se precavidamente da borda da mesa. Fico boquiaberto! É demais! Isso se passa em plena luz, às quatro horas da tarde!

Suspeitando de alguma fraude, aproximo-me da mesa e inspeciono atentamente todos os lados; passo a mão por cima e por baixo à procura de fios invisíveis, mas não descubro nada de suspeito. Será que, afinal, tenho diante de mim um faquir único no gênero? Aí vem ainda o melhor: por gestos, ele me convida a marcar pontos na mesa, a meu gosto, e cada vez que as bonecas andam em cadência, juntam-se nos pontos por mim marcados. O faquir, apanhando uma moeda, diz alguma coisa que interpreto como sendo um convite a imitá-lo. Tiro do bolso também uma, e coloco-a na mesa. Logo a moeda de prata se põe a dançar, girando na direção do faquir; chegando à borda da mesa cai, rolando até parar exatamente aos seus pés. O homem se abaixa, apanha-a e agradece-me com grandes salamaleques.

Isso é prestidigitação ou verdadeira magia da Yoga? pondero. O Faquir deve ter lido, na certa minhas dúvidas em meu olhar incrédulo, pois chama o assistente, que pergunta se eu quero que seu amo prossiga nas demonstrações. À minha resposta afirmativa, ele passa ao faquir o velho acordeão, convidando-me a pôr na mesa o meu anel. Obedeço. É o mesmo anel que Brama, o ermitão de Adyar, me tinha dado como presente de despedida. Eu não o perco de vista; vejo os veios dourados da pedra esverdeada brilhar, enquanto o faquir, recuando, pronuncia algumas palavras acompanhadas de gestos. A cada palavra, o anel se levanta no ar e recai. E quando ele começa a tocar o acordeão, eis o anel que se põe a dançar em cadência! É mais do que evidente que o faquir não o tocou; não sei o que pensar. Como pode ele, num segundo, obrigar o objeto inanimado a obedecer ao comando do homem?

No momento de reaver meu anel, não percebo nele nenhuma mudança. Mais uma vez o faquir desfaz seu embrulho, do qual tira uma barra de ferro enferrujada, cerca de duas polegadas e meia de comprimento e meia polegada de largura. Peço ao assistente permissão para examiná-la. Sem a menor objeção, ele me deixa fazê-lo; não percebo nenhum fio, como também não vejo nada de suspeito em volta.

Uma vez a barra posta na mesa, o faquir, esfregando com vigor suas mãos durante um bom minuto, curva-se ligeiramente sobre a mesa e fica com as mãos levantadas acima da barra a uma certa distância. Observo com atenção cada um dos seus gestos: lentamente, ele levanta as mãos, conservando os dedos voltados para a barra. Com grande assombro, vejo a barra levantar-se à altura mais ou menos de cinco polegadas, e seguir os movimentos dos dedos, paralela às mãos do faquir!

Quando se abaixam as mãos, a barra também se deita na mesa. Peço permissão para examiná-la de novo: não percebo nada de especial, é um simples pedaço de ferro enferrujado. O faquir repete a mesma experiência com o canivete.

Recompenso-o liberalmente e tento obter algumas informações. O faquir consente em esclarecer-me apenas que é preferível que o objeto seja de ferro ou contenha ferro cujas propriedades particulares sejam favoráveis à experiência, mas, já obtive êxito também com diversos outros metais, como ouro, prata e cobre.

Procuro uma explicação; talvez um longo cabelo, invisível pela sua finura, seja ligado ao objeto; mas o meu anel? Ele dançava, enquanto o faquir estava longe, com as mãos presas tocando acordeão! O assistente não podia ser cúmplice, pois estava fora da tenda durante a dança das bonecas... Jogo verde para colher maduro, e felicito-o por ser prestidigitador tão habilidoso. Seu olhar se entristece, por ser julgado apenas um ilusionista.

— Mas afinal, quem é o senhor?

— Sou um autêntico faquir — responde-me orgulhosamente, por intermédio de seu assistente — sou um sábio na prática da arte do...

A última palavra, sem dúvida de raiz urdu, me escapa; confio-lhe o grande interesse que tenho por tudo que toca o sobrenatural.

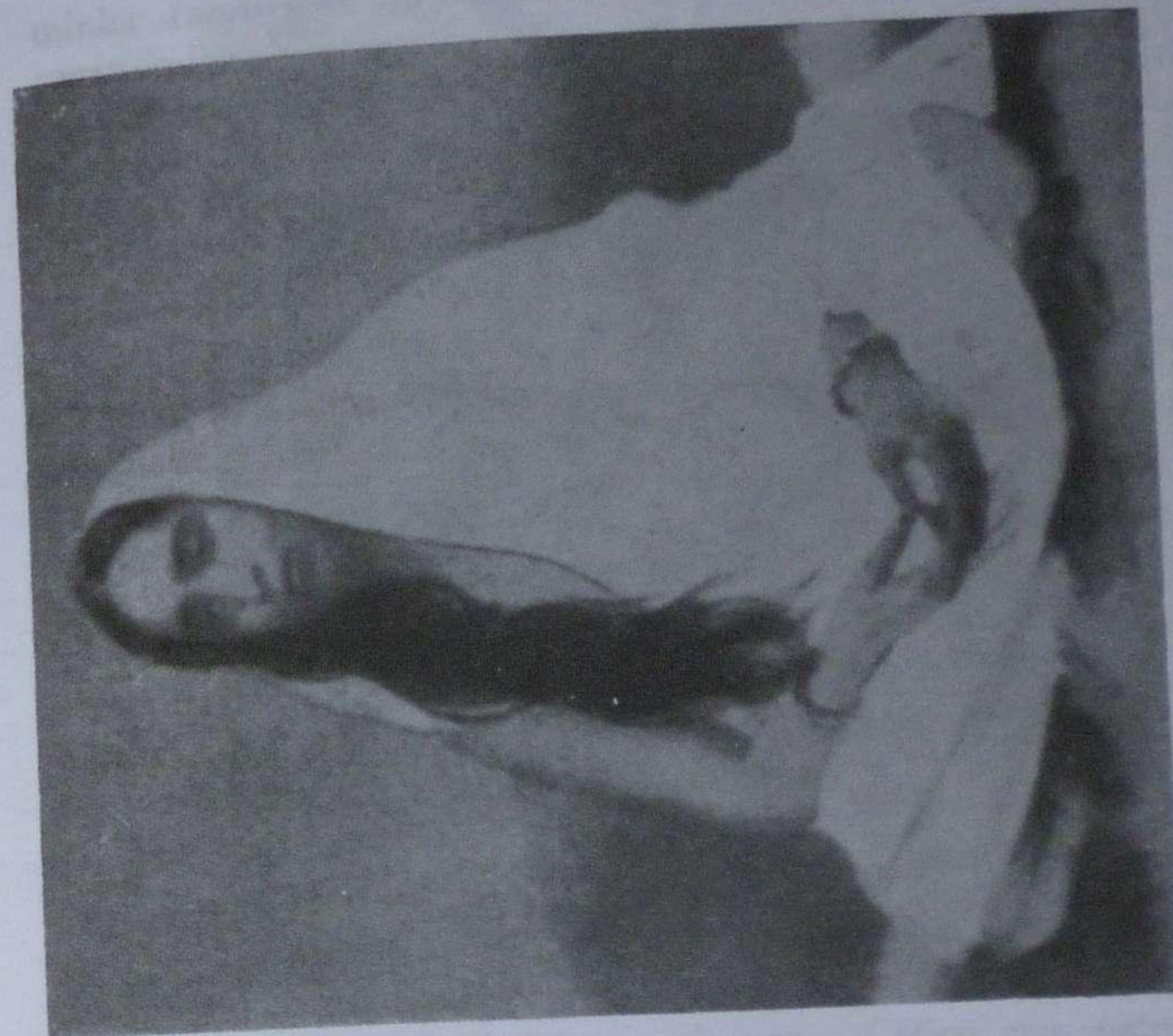
— Sim, eu sei, logo percebi, mesmo antes de o senhor se aproximar da multidão, e aliás, foi por essa mesma razão que o convidei a entrar em minha tenda.

— Não diga! Mas como podia sabê-lo? — pergunto incrédulo.

— Não julgue, sobretudo, que estou juntando dinheiro por espírito de ganância; preciso de uma certa quantia para erguer um mausoléu em memória de meu velho mestre. Entreguei-me a essa tarefa com toda minha alma, e não descansarei enquanto não tiver completado a soma indispensável.

Fortemente interessado, pergunto se consentiria em contar alguns pormenores de sua vida. Muito relutantemente ele concorda, e começa a narrativa:

"Aos treze anos era eu ainda um pastor de cabritos, de meu pai. Um belo dia chegou à nossa aldeia um asceta de esqualidez tão assustadora que os olhos pareciam sair-lhes das órbitas. Ele nos pediu um pouco de alimento e pouso para a noite; meu pai lhe concedeu imediatamente, sempre possuído do mais profundo respeito pelos santos homens. Não obstante, um ano depois, ele ainda permanecia lá em casa, por ter conquistado a afeição de



SARADA DEVI

Esta foi a esposa de Ramakrishna, guia espiritual de Mahasaya e um dos últimos Richis, ou super-homens espirituais.



O MESTRE MAHASAYA

Das páginas da Bíblia saiu um patriarca, e um personagem dos tempos mosaicos se encarnou nos tempos modernos.



EESWARA SWAMI

Durante certo tempo foi discípulo de Maharachi. Agora vive num templo e instrui seu próprio grupo de discípulos.



BADEREENATH SATHU

Um faquir que assegura possuir extraordinários poderes ocultos. Aqui é visto num transe místico em que faz girar os globos oculares sobre seus próprios eixos. Note-se o suporte do queixo.

minha família, e meu pai não o deixava partir, pedindo-lhe e rogando-lhe que ficasse. Ele era um homem excepcional, possuidor de estranhos poderes. Um dia, quando sentados à mesa diante de nossas cuias de arroz e legumes, percebi, várias vezes, seu olhar fixar-se em mim. No dia seguinte, ele veio me procurar no curral, onde pastavam cabritos, e sentou-se ao meu lado.

— Meu filho — disse-me — você desejaria ser um faquir?

Pouco sabia eu, então, o que isso queria dizer, porém essa palavra abria na minha mente horizontes sedutores e perspectivas de liberdade e de mistério. Respondi-lhe que gostaria, e com muito prazer. Em seguida ele falou com meus pais e, ao despedir-se, assegurou-lhes que dentro de três anos voltaria para me levar consigo. Coisa estranha, pois dentro desse período meu pai e minha mãe faleceram; portanto, quando ele voltou eu estava completamente livre. Pusemo-nos a errar de aldeia em aldeia — ele era mestre e eu, seu discípulo; foi ele quem me ensinou todas essas maravilhas que acabei de mostrar ao senhor?

— São elas tão fáceis de ser aprendidas?

O faquir desata a rir:

— Digo-lhe que são necessários anos de duro labor para se chegar a um resultado!

Isso me soa verdadeiro e sincero. Cético por natureza, sinto que minha desconfiança se torna inútil aqui. Ao sair da tenda, ainda não tenho certeza se não estou sonhando; o frescor da brisa, estremecendo os topos das palmeiras no pátio vizinho, faz-me voltar à realidade. Mais me afasto, mais os fatos me parecem absurdos: obstino-me a descobrir algum embuste, mas também não posso duvidar da honestidade desse homem. Como acreditar, todavia, que os objetos inanimados possam mudar de lugar sem serem tocados? Como pode o homem chegar a tal prodígio, como se estivesse rindo das leis da natureza? Ou talvez existam infinitamente mais coisas na natureza, que nós ignoramos?

*

* *

Puri é uma das cidades santas da Índia, que abriga grande quantidade dos templos e mosteiros desde os tempos mais remotos. Os peregrinos que a ela afluem nos anos de festas religiosas, ajudam a puxar o gigantesco *Carro alegórico de Juggernaut*, no seu percurso de duas milhas. Aproveito a oportunidade para estudar os santos personagens; eis aí o momento único de obter impressões de primeira mão, que espero sejam mais interessantes do que as anteriores.

Começo por travar conhecimento com um peregrino, cujo inglês mais ou menos correto posso entender, e que me revela, com o convívio, ser homem honesto e de caráter nobre; aproxima-se dos seus quarenta anos, usa no pescoço um colar fino de caroços e traja um simples manto de romeiro. Narra-me que está viajando em visita a santuários e percorrendo todos os lugares santos de leste ao sul, mendigando seu pão nas estradas. Dou-lhe uma oferenda em troca da qual ele me mostra um pequeno volume tâmil que, a julgar pelas folhas amarelas e pela encadernação roída pelas traças, deve ter mais de cem anos. Entre as páginas, percebo gravuras muito curiosas; lentamente e com extremo cuidado, meu peregrino, tirando duas dessas gravuras, mas oferece.

Meu encontro com Sadu, o *homem letrado* — como o batizei — é mais divertido. Encontrei-o certa manhã ao meu lado quando, sentado na areia, estava lendo as páginas rescendendo a rosa de Omar Khayyám. O *Rubá' yát* é um poema que sempre me fascina, mas desde o dia em que um jovem escritor persa me iniciou no seu significado mais profundo, entrego-me à sua leitura com prazer ainda maior. Tão absorto estava, que nem percebi a forma humana atravessar a praia, vindo ao meu encontro. O desconhecido já se havia acororado, quando a sensação de uma presença inesperada me incita a levantar os olhos. O homem, com roupa dos santos homens, põe na areia seu bastão de peregrino e uma trouxa de linho, da qual vejo despontar livros.

— Peço-lhe perdão, senhor — diz, em excelente inglês — sou um estudante de literatura inglesa; e começa a desfazer o nó do seu embrulho.

— Não quis ofendê-lo, senhor, mas não pude resistir ao prazer de falar-lhe.

— Mas por que acha o senhor que ia me ofender — pergunto sorrindo.

— O senhor é um turista?

— O menos possível...

— Não obstante, o senhor não está há muito em nosso país?

Inclino a cabeça em sinal afirmativo.

Ele começa a tirar do embrulho três livros de encadernação roída e cantos esfarrapados, alguns folhetos e folhas de papel em branco.

— Olha, senhor, tenho aqui os *Ensaio*s de lorde Macaulay; que estilo admirável, que inteligência! — lamentavelmente, tão cheios de materialismo!

Essa é boa! Então, tenho diante de mim um crítico literário!

— Este outro — continua falando — é *A História de duas Cidades* de Dickens; que patética, senhor! Que sentimento! É de arrancar lágrimas!

Com essas palavras o santo homem torna a pôr seus tesouros literários dentro da trouxa, tão rapidamente quanto os havia tirado, e virando-se para mim:

— Não seria indiscreto perguntar-lhe o título do livro que o senhor estava lendo?

— São poesias de Omar Khayyám.

— O senhor Khayyám? Nunca tinha ouvido falar nele. É um dos vossos romancistas?

Não pude deixar de rir.

— Não, ele é um poeta. O senhor é um homem muito curioso, quer saber tudo... é uma esmola que vem me pedir?

— Oh! não, eu não vim por dinheiro, senhor! O que eu quero é que o senhor me dê um livro. Gosto tanto de ler, senhor!

— Pois não! O senhor terá seu livro; acompanhe-me até minha casa e dar-lhe-ei alguma coisa da boa época vitoriana, que lhe dará, sem dúvida, muito prazer.

— Oh! Como lhe fico agradecido, senhor.

— Mas, espere, eu vou lhe dar um presente, porém gostaria antes que o senhor me mostrasse qual é o terceiro volume que tem em seu embrulho.

— Oh! senhor, ele não é nada interessante.

— Não faz mal — diga-me, ao menos, o título.

— Mas não vale a pena, senhor.

— Afinal, o senhor quer meu livro ou não quer?

Dessa vez o homem se assusta:

— Sim, senhor, eu quero, vou então lhe mostrar, porque o senhor insiste — o título dele é *Monismo e Materialismo* — é um estudo sobre o Ocidente, obra de um filósofo nosso.

Finjo ficar chocado:

— Oh! essa a literatura que lhe interessa...

— Foi um vendedor ambulante que mo deu — disse — como para se desculpar e explicar sua posse.

— Deixe-mo ver, então.

Leio os cabeçalhos, percorro rapidamente algumas páginas; o ensaio está escrito em estilo pomposo, cheio de ênfase, provavelmente por algum *babu* bengalês e publicado em Calcutá à custa do autor. Os títulos, mencionados em seguida ao seu nome, denotam sua prosa mas, pouco conhecimento do assunto. Em esboço grotesco, faz uma pintura sombria da Europa e da América, como uma espécie de inferno moderno, sinistro e bárbaro, povoado só

de proletariado martirizado e de plutocratas endinheirados. Entrego-lhe o livro sem comentários. O santo homem guarda-o apressadamente e tirando um dos folhetos, comenta:

— Essa brochura contém uma curta biografia de um santo indiano, mas redigida em bengali.

— Agora, diga-me, o senhor concorda com o autor de *Monismo*?

— Oh! muito pouco, senhor, muito pouco! Pretendo ir um dia ao Ocidente e julgar por mim...

— Para fazer o quê no Ocidente?

— Fazer conferências para iluminar as trevas em que está mergulhada a mente do povo. Eu gostaria de seguir o exemplo do nosso grande Swami Vivekananda, que ministrou tão eloquentes palestras em vossas cidades ocidentais. Mas que pena ele falecer, abandonando o mundo tão jovem! Sua voz de ouro calou-se para sempre!...

— Bem, como santo, o senhor é um santo muito singular!

O Yogue, levantando o dedo à altura do nariz, replica com ar sabido:

— O Autor Supremo montou o cenário: quem somos nós, pobres mortais, senão atores que entram e saem, conforme a Sua vontade? — como disse o vosso famoso Shakespeare.

*
* *
*

Cheguei à conclusão de que os santos da Índia se compõem de classes extremamente heterogêneas. Muitos são pessoas de boa índole, inofensivas, mas ignorantes e incapazes de realizar qualquer coisa. Outros são desclassificados, ou melhor, indivíduos que não gostam de nenhum esforço que lhes possa causar o menor cansaço.

Um dia um desses homens vem me pedir uma esmola; os cabelos eriçados, o corpo coberto de cinzas, a face com expressão canalha lhe dão um aspecto repugnante. Estou decidido a passar sem nem mesmo olhar o homem, só para ver sua reação. Minha indiferença o provoca e, agarrando-se a mim, não quer me deixar. Na falta de argumentos, acaba por oferecer-me um objeto imundo, mas que deve ter um grande valor para ele, a julgar pelo preço exorbitante que pede; evidentemente, mando-o embora.

Menos comuns são esses pobres loucos, que torturam seus corpos à vista do público; um daqueles que ficam com o braço levantado até que as unhas lhes cresçam uns cinquenta centímetros e rivalizam com os que permanecem de pé numa só perna, duran-

te anos a fio. Não vejo absolutamente qual é o benefício que eles podem obter dessas horríveis exhibições, exceto alguns anás que o público entusiasta vem depositar nas suas tijelas.

Entre todos esses santos, ainda alguns praticam abertamente a bruxaria. Isso é a macumba da Índia. Geralmente eles operam nas aldeias, e em troca de pequena remuneração, são capazes de fazer qualquer feitiço a nosso inimigo: vender-lhe a mulher ou desgraçar nosso rival com algum mal estranho e misteriosa doença, favorecendo nossas ambições. Ouvem-se casos estranhos e as mais escabrosas histórias sobre os magos negros, que também desfrutam do nome de yagues ou de faquires.

Quando se acaba de analisar toda essa variedade de santos homens, sobra uma ínfima parcela para os verdadeiros ascetas que se enclausuraram, retirando-se em meditação solitária, condenando-se voluntariamente à penosa segregação, banindo-se de todo contacto humano, sem outra intenção a não ser a busca da Verdade. Sentem por instinto que, uma vez atingida a Verdade, lograrão a felicidade sem limites, e ainda que nos fosse permitido duvidar desse procedimento, tão estimado pelos hindus, tornar-se-ia impossível criticar a legitimidade do fim almejado, que os impulsiona a semelhante proceder.

Nós, ocidentais, não dispomos do tempo necessário para tal busca e há uma desculpa para essa indiferença: sabemos que se nos enganamos — enganamo-nos em massa. Nossa época, febril e cética, considera a busca da Verdade como uma superfecundação desnecessária, sem parecer duvidar da vaidade e da futilidade das coisas às quais entregamos nossa maior energia.

Nem nos ocorre a idéia de que esses solitários, passando sua vida na ânsia de encontrar o real e mais profundo sentido da existência, têm maior visão para formar uma opinião exata sobre os problemas da vida corrente, do que a multidão que às cegas gasta suas energias em diversos interesses contraditórios, sem dar a menor atenção a todo pensamento mais sutil, que a possa aproximar da descoberta final, permanecendo imune.

Em época longínqua chegou às planícies de Banjab um dos nossos antepassados com finalidade diferente da minha. Lá ele encontrou homens que o desviaram do caminho, a ponto de fazê-lo esquecer, perigosamente o verdadeiro objetivo da sua expedição. Alexandre, o Grande, veio para conquistar o vasto Império, entrando nas Índias como soldado, porém parecia estar marcado pelo destino para sair como filósofo.

Às vezes pergunto-me a mim mesmo: que pensamentos assediavam o cérebro do rei da Macedônia, enquanto sua carruagem

real percorria as montanhas nevadas e os desertos tórridos da Índia? Em vez de conquistar, foi conquistado pelos sábios que encontrou na sua rota. Dia após dia passou a questioná-los e a debater a filosofia deles. Se tivesse demorado mais alguns anos entre eles, talvez resolvesse lançar o Ocidente em outra direção à daquela que havia escolhido e então... Quem sabe?

Existem ainda entre os sábios de nossos dias, alguns que dão a vida para manter a chama do idealismo e da sublimidade e o país inteiro os considera como seu maior tesouro. Mesmo que a maioria deles seja constituída de impostores, o que é bem provável, isso é apenas um deplorável resultado da decadência dos tempos. Mas não devemos vender a vista ao ponto de não enxergar a existência de alguns redentores inspirados. É de lastimar, mas pela qualidade tão diversa dos santos homens, nenhuma fórmula de elogio ou de censura pode ser aplicada a todos eles. Aliás, isso também explica a atitude de certos cérebros de curta visão, ou demasiadamente precipitados, quando nos propõem a exterminação desses *santos parasitas*, como eles os chamam, em benefício da Índia. Os espíritos mais ponderados, ou talvez mais esclarecidos, são aqueles que dizem que a Índia perecerá no dia em que perder a noção do tesouro que possui.

Para a Índia o problema é importante, também sob um outro ponto de vista. No caso de um abalo econômico que obrigue a fazer uma revisão de valores, os santos homens não exercem, como se deve supor, nenhuma função propriamente útil à sociedade. Milhares de vagabundos assaltam, feito mosmas, aldeias e cidades, aguardando festas religiosas.

Esses indivíduos, na maioria impertinentes, sempre inoportunos e enfadonhos, tornam-se para a sociedade indiana uma carga sem contrapeso. Não obstante, por outro lado existem grandes e nobres seres que tudo sacrificam a fim de caminhar na senda da Verdade e encontrar Deus.

Esses homens são motivo de exaltação do povo, por onde passam; os esforços que fazem para elevar sua alma e ajudar os outros a se elevarem, valem um pedaço de pão ou uma cuia de arroz, pois é tudo o que pedem. Não se deve fiar nas aparências, mas também precisamos raspar bem a casca antes de julgar a árvore pelos frutos.

*
* *
*

O véu da noite vem cobrindo a cidade, enquanto perambulo pelas ruazinhas estreitas da antiga Calcutá. Tenho ainda diante

dos meus olhos o horrível espetáculo desta manhã. O trem em que viajei atravessava uma selva perigosa, formigante de onças e tigres reais.

Durante a noite, nossa máquina pegou e esmagou uma dessas feras, entrando na estação de Hovrah toda ensangüentada, e os destroços de carne só puderam ser removidos à custa de grandes esforços dos trabalhadores.

O trem estava superlotado, como aliás quase todos os trens de grandes percursos na Índia. No compartimento, onde tive a sorte de encontrar um leito vago, meus companheiros de viagem formavam um grupinho muito heterogêneo. De modo geral, os viajantes têm por hábito falar tão livremente da sua vida e dos seus negócios que se torna praticamente impossível ignorar o que eles representam e donde vêm. Um deles era um genuíno filho do Islam, vestido numa longa túnica toda de seda preta, abotoada sob o queixo, um chapéu redondo da mesma cor, ricamente bordado de ouro, e uma espécie de calça branca de pijama; para terminar, um par de sandálias artisticamente trançadas com tiras vermelhas e verdes. Havia também um marata do leste, de sobancelhas grossas, um marvari de turbante dourado que, como muitos de sua raça, era também usurário. Por fim, um advogado, rapagão forte, e um brâmane ruivo. Todas essas pessoas deviam ser importantes, a julgar por seus criados pessoais que em cada estação de parada maior, saíam de seus carros de terceira classe para se informarem dos desejos dos seus amos.

O muçulmano, depois de me ter honrado com um olhar, cerrou os olhos e dormiu o sono dos justos. O marata estava em conversação animada com o marvari. O brâmane acabava de subir. Por minha parte, embora seja de gênio comunicativo, não via ninguém a quem pudesse falar. Parecia-me haver uma barreira invisível separando-me dos outros viajantes, a natural barreira entre o Oriente e o Ocidente.

Senti, portanto, um verdadeiro alívio, quando percebi o brâmane ruivo apanhar um livro, cujo título inglês se impunha aos meus olhos, tão audaciosamente ele saltava da capa: *A Vida de Ramakrishna*. A oportunidade de entrar em conversa era bela demais! Já não ouvira eu falar que Ramakrishna foi o último desses famosos super-homens chamados Richis? Logo percebi que também meu companheiro de viagem só esperava uma oportunidade para me abordar. Assim, não se passou muito e eis-nos subindo os atalhos escarpados de especulação mental ou simplesmente averiguando os aspectos familiares da vida indiana.

Cada vez que ele pronunciava a palavra *Rich*, sua voz refletia amor, e tão profundo respeito, que uma chama viva se acendia em

seu olhar; não havia dúvida que sua emoção era sincera. Duas horas não se passaram e eu já sabia que o brâmane era seguidor de um desses dois ou três sobreviventes, discípulos do grande Ramakrishna. Esse mestre, Mahasaya, beirando seus oitenta e cinco anos, não morava em nenhum retiro, e sim, no coração de Calcutá, no bairro indiano da cidade.

É evidente que logo pedi o seu endereço; meu companheiro não opôs dificuldade e, entregando-me o cartão, acrescentou:

— Aliás, o senhor não precisa de apresentação de espécie alguma, basta exprimir o desejo de vê-lo.

Eis a razão pela qual cheguei hoje a Calcutá, procurando a casa do mestre Mahasaya, um dos discípulos do famoso Ramakrishna. Andando, atravesso a rua que dá acesso ao pátio e no fundo tomo uma escadaria que me leva a um grande casarão de construção antiga; subo os degraus sombrios, atravesso a porta baixa, tenho de subir ainda um andar, abro uma porta do pequeno recinto que dá para o terraço, no telhado da casa e, ao entrar, vejo duas das paredes tomadas por sofás baixos; aliás, a peça não possui outro mobiliário, salvo uma lâmpada e um monte de livros. Um jovem aparece e pede-me para aguardar. Ao fim de dez minutos, ouço alguém sair da sala no andar inferior e, instantaneamente, sinto um impulso incontido; tenho a impressão nítida de que alguém fixou seu pensamento em mim. Ouço nos degraus os passos lentos de quem se aproxima, e quando aparece, não preciso ninguém para me apresentar. Surge uma figura de verdadeiro patriarca, como o deveriam ser aquelas do tempo de Moisés, repentinamente, saído das páginas da velha Bíblia. Esse ancião de cabeça calva, de longa barba, como neblina branca cobrindo-lhe o peito, de ar solene e olhar profundo, de ombros curvados sob o peso dos anos, quem podia ser senão o mestre Mahasaya?!

Antes de se dirigir a mim, ele se senta lentamente no sofá. Diante dessa venerável presença, sinto logo que aqui não há lugar para brincadeiras e o meu ceticismo seria totalmente fora de propósito; mesmo o visitante menos prevenido poderia ler nessa face a nobreza de caráter e a pureza de sua fé inabalável. O mestre, em excelente inglês, é o primeiro a cumprimentar:

— Seja bem-vindo.

Depois convida-me para me aproximar e sentar ao seu lado; toma minhas mãos nas suas e guarda-as algum tempo. Julgo o momento oportuno para me apresentar e expor o objeto da minha visita; quando acabei de falar, ele, acentuando suavemente o aperto das mãos, diz:

— Uma força superior lhe inspirou essa viagem, pondo-o em contato com os santos do meu país — isso não é sem razão, pere com paciência e o futuro o fará compreender.

— Não seria abusar da sua bondade, pedir-lhe que me conte alguma coisa sobre seu mestre Ramakrishna?

— Oh! sabe o senhor que esse assunto é o mais querido para mim, aquele de que mais gosto de falar?

Há quase meio século que ele nos deixou, porém sua memória sempre perdura, toda viva em mim!... Quando o conheci, eu tinha vinte e sete anos; os últimos cinco anos da sua vida passei-os ao seu lado. Graças a ele tornei-me outro homem, e toda minha atitude para com a vida se transformou, tão grande e profunda era a influência desse homem divino. Aos que iam visitá-lo, ele espalhava a sedução do seu espírito, tão profunda que os fascinava, literalmente os encantava. Os incrédulos, que vinham só com o intuito de zombaria, calavam-se na sua presença.

— Mas como é possível aos que não acreditam, inclinarem-se diante de uma influência puramente espiritual?

Como se pode dar isso? indago, perplexo.

Os lábios do Mahasaya esboçam um ligeiro sorriso:

— O senhor experimente dar a provar pimenta vermelha a duas pessoas. — Uma não sabe o que é isso, a outra, ao contrário, tem por hábito usá-la. O gosto da pimenta não será o mesmo, tanto para uma como para outra pessoa? — Dois paladares terão uma sensação diferente? Não. Assim acontece com os descrentes. Eles ignoravam a grandeza espiritual de Ramakrishna; no entanto experimentaram o efeito de irradiante espiritualidade que ele emana.

— Era ele, realmente, um super-homem?

— Sim; e mais ainda, a meu ver. Era homem muito simples, sem vastos conhecimentos, nem instrução; não sabia assinar seu nome e ainda menos escrever uma carta. Pobre, era humilde na aparência, e mais humilde ainda pelo seu modo de viver; no entanto, os homens mais ricos e mais cultos da Índia vinham reverenciá-lo. Não podiam deixar de se curvar ante sua alta espiritualidade, tão evidentemente soberana e tão irradiante que literalmente os deslumbrava. Ensinava que, orgulho, riquezas, honras, posições sociais, são apenas vaidades, e comparados aos tesouros do espírito, ilusões mentirosas e falsas. Oh! esses dias abençoados! Frequentemente ele se afundava em êxtase de natureza tão evidentemente divina, que nós que o rodeávamos julgávamos estar na presença de um Deus, mais do que na de um homem. É muito estranho, mas ele possuía o poder de induzir os discípulos a estado semelhante ao seu, pelo simples toque da sua mão, e eles conce-

biam então, pela percepção direta, os mais profundos mistérios da Consciência Cósmica. Agora lhe vou contar como ele me prendeu:

Eu fora educado segundo os métodos ocidentais. Orgulhoso de meu saber, lecionara durante alguns anos nos colégios de Calcutá, Literatura Inglesa, História e Economia Política. Nessa época, Ramakrishna vivia no templo de Dakshineswar, subúrbio distante algumas milhas de Calcutá. Foi nesse templo que o encontrei, numa inesquecível manhã de primavera onde, empolgado, eu o ouvi falar pela primeira vez. Com palavras muito singelas e sem ênfase, as idéias corriam de seu espírito como da fonte cristalina. Muito embora sem grande convicção, tentei, em várias ocasiões, discutir com ele. Fiquei tão assombrado pelo efeito que produzia sua presença toda divina que, pouco a pouco, me senti reduzido ao silêncio. Subjugado pela individualidade desse homem pobre e humilde, mas de grandeza tão soberana, de então em diante foi impossível me privar do seu contato... até que certo dia Ramakrishna veio me dizer, com humor:

— “Uma vez deram ópio para um pavão provar; no dia seguinte, ainda sob o efeito do narcótico, a ave voltou exatamente na mesma hora a buscar uma outra dose”.

Compreendi o sentido simbólico dessa parábola e como nunca me sentira tão feliz, continuei... e continuei a vir tão assiduamente que o Mestre acabou por me aceitar entre os seus discípulos mais íntimos. Um dia, Ramakrishna virou-se para mim e disse:

— Estou lendo por certos sinais dos teus olhos que tu és um Yogue — continua a cumprir tua tarefa diária, mas tem a mente voltada para Deus. Mulher, filhos, parentes, — vive com todos eles, servindo-os como a ti próprio. A tartaruga, nada na água, mas tem a mente fixa no lugar onde pôs seus ovos; portanto, cumpre o teu dever para com o mundo, mantendo o espírito em Deus.

E assim foi. Desde que o Mestre deixou nossa terra, e enquanto a maioria dos seus discípulos renunciou ao mundo, adotando vestes amarelas e espalhando pela Índia as palavras de Ramakrishna, eu continuei a exercer minha profissão. Porém, de então em diante tomei a decisão de não mais pertencer ao mundo, embora vivendo entre os homens. Algumas vezes, todavia, refugio-me no pátio que fica aí, em frente ao Senado, onde os mendigos e desabrigados da cidade pernoitam e, juntando-me a eles, animo em mim o sentimento de pobreza; sinto-me desligado, quanto eles, de todos os bens transitórios.

Ramakrishna nos deixou, mas ao percorrer a Índia, vêem-se no caminho todas as obras filantrópicas, hospitais e escolas, fundados

sob a inspiração do espírito do Mestre e por seus discípulos, lamentavelmente, também falecidos. O que não se percebe tão facilmente são os corações, mentes, e vidas humanas que foram transformadas por esse homem maravilhoso, pois os discípulos transmitiam sua mensagem sem poupar energias para espalhar o evangelho do Mestre; quanto a mim, tive o privilégio de redigir em bengali a maioria dos seus ensinamentos; meus livros penetraram em quase todos os lares indianos e suas traduções em diversos idiomas foram publicadas no estrangeiro. Assim a influência de Ramakrishna espalhou-se pelo mundo afora, além do pequeno círculo dos seus discípulos imediatos.

Mahasaya calou-se; levanto os olhos e fico impressionado pela expressão do seu semblante, que não lembra em nada as feições nem a tez de um hindu. Meus pensamentos se transportam a esse pequeno reino da Ásia Menor onde os filhos de Israel acharam um abrigo provisório contra as inclemências do destino. Imagino muito bem o Mahasaya entre eles, como um patriarca venerável, falando a seu povo amado. Quanta nobreza nos seus traços! Tanta bondade, piedade e sinceridade não podem mentir! Há nele uma dignidade singela do homem que jamais obedeceu a não ser à sua própria consciência. Emocionado, balbucio como se estivesse falando comigo.

— Gostaria de saber o que Ramakrishna diria ao homem que não pudesse viver exclusivamente com a fé, por que também tem a inteligência e a razão para satisfazer?...

— Ele lhe teria respondido para orar — sussurra-me baixinho — a oração é uma força tremenda. Ramakrishna rezava a Deus para mandar-lhe homens de inclinação espiritual e logo aqueles que depois se tornaram seus discípulos, começaram a vir.

— Mas quando nunca se orou, o que fazer, então?

— A oração é o último recurso, a última possibilidade oferecida ao homem. Onde o intelecto falha, a oração pode salvar.

— Pois não, mas se alguém vem dizer-lhe que não é do seu temperamento rezar, que conselho o senhor lhe daria?

— Nesse caso ele tem que se pôr em contato assíduo com os verdadeiros mestres, santos dotados de alto grau de espiritualidade, pois além de estimular nosso anseio pela vida espiritual, tais homens orientam nossa mente e despertam nossos poderes latentes, dirigindo-nos à percepção indubitável do Divino. Frequentá-los é o primeiro passo a dar nessa via e, às vezes o último, como dizia freqüentemente Ramakrishna.

O tempo se escoava e nós ficamos conversando à vontade, acerca dos mais profundos pensamentos humanos, entre os quais a

afirmação de que a paz só existe em Deus. Começam a afluir visitantes a cada instante e logo a modesta sala vai se lotar com discípulos. Eles chegam à noite e sobem as escadas dos quatro andares, aguardando a palavra do Mestre.

Durante algum tempo, compareci todas as noites, não tanto para ouvi-lo, mas para sentir o efeito da sua presença, aquecendo-me o coração e a mente. É o ar de amor e de infinita doçura, impregnado de espiritual beleza interior, cujas irradiações são quase palpáveis. Se às vezes esqueço as palavras, guardo preciosamente essa influência apaziguadora. O que o atraiu a Ramakrishna, prende-me hoje a Mahasaya. O que devia ser então a influência do Mestre, se a do discípulo exerce sobre mim tão irresistível fascinação?

Na última noite esqueço a fuga do tempo, sentado perto dele no sofá, abismado em plena felicidade. As horas se passam em prolongado diálogo, depois o silêncio cai entre nós. O bondoso Mestre se levanta e me leva pela mão, dirigindo-se ao terraço banhado pelo luar, entre vidas silenciosas das plantas e flores que cultiva. Em baixo, Calcutá fulge com milhares de luzes. A lua é cheia. Mahasaya, fixando-a, cai em curta, porém, profunda meditação. Depois, voltando-se para mim, faz um gesto de bênção, tocando suavemente minha fronte. O cético endurecido inclina humildemente a cabeça diante desse homem verdadeiramente angélico. Após alguns minutos de silêncio, ele me sussura baixinho:

— Minha tarefa está quase cumprida; o corpo em breve vai pôr um ponto final na obra para a qual Deus me havia chamado à terra, mas antes de minha partida receba minha bênção⁽¹⁾.

Tomado pela emoção, esqueço o sono e vou andando noite afora, pelas ruas da cidade adormecida, pensando. Em frente de uma mesquita refreio os passos: ouço a voz do muezim entoar, no silêncio da meia-noite, o hino solene ao Senhor: Alá é grande! Então me vem uma reflexão: se há alguém capaz de me livrar do meu ceticismo intelectual e me encaminhar para a senda da pura fé, esse será indubitavelmente o Mestre Mahasaya.

*

* *

— Houve um desencontro, ou talvez, não estivesse escrito que vocês se encontrassem. Quem o sabe?

(1) De fato, soube da sua morte pouco tempo depois.

Quem me fala assim é o doutor Bandyopadhyaya, o cirurgião chefe de um dos hospitais de Calcutá, o maior operador da cidade. Possui no seu ativo mais de dez mil operações e seu nome nos cartões de visita é seguido por uma tal fileira de títulos e distinções que acho uma verdadeira sorte poder confrontar, à luz da sua crítica esclarecida, algumas noções da Yoga que havia adquirido, o chamado *Controle do Corpo*. Seus conhecimentos profissionais ajudaram-me bastante a transpor para o plano puramente racional os princípios da Yoga.

— Acredite-me — confessa-me o cirurgião — sei ainda menos do que o senhor de tudo o que me está dizendo; eu nunca encontrei um verdadeiro Yogue, à exceção de um, Narasinha Swami, que esteve em Calcutá faz pouco tempo.

Logo me informo sobre o paradeiro desse Yogue e fico desapontado com a resposta:

— Narasinha Swami surgiu no céu de Calcutá, como um verdadeiro meteoro, provocando uma grande sensação, para depois desaparecer, tão rapidamente como viera. Ouvi dizer que ele, vivendo num retiro no interior do país, repentinamente saíra para aparecer por aqui, mas soube também que ele já regressara, não sei bem para onde.

— Gostaria de saber como isso se deu.

— Com todo prazer lhe contarei o fato, tal qual se passou:

Por longo tempo não se falava na cidade senão dele. Foi descoberto há um ou dois meses em Madhupore, pelo doutor Neoghy, professor de Química na Universidade de Calcutá, que o vira ingerir algumas gotas de ácido extremamente tóxico e também por na boca um carvão em brasa e segurá-lo até se apagar. O professor, vivamente interessado, convenceu-o a vir a Calcutá para repetir a experiência em sessão pública, na Universidade, perante uma assembléia composta exclusivamente de médicos e cientistas. Eu estava entre os convidados. A demonstração teve lugar no anfiteatro de Física. Nós éramos um grupo de pessoas cujo espírito crítico estava alerta, e por minha parte, como o senhor sabe, nunca havia prestado a menor atenção às coisas da religião, da Yoga, nem a qualquer doutrina desse gênero, tendo bastante o que fazer com minhas ocupações profissionais.

O Yogue subiu ao palco e começou as experiências. Trouxeram-lhe os venenos, emprestados do laboratório da Universidade. Calmo e sereno, iniciou por uma empola de ácido sulfúrico, derramando algumas gotas na palma da mão, chupou-as; repetiu o mesmo com o ácido fênico. Apresentamos-lhe então o mais terrível dos venenos: o cianureto de potássio, que ingeriu sem vacilar. E

uma coisa absolutamente assombrosa, mas não nos restava nada a fazer senão nos curvamos ante a evidência, pois ele absorveu uma dose suficiente para matar um homem em menos de três minutos; no entanto estava lá no palco, sorrindo e calmo como se nada tivesse acontecido!

Em seguida um dos cirurgiões quebrou uma garrafa, cujos cacos foram reduzidos a pó. Narasinha Swami o engoliu sem hesitar! O pó age, habitualmente, como veneno lento; três horas depois, um dos meus colegas introduziu-lhe uma sonda no estômago, onde achou o pó e os venenos, tais como os havia absorvido, e no dia seguinte o vidro pulverizado achava-se na desassimilação.

Eu lhe repito, temos que nos inclinar! O ácido sulfúrico foi anteriormente experimentado numa peça de cobre, mostrando-nos seu efeito destruidor. Entre os assistentes estava presente sir C. V. Raman, célebre cientista e prêmio Nobel de física, que não hesitou em fazer uma declaração pública, dizendo que essas experiências punham em desafio os resultados das pesquisas científicas mais recentes.

Quando perguntamos a Narasinha Swami como havia conseguido chegar a imunizar assim o seu corpo, ele nos respondeu que voltando à casa imediatamente punha-se em transe, e pela concentração intensa, contrabalançava os efeitos mortais do veneno⁽¹⁾.

— Doutor, pela sua própria experiência profissional poder-se-ia dar uma explicação desse fenômeno?

O médico sacode a cabeça:

— Não, é impossível, isso é francamente desconcertante.

Ao chegar em casa, ponho-me a procurar numa das malas o caderno de notas de minhas entrevistas com Brama, e acho o seguinte:

"Seja qual for a violência do veneno, não pode afetar o Yogue que praticou o grande exercício que consiste, em suma, de diversas práticas, tais como a postura, respiração, concentração da vontade e poder da mente. Praticado conforme manda nossa tradição, imuniza nossos adeptos contra qualquer objeto nocivo, veneno, etc... Sua prática é bastante delicada e só possui suas virtudes quem a exercita com regularidade. Um ancião me falou

(1) Narasinha Swami apareceu novamente em Calcutá. Algum tempo depois voltou a Rangoon, em Burma, onde fez uma demonstração igual. Porém a invasão inesperada de espectadores provocou um atraso na sua entrada em êxtase no tempo observado pela Yoga. Morreu das trágicas consequências.

uma vez de um Yogue que podia absorver grandes quantidades de veneno sem o menor risco. Era então muito conhecido em Benares, chamava-se Trailingya Swami, já falecido há bastante tempo. Trailingya era também adepto fervoroso do *Controle do Corpo*; ficava quase desnudo durante anos, sentado nas margens do Ganges e infelizmente ninguém podia gozar da sua palestra, pois ele se havia imposto o voto de silêncio."

E eu não acreditei nada quando pela primeira vez Brama me falou de tudo isso. Agora, minhas idéias preconcebidas começam a modificar-se...

CAPÍTULO XI

O TAUMATURGO DE BENARES

Não vou me deter sobre minhas jornadas através de Bengala, nem falar do encontro inesperado que tive, perto de Buda-Gaya, com três lamas tibetanos que me convidaram a visitar seu mosteiro, perdido no seio da montanha, pois estou impaciente para entrar na cidade sagrada de Benares.

Nosso trem atravessa, barulhento, uma grande ponte de ferro que é como um símbolo de irreverente indiferença para com os usos e costumes de uma sociedade imutável através dos séculos. Como se pode manter a ficção de santidade de um rio, quando as vias férreas com suas pontes, lançadas por mãos ímpias, atravessam desrespeitosamente suas águas sagradas?

Eis Benares!

Uma multidão de peregrinos se empurra na saída da estação. Liberto-me e entro num carro de praça que dispara através do labirinto das ruas poeirentas da cidade.

Há alguma coisa nova no ar que se respira aqui e que se impõe obstinadamente aos sentidos, apesar dos esforços que faço para desviar a atenção.

É essa a cidade santa da Índia!

Pois bem, ela está cheirando muito mal! O mau cheiro continua tão forte que chega a ser nauseante. Dizem que Benares é o mais antigo centro povoado do Indostão; se isso não se percebe, pelo menos se sente. Perdendo o ânimo, já estou pensando em voltar à estação. Não é melhor respirar o ar puro do que ganhar a fé ao preço de tamanha penitência? Mas, refletindo bem, chego à conclusão de que o homem acaba por acostumar-se a tudo;

assim também eu tenho que me aclimatar com as coisas mais inesperadas neste estranho país.

Mas, Benares! Pode ser a capital da cultura e civilização mais antiga das Índias, pode ser a mais santa das santas, mas deve aprender alguma coisa dos infiéis e temperar sua santidade com um pouco mais de higiene! Acabo de saber que esse ar empestado vem das ruas, calçadas de um composto feito de terra e estrume de vaca, e também das velhas trincheiras que circundam a cidade, que gerações sucessivas utilizavam como esgoto.

A acreditar nas antigas crônicas, Benares já era um centro edificado há mil e duzentos anos antes da Era Cristã. Desde aquele tempo, os hindus já faziam contínuas peregrinações, como os ingleses na Idade Média a Cantuária. Ricos e pobres, quando a doença ou a idade os curvava à aproximação da morte, afluíam a Benares, pois é comumente conhecido que se alguém tivesse o privilégio de morrer na cidade santa, iria direto ao Paraíso. No primeiro dia exploro o labirinto complicado de ruas encaracoladas das quais se compõe o velho Kachi, nome indígena de Benares. Aliás, não é sem propósito que passeio feito turista pelas suas vielas buliçosas. No meu bolso tenho o guia da cidade, que marca o lugar da casa onde mora um Yogue fabricante de milagres, e cujo discípulo encontrei em Bombaim.

Passo por alamedas tão estreitas que não permitem acesso aos carros; corto o caminho através de barulhentos mercados, onde o povo multicolor (pelo menos uma dúzia de raças) se acotovela, sem contar os sarnosos vira-latas e o enxame de moscas, que aumentam a confusão. Velhas mulheres de cabelos grisalhos, jovens de pele aveludada com corpos bronzeados e graciosos; peregrinos que passam por entre os dedos as contas do rosário, repetindo pela quinquagésima vez as mesmas palavras sagradas; ascetas esqueléticos de rostos sujos de cinza; todo esse povo que se compõe dos mais extravagantes tipos, raças e trajes, se acotovela nessas vielas estreitas, formando assim a cor local de Benares.

No meio desse emaranhado e dessa confusão, numa das ruas turbulentas, vibrantes de cores e dialetos, caio por acaso no famoso Templo de Ouro, célebre entre a população ortodoxa da Índia.

Os ascetas cobertos de cinza, grotescos e repugnantes aos olhos ocidentais, ficam acorados sob seus portais. Torrentes de fiéis entram e saem ininterruptamente e passam surpresos ao ver um estranho; alguns deles trazem no pescoço grinaldas de flores coloridas que lhes caem no peito, dando uma nota alegre a esse conjunto matizado. Os devotos, ao sair do templo, tocam com a testa as colunas de pedra na entrada e param, chocados por ver um

infiel os ter surpreendido nesse ato de devoção; tenho novamente a impressão de uma barreira a erguer-se, separando-me desse povo.

O céu é de um azul límpido; duas cúpulas folheadas a ouro cintilam ao sol refulgente.

Os periquitos chilreiam invadindo a torre, o ar ressoa com o som alegre. O Templo de Ouro é consagrado ao deus Shiva; pergunto-me, onde está esse deus, cujas imagens são adoradas, diante de cujos ídolos de pedra os fiéis se lamentam e oram, e aos quais trazem em oferenda flores e arroz cozido?...

Prossigo meu caminho e vejo um outro templo onde se adora Krishna; no interior, diante do ídolo, todo de ouro, a chama de cânfora se consome. Os sinos badalam, o som rouco dos toques de campa levanta-se aos ouvidos do deus; percebo um sacerdote de face emaciada lançar-me um olhar desconfiado. Quem pode compreender a alma desse povo, sempre tão sério, freqüentemente superficial e tão sábio às vezes? Quem pode calcular os milhares de imagens e ídolos de que estão repletos os templos e palácios de Benares?...

Sozinho em desconhecida cidade, ando pelas ruas sombrias à procura da casa do taumaturgo. Logo mais as ruelas começam a alargar-se; um grupo de moleques em trapos, magros e pálidos, dirigido por homens, desfila barulhento à minha frente. Um dos que os precedem segura um estandarte toscamente confeccionado, cujo letreiro não consigo decifrar. Eles gritam e cantam de romper os ouvidos, lançando-me olhares cheios de hostilidade. Oh! trata-se então de política! Lembro-me que um dia, na praça do mercado repleta de multidão, onde nenhum policial nem homem branco estavam à vista, ouvi proferir às minhas costas uma ameaça. Voltei-me, instintivamente, mas não percebi nada, os rostos eram amáveis e sorridentes; o jovem fanático (a voz era jovem) que me ameaçou escondeu-se, na certa, em algum canto escuro. Agora os vejo com piedade desaparecerem cantando, infelizes vítimas inocentes de agitadores perigosos.

Finalmente, entro numa rua com casas maiores e de construção aprimorada, cercadas de espaçosos jardins bem tratados. Acelero os passos, pois nessa mesma rua deve estar a casa que procuro.

Vejo gravado na pedra da parede, o nome *Vishudhananda*; entro e pergunto em hindustani à primeira pessoa que encontro, espreguiçando-se na varanda, um jovem de rosto pateta.

— Onde posso encontrar o mestre?

Ele sacode a cabeça dando a compreender que nenhuma pessoa dessa qualidade é conhecida nessa casa. Repito a pergunta

— mesmo efeito. Fico desapontado, mas não desanimado; alguma coisa me está dizendo que esse jovem julga, na certa, que um ocidental não tem nada a procurar nessa casa, ou então, simplesmente, tomei endereço errado. Ele tem o ar tão abobalhado que sem fazer caso de sua gesticulação, entro na casa.

Na sala vejo algumas pessoas sentadas no chão, formando meio círculo, vestidas de seda e de aparência fina. No fundo percebo um homem idoso, semi-recostado no divã. Seu venerável aspecto e o lugar de honra que ocupa dizem bastante que é a pessoa que procuro.

Levanto as mãos de palmas juntas e digo, seguindo o costume indiano:

— Paz seja convosco!

Apresento-me como um escritor inglês em circuito pela Índia, querendo estudar certos aspectos da filosofia mística do seu país. Acrescento também que o discípulo que encontrei em Bombaim me dissera que seu mestre nunca faria uma demonstração pública dos seus poderes milagrosos e que mesmo à sombra do sigilo, ele raramente os exhibia a estranhos. No entanto, em consideração ao profundo interesse que tenho pela antiga sabedoria indiana, permito-me solicitar uma exceção a meu favor.

Os estudantes me olham, olham-se e fitam seu mestre, evidentemente curiosos de saber a reação do sábio.

Vishudhananda deve ter mais de setenta anos; feições regulares, nariz pequeno e barba comprida. Impressionam-me, sobretudo, seus grandes olhos, profundamente encovados nas órbitas; no pescoço o cordão sagrado dos Brâmanes.

O ancião me fita como quem olha um exemplar de uma espécie desconhecida. Oh! que sensação estranha! Um poder oculto parece impregnar o ambiente; sinto mal-estar. Afinal, o mestre dirige algumas palavras em bengali a um discípulo que as traduz:

— A audiência não pode ser concedida senão na presença de *pandit* Kavir (1), diretor do Colégio de Sânscrito, um dos mais antigos discípulos do mestre e cujo perfeito conhecimento de inglês lhe permitirá servir-me de intérprete.

— Volte com ele amanhã — acrescenta o mestre — esperá-lo-ei às quatro horas da tarde.

Que fazer nessas condições? Retiro-me com reverências, chamo um táxi e peço levar-me ao Colégio. Ali não encontro o diretor; disseram-me que nesta hora ele deve estar em casa. O motorista torna a correr pelas ruas da cidade e, finalmente, encos-

(1) Pandit — um douto Brâmane (N. da T.).

ta o carro junto a um velho casarão, cujo andar superior saliente assemelha-se a uma casa italiana da Idade Média.

Encontro o *pandit* num quarto de altas paredes, forradas de prateleiras amontoadas de livros, sentado nos ladrilhos juncados de papéis e acessórios escolares. Tem um rosto fino de pele clara, a cabeça de frente alta e um nariz pequeno, conservando todas as características dos Brâmanes e professores.

Exponho-lhe a razão da minha visita; vacila um pouco, depois aceita. Fica combinada a entrevista para o dia seguinte. Saindo, deixo-me levar até o Ganges, onde vagueio sem rumo ao longo das margens bordejadas de escadarias seculares, feitas para o conforto dos peregrinos que mergulham nas águas sagradas: os degraus de pedras roídas pelo tempo caracterizam Benares, mas também dão uma impressão de desleixo e de imundície. Templos de cúpulas brilhantes parecem deslizar na água tocando-lhe a margem; encostam-se aos palácios de várias alturas, uns acaçapados, outros altos, sobrecarregados de ornamentos, o estilo antigo e o moderno misturam-se sem a mínima deferência.

Sacerdotes e peregrinos andam por toda parte, misturando-se livremente; nos pequenos pátios cobertos, e caiados de branco, os *pandits* dão aulas. O mestre no meio, acorado na esteira, os discípulos em volta, no chão, absorvem passivamente os dogmas mais caducos. Vejo passar um asceta barbudo, cujo ar estranho desperta meu interesse; dão-me a informação de que ele percorreu, a pé, mais de quatrocentas milhas para vir a Benares, peregrinando. Mais adiante, quase esbarro com um homem de triste aspecto, que (conforme me disseram) estava com o braço levantado durante anos a fio; como resultado dessa mortificação, o braço ficou totalmente atrofiado, os músculos e tendões encarquilhados, a pele ressequida parece pergaminho.

Devemos culpar o sol dos trópicos por tamanha loucura? Uma temperatura de cerca de cinquenta graus à sombra, sem dúvida pode acabar por transtornar os cérebros que já estão naturalmente predispostos à histeria mística.

*

* *

No dia seguinte, o *pandit* e eu chegamos à casa do mestre. Encontra-mo-lo na sala rodeado de seis discípulos. Quando ele pede para me aproximar, acoro-me a alguns passos do divã.

— Deseja assistir ao que vocês ocidentais chamam milagre? começa por perguntar.

— Considerar-me-ei feliz — seria um favor para mim.

— Emprésteme então seu lenço, de seda, se possível; vou perfumá-lo com o aroma de sua escolha, concentrando apenas os raios solares e servindo-me de uma lente.

Apanhando a lente, o mestre diz que, devido à inclinação do astro, a sala ficou na penumbra, e não podendo captar os raios diretamente, vai mandar um dos seus discípulos ao pátio, a fim de captá-los por meio de um espelho e refleti-los pela janela aberta.

— Agora vou extrair do ar desta sala um perfume do seu agrado. Qual deles o senhor prefere?

— O jasmim.

Vishudhananda toma meu lenço na mão esquerda e com a mão direita segura a lente; durante dois segundos percebo um minúsculo orbe desenhar-se num canto do lenço; depois de retirar a lente, entrega-mo. Levo-o às narinas: é impossível duvidar! O lenço está deliciosamente impregnado com a fragrância forte do jasmim!

Não percebo nenhum sinal de humidade; é evidente que não foi derramado nenhum líquido.

O mestre, decerto, vendo minhas dúvidas no olhar, propõe repetir a experiência. Escolho a rosa. Fico espiando cada gesto seu; observando com toda atenção o espaço que o cerca, vigio as mãos e sua ampla roupa branca e não percebo nada de suspeito. Ao devolver-me o lenço, reconheço, sem equívoco possível, no canto oposto ao do jasmim, o perfume da rosa! Contudo não estou satisfeito e peço-lhe a violeta. Novo êxito.

Vishudhananda exterioriza um triunfo moderado, considera suas experiências como uma coisa banal, sem maior importância, e a gravidade dos seus traços não desmente suas palavras.

— Agora eu é que vou escolher um perfume — diz o mestre — trar-lhe-ei o de uma flor que cresce só no Tibete.

Concentrou algum raio da luz solar sobre o canto do lenço que sobrara e fez surgir um perfume, dessa vez desconhecido para mim. Não há dúvida, isso parece milagre! Pois se ele ocultasse o perfume na roupa teria que carregar sobre si todas as essências. Aliás, eu não deixei de olhar suas mãos durante a experiência. Peço-lhe para ver a lente; examino seu vidro grosso, comum a todas as lentes, seu aro metálico, prolongando-se em braço também de metal. Os discípulos que o cercam são também uma garantia, vale quanto vale! O *pandit* havia me informado que todos eles são homens cultos e pertencem à alta classe da sociedade. O hipnotismo talvez seja uma explicação. Pode ser, mas vou comprová-lo: em chegando à casa, farei com que pessoas desprevenidas cheirem o meu lenço.

Vishudhananda promete me mostrar, além disso, alguma coisa ainda mais interessante, algo que parece fazer raramente; todavia, como já é quase noite, e sendo preciso um raio de sol na sua maior força, devo voltar uma outra vez, antes do meio-dia, para ver... ressuscitar um animal morto.

Chegando em casa, dou a cheirar o lenço a três pessoas, em diversas ocasiões, todas elas reconhecem os perfumes. Não havia então sugestão. Francamente não sei o que pensar...

*
* *

Estou novamente diante do taumaturgo; logo que cheguei, ele me avisa que agora só pode ressuscitar um pequeno animal, um pássaro, de preferência. Estrangulam um pardal e deixam-no exposto à nossa vista durante uma hora, para ter a certeza de que ele está bem morto. Os olhos do passarinho se turvam e o pequeno corpo rígido não aparenta mais nenhum sinal de vida.

O mestre toma sua lente e concentra um raio do sol no olho do pardal. Minutos se passam.

O ancião está de olhos fixos, curvado na sua misteriosa tarefa, com expressão fria e indiferente, sem o menor traço de emoção; súbito, a modulação de um canto estranho e rouco, em desconhecido idioma sai-lhe dos lábios. O corpo do pardal começa a estremecer espasmodicamente, da mesma maneira como já observei na agonia de um cão. Um momento depois as asas começam a bater e o passarinho se põe em pé, saltitando nos ladrilhos. Ele está vivo, não se tem a menor dúvida!

Na fase seguinte, o pardal retoma bastante força para voar, procurando pousar no poleiro. Isso é de tal forma inacreditável e estuando, que preciso concentrar minhas idéias para convencer-me de que o que vejo é bem real e não sou vítima de uma alucinação!

Meia hora se passa. De repente, para minha grande surpresa, o pardal recai inanimado aos nossos pés. Abaixo-me para examiná-lo: ele não respira mais, está morto.

— Mestre, o senhor não pode prolongar a vida por mais tempo? pergunto ao sábio.

— É tudo que lhe posso mostrar no momento — responde com ligeiro movimento de ombros.

O *pandit* sussura-me ao ouvido que se esperam resultados bem maiores de futuras experiências. O mestre é capaz de fazer muitas

outras coisas, porém, é preferível não abusar da sua benevolência, pois ele não é um prestidigitador, e por tudo o que eu já vi devo considerar-me satisfeito.

Outra vez sinto no ar o mistério que vibra em volta do mestre; os milagres que presenciei e os esclarecimentos do *pandit* tornam o mistério inexplicável, e mais ainda, quando o *pandit* acrescenta que o mestre pode fazer aparecer uvas maduras com a maior naturalidade e confeccionar bolos à vista de todos, sem ter o menor ingrediente para isso. É suficiente para ele segurar uma flor murcha para que ela retome logo toda a sua frescura.

*
* *

Qual pode ser seu segredo? Esforço-me para desvendar o enigma, mas a explicação que encontro é sempre aquela que não esclarece nada; o mistério perdura oculto na fronte teimosa do taumaturgo de Benares, que jamais o teria revelado, mesmo aos mais íntimos dos seus discípulos.

Tudo que ele consentiu em dizer-me, resume-se no seguinte:

"Nasceu em Bengala. Aos treze anos de idade foi mordido por uma cobra venenosa; sua mãe, aflita, queria que ao menos ele morresse na orla do Ganges, pois para os hindus não há morte mais bela e mais santa do que perecer nas suas ondas sagradas. Levaram então o menino e o mergulharam no rio; a família reunida na margem aguardava a cerimônia fúnebre. E então se deu o milagre: cada vez que mergulhavam o garoto, a água recuava como se o Ganges recusasse aceitar o menino no seu seio sagrado.

Um Yogue, que estava sentado à beira, percebendo o que se passava, levantou-se e disse que a morte ainda não estava destinada ao menino, pois a grande ventura de tornar-se um famoso Yogue o esperava. O asceta esfregou-lhe a ferida com certas plantas e sumiu, para aparecer uma semana depois e dizer aos pais que o garoto estava curado; porém durante essa semana uma coisa estranha aconteceu: o caráter do menino modificou-se tanto que parecia não mais gostar da casa paterna e não pensar em outra coisa senão em tornar-se um Yogue.

Alguns anos se passaram e ele, sempre insistindo, até que pela força de atormentar sua mãe acabou por obter seu consentimento. Na mesma hora deixou a casa e pôs-se em busca dos adeptos da Yoga. Viajou para o Tibete na esperança de encontrar entre os eremitas e taumaturgos o mestre que lhe fora marcado pelo destino.

Há na mente indiana uma idéia bem enraizada de que o aspirante nunca poderá alcançar os mistérios da Yoga se não se tornar discípulo de um mestre que já os alcançou. O jovem bengalês andava à procura desses solitários que vivem nas ermidas isoladas ou nas cavernas inacessíveis; afrontou ventos, desafiou tempestades nas planícies geladas e... voltou desapontado.

Dez anos se passaram sem se lhe apagar esse desejo ardente. Tornou a partir, mas dessa vez percorrendo o deserto do Sul do Tibete. E lá, numa humilde cabana, perdida entre os gigantescos rochedos, praticamente invioláveis, acabou por encontrar o mestre tão obstinadamente procurado.

Chegando a essa altura da história narrada, ouço uma dessas afirmações que dantes me teriam provocado um riso irônico, e hoje a aceito, embora sem compreender, mas também sem protestar.

Foi-me informado, imperturbavelmente, que esse tibetano atingiu mais de mil e duzentos anos de idade! E isso me foi dito com uma voz calma e indiferente, como quem diz no Ocidente que o fulano tem quarenta anos! Já pela terceira vez ouço um exemplo de longevidade; Brama me afirmara que seu mestre no Nepal tem mais de quatrocentos anos; um outro santo homem que encontrei no oeste do país, assegurou-me que há um Yogue vivendo no isolamento quase inacessível do Himalaia, que tem mais de mil anos; é tão velho que suas pálpebras flácidas pela idade caem-lhe nos olhos.

Rejeitei esses absurdos como a mais pura fantasia e eis aí, novamente diante de mim, um homem que busca o elixir da longa vida a caminho de achá-lo!

O mestre tibetano iniciou o jovem Vishudhananda na doutrina e na prática do *Controle do Corpo* e sob sua vigilância o neófito desenvolvia faculdades corporais e mentais.

Deixava perceber dons excepcionais, muito acima do comum, que lhe permitiam assimilar simultaneamente os arcanos da ciência chamada *Ciência Solar*. Durante doze anos, apesar do rigoroso inverno, ele perseverou nessa espécie de noviciado aos pés do tibetano que era detentor do segredo da imortalidade. Ao terminar sua instrução, o mestre mandou-o de volta para a Índia; por sua vez, Vishudhananda tornou-se mestre em Yoga. Algum tempo viveu em Puri, onde ainda possui uma casa. O grupo de seus discípulos pertence exclusivamente à classe rica, comerciantes, fazendeiros, funcionários e mesmo um Marajá. Talvez me engane, mas tenho a impressão de que as pessoas humildes não são muito favorecidas.

Faço-lhe uma pergunta à queima-roupa:

— Como consegue o senhor fazer milagres?

Vishudhananda, calmamente, cruza as mãos e diz:

— O que o senhor acabou de testemunhar não tem nada a ver com a prática da Yoga, e sim com a *Ciência Solar*. O objetivo essencial da Yoga está no desenvolvimento da vontade e concentração da mente, enquanto que a *Ciência Solar*, composição de fórmulas secretas, uma vez conhecida, não necessita de treino especial e pode ser estudada como qualquer filosofia ocidental.

O *pandit* completa essa informação dizendo que essa ciência é a parenta mais próxima da eletricidade e do magnetismo. Contudo, não estou ainda muito esclarecido mas, o mestre adianta:

— Essa ciência Solar nos vem atualmente do Tibete, mas na realidade não representa nada de novo. Já era conhecida dos Grandes Yogues da Índia desde os tempos mais remotos; com o correr dos anos, acabou ficando quase totalmente perdida. Os raios do sol contêm os elementos vitais, e se o senhor possuísse o poder de selecioná-los e isolá-los, fique certo que conseguiria os mesmos milagres que eu. Há também na luz solar forças etéricas que contêm, para aquele que possui seu controle, um poder surpreendente.

— Ensina o senhor essa ciência aos seus discípulos?

— Ainda não, mas estou me preparando para isso; farei uma escolha de alguns deles para transmitir-lhes meus segredos. Neste momento estamos atarefados na construção de um grande laboratório, onde serão dadas aulas, feitas experiências e demonstrações.

— Mas então o que lhes está ensinando agora?

— A Yoga.

O *pandit* leva-me a visitar o laboratório. É um edifício de vários andares, de concepção européia, de tijolos vermelhos, com largos vãos abertos à guisa de janela. Esses vãos devem ser guardados de imensas vidraças, pois as experiências que aí serão feitas exigem os raios solares refletidos através de vidro branco e de vidro colorido. O *pandit* me diz que nenhuma vidraria indiana pode fornecer vidraças de tamanha dimensão. E essa foi a dificuldade que lhes impediu a conclusão do edifício. Ele indaga se eu não posso me informar na Inglaterra a respeito, avisando-me, no entanto, que Vishudhananda faz questão de que suas especificações sejam rigorosamente respeitadas; o fabricante deve garantir que as vidraças sejam completamente isentas de bolhas de ar e a transparência dos vidros coloridos seja perfeita. Cada chapa deve medir doze pés

de comprimento e oito de largura, com uma polegada de espessura (1).

O edifício está cercado de espaçoso parque, onde uma fileira de palmeiras o protege de olhares indiscretos. Voltamos à casa do taumaturgo.

Os discípulos já se foram; ficaram apenas dois ou três. Acoro-me no chão e o *pandit* toma lugar ao meu lado; seu rosto, com visível ar de cansaço, se fixa no mestre com devoção beata. Vishudhananda honra-me com o olhar, para, em seguida, desviá-lo; sua face exprime reserva, seu ar de dignidade majestosa é quase sobrenatural. Tento em vão penetrar, através dessa máscara circunspecta e grave, a alma desse homem — tão fechada para o ocidental que sou, e tão misteriosa como o santuário do Templo de Ouro de Benares, envolta no nimbo da magia do Oriente. Sinto que, desde minhas primeiras palavras, levantou-se como que uma muralha invisível entre nós, e que nunca conseguirei transpô-la; os poderes milagrosos que ele se dignou demonstrar-me, foi pura cortesia; sua acolhida era toda superficial; parecia dizer-me: "Aqui não é lugar para os investigadores curiosos, nem discípulos ocidentais."

Subitamente, saem de sua boca estas palavras, que eu jamais poderia imaginar:

— Eu não posso iniciá-lo sem a autorização do meu mestre, e só nessa condição poderei agir.

Será que ele leu meus pensamentos? Sua testa se enruga ligeiramente. O que ele quer insinuar com isso? — pondero — não lhe pedi para ser seu discípulo! Não tenho o menor desejo de tornar-me discípulo de quem quer que seja. Mas há uma coisa da qual estou absolutamente certo: um pedido dessa natureza chocar-se-ia com um não bem decidido.

— Mas como pode o senhor comunicar-se com seu mestre, que mora tão longe daqui? indago.

— Nós estamos em contacto permanente no plano espiritual — sussurra-me.

(1) Escrevi aos maiores fabricantes de vidraças na Inglaterra. Eles recusaram aceitar a encomenda. As condições impostas eram tecnicamente irrealizáveis. Declararam-me, além disso, que nenhum dos fabricantes está apto a colorir vidraças sem prejuízo da transparência; para obter bons resultados, os vidros deveriam ser fabricados na grossura pouco maior de um quarto de polegada? Enfim, as chapas, para evitar a quebra no transporte, deveriam ser despachadas, cortadas em duas.

Eu o ouvi bem, mas não posso compreender. Pouco importa. Sua resposta afasta-me para longe dos milagres. Fico pensativo... meditando. Espontaneamente, uma pergunta me vem aos lábios:

— Mestre, como conseguir a Iluminação?

— Fora da prática da Yoga, como esperar atingi-la?

— Compreendo, mas sempre ouvi dizer que sem um mestre é extremamente difícil iniciar-se na Yoga, e mais ainda praticá-la. Encontrar um autêntico mestre, também não é coisa fácil.

Seu semblante continua impassível e indiferente:

— Quando aquele que busca está espiritualmente amadurecido, o mestre sempre aparece.

Acometido de dúvidas, atrevo-me a objetar.

Ele continua impassível, depois retorna:

— Ouça, e saiba uma coisa: o homem deve estar em condições de receber a Luz para suportá-la. Então, onde ele estiver, o mestre esperado aparece por si mesmo, se não em carne e osso, ao menos, diante dos olhos do espírito.

— Mas como se deve principiar para chegar a ficar preparado?

— Reserve a cada dia uma parte do seu tempo e empregue-o ficando quieto, em posição muito simples, como vou lhe mostrar. Tome cuidado com suas paixões, restando-as, e domine a ira.

Ao dizer isso, Vishudhananda toma a postura do *Lótus* que já me é familiar; não compreendo, porém, como ele a julga tão simples!

— Para um adulto ocidental, esta posição representa uma verdadeira acrobacia e é difícilíssima de ser feita com êxito — comento.

— O mais difícil é o começo; faça regularmente, todas as manhãs e à noite, e o senhor verá como se tornará fácil a prática. E o importante, contudo, é a escolha do tempo, pois o exercício deve sempre ser iniciado à mesma hora. Cinco minutos serão suficientes no começo. No fim de um mês, dez minutos; no fim de três meses, vinte minutos, e assim por diante. A coluna vertebral tem que ser absolutamente ereta; esse exercício proporcionar-lhe-á equilíbrio físico, em seguida levá-lo-á à quietude mental, indispensável ao progresso.

— Então é a Yoga do *Controle do Corpo* que o senhor está ensinando?

— Sim; e não imagine que a Yoga do *Controle da Mente* seja superior a ela. Da mesma forma que todo ser humano se compõe, em parte de pensamento e em parte de ação, assim não devemos olvidar nenhum dos dois lados da nossa natureza. O corpo

age sobre a mente como a mente sobre o corpo; na prática, o desenvolvimento de ambos deve ser paralelo.

Sinto que além disso não vou conseguir mais nada; confirmame o ar de frieza e a falta de entusiasmo da entrevista. Penso em retirar-me, mas vou tentar mais uma pergunta:

— O senhor já descobriu alguma finalidade na vida?

Os discípulos esquecem toda a seriedade e desatam a rir às gargalhadas de tanta candura. É mesmo; precisa ser um ocidental para não crer em nada, e nada saber, para formular semelhante pergunta! Todos os livros sagrados hindus estão cheios de referências e não há um que não diga que Deus segura o mundo nas mãos para atender a Seus propósitos.

O mestre não me responde, mas lança um olhar furtivo a Kaviry, que se encarrega da resposta:

— Evidentemente, a vida tem um propósito: atingir a perfeição e a união com Deus.

Uma hora se passa em silêncio. Vishudhananda está folheando um grosso volume, e a julgar pelo título, deve ser escrito em bengali. Os discípulos parecem dormir ou meditar; uma atmosfera magnética, estranha e insinuante, me penetra; sinto que se ficar mais algum tempo, vou adormecer ou cair numa espécie de transe. Prefiro então reagir, agradecer ao mestre e retirar-me.

*

* *

Eis-me novamente perambulando pelas ruas tortuosas da cidade colorida, centro de atração dos santos como dos pecadores; ainda que suas moradas estejam repletas de peregrinos, nela também ferve uma multidão de vagabundos, malfeitores e ateus, sem falar dos *santos parasitas* que se alimentam das migalhas dos templos. O badalar monótono dos sinos anuncia o ofício da noite; a escuridão cai rapidamente do céu cor de chumbo; o pôr-de-sol vem levantar uma nota diferente nessa sinfonia noturna: os muezins chamam para a oração os sequazes do Profeta. Sento-me à margem do rio e escuto o marulho suave das ondas sagradas e o murmúrio das folhas das palmeiras acariciadas pela brisa.

Um mendigo lambuzado de cinzas aproxima-se de mim; este deve ser um peregrino de nova espécie: nos seus olhos ardentes vejo brilhar uma chama que não parece ser deste mundo. Oh! como estou longe de compreender tudo que este país secular encobre de mistérios! Apalpo os bolsos, pensando se o abismo que me separa desse povo poderá ser um dia preenchido? Ele aceita mi-

nha esmola com uma calma dignidade; levanta as mãos até as sobancelhas, também salpicadas de cinzas, e desaparece.

Volto a pensar no meu taumaturgo que brinca com éter e ressuscita pássaros mortos. Sua história da Ciência dos Raios Solares não me convence; evidentemente seria estúpido demais pretender que nossa ciência moderna tivesse dito a última palavra em análise dos raios solares e suas possibilidades latentes, e isso torna a explicação mais difícil ainda. Já me falaram de dois Yogues que extraíam, como Vishudhananda, perfume do ar, infelizmente ambos já morreram no século passado; todavia, posso me fiar nos meus informantes. Nos dois casos, um extrato de óleo aparecia na palma da mão em forma de sudação e, freqüentemente, era tão concentrado que perfumava todo o ambiente. Se o poder de que se serve Vishudhananda fosse o mesmo, ele então poderia muito bem transportar o perfume de sua mão para o lenço e a lente lhe serviria apenas de pretexto. Nesse caso, a concentração dos raios solares seria um subterfúgio. Essa suposição me faz crer que o Yogue ainda não transmitiu a ninguém o seu segredo e, ludibriando a confiança dos seus discípulos, finge construir esse laboratório de preço exorbitante, interrompido pela impossibilidade de conseguir as vidraças que ele acha indispensável e assim os discípulos, aguardando, esperam sempre. Se a concentração dos raios do sol é um blefe, a que processo, então, ele recorre para conseguir esses prodígios? Quiçá, isso não faz parte dos mistérios da Yoga? Mas, afinal, por que estou quebrando a cabeça? Minha tarefa consiste em expor os fatos que tenho visto, e não em explicá-los.

Há um lado da vida indiana que para nós ocidentais está sempre fechado, porque mesmo que esse homenzinho gorducho ou um dos seus discípulos se tivesse arriscado a fazer uma demonstração pública que atraísse a atenção dos cientistas, o mistério permaneceria inexplicado. Isso é tudo o que posso dizer, mas ainda me obstino em perguntar: como pode ele ressuscitar o passarinho morto? O que há de verdadeiro nessa história de Yogue perfeito, capaz de prolongar a vida indefinidamente? Existem, de fato, homens da Índia que descobriram o segredo da imortalidade?

Poderia eu calar essas perguntas insidiosas, mas esta noite a imensidão vazia do infinito me espanta e amesquinha; sob a abóbada celeste, cujo brilho intensifica a cálida noite tropical, que papel fazem exatamente essas massas amorfas de palácios e templos e a multidão anônima dos meus companheiros de existência? Que poder misterioso os rege e move?

Sentado às margens do rio sagrado, vejo na escuridão da noite os objetos mais banais tomarem aparência irreal; os transeuntes

passam como fantasmas, e as barcas, como sombras, deslizam na água tenebrosa, essa noite... enfim, tudo começa por nublar-se e sinto-me transportado para longe de toda a realidade, no país do encanto de algum continente de sonho.

A antiga doutrina filosófica hindu, de que o universo é, na essência, apenas uma fantasia, invade-me a mente e começa a insinuar a destruição deste meu senso da realidade. Começo a perceber mais profundamente o mistério recôndito do universo; sinto que estou amadurecido para viver as mais estranhas experiências que me possa trazer esse planeta, que se move tão rapidamente pelos abismos do espaço.

Mas o ritmo nostálgico de um canto indiano, bruscamente acorda-me do sonho e torno a mergulhar nessa singular mistura de prazer e de dor que os homens chamam — vida.

CAPÍTULO XII

ESCRITO NAS ESTRELAS!

As CÚPULAS dos palácios e templos brilham sob o sol resplendente e o ar ressoa de gritos alegres de banhistas atarefados com suas abluções matinais. Mais uma vez o feitiço do colorido oriental desenrola-se diante dos meus olhos deslumbrados. Descendo o Ganges num junco em cuja proa se ergue esculpida uma cabeça de cobra, estou sentado no telhado da cabine e espio embaixo três remadores movimentando-se em cadência. Tenho por companheiro de jornada um rico comerciante de Bombaim que acaba de me contar sua história, dizendo que pretende, ao regressar da viagem, retirar-se dos negócios.

Associando uma extrema religiosidade ao espírito prático de comerciante, enquanto assegura um tesouro eterno no céu, possui também um outro, embora provisório, depositado em casa bancária! Há uma semana que o conheço; acho-o muito simpático, cordial e prestativo.

— Vou me retirar dos negócios exatamente na idade que me havia predito Sudei Babu — vira-se para mim o comerciante, sorrindo.

— Quem é Sudei Babu? pergunto.

— Como, o senhor não o conhece? É o maior astrólogo de Benares!

— Apenas um astrólogo... retruco com desdém mal dissimulado. Já conheço essa raça de homens, que fica acorada na poeira da estrada pelo caminho de Maidan a Bombaim, nos bazares de Calcutá; por menor que seja o lugarejo, eles estão ali para assediar os viajantes. Imundos, maltrapilhos, de cabelos hirsutos, suas faces porejam estupidez e superstição. Toda a sapiência deles se

resume a um ou dois almanaques repugnantes de páginas cobertas de sinais cabalísticos, tão misteriosos quanto eles. Têm a imensa pretensão de administrar os bens alheios, sem, ao que parece, perceberem seu próprio fracasso, nem assegurarem os favores da fortuna para lhes amenizar a miséria.

— O senhor me surpreende. Seria prudente para um comerciante como o senhor, submeter aos astros a direção dos seus negócios? Um pouco de bom-senso comum não faria melhor?

Meu interlocutor, com um sorriso de indulgência, volta-se para o pobre ignorante que sou.

— Mas então, como explicaria o senhor o que ele me predisse? Como podia ele adivinhar que vou me retirar dos negócios apenas com quarenta e um anos?

— Não seria uma mera coincidência?

— Pode ser, como queira, mas deixe-me contar-lhe uma outra história:

Há alguns anos atrás, conheci um astrólogo célebre em Laore. Guiado pelos seus conselhos, lancei-me num grande negócio. Era, então, associado a um homem mais velho do que eu, que achou o negócio por demais arriscado e recusou-se a tomar parte comigo nas transações; assim nossa associação se desfez. Prossegui o negócio por minha conta própria e obtive êxito, ficando com uma pequena fortuna. Sem o conselho desse astrólogo, jamais teria coragem de arriscar-me.

— Então o senhor acredita que...

— Perfeitamente, acredito que a nossa vida é determinada pelo destino e este está escrito nas estrelas!

Ao meu gesto de surpresa, que deve dizer bastante para exprimir o tamanho da minha incredulidade, acrescento:

— Infelizmente, os astrólogos que encontrei eram todos ignorantes e tão estúpidos, que não posso dar crédito ao valor dos seus conselhos.

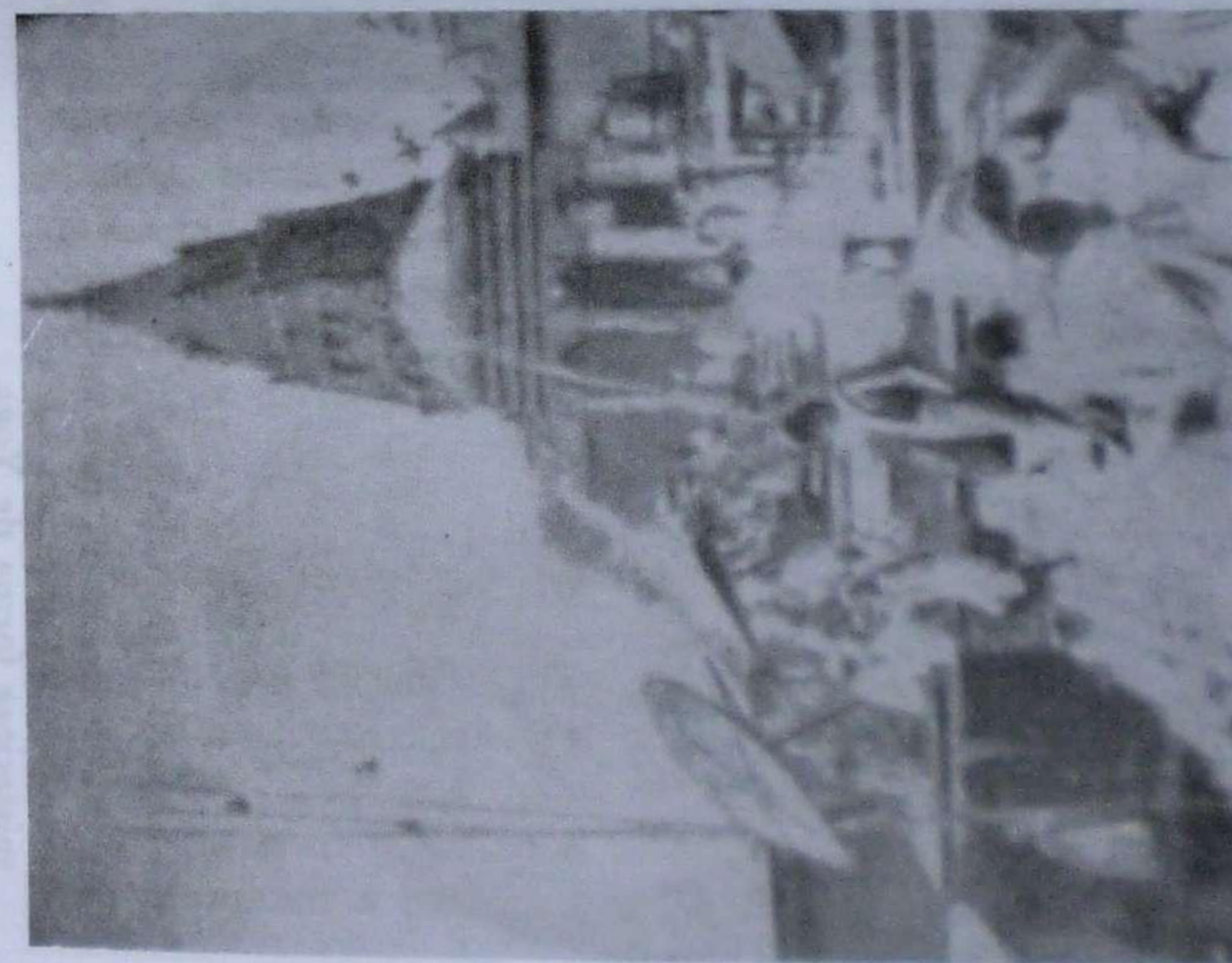
— Pode ser, mas não se deve confundir um sábio como Sudei Babu, com esses pobres coitados que o senhor encontrou. O senhor teve o azar de cair nas mãos de charlatães, eis tudo. Sudei Babu é um Brâmane culto, mora numa casa própria, possui uma biblioteca riquíssima, composta de volumes raros de grande valor, e dedicou sua vida aos estudos da astrologia.

Evidentemente, meu companheiro não é um bobalhão; pertence a essa classe de hindus que possuem espírito prático e não desprezam o gozo das nossas mais modernas invenções técnicas. Nesse ponto ele é mais forte do que eu; no seu ombro carrega um mag-



VISHUDHANANDA, O MAGO

Seu aspecto venerável e o lugar de honra que ocupa, bastam para informar-me que dei com o objetivo de minhas buscas.



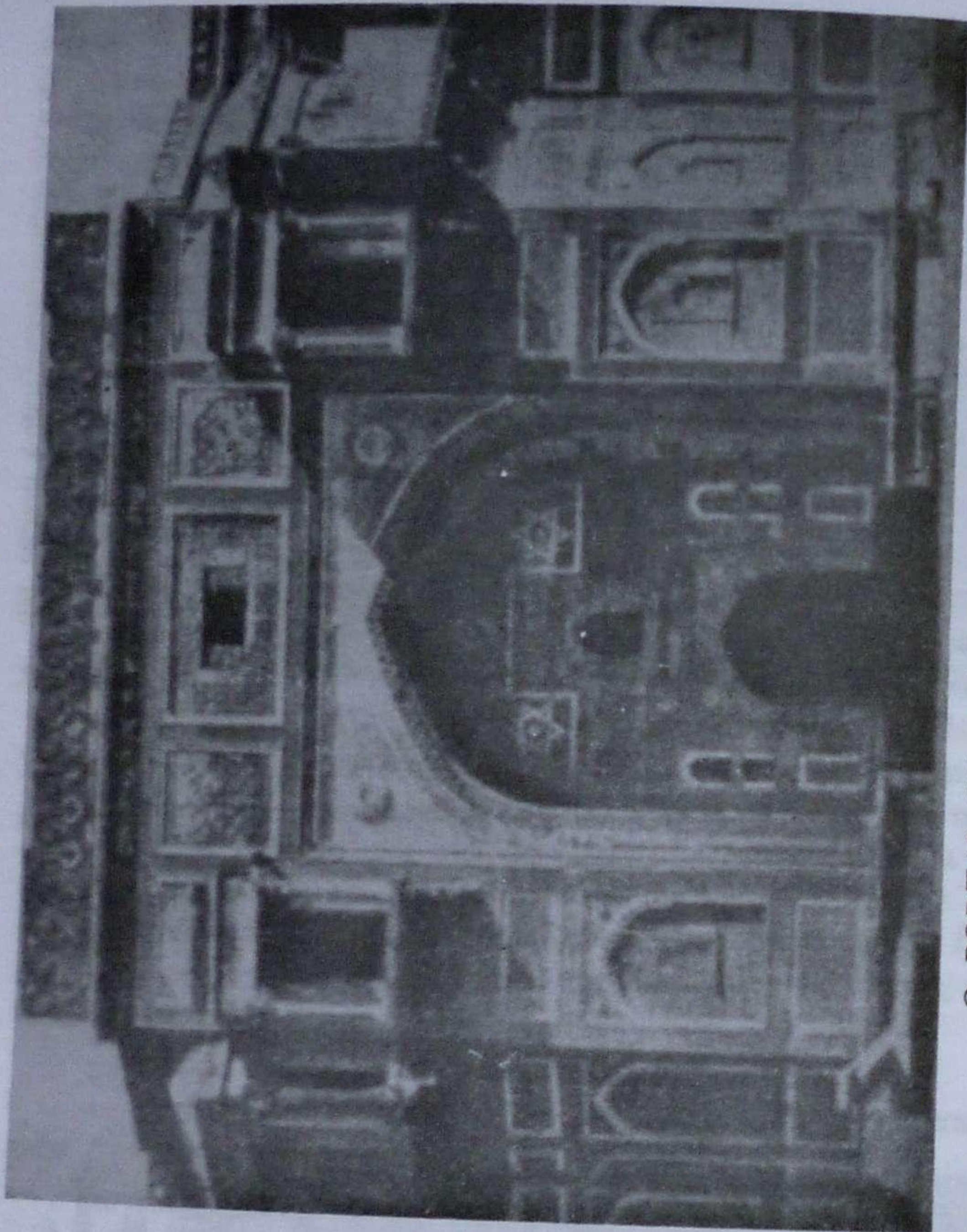
A MARGEM DO RIO EM BENARES

Os pés de muitas gerações têm consumido os degraus, até tornar sua superfície áspera e desigual.



SAHABJI MAHARAJ

Mestre de mais de cem mil pessoas que praticam uma misteriosa forma de Yoga.



O PORTAL DO PALÁCIO JEHANGIR, AGRA

Exploramos pinturescos edifícios onde outrora sedutoras favoritas exibiam sua beleza olivácea em sacadas de mármore e banheiros de ouro.

nífico aparelho de filmagem, ao lado do qual minha simples Kodak faz bem triste figura; seu criado nos serve uma bebida refrigerante de uma garrafa térmica — sinto-me um pouco envergonhado, mas esqueci por completo essa comodidade indispensável nas viagens. No decorrer da conversa, soube que ele usa seu telefone em Bombaim, mais do que eu em todas as partes do mundo. E ele acredita em astrologia! Não consigo conciliar os traços tão contraditórios de seu caráter.

— Vamos nos entender melhor, sim? Pelo que o senhor acaba de dizer, a vida do homem, bem como todos os acontecimentos do mundo, estão sob o controle dos astros, cuja distância, todavia, é tal que confunde a imaginação, não é?

— Exatamente, é isso o que estou pensando.

Encolho os ombros; não sei o que responder, mas ele continua falando, tomando o tom de apologista.

— Meu caro senhor, por que não vai fazer uma experiência? Não dizem em seu país que é preciso primeiro provar pudim antes de apreciá-lo? Vá consultar Sudei Babu e o senhor verá o que ele vai lhe dizer. Eu também não dou confiança aos charlatães, mas acredito nesse homem.

— Bem, sou cético quanto aos que fazem a adivinhação, comércio de feirantes. Contudo, aceito sua sugestão e, se quiser, pode me levar a esse astrólogo.

— Como, se eu quiser? Venha amanhã tomar chá comigo e nós iremos visitá-lo.

Ao longe, vejo os palácios, templos antigos, pequenos santuários sobrecarregados de flores amarelas, passam lentamente diante de nós. Fito com indiferença os pisos das escadarias de pedra repletas de banhistas e de peregrinos; fico pensando e raciocino que embora nossa ciência se lisonjeie em derrotar a superstição, eu nunca ouvi falar que uma atitude científica tivesse derrotado investigações. Se meu companheiro me coloca diante de fatos que corroboram o fatalismo dos seus patrícios, então terei, pelo menos, o espírito livre para estudar o assunto com toda a imparcialidade.

*
* *

No dia seguinte, meu amável companheiro e eu percorremos as ruas estreitas e antiquíssimas, marginadas de casas de telhados achatados. Paramos diante de um casarão antigo de pedra, seguimos pela entrada baixa e escura, subimos escadas tão estreitas que não permitem a passagem de duas pessoas, atravessamos ainda um

corredor, entrando finalmente na galeria de um grande pátio interno, que forma o centro da casa.

À nossa aproximação, um cão late furioso. Os vasos com plantas tropicais de viçosa folhagem estão postos em ordem ao longo da parede. Sigo meu companheiro e entramos numa peça tão escura que escorrego nos ladrilhos descolados; abaixo-me e vejo terra espalhada pelo chão da sala e também pela varanda. Será que o astrólogo planta flores descansando dos seus rigorosos estudos?

Meu companheiro o chama, mas só o eco das velhas paredes lhe responde. O cão late desesperadamente. O silêncio é tal que parece que todos os moradores desertaram da casa. Já começo a pensar se nós não perdemos nosso tempo, quando ouço alguém descer a escada. Os passos se aproximam e aparece um rosto emaciado, uma forma esguia segurando, numa mão, um castiçal e na outra, uma penca de chaves. Depois de algumas palavras trocadas na penumbra, o astrólogo abre a outra porta e convida-nos a entrar. Afastando cortinas, abre as persianas de duas das aberturas acima do balcão. A luz forte que irrompe na sala ilumina violentamente o rosto do astrólogo. É uma face descorada de fantasma, cujo sangue e vida parecem ter-se retirado! Só os olhos brilham, ardentes, consumidos pela chama devoradora do pensamento. Essa aparência cadavérica, a incrível esqualidez, os movimentos de lentidão quase irreais, todo seu aspecto pode impressionar o visitante desprevenido. O branco dos seus olhos reforça ainda mais essa aparência assustadora, pelo contraste que apresenta com as pupilas, de um negro de carvão. O astrólogo toma lugar na cadeira, que aproxima da grande mesa coberta de papéis, e oferece-me a outra. Ele fala bastante bem o inglês, embora um pouco lento, para manter uma palestra sem ajuda de intérprete.

— O senhor tem que compreender — digo logo ao sentar-me — eu vim como investigador, e não como crente.

— Pois não, à vontade. Vou estabelecer seu horóscopo e o senhor julgará por si mesmo da sua exatidão.

— Qual é a quantia que o senhor pede?

— Não tenho tarifa. Há pessoas que me pagam até sessenta rupias, outras vinte. Eu confio no senhor.

Exponho-lhe então que gostaria de, antes de saber do futuro, pôr sua ciência à prova e ouvir meu passado.

Concorda. Durante uns dez minutos se põe a fazer cálculos complicados, baseando-se na minha data de nascimento, abaixa-se atrás da cadeira para examinar montes de papéis amarelados e alfar-

rábios, apanha uma folha especial gasta pelo tempo, desenha um diagrama, inteirando seu trabalho. Assim que termina, diz:

— Aqui está a carta do céu da época em que o senhor nasceu. Os textos sânscritos dão o significado de diversos sinais da carta; agora lhe direi o que declaram as estrelas.

Examinando ainda o diagrama, consulta os papéis e começa a falar com a voz baixa e desprovida de emoção.

— O senhor é um escritor europeu. É exato?

Faço sinal que sim.

Ele continua a falar da minha juventude, descrevendo alguns fatos marcantes da minha vida e, entre sete pontos importantes do meu passado, cinco são certos, dois errados. Tenho então uma escala suficiente de apreciação; sua probidade é evidente. É um homem incapaz de ludibriar conscientemente, seja quem for. Os 75% de êxito, do início, permitem concluir que a astrologia hindu, embora não seja das ciências mais positivas, merece atenção.

Mas uma vez, Sudei Babu torna a folhear sua papelada, para em seguida falar sobre meu caráter, com uma exatidão relativa, e de minhas faculdades intelectuais em relação à escolha da minha profissão; neste ponto não há uma objeção de minha parte. Deixando seus papéis, torna a estudar a carta do céu e começa a vaticinar o futuro:

— O mundo inteiro vai ser o seu lar; fará o senhor longas viagens, e viajando sempre, escrevendo, nunca deixará sua profissão de escritor. Continua falando, mas como não tenho aqui nenhum critério de julgamento de suas profecias, contento-me em deixá-las onde as encontrei — escritas nas estrelas(1).

Ao terminar, vira-se para mim e pergunta se estou satisfeito. O que responder?

Sua descrição dos meus primeiros quarenta anos, mais ou menos correta, e sua análise referente ao meu caráter, relativamente certa, reduzem meu ceticismo e minha crítica ao silêncio. Mas, quanto ao futuro, sou obrigado a confessar, sem a menor vergonha, que fiquei impressionado. Como consegue ele saber? Tira as revelações do vácuo, por acaso? Limita-se a adivinhar? Só o tempo provará a veracidade das suas profecias. E o que vai acontecer com meu ceticismo? Cairá ao chão como um castelo de cartas?

(1) Uma dessas predições, que afastei logo como impossível e ridícula, veio a se realizar ultimamente. Num outro caso, houve um equívoco de data. Quanto às outras, não sei dizer, pois o tempo não as confirmou ainda.

Não sei o que posso responder... e sinto-me fortemente confuso; levanto-me, vou à janela, espio a rua, faço soar maquinalmente as moedas de prata no bolso. Penso que espécie de pergunta poderia formular ainda, quando o astrólogo vem romper o silêncio, com sua voz macia:

— É por causa da distância que essa influência das estrelas lhe parece impossível?

Mas então o que podemos dizer da influência da lua sobre as marés, do ciclo lunar sobre o organismo feminino ou da ausência do sol, que provoca melancolia?

— Sem dúvida, porém daí a sustentar as pretensões da astrologia, vai grande distância, — objeto — pois se eu conseguir chegar a salvo a um ponto determinado ou, ao contrário, naufragar, que relação pode ter com isto Júpiter ou Marte?

As meigas feições do astrólogo permanecem impassíveis. Olhando-me calmamente responde:

— Considere as estrelas simplesmente como sinais no céu; aliás, não são elas que nos influenciam, e sim o nosso próprio passado. O senhor jamais compreenderá a astrologia, enquanto não acreditar na doutrina, cujos ensinamentos revelam que o homem nasce e renasce e seu destino o segue de um nascimento a outro. Se escapar das conseqüências de uma má ação, durante uma das vidas, tem que a pagar na próxima encarnação e, se não receber a recompensa de boas ações nesta vida, recebê-la-á indubitavelmente na outra. Sem essa doutrina de contínuo retorno da alma humana à terra até atingir a perfeição, a sorte dos homens, que muda constantemente, parecer-lhe-á, sempre, como o efeito de um capricho ou de um azar cego. Como, então, Deus, que é todo Justiça, permitiria que isso acontecesse? Impossível! Assim, nós acreditamos que depois da morte a alma continua a existir, com toda personalidade, até o momento da entrada no seu novo invólucro carnal. Boas ou más ações na sua existência anterior, acharão seu equivalente durante essa vida ou vidas vindouras. É isso exatamente que nós entendemos como destino. Quando lhe disse que o senhor sofrerá um naufrágio e ficará em perigo de vida, queria dizer que Deus, na sua justiça e misericórdia, lhe reservou esse destino em conseqüência de alguma falta cometida na sua existência anterior. Não são os planetas, mas suas próprias ações, que apresentarão as condições propícias para levá-lo ao naufrágio. Os astros apenas registram esse destino. Por quê? Não sei. Jamais um cérebro humano poderia ter inventado a astrologia; é uma ciência que vem de muito longe e foi revelada, para nossa felicidade, por sábios de outrora.

Ouçó em silêncio. Que comentário acrescentar? Que ocidental, dotado de mente sadia, se deixaria despojar com entusiasmo do seu livre-arbítrio em proveito do destino? Com que surpresa fito esse sonhador exangue, passeando pelos signos do Zodíaco como em sua própria casa.

— Como o senhor deve saber — digo-lhe — em certas regiões do Sul da Índia os astrólogos são tão considerados que tomam lugar imediato após sacerdotes, e nada de importante se faz sem seus conselhos. — Nós, ocidentais, rimo-nos simplesmente de tais costumes, porque não podemos acreditar em predições. Nosso sentido de liberdade individual é forte demais para nos julgarmos vítimas indefesas de um destino inplacável.

O astrólogo encolhe os ombros:

— Lê-se num dos nossos livros antigos, o *Hitopadesa* que nosso destino está escrito em nossa fronte, e lutar seria inútil. Que posso fazer? Carregamos em nós o fruto das nossas próprias ações...

Não escondo minhas dúvidas. O profeta se levanta; compreendo que já é o sinal de despedida. Ouço-o então sussurrar baixinho:

— Tudo está nas mãos de Deus e nada Lhe escapa. Quem de nós poderia julgar-se livre?

— Como poderíamos viver sem Deus?

Voltando-se para mim, acrescenta:

— Venha amanhã, se quiser poderemos continuar nossa conversa.

Agradeço e aceito com prazer.

— Bem, então esperá-lo-ei depois do pôr-do-sol, cerca das 18 horas.

*
* *

Não faltei à hora marcada. Embora não pretendendo aderir cegamente a tudo que ele me expuser, não tenho nenhuma razão para rejeitar tudo *a priori*. Vim para ouvir, para aprender talvez, ponderando que só pela própria existência se pode adquirir conhecimentos; nunca recuso submeter-me a experiências, desde que haja motivos assaz convincentes. Ora! o horóscopo de Sudei Babu convenceu-me bastante de que a astrologia hindu não é uma superstição e justifica uma investigação minuciosa.

Eis-nos de novo frente a frente, separados pela grande mesa, iluminada por um candieiro a óleo de parafina, semelhante aos candieiros que iluminam, neste momento, todos os lares indianos.

Nesta casa tenho catorze quartos — diz-me o astrólogo — todos eles estão repletos de antigos manuscritos, na maioria em sânscrito; isso talvez lhe explique porque necessito uma casa tão grande, embora morando só. Venha ver minha biblioteca.

Segurando o candieiro, leva-me ao quarto vizinho cujas paredes estão todas tomadas por prateleiras entulhadas de classificadores sem tampas. Examino o conteúdo de um deles, cheio de livros e de papéis; o chão está juncado de montes de folhas, rolos, manuscritos e livros de capas roídas pelo tempo. De um monte, tomo um folheto de páginas amareladas e cobertas de caracteres que de tão velhos, se tornaram ilegíveis. Os outros quartos se assemelham; parece que toda a sabedoria antiga e todos os conhecimentos indianos estão reunidos nesta casa.

Terminada a inspeção retomamos nosso lugar à mesa.

— Gastei na compra desses volumes e manuscritos quase tudo que possuía — adianta o astrólogo — alguns deles custaram-me uma fortuna; é a razão pela qual o senhor me vê hoje tão pobre.

— De que tratam esses livros? pergunto.

— Uns tratam de astrologia, outros de mistérios da vida humana e divina.

— Então, o senhor também é um filósofo?

Seus lábios finos esboçam um leve sorriso:

— Um mau filósofo fará um medíocre astrólogo.

— Não me queira mal e perdoe minha liberdade, mas o senhor tem um ar de esgotamento tão profundo, causado sem dúvida por todas essas leituras, que desde minha primeira visita fiquei impressionado, vendo sua palidez.

— Isso não é nada surpreendente; há seis dias que não me alimento.

Apanho minha carteira.

— Oh! não, não é questão de dinheiro; minha cozinheira está doente, há seis dias que ela não aparece.

— Mas por que o senhor não providencia outra?

Ele sacode a cabeça:

— Não, é impossível. Minha alimentação não pode ser preparada por uma mulher de baixa classe. Prefiro não comer durante um mês, esperando que minha cozinheira se restabeleça; acho que deve voltar dentro de dois ou três dias.

Noto no seu pescoço o cordão sagrado dos *Filhos do Brama* — esse tríplice cordão de linho trançado, que é usado por todo Brâmane, do nascimento até a morte.

— Então, por um preconceito de casta, o senhor quer ficar doente? Sua saúde não vale mais?

— Mas isso não é um preconceito. Todos nós emitimos um fluido que é de matéria física, embora vossa ciência ocidental não conseguisse ainda descobri-lo. A cozinheira, preparando o alimento, transmite seu fluido, inconscientemente, é claro, à alimentação que prepara; se ela for de caráter vil, o fluido infectará o alimento e, por conseguinte, a pessoa que vai comê-lo.

— Eis uma teoria bastante audaciosa!

— Sim, mas é verdadeira.

Prefiro mudar de assunto.

— Há quanto tempo o senhor é astrólogo?

— Dezenove anos. Tornei-me astrólogo logo após o casamento.

— Oh! Compreendo...

— Oh! não, não sou viúvo. Não sei como explicar-lhe... enfim:

— Aos treze anos já orava a Deus para que me concedesse a sabedoria. Minha sede de conhecimento era tal que me levou a vários instrutores, bem como aos livros de filosofia que me abriram os horizontes. Estava tão fascinado pelos estudos que passava os dias estudando e lendo até altas horas da noite. Meus pais me casaram. Estávamos casados há apenas alguns dias, quando minha esposa ficou zangada comigo e disse furiosa: "Parece que me casei com um livro e não com um homem!" No oitavo dia de nossas núpcias, ela fugiu com o cocheiro!...

Silêncio. Não posso deixar de sorrir a esse fim tragicômico; esse abandono da casa conjugal devia ter provocado um grande escândalo, mormente neste país tão ligado às tradições! O espírito da mulher, não obstante, é cheio de malícia e vai além de nosso entender...

— Foi para mim um choque violento — prossegue Sudei Babu — mas recuperei-me e esqueci rapidamente todas essas emoções, mergulhando mais do que nunca nos estudos de astrologia e nos livros que tratavam dos mistérios da vida. Foi então que descobri, por acaso, um volume de Brama Chinta que devia decidir minha vida.

— De que tratava ele?

— O título pode ser traduzido assim: *Meditação sobre a Divindade* ou *A Busca de Brama* ou ainda *O Conhecimento de Deus*.

É uma obra que, quando completa, compõe-se de vários milhares de páginas, das quais até agora só estudei uma parte. Aliás, precisei nada menos de vinte anos para juntar estes fragmentos esparsos, e continuamente recorria às livrarias que os procuravam, por minha conta, em todas as províncias da Índia. O livro se compõe de doze grandes divisões e inúmeras subdivisões; as partes principais, além da Filosofia, tratam também da Astrologia, da Yoga, da vida futura e outros assuntos sutis.

— Existe em tradução inglesa?

— Não creio; nunca ouvi falar. Essa obra é conhecida apenas por poucos hindus, que sempre zelosamente a mantinham em segredo. Oriunda do Tibete, onde é considerada como sagrada, é transmitida somente a uma elite de estudantes.

— De que época ela é?

— Foi escrita há milhares de anos pelo sábio Bhrigu que viveu em tempos tão remotos que não se conhece mais a data. É uma doutrina que ensina um método da Yoga totalmente diverso daquele que está em uso na Índia. O senhor está interessado em Yoga, não é?

— Sim; como o senhor sabe?

Como resposta, Sudei Babu mostra-me a carta do céu traçada conforme a data do meu nascimento e, com a ponta do lápis, contorna as formas estranhas que aos seus olhos representam constelações planetárias e signos do Zodíaco.

— Seu horóscopo me surpreende. Para um ocidental destaca-se do comum e não é vulgar nem nas Índias. Ele indica, invariavelmente, que o senhor possui predisposição para os estudos da Yoga e terá o favor dos sábios que o iniciarão e ajudarão a adquirir o conhecimento. O senhor não se limitará à Yoga, pois brevemente terá o conhecimento de outros arcanos da vida mística.

Aqui pára, e fixa-me bem nos olhos. Que mistérios de minha vida íntima vai ele me revelar ainda, pondero, quando o astrólogo prossegue:

— Há duas qualidades de sábios; uns guardam egoisticamente a sabedoria adquirida para si próprios, outros partilham-na generosamente com todos os que têm sede de conhecimento. Seu horóscopo revela que o senhor está chegando ao limiar da iluminação e minhas palavras não caem em ouvidos surdos. Se quiser, estou pronto a transmitir-lhe meus conhecimentos.

Fico um pouco confuso, atônito com essa brusca reviravolta da situação. Vim para acabar de vez com essas pretensões absurdas da astrologia indiana. Voltei para ouvir a tese dessa chamada ciên-

cia e sua defesa e eis que agora o astrólogo se propõe ser meu mestre de Yoga! Isso não!

— Se o senhor consentir em praticar os métodos de Brama Chinta, não será preciso ter um mestre, pois sua própria alma vai ser seu melhor guia.

Percebo meu engano e pergunto-me se ele não leu meus pensamentos.

— O senhor me tomou de surpresa!...

É tudo que acho para lhe responder...

— Já instruí algumas pessoas e nunca me considerei mestre, e sim irmão ou amigo delas. Não tenho pretensão de ser seu mestre, no sentido próprio da palavra; o espírito do sábio Bhrigu utilizará, meramente, meu corpo e meu cérebro como veículo para lhe transmitir seus ensinamentos.

— Não compreendo como pode o senhor conjugar a profissão de astrólogo com os ensinamentos da Yoga!

— É muito simples. Estou vivendo no mundo e o sirvo com meu conhecimento, que é a astrologia, e não admito ser tratado como mestre de Yoga, porque o único mestre reconhecido pelo nosso Brama Chinta é Deus. Ele é a Alma do Universo que está em nós e pode nos ensinar. Considere-me como seu próprio irmão ou amigo, mas nunca como seu instrutor espiritual; aqueles que têm um mestre estão sobremaneira predispostos a nele se apoiar e dele depender, ao invés de dependerem da sua alma individual.

— Mas, o senhor toma os astros como guia e não sua alma, não é?

— Não, o senhor se engana; jamais tomei em consideração meu próprio horóscopo e há bastante tempo o destruí, pois achei a luz e não tenho mais necessidade da astrologia para me guiar. Só é proveitoso para aqueles que andam na noite da ignorância. Eu entreguei minha vida nas mãos de Deus. A consequência natural desse ato foi o sentir-me livre de toda preocupação e de todo receio do que me possa advir no presente ou no futuro — que a vontade de Deus seja feita! Entreguei-Lhe todo o meu ser.

— Mas, suponhamos que o senhor fosse ameaçado de morte, também diria que isso é vontade de Deus, e não faria nada para se defender?

— Sim; certo, porque em caso do perigo basta orar para imediatamente estar sob a proteção do Todo-Poderoso. A oração é necessária, o medo é supérfluo; rezo freqüentemente e o Senhor sempre me protege. Isso não quer dizer que eu não tivesse tido grandes dissabores, sempre porém com plena consciência da Sua proteção. Nele deposito toda minha confiança, aconteça o que

acontecer. Para o senhor também chegará o dia em que não se preocupará mais com seu futuro, adquirindo uma indiferença total pelo que lhe possa advir.

— Eu não posso imaginar modificar-me a esse ponto.

— No entanto, essa mudança se efetuará, sem a menor dúvida.

— O senhor tem tanta certeza disso?

— Tenho sim, porque não se foge do seu próprio destino. Esse renascimento espiritual é uma ocorrência que nos vem de Deus, prevista ou não.

— Tudo é muito estranho, Sudei Babu!

A idéia de Deus é uma incógnita que se introduz em tantas de minhas conversações neste país. Os hindus são essencialmente religiosos, e eu me sinto amiúde torturado pela sem-cerimônia com que eles mencionam Deus. Serão eles capazes de apreciar o ponto de vista do ocidental que rejeitou a fé cega por motivos complexos? Avalio a inutilidade de expor esse problema em tal momento, pois o astrólogo não deixaria de me doutrinar com toda sua argumentação teológica, pela qual não sinto a menor atração.

— Vamos falar de outra coisa, sim? Porque Deus e eu nunca andamos pelos mesmos caminhos; assim, nunca nos podemos encontrar.

— Nem por isso seu horóscopo pode mentir. Se não fosse assim, jamais ofereceria meus ensinamentos a uma mente mal preparada. As estrelas, porém, seguem sua invariável trajetória e, o que o senhor não é capaz de compreender agora, um dia ocupará todos os seus pensamentos e o impulsionará com uma força arrebatadora. Repito-lhe mais uma vez: estou pronto a iniciá-lo nos métodos de Brama Chinta.

— E eu estou pronto a receber seus ensinamentos.

*

* *

Noite após noite volto ao velho casarão para tomar minhas aulas. A luz pálida do candieiro desenha sombras fugitivas na face de cera do astrólogo, enquanto ele me desvenda os arcanos da mais antiga doutrina da Yoga tibetana(1).

(1) Seria sem proveito para o leitor entrar em pormenores dessa doutrina. Em resumo, ela consiste numa série de meditações que têm por finalidade produzir o que meu astrólogo chamou "O vácuo da mente". O estudo consiste em seis sistemas, sendo que o principal se compõe

Em nenhum dos momentos ele faz ressaltar sua superioridade espiritual, não se vangloriando de seu saber intelectual e nada de pedante se nota em seu ensino; Sudei Babu é a humildade personificada, começando sempre seus ensinamentos pela mesma frase: "Nessa doutrina de Brama Chinta está escrito que...". Uma noite, faço-lhe uma pergunta:

— Em suma, qual é a finalidade suprema da Yoga de Brama Chinta?

— Nós procuramos as condições favoráveis para alcançar o êxtase sagrado, porque nele e só nele é que o homem pode perceber sua alma como um ser real; em seguida, esforçamo-nos para chegar ao desprendimento das coisas do mundo dos fenômenos, pois quando obtivemos um estado em que tudo parece desvanecer-se, nesse momento a alma surge dotada de uma vida transcendente e nos submerge numa imensidão de paz e felicidade. Uma única experiência é suficiente para que o homem tenha plena convicção de que nele há realmente uma vida divina e eterna, e essa noção jamais se afastará da sua consciência.

— O senhor está bem certo de que isso não seja uma forma particularmente intensa de auto-sugestão?

Seus lábios se abrem num leve sorriso:

— Quando uma mulher dá à luz um nenê, acha o senhor que ela duvida da realidade do fato? E, mais tarde, quando a mãe se lembra do parto, será que lhe ocorre a idéia de que isso foi uma auto-sugestão? Quando ela se debruça no berço, vendo-o crescer, duvidará por um instante da realidade da sua existência? Da mesma forma é a mente. O esforço do renascimento espiritual provoca um tão tremendo transtorno que jamais poderá ser esquecido da pessoa saindo dele transfigurada. Quando alguém entra em transe sagrado, uma espécie de vácuo se faz na sua mente; Deus ou — como o senhor não gosta dessa palavra — digamos Alma ou Força Suprema entra e toma o lugar desse vácuo. A essa mudança segue-se uma intensa felicidade, um imenso amor por todas as coisas criadas e, nesse momento, para um observador, o corpo parece morto, porque no auge da crise até mesmo a respiração fica suspensa.

— Isso não é perigoso?

de dez etapas, porém, não seria aconselhável a um ocidental comum praticá-lo, pois este método só é possível quando levado a efeito na solidão de selva ou nos retiros das montanhas. Poderia ser perigoso em certos casos e a loucura espera o amador inexperiente.

— Não; absolutamente. O êxtase é, de modo geral, obtido quando praticado na solidão ou na presença de um amigo que passa a assistir à pessoa. De minha parte, entro freqüentemente em transe e saio sempre quando o desejo; abandono-me por duas ou três horas, marcando o tempo à minha vontade. É uma maravilhosa vivência, na qual percebo meu íntimo ser, como o senhor percebe as coisas do mundo exterior. E por isso eu lhe digo que tudo o que o senhor aprende no mundo dos fenômenos, pode aprender de sua própria Alma! Quando o senhor tiver adquirido o total dos ensinamentos da Yoga de Brama Chinta, terá a certeza da inutilidade de um mestre ou de um guia, porque será seu próprio mestre e guia!

— O senhor já teve um mestre?

— Nunca. A descoberta dos ensinamentos secretos de Brama Chinta dispensou-me de procurá-lo. Mesmo assim, mais de uma vez, os Grandes Seres aparecem-me durante os êxtases, os Grandes Sábios em suas formas fluídicas vêm abençoar-me. Portanto, torno a repetir-lhe: não tenha outro guia a não ser sua própria alma e os mestres lhe aparecerão, no plano espiritual, é claro.

O silêncio cai entre nós. Meu amigo parece absorver-se em meditação; minutos depois, sem perder a calma habitual, a humildade costumeira, dos lábios do meu estranho professor saem estas extraordinárias palavras:

— Um dia, quando mergulhado em êxtase, eu vi Cristo.

— Oh! Não, o senhor quer iludir-me! exclamo assombrado.

Impassível, ele nem se apressa a dar-me uma explicação sequer. Seus olhos se voltam para dentro e, confesso, sinto um pouco de medo, sossegando depois quando o vejo reabri-los voltar ao normal e reiniciar a conversa com seu meigo e enigmático sorriso nos lábios:

— O êxtase é uma força tão tremenda que a morte não pode surpreender o homem quando nele está mergulhado. Os Yogues que vivem nos vértices tibetanos do Himalaia atingiram essa perfeição; — esses homens voluntariamente se retiraram para as cavernas, a fim de se dedicarem a essas práticas e levam-nas ao mais alto grau. No transe, o pulso fica parado por completo, o coração cessa de bater e o sangue não circula — o corpo parece estar morto, qualquer médico ter-se-ia enganado no diagnóstico. Não imagina, todavia, tratar-se de uma forma de sono; esses sábios são tão conscientes quanto o senhor ou eu neste momento. Somente eles entraram num plano em que vivem uma vida mais intensa que a nossa, onde o espírito não está mais subordinado aos limites que

lhe impõe a carne. Todo o Universo está neles. Algum dia, ao saírem do êxtase, estarão envelhecidos algumas centenas de anos!

Eis aí! Mais uma vez ouço essa enraizada tradição! Será que ela vai me perseguir por toda parte da Índia? Poderei eu encontrar um dia esses imortais da lenda e contemplá-los com meus próprios olhos?

Acabará nossa orgulhosa ciência moderna por descobrir esse mistério e classificar entre os fenômenos da vida, esses fantasmas surgidos da magia dos picos gelados do Himalaia? Quem o sabe?

*
* *
*

Termina minha última aula. Consegui convencer meu amigo astrólogo, que leva uma vida sedentária, a fazer um pouco de exercício. Escolhemos as ruas de menor movimento, evitando os barulhentos mercados e a multidão que se empurra no caminho do Ganges.

A despeito da sua imundície ancestral e ausência total de higiene, Benares oferece ao viajante uma variedade de panoramas e um colorido que deslumbra.

A tarde é linda. Meu amigo, carregando um imenso guarda-sol, com ar lânguido e frágil, avança tão devagar, que tomo a liberdade de encurtar o caminho.

Passamos pela rua de Batedores de Cobre, onde o ar ressoa de golpes de marteladas.

Os objetos confeccionados brilham ao sol abrasador. Observo, entre objetos de toda espécie, pequenas imagens de cobre repuxado, representando os variados e tão numerosos deuses do Panteão indiano.

Do lado da sombra, um velho mendigo anda a passos medrosos roçando as paredes; meu aspecto deve tranquilizá-lo, pois toma coragem e vem pedir-me uma esmola. Continuamos andando pela Rua dos Comerciantes de Cereais, onde grãos dourados se espalham por todos os cantos. Os vendedores, acorados ou sentados, vigiam mercadorias e lançam um olhar furtivo à dupla esquisita que, na certa, formamos, meu companheiro e eu, para depois voltar à sua indiferença costumeira.

Cheiros de todas as espécies penetram em nossas narinas. Aproximando-nos do Ganges caímos em verdadeiro *Pátio dos Milagres*, onde os mendigos esqueléticos, em farrados, andam de pés descalços na poeira; um deles se aproxima de nós e vejo suas fei-

ções refletirem uma aflição tão profunda, que me causa dó. Um pouco adiante quase piso numa velha mulher, tão magra que não tem senão pele e ossos; levanta os olhos para mim; no seu olhar apagado não percebo sequer uma censura, expressando apenas uma muda resignação. Meu porta-níqueis provoca um clarão de vida no seu olhar, estende-me seu braço descarnado e apanha vorazmente a moeda que lhe ofereço. Sinto vergonha de possuir tudo: um abrigo, roupas e todas essas benfeitorias que se acaba por não apreciar mais, por hábito de gozá-las. Quando penso, obcecado pelos olhares desses pobres desventurados, sinto-me quase culpado; com que direito tenho eu fortuna, quando esses deserdados da sorte possuem por únicos bens, trapos imundos? E, se por algum capricho do destino estivesse eu no lugar deles?... Nem quero pensar! Mas, enfim, por que um azar de nascimento põe esses infortunados arrastando-se na poeira e os outros, ricos, cobertos de jóias e roupas de seda, morando em palácios, ao lado dessa miséria? Por quê? A vida, decididamente, é um enigma incompreensível!

— Sentemos aqui — diz o astrólogo — aproximando-se da margem do Ganges. Acocoramo-nos à sombra, contemplando o alinhamento interminável das escadarias de pedra, do cais, dos terraços suspensos, onde a multidão de peregrinos passeia em vaivém contínuo. Dois delicados minaretes se destacam graciosamente no céu cor de pérola; eles indicam o lugar da encantadora mesquita de Aurungzeeb, que sobreviveu como um anacronismo chocante no coração da cidade mais ortodoxa do Indostão.

Sudei Babu, sem dúvida, percebeu a impressão penosa que me causaram os mendigos, pois começa a falar, como querendo se desculpar por eles:

— O senhor sabe, a Índia é um país pobre e seus habitantes não têm mais força de reagir; os ingleses não são tão maus assim, e acredito que Deus os mandou para nossa felicidade. Antes a vida era incerta, a lei e a justiça quase não existiam; faço votos para que eles não nos abandonem tão cedo, pois ainda precisamos deles; a meu ver, porém, essa ajuda deve expandir-se daqui por diante, amigavelmente, e não pela violência. Enfim, o destino é que vai decidir!

— Outra vez com seu fatalismo!

Meu amigo cala-se ou finge não me ouvir. Depois de um curto silêncio prossegue:

— Como poderiam dois povos subtrair-se à vontade de Deus? Assim como a noite segue o dia e o dia segue a noite, assim é a história das nações. Grandes mudanças estão por vir no mundo

inteiro. A Índia, caíndo em estado de profundo torpor e apatia, não se levantará senão no dia em que forem despertadas suas antigas aspirações, o que constitui sempre a vanguarda de todo renascimento. O materialismo que devora a Europa levantou uma onda de atividade febril que acabará por diminuir naturalmente, mais cedo ou mais tarde, dando lugar a um ideal mais nobre; a Europa tornará a procurar os valores espirituais e a América vai acompanhá-la.

Ouço, atento, num silêncio que o estimula a continuar.

— Nossos ensinamentos e as doutrinas filosóficas penetrarão no Ocidente e a Índia voltará a ser o guia espiritual da Humanidade. Vossos eruditos já traduziram alguns dos nossos manuscritos e livros sagrados, porém inúmeros textos antigos dormem ainda nas cavernas da Índia, do Nepal e do Tibete; quando a hora chegar, eles serão também, por sua vez, revelados ao mundo. Os tempos virão em que a mais antiga filosofia do Oriente fundir-se-á com a ciência utilitária do Ocidente e o mistério do passado deixará então de ser um segredo para nosso século. Sinto-me feliz porque sei que isso vai acontecer.

Escuto, contemplando as águas esverdeadas do Ganges; o rio sagrado é tão calmo que parece apenas mover-se; sua superfície, espalhada como prata líquida, brilha ao sol. O astrólogo, integrado nas suas idéias, prossegue:

— Cada povo, como cada homem, tem seu próprio destino e deve obedecer, queira ou não.

Deus é onipotente, nem os homens nem as nações escapam da sorte que merecem; entretanto, podem ser poupados em suas tribulações e salvos, na hora em que parece não haver mais esperança e a perdição parece soar.

— Mas, essa proteção, como obtê-la? pergunto.

— Orando, entregando-nos ao Todo-Poderoso, fazendo-nos pequeninos e dirigindo-nos a Ele, não apenas com os lábios, mas com todo coração, sobretudo antes de agir; recebendo dias felizes como uma dádiva de Deus e aceitando as aflições como uma prova da qual nós sairemos vencedores. Não tenha temor nem receio, pois Ele é todo Bondade!

— O senhor não acredita então que Deus está muito longe de nós, e indiferente ao sofrimento dos homens?

— Não, Deus é Espírito e está em todos os seres e em todas as coisas, dentro e fora do universo. Como então pode ser indiferente? Quando o senhor contempla uma bela paisagem no seu

caminho, não pensa que essa beleza vem Dele? Ela não seria bonita se não deixasse transparecer a divindade nela oculta. Não se deixe seduzir pelas aparências, não pense senão no Espírito que está presente em todas as coisas e as anima, não veja senão o divino em tudo!

— O senhor tem uma singular maneira de fazer convergir suas doutrinas com a religião e a astrologia, Sudei Babu!

— Por que singular? Essas doutrinas não foram inventadas por mim, elas nos vêm de tempos imemoriais. O poder invencível do destino, o culto da criatura para com seu Criador, a ciência das influências planetárias já eram conhecidos dos povos que não são tão selvagens como vossos cientistas se comprazem em clamar. Mas, não esqueça, há uma coisa que vou lhe adiantar como certa: antes do fim deste século o Ocidente tornará a reconhecer a realidade dessas forças invisíveis que animam os seres.

— Não seria uma coisa fácil aos homens do Ocidente renunciar à noção ingênita do livre-arbítrio — garanto-lhe.

— Tudo que acontece, acontece pela vontade de Deus, e aquilo que parece livre, é movido pela força do seu Poder. O Todo-Poderoso devolve aos homens os frutos, bons ou maus, de pensamentos e ações das suas vidas passadas. Submetamo-nos à Sua vontade, pois aquele que fixa seu olhar n'Ele, rogando-Lhe força para suportar o infortúnio, não perecerá sob seu jugo.

— Oxalá fosse verdade o que o senhor vem me dizendo; pelo menos, seria um grande consolo para aqueles pobres mendigos que acabamos de encontrar.

— A única resposta que lhe posso dar é: recolha-se em si mesmo, siga as vias de Brama Chinta e todos os problemas se tornarão claros, à proporção que a luz se faça na sua consciência.

Acho que ele não tem nada mais a acrescentar, e doravante hei de prosseguir só, e encontrar meu próprio caminho. Recebi um telegrama, chamando-me para longe de Benares.

Pergunto ao meu amigo astrólogo se consentirá em deixar-se fotografar. Ele recusa polidamente este meu último pedido.

— Para quê? — responde — este rosto tão feio, esta roupa surrada?

— Gostarei de ter uma lembrança sua quando estiver longe.

— A melhor lembrança estará no seu pensamento puro e em sua ação desinteressada.

Embora magoado e desapontado, obedeço, pondo minha câmara no bolso.

Meu amigo se levanta; percebo perto de nós uma figura sentada de pernas cruzadas, protegida por grande guarda-sol de bambu. O homem parece abismado em meditação; reconheço, pela cor da sua roupa, um santo homem da Ordem Superior dos Swamis. Mais adiante, uma vaca; uma das vacas sagradas, — suponho que abundam em Benares — fica deitada no meio do caminho com as pernas dobradas sob o abdômen.

Ao chegar perto da loja do cambista chamo um táxi, despeço-me do astrólogo, e nós nos separamos.

*
* *

Nos dias que se seguem, abandono-me a uma orgia de viagens. Passo as noites nesses albergues construídos pelo governo para uso dos seus funcionários e turistas.

Lembro-me de uma dessas hospedarias! Um pesadelo! Sem conforto e cheia de formigas. Após duas horas de vãos esforços para livrar-me dos seus ataques, torturado, deixo minha cama, decidido a passar a noite em claro, sentado na cadeira. As horas pareciam-me intermináveis. Finalmente, fugindo dessa impressão desagradável, esqueço o lugar onde estou e volto a pensar em meu astrólogo de Benares.

Essa lembrança, porém, traz-me, logo em seguida, uma outra: a desses infelizes esfomeados carregando seus ossos e seus trapos ao longo do caminho poeirento; a vida não lhes permite viver, mas também não os deixa morrer. O rico usurário, insolente no seu magnífico carro, enlamea-os na passagem; eles aceitam isso como aceitam a fome, a miséria e o desprezo, sem revolta. Neste país tórrido, onde o mais miserável leproso está resignado com a sua sorte, o fatalismo indiano faz indubitavelmente efeito de entorpecente que acalma sua carne dolorida.

Para que discutir o livre-arbítrio com gente curvada sob o punho de ferro de um impiedoso destino? Para um oriental isso não é um problema: o destino governa a ele e à sua prole e, com isso, tudo está dito. Porém, que ocidental consentiria em ser um fantoche, movido por fios puxados pelas mãos invisíveis do destino?

Lembro-me, agora, desse dito famoso de Napoleão, quando seu glorioso exército atravessava os Alpes: "Impossível? Não existe essa palavra em meu dicionário!" Porém, estudei e reli sua vida fascinante e recordo também outros pensamentos estranhos que

escreveu em Santa Helena, onde seu espírito condenado à inação, ruminava sem parar seu passado de glórias: "Fui sempre fatalista. O que está escrito no céu — está escrito... Minha estrela empalideceu... Senti as rédeas me escaparem das mãos sem poder nada fazer".

O homem, que talvez por amor ao paradoxo alimentava pensamentos contraditórios, certamente não resolveu o mistério, e quem poderá resolvê-lo? Quem sabe de quantas polêmicas e discussões este mistério foi objeto de um pólo a outro, desde que há na terra homens que pensam?

O imbecil não se teria preocupado, mas o sábio hesitará sempre em pronunciar a última palavra entre tantas opiniões controversas.

Volto a pesar no meu horóscopo; há momentos em que me pergunto a mim mesmo se porventura algumas células do meu cérebro não foram impregnadas por esse fatalismo oriental. Quando lembro a maneira simples desse homem humilde que trouxe à tona da minha memória fatos há muito tempo esquecidos, tenho até vontade de escrever um tratado sobre determinismo. No entanto, sei que o esforço será inútil e o meu prefácio, bem como a minha conclusão, não esclarecerão melhor o assunto.

Não, isso está além das minhas forças! Quando a agência Cook vender passagens para a Lua, Marte ou Vênus, será mais fácil a influência dos astros tornar-se evidente. Esperando porém, pode-se consultar os astrólogos, sem esquecer que eles não são infalíveis, pois como me avisou Sudei Babu, a ciência é ainda fragmentária.

Felizmente adormeço no momento em que já ia me perguntar: mesmo que nosso futuro estivesse escrito nos astros, seria de grande proveito para a nossa ventura tentar levantar a ponta do misterioso véu?

Alguns dias depois estava a várias centenas de milhas de Benares, quando soube dos distúrbios que ali estalaram. É sempre a mesma história: os hindus e muçulmanos passam seu tempo brigando. No início, aparentemente, os acontecimentos não têm maior gravidade, mas, vem um dia em que eles se precipitam uns sobre os outros, agitados por indivíduos sem escrúpulos, para os quais a religião é apenas um pretexto fácil para assassinato e saque. O terror reina alguns dias. Essa lamentável ocorrência é semeada de boatos de cabeças quebradas, corpos torturados e assassinatos indiscriminados.

Fico preocupado com o meu astrólogo, sobretudo por ser difícil obter notícias, porque nenhum carteiro se teria atrevido a tentar a sorte nas ruas de Benares, durante esse triste período.

Forçado a esperar que a população consinta a ceder, mando meu telegrama, um dos primeiros que foram despachados para a Cidade Santa. Recebi em resposta uma simples carta de agradecimento, onde meu amigo diz que está são e salvo, atribuindo tal fato à "proteção do Todo-Poderoso".

Fiel ao seu apostolado, acrescenta, no verso da carta, um *post-scriptum* — resumindo dez artigos de doutrina da Yoga de Brama Chinta!

CAPÍTULO XIII

O JARDIM DO SENHOR

NO MEU circuito através do norte da Índia, duas pistas me levaram à pequena colônia pouco conhecida que tem o nome poético de Dayalbagh, o Jardim do Senhor. Uma delas começou em Lucknow, um pitoresco lugarejo, onde tive a sorte de aproveitar os bons ofícios de Sunderlal Nigam, um guia amigável e filósofo, de apenas vinte e um ou vinte e dois anos, mas que, como muitos dos seus irmãos hindus nesta idade, já é um homem maduro. Passeamos filosofando, entre os antigos palácios dos mongóis, meditando sobre o destino dos seus antigos reis e encantados com a magnífica arquitetura indo-persa, vislumbrando seus contornos graciosos e delicado colorido, que revelam o gosto aprimorado dos seus criadores. Como esquecer os dias abençoados passados nos jardins dos imperadores, assombrados de laranjeiras, orgulho de Lucknow?

Visitamos os antigos haréns, onde as favoritas dos reis Oudh exibiam sua beleza cor de azeitona nos terraços de mármore, e se lavavam em banheiras de ouro. Hoje os palácios estão vazios, mas o perfume dos seus jovens corpos ainda recende, impregnando com seu aroma as salas, desde então sempre desertas.

Tornei a voltar amiúde, fascinado pela beleza da mesquita perto da Ponte dos Macacos, que com seu alvor imaculado ofusca, brilhando deslumbrantemente, o sol, e cujos esbeltos minaretes se elevam ao céu como uma oração silenciosa. No interior uma grande massa de fiéis prosternada no chão, num ritmo monótono invoca o nome de Alá. Berrantes tapetes, sobre os quais os fiéis se prosternam para a oração, acrescentam uma nota alegre ao encantamento do cenário. Quem duvidaria do fervor dos sequazes do Profeta, cuja religião é uma força viva e fecunda?

Embora obcecado pela contemplação dessas maravilhas, ouço atento as observações inteligentes e sábias do meu jovem guia, que alia uma atitude objetiva à profundidade da alma, impregnada do misticismo de um estudante de Yoga. Foram, todavia, necessários numerosos encontros e calorosas discussões (no decorrer das quais senti seu olhar escrutar meu pensamento, procurando sondar-me para saber minhas idéias e crenças) antes que eu soubesse que ele era um membro da Fraternidade semi-secreta de Radha Soamis.

*
* *

A segunda pista que me levou à Dayalbagh foi indicada por um certo Malik, um outro membro da Fraternidade; grande rapagão, fino, de tez clara, como há muitos hindus nordestinos. Durante séculos seu povo vivia nas adjacências das tribos montanhas da fronteira, que observavam com inveja as possessões dos seus vizinhos mais favorecidos. Mas o sábio governo inglês domestica esses irrequietos briguentos, não como antigamente, pelas armas, mas assalariando-os a seu serviço. Malik tem sob suas ordens alguns desses ariscos nômades, hoje domesticados pelo trabalho; ao longo da fronteira do nordeste do país, eles constroem pontes, estradas, casernas e fortes. A maioria conservou suas armas, mais por hábito do que por necessidade, e Malik trabalha arduamente, fazendo proveitoso e bom serviço perto de Dera Ismail Khan, posto mais avançado do Império. Seu caráter harmonioso combina uma grande confiança em si, um espírito sadio e prático com a nobreza da alma e a profundidade do pensamento, que denotam o homem notavelmente bem equilibrado.

Reservado no começo, como o exigem as tradições da Yoga, ele não confia em ninguém, e só após muita reticência acabou confessando ter um mestre e que vai vê-lo quando seu serviço permite. Esse mestre, um certo Marajá Sahabji Maharaj, é precisamente o chefe de Radha Soamis que, como já me disse Sunderlal Nigam, teve a engenhosa idéia de conciliar a disciplina da Yoga com as exigências da vida diária e organizá-la em molde ocidental.

*
* *

Graças aos esforços amigáveis desses dois homens, Nigam e Malik, vou ser hóspede de Sua Santidade o Marajá Sahabji, o rei sem coroa de Dayalbagh, a própria cidade de Radha Soamis.

Depois de percorrer de automóvel algumas milhas que separam Agra de colônia, descortina-se ao meu olhar deslumbrado a cidade-jardim do Senhor! Constata-se à primeira vista como foi grande a preocupação do seu fundador em mantê-la em estado digno do seu nome. Em chegando, logo fui conduzido a uma casa que pelo aspecto parece ser o escritório particular do mestre.

A sala de espera está mobiliada à moda européia e com uma simplicidade apurada. Esta modernização será na realidade uma reação contra o modo de viver dos homens santos da Índia? Havia encontrado Yogues em cavernas, cabanas de terra, nos paíóis úmidos à margem dos rios, mas nunca num ambiente tão moderno! Que espécie de homem seria o chefe dessa singular Fraternidade? Não fico muito tempo em dúvida, pois vejo a porta abrir-se lentamente e esse grande personagem aparecer diante de mim; de porte mediano, com um turbante imaculado envolvendo a cabeça, rosto de traços finos, sem serem especificamente indianos, e a pele, um pouco mais clara do que a dos hindus, poderia ser a de um sul-americano. Usa óculos de lentes grossas, seus bigodes são aparados à moderna, veste uma espécie de redingote cinza de gola alta, abotoada com uma fileira de botões — traje que os alfaiates indianos acharam a melhor adaptação à nossa moda ocidental.

Sua acolhida é amável, cheia de dignidade e cortesia. Saudações trocadas, espero-o sentar-se para cumprimentá-lo pelo bom gosto na escolha do mobiliário. Um franco sorriso ilumina sua face:

— Deus não é somente amor, mas também beleza. Quem cultiva o espírito deve cultivar o belo, não apenas em si, mas em tudo que o rodeia.

Seu inglês é regular, a voz clara e calorosa. Depois de uma pequena pausa, continua:

— Aliás, há na decoração do ambiente uma outra coisa que não se percebe, porém é bem mais importante. O senhor sabe, os objetos como cadeira, mesa, paredes, conservam traços dos sentimentos dos seus possuidores e emitem, por sua vez, radiações invisíveis que afetam, até certo ponto, as pessoas.

— Se eu bem o entendo, deve haver então no contato desses objetos eflúvios magnéticos e irradiações que podem influir sobre o caráter dos seus possuidores?

— Exatamente. O pensamento humano, sendo de natureza material, no seu próprio plano, adere de modo mais ou menos prolongado, nas coisas das quais nos servimos habitualmente.

— Isso é uma teoria interessante, que pode servir de apoio.

— É mais do que uma teoria, é um fato! — exclama. Depois prossegue:

— O homem possui um duplo etérico mais sutil do que seu corpo físico; nele existem centros de ação correspondentes aos órgãos sensoriais. Por intermédio deles se podem perceber as forças invisíveis que, quando despertadas, proporcionam uma visão psíquica e espiritual.

Um curto silêncio, e depois ele me pergunta quais são minhas impressões sobre a Índia.

— Não lhe escondi nada do que penso a respeito da negligência dos seus compatriotas em assimilar as descobertas da ciência moderna e o progresso que suavizam nossa curta passagem sobre a terra, o desprezo pela higiene, seu agarramento fanático aos costumes estúpidos e às mais cruéis práticas, tudo encoberto pelo manto da religião. Falo-lhe com toda franqueza que a influência dos sacerdotes parece esterilizar seu país; dou-lhe alguns exemplos do que se faz de absurdo em nome da religião, apesar de que Deus nos deu a capacidade de raciocinar. Sahabji Maharaj é totalmente de minha opinião:

— É exatamente o meu programa de reforma o que o senhor acaba de me expor.

— Em conclusão, acho que a maioria dos hindus espera passivamente que Deus faça por eles o que eles mesmos seriam capazes de fazer.

— Não há a menor dúvida. É certo que para a maioria dos hindus a religião é uma proteção bem cômoda, um abrigo que cobre um monte de coisas que nada tem a ver com ela. O pior de tudo é que a religião não se mantém na sua pureza original e não guarda sua força viva senão durante meio século depois da morte do seu fundador, para em seguida degenerar em simples filosofia. Seus adeptos não conservam mais o espírito religioso, convertem-se em charlatães; no último estado, e essa fase é mais duradoura, ela cai nas mãos dos pretensos sacerdotes e, então, a hipocrisia é que passa a ser aceita como religião.

Eis, pelo menos, palavras com as quais concordo plenamente.

— Para que discutir o céu e o inferno, falar de Deus e dos seus atributos? A humanidade não vive no plano da metafísica, mas na realidade; vamos pois nos esforçar, antes de mais nada, e fazer essa vida mais sadia e mais bela!

— É por isso precisamente que queria conhecê-lo. Seus discípulos são pessoas excelentes e tão práticas como os ocidentais de hoje, não se exibindo com sua religião, vivendo uma vida sadia,

observando as práticas da Yoga com uma sincera fidelidade e devoção.

Minhas palavras provocam um sorriso nos lábios de Marajá Sahabji e faz brilhar seus dentes.

— Considero-me feliz pelo fato do senhor ter notado. Pondo em prática essa concepção da vida ativa em Dayalbagh, esforço-me por provar ao mundo que o homem pode gozar de todos os efeitos benéficos da vida espiritual sem ser obrigado a retirar-se para as cavernas, e pode atingir a mais alta perfeição da Yoga sem ter necessidade de fugir aos deveres do mundo.

— Se o senhor for bem-sucedido, os seus ensinamentos elevarão a Índia na estima do mundo.

— E nós conseguiremos, acredite-me. Vou-lhe contar minha história:

Quando cheguei aqui para inaugurar minha colônia, meu maior desejo era plantar muitas árvores, mas vieram me dizer que seria tempo perdido nesta terra árida e arenosa. O Jumna não corre muito longe daqui e Dayalbagh está construída sobre um de seus antigos leitos. Não tínhamos então muita experiência e só depois de várias tentativas infrutíferas é que achamos as espécies capazes de se fixarem nesta terra ingrata. A maioria das árvores plantadas no primeiro ano pereceu; uma, todavia, resistiu. Mesmo assim, não desanimamos; prosseguimos com nossos esforços e, hoje, veja! Temos nove mil árvores em pleno desenvolvimento. Eu lhe conto isso apenas como símbolo da concepção que temos da nossa tarefa. Encontramos aqui uma terra tão seca e árida, e de tão pouco valor comercial, que se não tivesse sido nossa coragem, jamais acharia um comprador. Veja o que temos realizado!

— Será que o senhor quer edificar uma nova Arcádia nas portas de Agra?

Enquanto ele ri dessa alusão, aproveito para perguntar se podia visitar a cidade.

— Pois não, vou providenciar isso e já. Depois que o senhor tiver visitado Dayalbagh e visto as coisas na prática, minhas teorias o esclarecerão, e o senhor me compreenderá melhor.

Tocou a campainha, como nos mais modernos escritórios. Alguns instantes depois começo minha ronda de inspeção pelas ruas em acabamento, e nas fábricas.

Meu guia é o capitão Sharma, ex-médico do Exército, que pediu exoneração para se entregar integralmente à obra do seu mestre. Ele também, percebo logo, apresenta uma feliz associação de realismo ocidental e profunda e sincera espiritualidade.

Uma luxuriante avenida dá acesso a Dayalbagh, vejo toda a cidade extremamente limpa; as ruas assombreadas por grandes árvores, e belos jardins ornem a praça central.

Meu guia me diz que essas plantações devem ter sido conquistadas, à força de muita perseverança, de uma terra deserta. Uma amoreira plantada por Marajá Sahabji em 1915, na época em que ele inaugurou a colônia, é um símbolo vivo de sua concepção de urbanismo.

Um quarteirão industrial está formado pelo conjunto de fábricas que receberam o nome de *Indústria Modelo*, e suas oficinas claras, espaçosas e bem arejadas, testemunham um grande zelo pela higiene.

*
* *
*

Em primeiro lugar visitamos a indústria de sapatos. Os operários de tez bronzeada trabalham num ambiente ensurdecedor, devido ao zunzum da intensa atividade das máquinas e correias, e parecem ser tão eficientes quanto os seus irmãos longínquos de Northampton. Um chefe esclarece-me haver feito o estágio na Europa, para se iniciar nos métodos modernos de fabricação, e posteriormente formar os aprendizes. Os produtos fabricados satisfazem, primeiramente, as necessidades de Dayalbagh e Agra, e o que sobra é exportado. Foram abertas casas em outras cidades, à maneira das grandes casas do Ocidente, possuidoras de sucursais.

Em seguida vem a indústria de tecelagem que fabrica uma série de algodão e a seda; mais adiante uma indústria de ferramentas, uma forja e uma fornalha de fundição, onde um enorme pilão-martelo cadencia o ritmo da cidade industrial. Depois vem uma fábrica de balanças, de instrumentos científicos e aparelhos de laboratório, que obtiveram, pela qualidade dos seus produtos, o patrocínio do governo da Índia. Ao passar, assisto às delicadas operações de douração e niquelagem, feitas mediante eletrólise. Outros departamentos da *Indústria Modelo* produzem ventiladores, fonógrafos, cutelaria e móveis. Um dos mecânicos inventou um novo tipo de fonógrafo, que será fabricado e posto em uso futuramente.

Surpreso, encontro uma fábrica de canetas-tinteiro! Esta é a primeira que existe nas Índias, e não foi senão após inúmeras tentativas que eles conseguiram lançar o primeiro modelo. Apesar dos esforços, não foram bem-sucedidos na fixação das pontas de

irídio; no entanto não perderam a coragem e a esperança de descobrir um método certo; enquanto isso, são obrigados a mandar as canetas para serem terminadas na Europa.

A tipografia de Dayalbagh satisfaz todas as exigências comerciais e culturais da Fraternidade. Uma gráfica, donde saem os impressos em hindi, urdu e inglês, como também, um pequeno semanário o *Prem Pracharak* são aí editados e distribuídos a todos os Radha Soamistas que moram nas diferentes províncias do país.

Não direi que os operários estão felizes, mas sim, entusiasmadíssimos! Eles não são sindicalizados e, ainda, se o espírito sindicalista aqui surgisse, seria considerado uma monstruosidade. Cada um cumpre a tarefa que lhe é designada, não como uma obrigação, mas como um prazer.

A cidade tem sua própria usina elétrica, que distribui força motriz às fábricas, aciona ventiladores e ilumina todas as casas, sem possuir um medidor por menor que seja, pois o consumo da luz corre por conta do condomínio.

A seção agrícola se compõe de uma fazendola organizada em moldes modernos, cujo desenvolvimento está ainda no início; possuindo um trator e um arado a vapor, produz principalmente legumes e forragem. O que me parece fantástico é a indústria leiteira (jamais tinha visto coisa parecia nas Índias), uma verdadeira *Fazenda Modelo*, digna de uma exposição! O gado faz um contraste chocante com as pobres vacas esqueléticas que encontrei além de Agra; os estábulos são de meticuloso asseio, e o rendimento também é superior às demais indústrias de laticínio nas Índias. Uma usina de pasteurização e um frigorífico estão anexos a ela. Uma batedeira elétrica completa esse formidável conjunto, cujo mérito se deve a um filho do Marajá Sahabji, um jovem ativo e enérgico que visitou os centros mais modernos de produção agrícola na Inglaterra, Holanda, Dinamarca e Estados Unidos, antes de organizar estas instalações.

O aprovisionamento de água potável foi, desde o início, um problema de capital importância. Um canal de irrigação e um reservatório de água foram construídos, mas a necessidade sempre crescente forçou o Marajá Sahabji a pedir auxílio dos engenheiros do governo que perfuram poços com êxito.

A colônia tem seu próprio banco, o *Radha Swami General Bank*, que possui um capital autorizado de dois milhões de rupias, e administra as finanças da cidade e as contas particulares. O *Instituto Universitário Radha Swami* está situado no centro de Dayalbagh e talvez seja o mais belo edifício do Jardim do Senhor;

um arquiteto ocidental nada encontraria a criticar na sua fachada de tijolos vermelhos, de duzentos pés de comprimento, com suas janelas bem aprumadas e emolduradas de mármore branco. Esta escola moderna está recebendo várias centenas de alunos por ano. O ensino aí é feito por trinta e dois professores, todos jovens, entusiastas e inteiramente devotados à sua tarefa e ao seu mestre. O nível de ensino é muito elevado. A doutrinação religiosa, sem ser filiada a nenhum dogma, caracteriza seu lema que é a elevação da alma. Marajá Sahabji visita freqüentemente a escola, e todos os domingos faz uma alocução aos alunos. A prática dos esportes é estimulada, tem uma biblioteca de sete mil volumes, como também um curioso pequeno museu que completam a instituição.

O colégio das moças é baseado nos mesmos princípios. A mestra se esforça procurando reagir contra a ignorância em que ficou presa a mulher indiana, no transcurso dos séculos até os nossos dias. Uma escola técnica, recentemente inaugurada, compõe-se de seções de mecânica, eletricidade e automobilismo, formando bons mecânicos e contra-mestres. Os alunos fazem os estágios nas fábricas, onde as máquinas especiais e as bancas de experiência foram feitas em sua intenção. Modernas acomodações foram anexadas aos três colégios, arejadas, limpas e providas de todo conforto.

O *Building Department* projeta as plantas, organiza as construções dos edifícios públicos; cada rua possui seu caráter arquitetural próprio, pois o zelo pelo urbanismo é evidente. O futuro proprietário é livre na escolha do estilo da sua casa, dentro das normas preestabelecidas e aprovadas pelo departamento, supervisionado por quatro membros, cujos orçamentos estão previamente calculados.

É inútil acrescentar que existe em Dayabagh um hospital e uma maternidade. O espírito coletivo está tão bem coadunado que o próprio policial, aliás muito bem treinado, é também um membro da fraternidade Radha Soami! Sua presença pode parecer chocante numa cidade, cuja moral é de tão alto nível, mas soube dele próprio que está aí para defendê-la contra a intrusão possível dos vagabundos e dos curiosos.

*
* *

Aproveito a primeira oportunidade que o Marajá Sahabji me concede para ir lhe pagar meu tributo de admiração.

— Mas como o senhor chegou a financiar uma obra tão grandiosa no coração de um país tão atrasado?

— Nossos membros financiam sua colônia e o senhor terá muitas ocasiões de verificá-lo pessoalmente. Eles não sofrem nenhuma pressão e não são obrigados a contribuir com taxa alguma; entretanto, consideram como seu dever contribuir, cada qual conforme suas posses, para o bem-estar de Dayalbagh. No início, naturalmente, nós dependíamos das contribuições voluntárias, porém nosso intento é chegarmos a ser auto-suficientes, e não terei descanso enquanto não conquistarmos nossa completa independência.

— Mas, o senhor deve ter, com certeza, o apoio dos ricos, não?

— Que nada, nem pense em tal! Os Radha Soamis ricos podem ser contados nos dedos; nossos membros são quase todos de condição modesta, e a maioria deu mostras de muita abnegação chegando até nós. Pela graça de Nosso Pai Supremo, agora podemos dispor de centenas de milhares de rupias com nossa obra, e o porvir da colônia está assegurado, visto que sua renda cresce proporcionalmente aos seus membros; assim, temos a certeza de jamais nos faltar dinheiro.

— Quantos membros o senhor calcula atualmente?

— Mais de 110.000, porém, apenas alguns milhares vieram morar aqui. Nossa Fraternidade, que tem mais de setenta anos de atividade, realmente não se desenvolveu senão no decorrer dos últimos vinte anos, e sem a menor propaganda, pois como o senhor deve saber, a sociedade é semi-secreta. Por meio de atividades públicas e uma publicidade adequada, poderíamos multiplicar o número de nossos membros que estão espalhados por toda a Índia, e consideram Dayalbagh como sendo sua metrópole, aparecendo por aqui tanto quanto possível. Estão organizados em grupos locais e reúnem-se todos os domingos no mesmo horário, que corresponde às nossas reuniões dominicais em Dayalbagh.

Sahabji parou para enxugar seus óculos — depois prossegue:

— Imagine só! Quando inauguramos esta colônia, tínhamos apenas cinco mil rupias ao nosso dispor, economizadas para esse fim; iniciamos adquirindo só quatro acres de terra, e hoje Dayalbagh se estende por vários milhares de acres! Isto então não pode ser considerado êxito?

— Até onde o senhor almeja chegar?

— Quando tivermos dez a doze mil habitantes, então pararemos por aí, pois não tenho ambições de imitar vossas monstruosas aglomerações ocidentais, onde a qualidade é forçosamente sacrificada em benefício da quantidade. O que eu quero edificar é uma cidade-jardim, cujos moradores possam trabalhar felizes e viver em

paz, com espaço e ar suficientes. Dentro de alguns anos, Dayalbagh será uma comunidade-modelo, um pouco semelhante à *República de Platão*, onde encontrei, agradavelmente surpreendido, uma grande parte das idéias que estou tentando realizar. Ela servirá, doravante, de modelo às outras comunidades que tenho intenção de fundar em diversas partes da Índia, a à razão de uma, pelo menos, em cada Província. Terei contribuído, assim, com uma solução aos nossos muitos problemas sociais.

— O senhor então está orientando a Índia para se desenvolver como um país industrial?

— Certamente, porque isto é necessário; somente não o deixarei afundar-se até o pescoço no materialismo, como fazeis no Ocidente. A Índia deve ser reedificada sobre uma base econômica sadia, que possa salvá-la da miséria, mas sempre excluindo a luta entre o capital e o trabalho que acompanha, no Ocidente, o progresso social.

— E como conseguirá o senhor fazê-lo?

— Visando o bem-estar do indivíduo, sem prejuízo da comunidade, mas sim, tendo como conseqüência o bem-estar coletivo. Nós trabalhamos seguindo os princípios da cooperação em que cada qual coloca o interesse de Dayalbagh acima do seu próprio. Nossos pioneiros trabalham por um salário menor do que obteriam em qualquer outro lugar, e eles o fazem voluntária e alegremente, pois não são operários ignaros, mas homens conscientes e cultos. O rendimento do trabalho é melhor, porque não nos baseamos em lucros materiais, e sim, visamos nosso lema espiritual, que orienta todos os nossos esforços. Alguns entre nós dão seus serviços gratuitamente, quando a situação lhes permite fazê-lo; isso é suficiente para provar o ardor do seu entusiasmo. Espero, todavia, poder dispensá-los desse sacrifício quando tivermos concluído nossa obra. Porém, o senhor deve levar em conta que eles ainda vivem aqui só com a única preocupação de elevar-se espiritualmente, e nunca perdem de vista o ideal que é o nosso fundamental empenho. Suponhamos que o senhor venha aqui juntar-se a nós, deveria ganhar, digamos, mil rupias por mês, mas o senhor só receberia a terça parte, porque não estamos em condições de lhe pagar um salário alto. Pouco a pouco o senhor chegaria a construir uma casa, fundar um lar, não obstante, se a sua preocupação fosse unicamente de ordem material e não prestasse atenção ao ideal que nos anima, que é essencialmente espiritual; desviar-se-ia de nós e fracassaria.

— Compreendo.

— No entanto, não nos considere como socialistas, no sentido europeu da palavra, só porque nossas indústrias e nossas escolas são propriedade comum. Esta forma de propriedade estende-se mesmo na área das terras e dos imóveis. O senhor pode construir uma casa; ela será sua, enquanto nela estiver morando. E por isso que estamos radicalmente separados na tirania do socialismo à moda ocidental; todos os nossos bens são comuns e todos os donativos voluntários são considerados como um depósito e administrados desinteressadamente. Tudo está subordinado ao nosso alvo espiritual; a administração é controlada por um corpo de quarenta e cinco membros representando as diversas províncias da Índia. Reúnem-se duas vezes por ano para examinar as contas e revisar os orçamentos; o despacho de contas correntes, como também o controle geral, é confiado a um Comitê Executivo de onze membros.

— Avalio, pelo que o senhor acaba de dizer, que um dia Dayalbagh poderá dar, efetivamente, uma solução dos muitos problemas de nosso tempo. Ora! Mas eu não vejo ainda como sua obra possa resolver o problema econômico, que representa em nossos dias a base de tudo!

Marajá Sahabji sorri à minha pergunta um tanto apreensiva.

— A Índia pode trazer sua contribuição bastante útil, também neste ponto. Deixe-me expor um plano que foi recentemente posto em prática com a finalidade de adiantar a realização de nossos projetos. Esse plano, a meu ver, condensa todos os princípios econômicos e sociais de capital importância. Organizamos um fundo sucessorial que solicita os donativos de nossos membros capazes de subscrever somas de mil rupias ou mais e todo subscritor recebe juros de 5% ao ano; com sua morte, os mesmos juros serão pagos à viúva e seus filhos ou a qualquer outra pessoa indicada. O beneficiário terá os mesmos direitos que o subscritor, e o pagamento da anuidade só extinguirá na terceira geração. Assim, centenas de milhares de rupias afluirão às nossas caixas sem ser demais pesado aos membros da nossa Fraternidade, pois uma renda razoável está garantida em troca dessa subscrição⁽¹⁾.

— Pelo que vejo, o senhor está se esforçando por procurar o meio-termo entre as inconveniências do capitalismo e o sonho dos socialistas, não é assim? Em todo caso, desejo-lhe muita sorte, tanta quanto o senhor merece.

(1) Os economistas europeus já cuidaram de um plano semelhante, elaborado pelo professor italiano Rignano, com a finalidade de estabelecer uma lei sucessorial que fosse mais acessível, diminuindo os sacrifícios que dela advêm.

Agora se torna claro para mim que Dayalbagh, de fato, tem seu futuro garantido graças aos recursos desse fundo sucessorial que tende a aumentar constantemente com os donativos que continuarão a afluir, e também com os benefícios de suas indústrias, quando chegar a fase de produção.

— Os políticos indianos, os mais conhecidos, observam a nossa experiência com muito interesse — continua o Marajá — vieram aqui vários; alguns, contrários às nossas idéias, com seu espírito crítico deixaram-nos alertas e vigilantes. No mundo moderno os hindus constituem o povo mais pobre do mundo, e seus líderes, embora pessoas muito positivas, são de pouca visão. Gandhi esteve aqui e nós conversamos longamente; ele queria que eu me aliasse à sua política. Recusei então, pois não se faz política em Dayalbagh. Nós acreditamos nos meios práticos e eficazes; não queremos nada com os planos políticos de Gandhi, com quem não concordo, e considero suas idéias econômicas pura fantasia, despidas de todo valor prático.

— Ele é, creio eu, o inimigo da máquina que, conforme suas idéias, é boa para ser jogada no mar.

— Sim, mas a Índia não pode nem deve voltar atrás. Ela nunca recuperará a prosperidade, enquanto não desenvolver os elementos sadios da civilização e do progresso mundial. Meus patriotas fariam melhor seguindo o exemplo dos americanos ou dos japoneses. Como quer o senhor que o velho tecelão ou a indústria caseira lutem contra a concorrência das máquinas, oriunda do progresso moderno?

— Exemplo dos Estados Unidos? Pois não é um verdadeiro americano, no corpo bronzeado de um bom hindu, que tenho diante de mim? Um espírito vivo, temperamento de negociante, positivo e prático! Como não ficar encantado por esse bom senso, esse equilíbrio sadio, qualidades tão raras neste continente! Sua personalidade é toda contraditória: de um lado, guia e chefe espiritual de mais de cem mil pessoas que praticam, sob sua vigilância espiritual, a mais curiosa forma de Yoga, e do outro lado, grande administrador e animador de uma cidade industrial, regorgitante de atividades. Gênio luminoso e fecundo, não creio que possa haver outro igual nas Índias, quiçá no mundo inteiro! Sua voz quente vem romper minhas reflexões:

— O senhor viu apenas dois aspectos de nossa vida. Ora! a natureza é tripla: há corpo, mente e alma. Temos oficiais e fazendas agrícolas para o corpo, escolas para a mente e, por fim, nossas assembléias espirituais para as atividades espirituais. Assim, visamos o crescimento harmonioso e integral do indivíduo —

bem entendido, damos primazia ao lado espiritual — e todos os membros da Fraternidade fazem práticas individuais da Yoga, onde quer que estejam.

— Posso assistir a uma de vossas assembléias?

— Com todo prazer — responde o mestre, sorrindo.

*
* *
*

As atividades de Dayalbagh começam cedo, à hora em que os pássaros cantam os primeiros hinos ao Criador. Às seis horas da manhã sigo meu guia em direção a uma grande tenda, onde já uma multidão apressada deixa na entrada seus sapatos e sandálias.

Faço como eles e entro, quando chega minha vez.

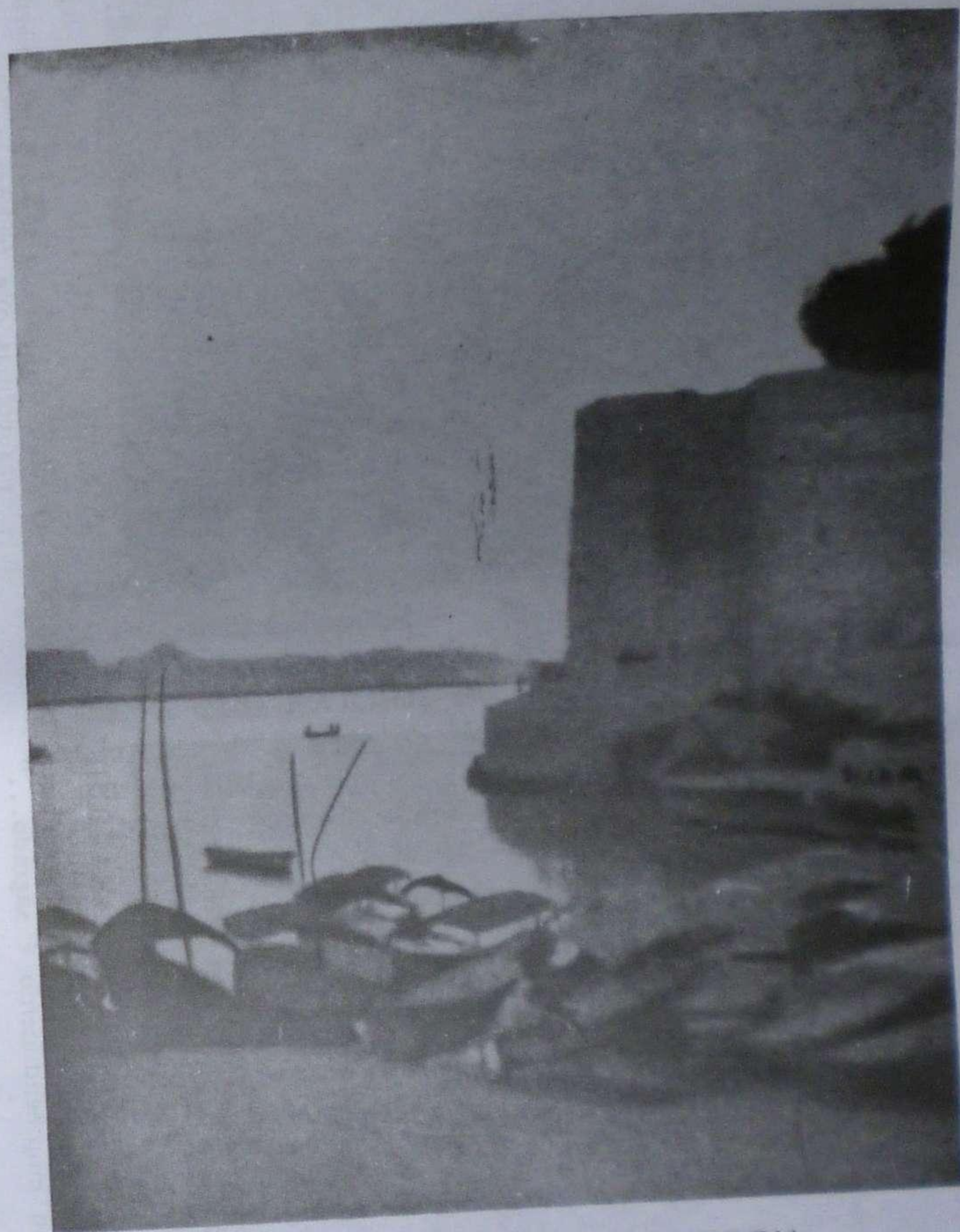
Vejo Sua Santidade Marajá Sahabji sentado sobre uma plataforma, erguida no centro desse ambiente improvisado; centenas de fiéis acorados em volta dele formam um tapete movediço cobrindo o chão, e todos os olhares estão fixos no mestre. Abrindo caminho com dificuldade até ao pé do estrado, acomodo-me nesse pequeno espaço, da melhor maneira possível.

Logo após, dois homens se levantam no fundo da tenda e ouço-os entoarem durante cerca de dois minutos, um canto monótono, mas agradável aos ouvidos, que vai decrescendo até se apagar por completo, deixando o auditório numa atmosfera apaziguadora.

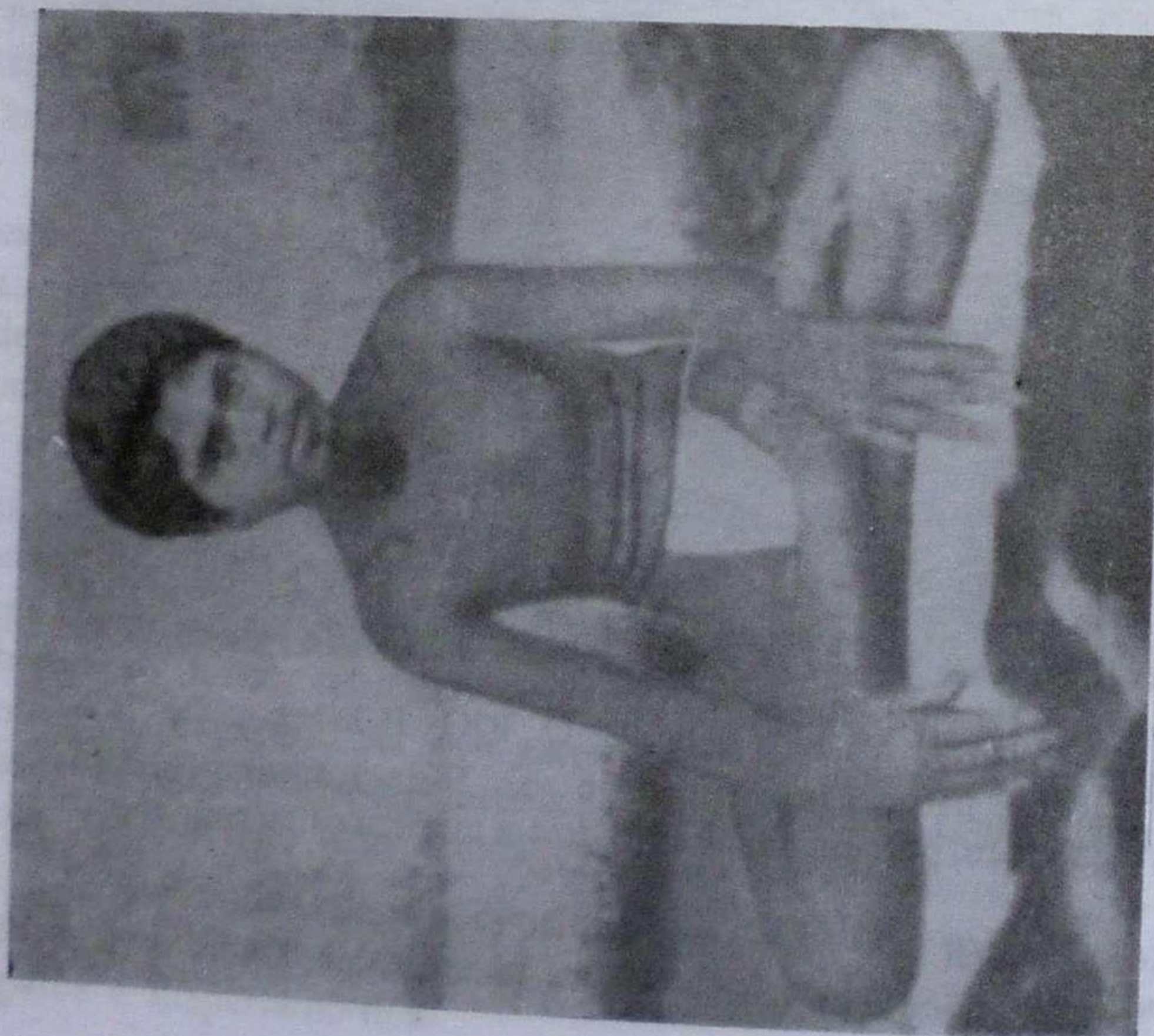
Dou um rápido olhar em volta de mim. Toda a assembléia está imóvel, como que entregue à meditação; dos lábios de Sahabji ainda não saiu uma palavra; seu semblante é mais grave do que de costume, seu ar bonachão e alerta desapareceu, seu espírito parece estar mergulhado em contemplação serena.

Ponho-me a refletir... Que espécie de pensamentos cruzam sob esse alvo turbante? Que responsabilidade deve pesar nos seus ombros, perante esse povo que vê nele o laço sagrado que o liga às esferas da vida mais sublime? A que regiões fechadas ao nosso ceticismo ocidental a mente desses orientais se entrega? Contudo, sei que este estado de contemplação é o prelúdio de uma atividade intensa e fecunda, cuja febre recrudescedora atingirá logo mais a cidade.

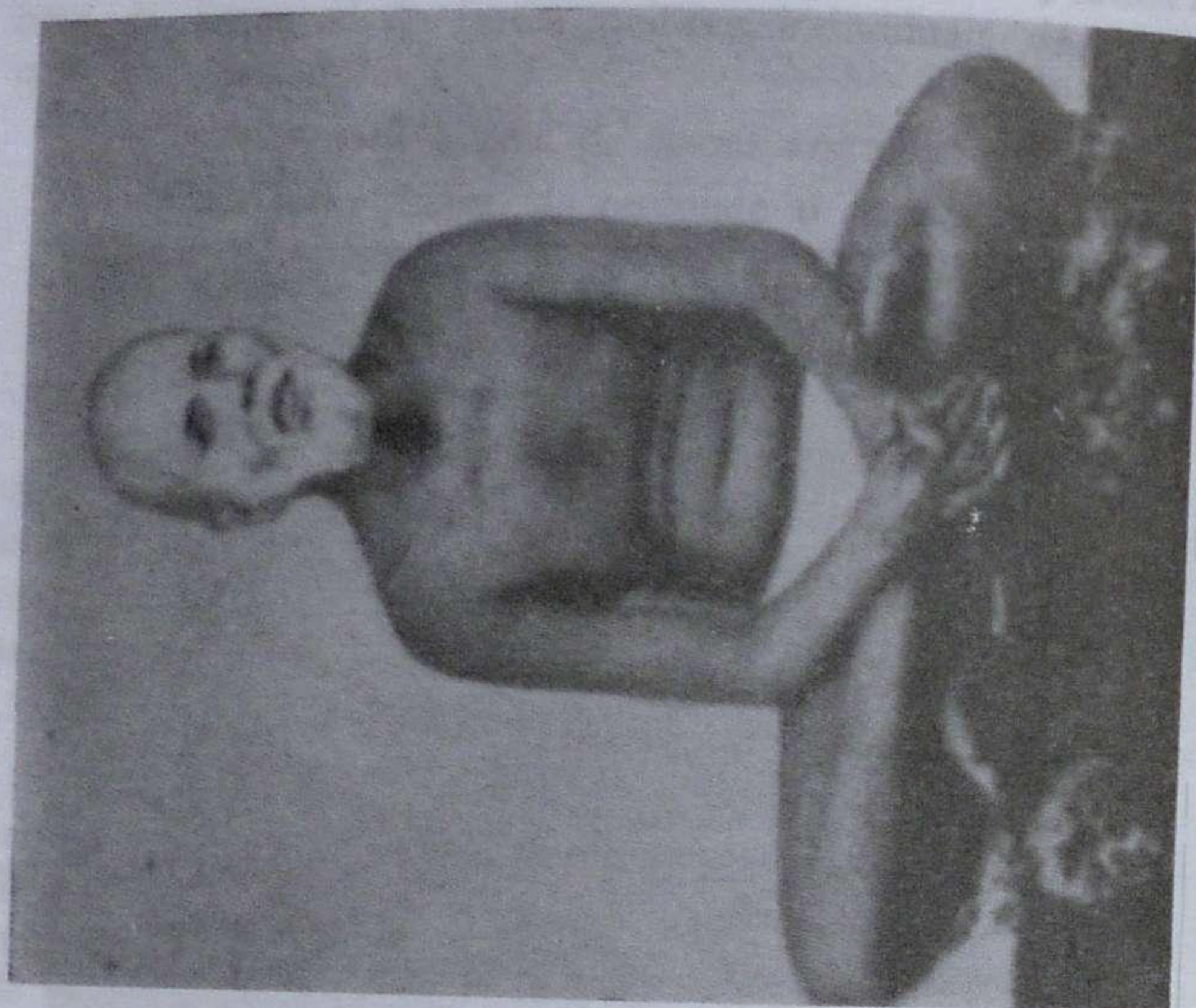
O profundo silêncio continua por mais de meia hora; não houve nada mais além dessa muda contemplação. Calçamos os sapatos e dispersamo-nos.



CREPÚSCULO SOBRE O RIO JUMNA
O rio reflete o último raio rubro do sol. Toda a natureza, muda ante aquela visão, parecia haver entrado em momentâneo repouso.



O JOVEM RAMANA, FUTURO MAHARICHI
 “Parto em busca de meu Pai, e pelo fato de obedecer
 ao seu apelo, meu empreendimento é sagrado...”



O MAHARICHI, OU GRANDE SÁBIO
 O olhar distante do sábio parece perder-se
 nas colinas que fecham o horizonte.

A manhã toda passei conversando com numerosos Radha Saomistas, moradores da cidade, ou visitantes fortuitos; a maioria deles fala bom inglês; pessoas com turbantes, vindas do nordeste, os tâmiles do Sul com cabelos traçados, os vivazes e pequenos bengaleses do leste e os barbudos da Índia Central. Todos estes homens têm o ar de dignidade consciente de quem soube conciliar suas aspirações espirituais com as exigências de uma vida laboriosa e prática. Seus espíritos pairam nas alturas sublimes, enquanto seus pés estão solidamente apoiados na terra. Não há um país que não se orgulharia de possuir tais cidadãos. Gosto deles e os admiro; eis, afinal, gente que sabe o que quer!

Uma reunião de menor importância tem lugar à tarde, especialmente oferecida em benefício dos membros que por aí estão de passagem. Ali se discutem assuntos pessoais, como também se responde a perguntas individuais e se trata de questões de ordem geral.

Marajá Sahabji é um homem de recursos, nunca se atrapalha, e enfrenta sem hesitar os problemas materiais e espirituais os mais variados e mais imprevistos. Pode-se confiar, sem receio, nas suas sugestões — ele sabe aliar uma perfeita humildade a uma grande confiança em si, uma sabedoria e senso de humor, surpreendentes num homem dessa espécie.

À noite há uma terceira reunião; tudo está fechado na cidade. A imensa tenda novamente está lotada, e Marajá Sahabji está no seu lugar sobre o estrado. Vejo uma fila de seguidores depositar a seus pés as contribuições para o fundo administrativo, e dois membros da comunidade registram os donativos. O momento mais importante é quando o chefe da Fraternidade pronuncia uma alocução. Os devotos escutam-no com profunda atenção: ele é eloquente, sua linguagem é viva e colorida, sua voz quente vem do coração, seu entusiasmo é contagioso, noto a emoção dominar aos poucos os ouvintes extasiados...

O ofício noturno prolonga-se quase duas horas e o mesmo programa se repete diariamente. Marajá Sahabji dá-me a perceber, por alto, a inesgotável e imensa reserva de forças mentais que lhe permitem manter sua alocução sem dificuldade nem falhas.

Ninguém conhece, antecipadamente, o tema do seu discurso, e surpreso com essa vibrante prolixidade de idéias, não pude deixar de falar-lhe a respeito.

— No momento em que tomo o lugar no estrado, ignoro totalmente o que vou dizer. Quando pronuncio uma frase, não sei como será a próxima e, ainda menos, como irei concluí-la; entrego-me todo ao Pai Supremo, espero Suas inspirações, ouço Suas ordens, em verdade me entrego em Suas mãos.

O assunto da sua primeira palestra perseguiu-me dias seguidos. Parecia exatamente feito sob medida para mim, pois se tratava da necessidade de encontrar um mestre. Um dia, em que estávamos sentados juntos, na grama, foi-me impossível deixar de confiar-lhe meu problema.

— Deveras; um guia é absolutamente indispensável — frisa — contar apenas consigo no plano transcendente é uma coisa praticamente impossível.

— E o senhor já teve um mestre?

— Evidentemente; passei nada menos do que catorze anos a procurá-lo.

— Catorze anos! E o senhor não está lamentando esse tempo?

— Mesmo que minha busca tivesse levado vinte anos, não seria tempo perdido. Eu nem sempre fui crente; no princípio era tão cético como o senhor, porém meu desejo de encontrar um mestre que me mostrasse o caminho era tão forte que quase desesperei. Era jovem e alucinado por encontrar a Verdade; perguntei à luz, ao céu, interroguei a natureza, indaguei aos objetos inanimados se a Verdade existia. Chorei como uma criança, finalmente não agüentei mais, resolvi não me alimentar, ainda que morresse, até o Todo-Poderoso me mostrar o caminho da Verdade. Cheguei a não poder executar o menor trabalho; na noite que se seguiu à minha decisão, apareceu-me a figura de um mestre. Perguntei-lhe onde vivia. — Respondeu: "Allahabad! Depois você saberá meu endereço completo".

No dia seguinte, fui falar a um amigo que supunha ser dessa cidade e contei-lhe a extraordinária vidência que tive. Sem dizer nada, ele saiu e voltou com uma fotografia, representando um grupo de pessoas, entre as quais reconheci sem hesitar aquela que me tinha aparecido. Meu amigo disse, então, que de fato existia em Allahabad uma sociedade meio secreta, cujo mestre era esse homem. Imediatamente me pus em contato com ele e me tornei seu discípulo.

— O que o senhor está me contando é surpreendentemente maravilhoso!

— Mesmo que o senhor empreenda o estudo da Yoga por seus próprios meios, escute bem! o dia em que suas preces forem atendidas, elas o levarão inevitavelmente a um mestre: não há por onde escapar; o senhor deve ter um guia e o achará, se tiver vontade e desejo de procurá-lo.

— Pois não, mas como se reconhece o mestre?

Minha pergunta parece diverti-lo.

— O mestre reconhece de antemão o discípulo chamado a vir; ele o atrai pelo seu poder magnético e o põe no caminho traçado pelo seu destino; o resultado não pode falhar.

Não estamos mais a sós. Pessoas de aspecto mais variado se agrupam em volta de nós e, aos poucos, Marajá não tem um ou vinte só, mas várias dezenas... Fui eu que tomei a palavra:

Esforcei-me sinceramente para formar uma idéia clara de vossa doutrina, porém, não é uma tarefa tão fácil assim. Um dos seus discípulos emprestou-me os escritos de seu predecessor na Fraternidade, Sua Santidade Sankar Misra, mas minha cabeça parece estourar de tanto pensar.

Marajá Sahabji riu-se muito com esta declaração espontânea.

— Para compreender a veracidade de nossos métodos é preciso, em primeiro lugar, que o senhor estude a doutrina, praticando a Yoga, pois as práticas diárias são de infinitamente maior importância do que os ensinamentos teóricos. Sinto muito não lhe poder pormenorizar nossos métodos de meditação, que só podem ser transmitidos aos neófitos aceitos, que fizerem voto de segredo, mas vou lhe esclarecer alguma coisa a esse respeito:

— As práticas da nossa doutrina possuem como base o *Som da Yoga* ou como nós chamamos *A arte de ouvir nosso íntimo*.

— Os livros que estudei dizem, de fato, que o som é uma força criadora que chamou o universo à existência.

— Materialmente falando, sua interpretação é correta. Porém, dir-se-ia melhor que o som foi a primeira manifestação da obra do Ser Supremo na criação do mundo. O universo não é o resultado de forças cegas. Esse Som Divino é conhecido pela nossa Fraternidade e pode ser transcrito foneticamente. Nós cremos que os sons são sinais da fonte que os emitiu e da força original que os criou. Portanto, se um dos nossos adeptos presta atenção ao som divino que está dentro dele — corpo, vontade e mente controlados — no momento em que ele o percebe, adquire o conhecimento do Ser e atinge a felicidade.

— Este som, não será simplesmente a pulsação do sangue nas artérias? Que outro som poderia ser ouvido por nós, interiormente?

— O senhor esquece que não se trata aqui de som material, mas unicamente espiritual. A energia, percebida como som no plano material, é apenas reflexo de uma força sutil cuja ação criou o universo. Da mesma forma como vossos cientistas transformam a matéria em eletricidade, assim podemos seguir, no plano material, a força percebida sob a forma de som, até um grau de vibração que não é mais perceptível ao ouvido, porque foi transposto para o plano espiritual. O som condensa em si as propriedades

da região donde foi emitido. Por conseguinte, concentrando de uma certa maneira toda sua atenção, o senhor chegará um dia a ouvir esse verbo místico que representa o verdadeiro nome de Criador, emitido desde aqueles tempos primordiais — tempos de levantamento dos mundos do caos primitivo. O eco desse Verbo repercute na alma do homem, que se esforça em captá-lo por meio de nossa prática secreta da Yoga. Chegar ao ponto da sua origem é, propriamente dito, transportar-se ao Paraíso. O homem que observa, rigorosamente, as regras de Radha Soami, imergir-se-á em êxtase total, até chegar o momento em que ressoará no íntimo do seu ser a vibração desse Som Divino.

— Eis ainda uma coisa nova!

— Para o Ocidente, sim, mas não para a Índia. O som da Yoga já o ensinava Kabir em Benares, no século XV(1).

— Francamente, não sei o que dizer...

— Onde o senhor vê a dificuldade? Provavelmente, o senhor admite que certas formas de som, a música, por exemplo, podem provocar no homem o estado meio extático; por que, então, não o afetaria, e com maior razão, a música interior, a música mística?

— É certo, mas ainda seria preciso provar que essa música interior existe.

Sahabji encolhe os ombros.

— Argumentos não me faltarão para convencê-lo, porém julgo que precisaria muito mais do que isso, pois como provar, pelo simples raciocínio, um fato metafísico? Como também é muito natural que o cérebro humano não possa perceber nada, além do mundo sensorial, sem uma preparação adequada. A melhor prova, a prova da verdade espiritual, pode ser comprovada pelos ensinamentos e as práticas da Yoga. Eu lhe garanto que o corpo humano é capaz de funções muito mais elevadas do que essas que lhe damos comumente a executar. Os centros cerebrais estão em relação estreita com os mundos sutis do ser. Um treinamento adequado torna possível estimular esses centros a ponto de fazê-los perceber diretamente os mundos mais sutis. Ademais, o que importa, sobretudo, é que esses centros nos capacitam a atingir a consciência divina — a Consciência Cósmica.

(1) Kabir foi um renovador religioso. Segundo seus discípulos, nasceu em 1398 e morreu em 1518, no entanto, geralmente se aceita o ano de 1440 como data real do seu nascimento. Suas idéias se assemelhavam às doutrinas de Maomé e do cristianismo, harmonizando os elementos contraditórios. (N. da T.)

— O senhor está se referindo aos centros cerebrais conhecidos dos nossos anatomistas.

— Sim, em parte; porém, esses centros não são como os órgãos físicos que apenas servem de suporte aos centros mais sutis que, na verdade, ativam o corpo. O mais importante desses centros é a glândula pineal, que é a sede da entidade espiritual do homem. Experimente dar uma picada no ponto situado entre as duas sobrancelhas, e a morte ocorre instantaneamente. As correntes espirituais convergem a essa glândula, afluindo pelos nervos óticos, olfativos, auditivos e outros.

— Sim, já me é conhecido que as funções dessa glândula ainda são um enigma para os nossos fisiologistas.

— Não é nada surpreendente, pois ela é considerada como um foco do ser espiritual, proporcionando vida ao corpo e personalidade ao espírito. Quando essa centelha espiritual se afasta da glândula pineal, ocorre o fenômeno do sono profundo e do êxtase místico, e quando ela a abandona definitivamente, é a morte que sobrevém. Sendo o corpo humano um universo em miniatura, no sentido de que todos os elementos empregados na criação estão aí representados, possui, além desses elementos, as ligações espirituais com a esfera mais sutil da mente. Portanto, não é nada impossível que essa entidade atingisse o mais alto vértice do mundo espiritual e fosse capaz de nos levar ao auge. No momento em que ela deixa a glândula pineal, sua passagem através da substância cinzenta do cérebro provoca um contato com a esfera da Consciência Universal; sua passagem através da substância branca exalta a faculdade consciente até à percepção das mais altas realidades espirituais. Contudo, para atingir esse estado de consciência, é necessário que todas as atividades físicas sejam suspensas, a fim de que o acesso à mente fique fechado a todo e qualquer estímulo exterior. E por isso o essencial da nossa prática da Yoga consiste num esforço de concentração inversa à das ondas do pensamento, afastando-o do meio ambiente, até que o estado de pura contemplação seja obtido.

Ouçó com o olhar perdido, procurando compreender e assimilar essa avalanche de idéias abstratas, expressas por uma voz meiga e quente. Agora todo esse povo se juntou em volta do mestre e parece tomar grande interesse na conversa.

A tranqüila segurança do Sahabji impressiona-me, mas...

— O senhor disse que o único meio de verificar suas asserções é a prática de sua doutrina, mas os senhores a guardam em segredo tão zelosamente!

— Não tanto, basta pedir sua admissão à nossa Fraternidade, ser recebido, e em seguida iniciado em nossos métodos.

— O senhor não poderia dar alguma prova da sua própria experiência? Não desejo outra coisa, senão crer.

— Venha a nós, em primeiro lugar.

— Sinto muito, mas não posso; é o meu feitio, preciso ver antes de crer.

Marajá Sahabji faz um gesto evasivo.

— O que posso fazer, então? Estou nas mãos do nosso Pai Supremo.

*
* *
*

Todos os dias assisto às reuniões, como se fosse um membro da Fraternidade. Ouço e medito. Interrogo a quem quer que seja e aproveito, na medida que me é possível, assimilar a doutrina de Radha Soami e seus ensinamentos concernentes ao homem e ao universo. Frequentemente, à tarde, dou um passeio com um dos discípulos, a uma ou duas milhas distantes de Dayalbagh, onde começa a selva. Sentamo-nos, às vezes, na beira do Jumna. Ao alto, escalando os atalhos íngremes, descortinamos a planície e o curso das águas tranquilas. De quando em vez, um abutre vem, com suas grandes asas abertas, voando por cima de nossas cabeças. Oh! Jumna! nas tuas margens o deus Krishna brincava entre as pastoras e as encantava com sua flauta e seus galanteios. Compreende-se, pois, facilmente, que ele se tenha tornado um dos deuses mais queridos do Panteão indiano.

— Até esses últimos anos — diz meu companheiro, rompendo o silêncio — estes lugares, onde hoje se ergue Dayalbagh, serviam de refúgio a bestas ferozes; agora, essas feras se esquivam cuidadosamente, nem à noite aparecem.

Após uma curta pausa, continua falando:

— O senhor é o primeiro ocidental que assiste às nossas reuniões, porém não será o último. Apreciamos muito a simpatia e a compreensão que o senhor nos tem testemunhado. Por que não vem resolutamente a nós?

— Porque não tenho fé e sei que, fatalmente, acaba-se acreditando no que se tem vontade de crer.

— Enfim, o senhor sempre aproveitou alguma coisa da sua estada em companhia do mestre. Não quero fazer pressão. Não procuramos discípulos e, mesmo, nossos membros não estão autorizados a fazer proselitismo.

— Então, como foi que o senhor chegou a conhecer a existência da Fraternidade?

— Simplesmente; meu pai é membro. Embora não morando em Dayalbagh, aparece por aqui frequentemente. Levava-me às vezes consigo, sem todavia tentar converter-me. Há mais de dois anos me pus a refletir sobre esse assunto; indaguei dos amigos, perguntei ao meu pai e o que ele me disse dos ensinamentos de Radha Soami fez-me decidir a favor dessa doutrina. Fui recebido, iniciado, e com o tempo terminei firmando-me na fé. Acho que foi uma grande ventura para mim, considerando que outros têm vindo a nós só depois de um longo período de vida cheio de dúvidas.

— O senhor tem toda razão, e fico triste por não poder livrar-me, tão facilmente quando o senhor, da dúvida que me sufoca!

Meu companheiro não me responde. Sigo com o olhar as águas serenas do Jumna, de um azul profundo, e aos poucos abandono-me ao devaneio.

Todo pensamento indiano é colorido pela fé, sábia ou ingênua, e apóia-se num postulado inflexível de religião, crença, ou revelação qualquer. Contudo, não podendo dispensar a religião, também não faz a mínima discriminação entre elas; todas são representadas no Panteão indiano, desde as mais grosseiras até as mais sublimes. Lembro-me de um pequeno templo, encontrado um dia na orla do Ganges, onde vi as colunas e as paredes todas cobertas de afrescos e baixos-relevos, representando cenas eróticas a ponto de fazerem recuar de espanto um padre ocidental. Sim, mesmo essas coisas têm seu lugar na religião hindu! É verdade que os cultos fálicos são de antiquíssima tradição, e seria injusto e ilógico expurgar da religião esse lado essencial da nossa natureza, pois também, ao lado dele, se encontram na Índia as mais altas abstrações que a fé jamais inspirou ao homem e, assim, temos que aceitá-la como ela é.

No entanto, em nenhum lugar encontrei uma tão estupenda doutrina, quanto essa do Radha Soami; ela é mais de que original, pois é única! Que outro cérebro, a não ser o do Marajá Sahabji, jamais poderia ter sonhado enfrentar essa combinação paradoxal da mais antiga ciência do mundo com as mais modernas conquistas da civilização? Dayalbagh será, irrefutavelmente, ressaltada um dia nas Índias, embora sua pouca importância atual não lhe permita ser apreciada. A Índia é um enigma cuja solução ninguém parece ter achado, e será preciso esperar ainda muito tempo!

Marajá Sahabji tinha rido da pregação medievalista de Gandhi, e esse riso ainda ressoa em Ahmedabad, quartel general do mesmo Gandhi! Nas margens de Sabarmati, um viajante encontra, porém, como um desafio, umas cinqüenta chaminés de fábricas, cuja fumaça se espalha em direção ao céu, pequeno grupo de casinhas alvas onde o evangelho do trabalho caseiro e do artesanato rural renasce das suas cinzas...

O império do Ocidente derrubou na Índia suas antiquíssimas tradições econômicas. Os primeiros europeus que surgiram ao largo da sua costa não desembarcaram somente os fardos de conteúdo anônimo, mas trouxeram também idéias novas. O dia em que Vasco da Gama, no comando dos seus rudes marinheiros, desceu no porto letárgico de Calicut, marcou o início do progresso que devia crescer continuamente, de modo acelerado, até os nossos dias. A industrialização da Índia começou e ela não vai parar. A Europa passou pela Renascença do intelecto, pela reforma da religião e pela revolução industrial, e deixou estas coisas para trás. A Índia ainda está empenhada na luta para conquistá-las; para ela são ainda problemas atuais. Vai imitar servilmente os europeus ou encontrará sua própria solução? E essa solução, será a que o Marajá Sahabji vai fornecer?

Há uma coisa da qual estou absolutamente certo: a Índia sofrerá o efeito da ação dissolvente dos elementos, de maneira precoce e desconhecida nesse país. Milhares de anos de uma sociedade imersa nas tradições caducas, encarcerada nas superstições insustentáveis, vão desaparecer antes de duas ou três gerações, da memória dos homens; isso pode parecer um milagre, porém esse milagre produzir-se-á, indubitavelmente, e o Marajá Sahabji vai merecê-lo, por ter compreendido a situação.

Ele compreendeu que as coisas do passado devem ser condenadas nas Índias, como o foram em outra parte do mundo, mas também gostaria de saber se essa sonolência dos asiáticos e o pragmatismo europeu continuarão a ser incompatíveis. Efetivamente, por que um Yogue de hoje não poderia se vestir como todo mundo o faz? Por que não sair do seu insulamento secular para se misturar na multidão? Não seria melhor que entrasse nas fábricas, nos escritórios, nas escolas, não para ministrar sermões, mas para dar um exemplo vivo de uma ação inspirada, transformando a via do trabalho produtivo numa subida para o céu? A vida de pura contemplação não será doravante, aos olhos do trabalhador incauto, uma forma lamentável de estúpida auto-suficiência. Se a Yoga não fosse mais do que uma inocente mania de alguns privilegiados, solitários retrógrados, o mundo moderno, não logrando proveito

dela, a teria rapidamente relegado ao rol das ciências caducas, e seus últimos vestígios rapidamente desapareceriam. Se ela fosse apenas uma regalia saborosa, só para um punhado de anacoretas descarnados, então, esses que manejam a pena ou um arado, que manobram máquinas ou sufocam no tumulto da bolsa ou dos armazéns nas docas, afastar-se-iam fatalmente, por não terem muito tempo a perder, e a Índia moderna não tardaria a imitá-los.

Marajá Sahabji previu essa inevitável evolução e fez um esforço hercúleo e decisivo para salvar a antiga sabedoria, tornando-a útil ao mundo moderno. Esse grande entusiasmo não pode deixar de marcar com seu cunho seu país de origem; ele compreendeu que o Ocidente, sendo todo vibrante de atividade, leva uma vida confortável. A cultura da Yoga, a mais preciosa herança que a Índia recebeu dos seus sábios antepassados, está prestes a desaparecer. Ele sabe também que alguns dos poucos solitários que mantêm essa cultura intacta em longínquos eremitérios, estão no caminho de rápida desapareição, e com eles os segredos da Yoga, se alguns homens, tais como ele, não descenderem das alturas rarefeitas, para vir respirar o ar febril das cidades modernas.

Seu esforço será apenas uma quimera. Tal como ele é, desperdiçada admiração. Em nossos dias, o túmulo de Maomé está iluminado com luz elétrica, o camelo foi expulso de seu domínio milenar pelo luxuoso automóvel. Como então conceber que a Índia escape a essa evolução?

Este vasto país, despertado de sua letargia secular pelo domínio de uma civilização diametralmente oposta, deve acabar por descerrar os olhos. Os ingleses fizeram mais do que transformar em terras férteis os desertos de areia, abrir canais, construir represas favorecendo a agricultura, regularizar o curso das águas e treinar nas fronteiras as tropas de elite, assegurando a paz e a prosperidade. Fizeram muito mais, pois sopraram no país uma brisa salutar que lhe trouxe idéias racionais e construtivas.

O destino colocou a Índia aos pés dos brancos vindos do longínquo Ocidente, que não fizeram grande esforço para conquistá-la.

— Mas, com que fim?

Talvez a Providência, unindo a antiga sabedoria asiática à civilização ocidental, faça nascer um dia uma nova forma de sociedade que, substituindo um passado obsoleto, dará ventura às gerações futuras? Quem sabe?

Mas já é tempo de voltar. Levanto a cabeça e digo alguma coisa ao meu companheiro, que não parece me ouvir; seu olhar

parado continua fixo no espelho das águas, onde vejo se refletir o último raio do sol. O enorme disco em brasa desce rapidamente no horizonte; o silêncio se apodera da natureza, que parece dormir, indiferente à beleza desse espetáculo; minha alma se abandona no apaziguamento universal. Finalmente, ele se levanta e acompanha-me em silêncio a Dayalbagh sob a abóbada resplandecente de estrelas.

*
* *

O Marajá Sahabji resolve deixar Dayalbagh para se retirar, para um merecido repouso, a uma das Províncias da Índia Central. Interpreto o acontecimento como sendo o sinal do destino para nossa despedida, e tomo a liberdade de acompanhá-lo até Tamarni, uma bifurcação onde nossos caminhos vão forçosamente, se separar.

Chegamos à estação de Agra a uma hora da madrugada. Vinte dos seus discípulos acompanham o mestre que, esperando o trem, está sentado entre os fiéis, enquanto eu percorro o cais meio obscuro.

Refleti o dia todo sobre os efeitos da minha estadia em Dayalbagh e sou forçado a constatar, com pesar, que nenhuma experiência notável, nenhuma visão que elevasse a alma, ou ajudasse a penetrar o sentido real da vida, me foi concedida. Esperei uma revelação, mesmo que fosse breve, mas que me permitisse seguir a via da Yoga à luz da razão, e não nas pegadas da fé cega. Essa graça, no entanto, não me foi reservada, talvez por que tenha pedido demais? ou não mereci... não sei.

De quando em vez volto para perto da figura sentada no círculo dos seus íntimos. Também estou fascinado pelo poder magnético desse homem formidável, que realizou uma curiosa mescla com o sentido prático do americano, o amor pelo *fair play* do inglês e o espírito contemplativo e devoto do hindu. É uma classe de homem completo, que não se encontra mais, infelizmente, no mundo moderno; mais de cem mil homens lhe confiaram a conduta de suas vidas; não obstante ele continua modesto, humildemente sentado entre os seus discípulos, sem a menor sombra de orgulho.

O trem, finalmente, entra na estação. Marajá Sahabji toma lugar no compartimento reservado, enquanto nós nos instalamos nos outros vagões da melhor forma possível. Acomodo-me para dormir e em breve perco a noção de tudo que me cerca, até a manhã seguinte. Desperto com a garganta horivelmente seca. Em cada

estação, os discípulos que moram na região apressam-se em homenagear o mestre; suponho que eles foram avisados da sua passagem, pois se diz na Índia que um só contacto com o mestre é fecundo em benefícios materiais e espirituais.

Solicito e obtenho a permissão de passar as últimas três horas no seu compartimento.

Elas se resumem em uma longa entrevista sobre a situação política e econômica do mundo, especialmente da Europa, o porvir da Índia em geral, e da sua doutrina em particular. Concluindo, ele me fala com seu tom quente da voz:

— Acredite-me, eu não me sinto limitado pelas fronteiras do meu país; sou cosmopolita e considero todos os homens meus irmãos.

Tanta simplicidade e tanta franqueza comovem; aliás é assim em todas as suas asserções que vão direto ao alvo! Cada uma das suas sentenças vale ouro e a coragem das suas convicções causa admiração. Conversar com ele, ouvir suas opiniões, são coisas das quais nunca se pode cansar. Em cada momento surge uma idéia nova, um ponto de vista inesperado, inédito.

O sol já está tórrido; levanto as cortinas de madeira, essas curiosas persianas dos trens indianos, que me fazem pensar em nossas venezianas metálicas, e ponho o ventilador em funcionamento, mas a quentura dessa manhã abrasadora é tal que não sinto o menor alívio.

Marajá Sahabji, percebendo meu mal-estar, apanha algumas laranjas de uma das malas.

— Aceita partilhá-las comigo? Elas lhe matarão a sede. E começando a descascar uma delas, acrescenta:

— O senhor tem toda a razão de ponderar, antes de tomar uma decisão na escolha de um mestre. O ceticismo é necessário, no entanto, não se esqueça de que um mestre é indispensável para guiá-lo na senda espiritual. Não descanse enquanto não o encontrar; quando o senhor tiver escolhido, então lhe dê sua inteira confiança.

*
* *

Ouve-se um silvo estridente e alguém grita: "Timarni!"

O trem parou. O Marajá Sahabji vai descer. Ocorre-me então uma idéia que me faz esquecer minha reserva, todo meu orgulho de europeu, quebrar meu ceticismo inveterado e meu

gênio anti-religioso... Rápido, antes que os discípulos apareçam e apoderem-se dele:

— Será um favor Vossa Santidade me conceder sua bênção.

O mestre me olha com seu bom e franco sorriso, e dando pancadinhas no meu ombro, responde:

— Mas você já a tem, meu filho!

Volto ao meu compartimento. O trem se põe a correr novamente, através dos campos amarelados, donde os animais, em pequenos grupos, tiram sua magra ração. Meus olhos vêem sem enxergar, meus pensamentos voltam obstinadamente ao homem que acabo de deixar, que amo e admiro porque, prático e inspirado, soube aliar à serenidade da Yoga a encantadora cortesia de um perfeito cavalheiro.

CAPÍTULO XIV

NO QUARTEL-GENERAL DO MESSIAS PARSE

EMBORA seja grande a distância entre Agra e Násique e o tempo que corre me obrigue sempre a acelerar os passos, eis-me de novo no caminho que, pela segunda vez, me leva a Meher Baba, o santo parse que se batizou a si mesmo o *Novo Messias*.

Não me entusiasma muito fazer essa viagem. A serpente da dúvida, que gelou meu espírito, não me deixa largar a idéia de que essa visita será tempo perdido, pois, por muito bom homem que seja, Meher tem muito estranhas ilusões a respeito da importância da sua missão.

Durante minhas voltas, por acaso, tive a oportunidade de averiguar essas supostas curas milagrosas que seus devotos lhe atribuem. Uma delas, era um caso de apendicite; segundo os boatos, a simples fé do doente em Meher o curou, mas o médico que o tratara não diagnosticou nada, além de uma forte indigestão! Num outro caso, um velho foi curado, em algumas horas, de uma porção de doenças das quais se queixava, mas as informações tomadas revelaram, apenas, um edema de tornozelo!

O menos que se pode dizer é que os discípulos haviam exagerado um pouco os maravilhosos poderes do mestre e, mesmo assim, compreende-se tal exagero, tomando em consideração o país onde a fábula grosseira encontra mais facilmente crédito do que um fato concreto e comprovado. Como, nessas condições, acreditar em promessas feitas de ser testemunha dos seus milagres? Porém, como também da minha parte havia prometido passar um mês em sua companhia, julgo que não devo faltar à palavra. É nesse estado de espírito que tomo o trem para Násique

porque não quero ser acusado de não lhe dar oportunidade de mostrar seus alegados poderes.

*

* *

Num dos modernos edifícios, no subúrbio de Násique, Meher instalou seu quartel-general, cercado, pelos menos, de uns quarenta discípulos sorridentes e atenciosos como sempre.

— A que ponto chegou o senhor? Pergunta-me logo o Messias, quando me apresento para cumprimentá-lo.

Sinto-me abatido e cansado da viagem e ele toma a minha padidez como a consequência de meditações ininterruptas. Respondendo, mordaz:

— Penso em meia dúzia ou mais de *messias* que encontrei nas Índias, desde que o deixei.

Meher Baba não parece absolutamente surpreso e seus dedos ágeis já correm pelo alfabeto:

— Mas como explica o senhor esse fenômeno? Pergunto inocentemente.

Sua testa se enrugava ligeiramente mas continua sorrindo, dando-se ares de superioridade:

— Se eles são honestos, estão enganados. Se eles são desonestos, abusam dos outros; esses santos homens fazem uma idéia muito exagerada das perfeições possuídas e se deixam dominar pelo orgulho. Para aqueles que não tiveram um mestre que pudesse guiá-los na senda, é uma consequência triste e inevitável, tornando-se um ponto crítico na vida do Yogue, difícilíssimo de superar. Isso acontece freqüentemente, quando eles julgam atingir algo mais, e pensam ter chegado ao fim: daí a se convencerem que são messias é apenas um passo!

— Uma excelente e lógica explicação. Infelizmente já ouvi falar a mesma coisa dos outros santos homens! Cada qual tem a pretensão ao título de messias, afirmando ter chegado à perfeição e, naturalmente, achando imperfeitos seus concorrentes, difamam-nos!

— Não se preocupe com isso! Essa gente me serve sem querer. Eu sei quem sou e, quando o tempo vier para anunciar minha missão perante a Humanidade, o mundo também saberá. Percebo que será inútil insistir. Após algumas banalidades de cortesia, Meher Baba termina a entrevista, despedindo-me sem mais nem menos.

Instalo-me num dos bangalôs situados a dois ou três minutos de sua sede. Tomo a decisão de afastar todas as minhas prevenções e aceitar, durante as semanas que se vão seguir, os acontecimentos que possam surgir, sem o menor preconceito. Irei

ver Meher sem qualquer pensamento de hostilidade e sem minha desconfiança habitual; ficarei apenas na expectativa.

Junto-me diariamente ao séquito dos seus fiéis; no entanto, observo atentamente seu modo de viver e seu estado de alma, e indago sempre a origem de suas relações com Meher. O messias parse agracia-me com sua atenção diariamente. Conversamos sobre muitas coisas, ele me responde às perguntas com muita amabilidade, sem todavia fazer alusão às promessas feitas em Ahmednagar. Teria esquecido? Não farei nada para lhe refrescar a memória. Entretanto, a chuva torrencial de perguntas desabava sobre ele e seus discípulos, tanto por curiosidade de jornalista, quanto pelo sincero desejo de ver minhas suposições confirmadas ou desmentidas. Pelo menos, minhas perguntas obtiveram algum resultado. Os discípulos consentiram-me a leitura de um diário secreto, escrito por ordem de Meher. Suas páginas contêm o histórico dos principais acontecimentos da vida do mestre, um resumo dos seus ensinamentos, profecias, ditos memoráveis e mensagens, colhidos dia após dia, pelos discípulos, durante alguns anos. Compõe-se de cerca de duas mil páginas, escritas com letra miúda e redigidas quase todas em inglês. Embora fossem concebidas no espírito da fé cega, nem por isso deixam de revelar algumas notas preciosas sobre o caráter do Meher. A sinceridade dessas páginas, as quais transmitem fielmente os pormenores da vida diária, para um leitor indiferente parecerão banais, mas para mim representam um tesouro sem par! Dois discípulos, encarregados da sua redação, são jovens e sem nenhuma experiência da vida, além do círculo estreito dos seus afazeres. Levados pela ingenuidade, e cegos pela fé em Meher, chegaram a registrar, sem discernimento, fatos que não são exatamente a favor do mestre. Por que relatam eles, por exemplo, que quando Meher ia tomar um trem para Mutra deu uma bofetada tão violenta num discípulo que o pobre rapaz foi obrigado a recorrer aos cuidados médicos? E eles acrescentam, candidamente, que o Messias, quando corrige assim qualquer discípulo, na mesma hora, o redime dos seus pecados! Um outro incidente não é menos engraçado: um belo dia, um dos seus discípulos faltou à reunião; Meher mandou uma patrulha à sua procura e esta voltou sem descobrir o rapaz. Finalmente, o moço se apresentou sozinho, desculpando sua falta, dizendo haver sofrido várias noites de insônia e ter adormecido, inesperadamente, na casa vizinha do Meher. Assim um mestre, que se diz nada menos do que ser admitido no conselho dos deuses, e que pretende desvendar o futuro da Humanidade, *perde* um discípulo e não é capaz de localizá-lo na casa pegada à sua!

Há, portanto, nessas memórias, um material bastante farto para alimentar minhas dúvidas crescentes. Sem querer, também descubro nessas páginas, as provas de que Meher Baba não é infalível. Possui um gênio versátil, e um egoísmo que exige completa obediência da parte de seus estupefatos discípulos. Quanto às suas profecias, estou à altura de apreciá-las no seu próprio valor, pois freqüentemente não se realizam!

Na ocasião de nosso primeiro encontro, perto de Ahmednagar, ele vaticinou uma próxima guerra mundial; recusou-se porém a fixar uma data, fazendo questão de acrescentar que a conhecia. Agora estou descobrindo, nesse jornal, que ele já fez a mesma profecia para seus discípulos, e não somente uma vez, mas várias vezes. Em cada momento tornava a adiar o acontecimento, pois a data indicada passara sem nada ocorrer; quando a tempestade parecia desabar na Ásia, então ele situava a guerra na Ásia; no ano seguinte, o horizonte negro cobria a Europa, ele, esquecendo o fracasso da profecia do ano passado, dizia, na Europa é que vai rebentar.

Agora compreendo sua prudência em Ahmednagar!... Assim, não deixei de comentar essa série de derrotas com um discípulo, que parecia inteligente. Respondeu-me com toda a ingenuidade: "Pois não, as profecias do mestre podem parecer inexatas, mas também pode tratar-se de uma guerra econômica!"

No entanto, sejamos justos. Ao voltar as últimas páginas desse surpreendente diário, apesar de às vezes sua leitura provocar-me um riso desenfreado, confesso que também achei pensamentos de alta elevação moral e discursos bastante edificantes, e que Meher em assunto de religião é indubitavelmente um gênio! Se um dia ele chegar a realizar alguma coisa, será inegavelmente devido a essa qualidade genial. Porém, não olvido também um dos seus ditos, que talvez já tenha citado: "O dom de guiar os outros no caminho da virtude não é uma prova de santidade, nem marca de sabedoria."

*
* *

É preferível guardar um discreto silêncio sobre o resto de minha permanência ali.

Se realmente tenho o privilégio de viver na companhia de um libertador do mundo e redendor da humanidade, confesso que pouca coisa há que me faça perceber minha boa fortuna. Será porque tenho mais interesse pelo que vejo com meus próprios olhos

do que pelas lendas que me contam ou por fatos inverificáveis? Passemos. Não quero entrar aqui em pormenores das criancices, das predições falhadas, dos exemplos de obediência passiva dos discípulos às ordens mais absurdas do mestre, das sentenças apocalípticas que, em vez de espalhar luz, somente aumentam a confusão, perturbando a mente.

Nos últimos dias tenho a impressão de que Meher Baba está-me evitando. Quando consigo aproximar-me dele, sempre tem outra coisa mais urgente a fazer, aproveitando a primeira oportunidade para se afastar. Sinto que minha posição é falsa e, provavelmente, o Meher deve sentir meu constrangimento. Estou sempre esperando os milagres prometidos, ou melhor, não os espero mais.

Durante minha estada, não se passou nada de extraordinário e nem sombra de milagre! Reclamá-los seria, evidentemente, tempo perdido. No entanto, ao escoar-se um mês, anuncio minha próxima partida e reclamo-lhe o cumprimento de sua promessa. Meher, sem se deixar perturbar, simplesmente adia por mais alguns meses os prometidos milagres, e considera o assunto encerrado!

Ou muito me engano, ou de fato minha presença o põe nervoso, irritado; isso não se percebe, é claro, mas sente-se. Contudo, não tento mais entrar em discussão, pois sei que perderia meu tempo, entrando num combate desigual com seu espírito fugidio e tão profundamente oriental.

Mesmo no momento da despedida, ao cumprimentá-lo com toda a cordialidade que me é possível, ele ainda me fala da sua missão redentora, como de uma questão já decidida, que não se discute mais. Teve até a audácia de frisar que, quando for viajar para a Europa, a fim de espalhar seu evangelho, vai procurar-me para, nessa ocasião, prosseguirmos viagem juntos! Ele pode ir ao Ocidente quando quiser, e de fato foi, mas quanto ao que me toca, sua profecia não se realizará jamais!

Eis aí todo o resultado de minha teimosia tola em não faltar à palavra! Ele me prometeu delícias de êxtases e deixou-me exasperado.

*
* *

Que explicação carece tão estranha vida e não menos singular conduta? Já trataram esse homem de impostor, mas também, isso não explica tudo e seria injusto. Por minha parte prefiro manter-me na opinião do juiz Khandalavalla, que conheceu Meher desde a infância e o considera um homem honesto, porém

desajustado. A expliação vale quanto vale, mas merece ser tomada em consideração.

Uma breve análise de seu caráter ajudaria talvez a compreendê-lo melhor. Por ocasião do nosso primeiro encontro em Ahmednagar, fiquei impressionado pela serenidade e extrema meiguice; os dias passados em Násique, revelaram-me, à luz da vida diária, que essa calma não era senão fraqueza e a meiguice um indício de saúde precária. É um homem indeciso, influenciável e particularmente emotivo. Sua paixão infantil, mas muito oriental, por tudo o que é teatral e espetacular, sua tendência a dramatizar, indicam que ele vive principalmente para a platéia. É muito compenetrado do seu papel de redentor, mas quem vê nele apenas um comediante, também não se engana totalmente.

Conforme minha própria teoria, essa extraordinária mulher-faquir teria realmente provocado distúrbio na sua mente, um transtorno geral, cujo resultado se manifestou em desequilíbrio profundo, e que nem ele nem os que o cercam jamais compreenderam. Minha própria experiência com essa fantástica anciã, rapidamente me convenceu que, de fato, ela possuía um poder oculto suficientemente capaz de fazer recuar de espanto os maiores entusiastas do racionalismo.

Não sei que idéia teve a Hazrat Babajan de mudar o curso dessa jovem vida, para lançá-la em direção desconhecida, e cujos resultados veremos brevemente se desenrolarem: um acontecimento extraordinário ou um fracasso ridículo! Estou certo, porém, de que ela era perfeitamente capaz de afundar o chão sob seus pés, e ainda não ultrapassar os limites dos seus poderes!

Seu beijo foi uma transmissão dos seus próprios poderes psíquicos. O choque cerebral que resultou desse transtorno foi singular. "Meu espírito — disse-me Meher um dia — recebeu um choque tão violento que repercutiu em todo o corpo em vibrações fortíssimas e ressentidas por muito tempo." Evidentemente, ele não estava preparado para essa iniciação, ignorando tudo sobre os métodos e disciplina da Yoga. "Eu era amigo de turma de Baba — disse-me seu discípulo Abdullah — e jamais o tinha visto interessar-se particularmente por assuntos religiosos ou filosóficos; gostando muito mais de jogos e esportes, tomava parte bastante ativa nas competições escolares. Nós todos ficamos muito surpreendidos com essa súbita conversão."

Persevero na minha opinião e julgo que Meher saiu dessa experiência completamente desequilibrado. A melhor prova disso é o estado de meio idiotice que o beirava da loucura e que o forçará a comportar-se por muito tempo como um rebotinho huma-

no, deixando-o em completa decadência. Ainda não está provado, porém, que ele ficou livre do mal. Por minha parte não creio que tenha voltado ao equilíbrio.

Há indivíduos nos quais, metaforicamente falando, uma dose de religiosidade ou êxtase místico, aplicado em excesso, pode agir à maneira de certos entorpecentes. Acho que Meher Baba ficou intoxicado e o desequilíbrio resultante dessa aventura da juventude ainda nele persiste. Não vejo outra explicação que possa justificar sua conduta tão fantasista.

Ele apresenta todas as características do místico: amenidade, meiguice, devoção, mas também todos os sintomas da doença mental conhecida pelo nome de paranóia. Como todo paranóico, dá uma atenção exagerada a tudo que nele se passa; esses sintomas também se encontram nos grandes místicos; alguns, quando voltam do êxtase, estão convencidos de que algo de enorme lhes aconteceu, e daí nada lhes falta para imaginarem ter atingido a realização espiritual ou serem eleitos para altas missões, desejando logo fundar uma religião, ou uma fraternidade, a cuja testa começam, naturalmente, por se colocarem. Para alguns audaciosos, a fase final é a autodeificação, crenças de serem messias, destinados a salvar a Humanidade.

Observei na Índia a existência de homens que andam ansiosos por alcançar o estado de êxtase prometido aos adeptos da Yoga, porém que não querem arcar com o onus do treinamento e disciplina que ela pede. Assim, recorrem aos entorpecentes, tais como ópio, haxich ou morfina, que lhes provocam uma imitação desse estado de consciência transcendental. Observei o teor da vida e a reação desses adeptos da droga e constatei em todos eles o mesmo fenômeno: exageram tudo de maneira fantástica, desde o menor incidente que lhes ocorre e, geralmente, mentem relatando os fatos, convencidos de dizer a verdade.

Isso é o ponto de partida da paranóia, que é uma hipertrofia da consciência individual, chegando até certo grau de auto-sugestão. Um paranóico arquitetar um romance, apenas pelo olhar despreocupado de uma mulher, convencido de seu poder de sedução tão irresistível, que nos perguntamos se ele não é maluco! Como também é capaz de obedecer, sem resistência, a impulsos inesperados, repentinos, seguidos de ações inexplicáveis, e sempre convencido de seu poder maravilhoso.

Ora! achei no Meher numerosos sinais do desequilíbrio que se observa nesses infelizes, mas com uma diferença: ele não cairá jamais no vício, pois a origem do seu desequilíbrio não foram os

entorpecentes, mas uma inocente mania. Conforme a palavra de Nietzsche o parse é "humano, demais humano".

Faço uma idéia do que será, quando ele romper o silêncio! Duvido, porém, que ele se arrisque. Não precisa ser profeta para advinhar que sua voz, se um dia se levantar, não ressoará no mundo senão como um sussurro inaudível e longínquo. Não se faz milagres com a lábia! Que suas profecias se realizem ou não, pouco importa, quando o profeta não merece confiança! Isso não é uma questão de profecias realizadas ou não, nem de promessas cumpridas ou não, quando ele é apenas um lunático, presunçoso cheio de sua pessoa!

Pretende levar uma mensagem à Humanidade, muito bem! Mas, então, tem que dar um testemunho vivo das suas palavras, senão receio muito que ele não será ouvido!

Que se pode dizer a respeito dos seus discípulos? O futuro os desapontará? Pode-se duvidar! A história do Meher é mais uma prova da incurável credulidade oriental, que é uma falha característica dos hindus, uma falha que lhes vem da sua religiosidade excessiva, da falta de cultura e da ignorância dos métodos científicos de discriminação, que nos ocidentais permite distinguir a história da lenda, um fato concreto, da ficção, e estabelecer a diferença entre a sensibilidade emocional e a razão pura.

É sempre fácilimo, nas Índias, uma pessoa atrair a si um rebanho de discípulos entusiastas, freqüentemente ignorantes, velhacos às vezes, julgando-se espertos por terem ligado seus destinos aos astros de primeira grandeza, ou tidos como tais.

Não vou entrar em pormenores, mas é um fato inegável que Meher cometeu numerosos erros no decorrer da sua jovem vida. Eu também os cometi, mas não tenho pretensão a Messias!

Ora! seus fiéis, por exemplo, jamais admitirão que ele cometa erros; se lhes disserem que Meher não sabe o que faz ou o que diz, eles atribuirão sempre algum sentido oculto às palavras e aos atos do mestre. Acho que eles continuarão a obedecê-lo cegamente e, talvez, seja melhor para eles, pois se um dia sua mente despertar desse torpor, ficarão rebeldes. Para mim essa experiência reforçou ainda mais meu ceticismo, que fiz calar ao chegar aqui. Mas também há uma certa dose de displicência no fato de esbanjar meu tempo com tamanha leviandade!

Uma grande esperança percorre o Oriente: a profecia da vinda de um Messias, em nosso século, faz levantar as cabeças de todo seu povo. Faces morenas dos hindus, homens baixotes do Tibete, barbas grisalhas do povo da África e olhares contidos dos

Filhos do Céu da China. Na imaginação fecunda e fervorosa desses homens, os tempos estão chegando. O que seria mais natural para um Meher do que gozar os benefícios da sua própria proclamação? Essa milagrosa mudança que nele se efetuou, por que não seria um sinal do destino? E, não seria também muito natural ver seus discípulos clamarem ao mundo assombrado a vinda do Messias?! O menos que se pode reprovar são os seus modos por demais teatrais. Um profeta que se respeita, rompe a tal ponto os ditames da etiqueta?

Resta saber que forma tomarão, futuramente, as divagações deste *santo* espetacular. O tempo terá o cuidado de nos informar devidamente. Entretanto, tudo isso não exclui o valor inegável dos seus elevados pensamentos e parábolas sublimes, que me foram comunicadas pela ponta do fino dedo do Meher. Mas, quando ele desce dos vértices da inspiração, faz, infelizmente, para falar da sua grandeza e da sua missão divina; pode-se então calçar os sapatos, o Redentor não é mais do que um pobre homem(1).

(1) Meher Baba realmente foi à Europa e ali fundou um culto. Ele continua a pretender que suas profecias se realizarão, quando romper o silêncio. Esteve várias vezes na Inglaterra e acabou recrutando discípulos na França, Espanha e na Turquia. Por duas vezes foi à Pérsia; empreendeu um circuito espetacular através do continente Norte-Americano, seguido por um séquito entusiástico. Em Hollywood fizeram-lhe uma recepção triunfal. Mary Pickford o recebeu em sua residência e Tallulah Bankhead testemunhou-lhe um grande interesse. Milhares de estrelas de cinema e personalidades locais foram-lhe apresentadas na ocasião de uma grande recepção que lhe fizeram no maior dos hotéis de Hollywood, em que então se hospedou. Um grande terreno foi adquirido nos Estados Unidos para estabelecer o quartel general ocidental.

CAPÍTULO XV

UM ESTRANHO ENCONTRO

SEM PLANO bem definido, percorro novamente o oeste da Índia. Cansado da fumaça dos trens e das vagarosas carretas de boi, aluguei um automóvel de turismo e contratei um rapaz hindu, cujos serviços de motorista, criado e companheiro de viagem muito apreciei.

Rodamos pelas estradas poeirentas, vislumbrando a variedade infinita da paisagem, descortinando a campina indiana. Ao cair da noite, ao não avistarmos nenhum lugarejo por perto, meu companheiro acende uma grande fogueira para afastar as feras. Parece que nessas florestas pululam tigres reais e leopardos, e a chama da fogueira que acendemos os mantém à distância; quanto aos chacais, seus urros lúgubres e penetrantes ouvimos vir do fundo da selva. Durante o dia, no céu esbraseado, os abutres, silenciosamente, fazem rondas assustadoras, voando baixinho, quase tocando nossas cabeças.

Num bonito entardecer, enquanto rodávamos, levantando atrás de nós uma grossa nuvem de poeira fulva, cruzamos com um par muito estranho sentado à beira do caminho. Um dos homens, evidentemente um *santo*, está com as pernas cruzadas sentado à sombra de um arbusto, imóvel como uma estátua de pedra; parece contemplar seu umbigo; o outro é, provavelmente, seu discípulo. À nossa passagem, o mais velho continua parado, sem demonstrar o mínimo interesse; pois nenhum traço do seu rosto grave mudou de expressão; de mãos cruzadas no colo, e os olhos meio cerrados, está perdido em meditação, ainda que certamente o discípulo nos tenha notado.

Contudo, há alguma coisa estranha que me atrai neste homem, e me obriga a parar o carro. Resolvo mandar meu companheiro indagar a seu respeito. Nervoso, observo-o conversar animadamente com o jovem.

À sua volta, soube, entre outros pormenores banais, que de fato são mestre e discípulo; o mestre chama-se Chandi Das e, segundo informações de seu discípulo, é um Yogue dotado de faculdades excepcionais; há dois anos eles deixaram Bengala, seu país natal, percorrendo milhares de milhas de estradas, em parte a pé, em parte de trem, parando em lugarejos, andando de aldeia em aldeia.

Ofereço-lhes lugar no carro, o que aceitam; o Yogue, sem perder sua calma indiferença, e o discípulo, com um clarão de alegria no olhar.

Prosseguimos o caminho e aproximamo-nos da aldeia, onde resolvemos pernoitar. Na estrada, além do jovem boiadeiro que pastoreava um pequeno rebanho de vacas esqueléticas, não se percebe ninguém. A tarde está no seu declínio, quando paramos ao lado de um poço para saciar a sede; a água é duvidosa mas fresca. A aldeia não é atraente, não deve ter mais do que quarenta ou cinquenta miseráveis casebres formando uma única avenida; os telhados de palha torcida, as fachadas de barro ressequido, cercas de bambu toscamente talhadas, dão ao conjunto um aspecto lastimável. Vejo alguns moradores acorados à sombra das suas pobres moradas; uma velha de seios flácidos aproxima-se do poço, enche sua moiranga, lançando-nos um olhar triste e profundo para logo após se afastar sem dar uma palavra.

Meu criado faz alguns preparativos para nos servir chá; depois afasta-se em procura do chefe da aldeia. O Yogue e o discípulo acorados na poeira descansam em silêncio; o santo homem conhece algumas palavras de inglês, porém insuficientes para manter uma conversação, e eu que faço questão da minha entrevista, conto com meu rapaz indiano para servir-me de intérprete quando estivermos mais ou menos instalados.

Pouco a pouco um pequeno grupo de homens, mulheres e crianças juntou-se em volta de nós.

O povo do interior raramente tem oportunidade de ver um ocidental; portanto, olha-me com tanta curiosidade como se nunca tivesse visto um estrangeiro. É muito interessante conversar com eles, são tão naturais e possuem idéias sobre a vida tão ingênuas e inesperadas! Para as crianças devo ser um bicho-papão, mas com alguns anás conquisto-as facilmente; elas se interessam e demons-

tram grande admiração por seu relógio despertador, duvidando dos seus próprios ouvidos quando faço bater horas para as divertir.

Uma mulher se aproxima e no meio da rua prosterna-se diante do Yogue cujos pés descalços toca com os dedos e leva-os à testa em sinal de profunda veneração e respeito. Meu criado volta acompanhado do chefe da aldeia, e tendo aprontado o chá, convida-nos para a pequena refeição. Muito embora graduado no curso secundário, ele não se incomoda de ser doméstico, carregador, chofer ou interprete, pois seu interesse está em tudo que vem do Ocidente e nutre esperanças de que um dia vou levá-lo comigo à Europa. De minha parte trato-o com toda a camaradagem e como merecem sua comprovada inteligência e boa índole.

Nesse ínterim alguém se apoderou do Yogue e seu discípulo para hospedá-los. Assim, tiro minhas conclusões de que os camponeses são mais caridosos e hospitaleiros do que os habitantes das grandes aglomerações indianas.

No caminho para casa do chefe, vejo o sol deitar-se rapidamente atrás das colinas, no céu cor de púrpura. Paramos ante uma casinha de aspecto um pouco mais cuidado do que as outras; ao entrar, acho de meu dever expressar algumas palavras de gratidão ao dono da casa, pela hospedagem.

— Sua visita me honra — responde-me com toda simplicidade.

A sombra de um breve crepúsculo envolve a planície; ouve-se o rebanho entrar lentamente nos estábulos vizinhos. Mando meu criado à procura do Yogue a fim de obter uma audiência; volta sem demora e me conduz a uma humilde choupana. Entro num recinto quadrado de teto baixo e chão de terra batida. Além de alguns vasos de barro em volta da lareira, não percebo nenhum mobiliário; só um pau de bambu fixo na parede à guisa de armário, a julgar pelas vestes que aí estão penduradas e um cântaro de cobre amarelo que brilha num canto da sala escura apenas iluminada por uma pequena lamparina de primitivo aspecto. É um desses pobres lares indianos sem conforto e sem alegria.

O discípulo me acolhe com palavras pronunciadas em péssimo inglês. O mestre está ausente; foi chamado à cabeceira de um moribundo mas não deve demorar-se. Passados alguns minutos de espera, vejo seu magro perfil desenhar-se no quadro da porta. Seu rosto é grave. Ao perceber-me, junta as palmas das mãos num gesto que já é tão familiar para mim, e diz algo que meu intérprete traduz:

— Saúdo-o Sahib! Que os deuses o protejam.

Ofereço-lhe uma manta de algodão, que recusa, e acocora-se cruzando as pernas diretamente no chão. Sentado em sua frente, levo

vantagem para observá-lo; a barba em desalinho o envelhece; no entanto, não lhe dou mais do que cinquenta anos; os cabelos em mechas embaraçadas descem-lhe na nuca; a boca séria parece não ter o hábito de sorrir. O que me impressiona mais e já me chamou atenção na estrada, é o brilho estranho dos seus olhos negros; esse olhar não é deste mundo, e sinto que ele vai me perseguir durante dias.

— Tem viajado muito? — pergunta-me tranqüilo.

Faço sinal que sim.

— Qual é sua opinião sobre o mestre Mahasaya?

Fico deveras surpreendido. Como pode ele saber que estive em Bengala e vi Mahasaya em Calcutá? Tão grande é minha surpresa que só lhe respondo depois de me recompor um pouco.

— Ele conquistou meu coração, em verdade, mas por que o senhor mo pergunta?

Parece não ter ouvido, o que me obriga romper outra vez o silêncio:

— Sinto vontade de revê-lo quando voltar a Calcutá; pelo que vejo, o senhor o conhece; se quiser transmitir-lhe-ei saudações suas.

— Não, o senhor não vai rever mais Mahasaya. Neste momento Yama, o deus da morte, o chamou para si.

Caímos em prolongado silêncio. Depois atrevo-me a falar:

— Tenho um grande interesse pela doutrina e vida dos Yogues. Poderia o senhor dizer-me como se tornou um Yogue e que sabedoria adquiriu?

Chandi Das não é expansivo:

— O passado é um monte de cinzas. Não pretendo mergulhar nele para retirar os fatos que se foram. Não vivo no passado nem no futuro; nas profundezas do espírito humano, essas coisas não são mais do que sombras. O senhor queria conhecer a sabedoria que proporcionou a Yoga? Ei-la!

— Mas nós, que vivemos medindo o tempo, como poderemos deixar de considerá-lo?

— O tempo? Tem o senhor tanta certeza de que existe algo com esse nome?

Fico confuso. Será que este homem possui realmente os dons que lhe atribui o discípulo?

Arrisco objeter:

— Se o tempo não existe, o passado e o futuro deveriam então estar sempre presentes. A experiência do mundo, porém, nos convence do contrário...

— Bem. Quer dizer o senhor que é a sua experiência e a experiência do mundo que ensinam o contrário?

— Sem dúvida, mas francamente, o senhor pretende dizer que a sua experiência é diferente?

— Sim, esta é a verdade. — É a estranha resposta que vem.

— Devo concluir, então, que o futuro representa o presente para o senhor?

— Eu vivo no eterno. Não procuro saber dos fatos que o porvir possa me proporcionar.

— Mas, para outrem, o senhor pode saber?

— Se eu quiser, sim.

Torno a expressar-me mais claramente.

— Pode o senhor, realmente, prever os acontecimentos futuros?

— Em parte, pois a vida dos homens não está a tal ponto determinada que os menores detalhes lhe sejam ordenados de antemão.

— Contudo, o senhor pode desvendar, em parte, meu futuro e dizer-mo?

— Faz tanta questão de saber? Se Deus o cobriu com o véu, acredita que isso seja sem razão?

O que posso dizer depois disso? Súbito, vem-me uma inspiração:

— Graves problemas que obsedam; é para esclarecê-los que venho pedir-lhe um pouco de luz. Pode ser que isso que o senhor vai me revelar esclareça um pouco meu caminho ou me faça saber quão inútil é minha busca.

O Yogue fixa-me com seus olhos negros e brilhantes, que me fascinam; impressionam-me seu ar de profunda dignidade e a magna sabedoria que iluminam essa pobre cabana perdida no meio da selva. Do alto da parede um lagarto nos observa, atento; parece zombar de nós como um pequeno demônio malicioso, abrindo a boca num sorriso.

Chandi Das, falou, afinal:

— Não sou um grande erudito, ornado das jóias da sabedoria vã. Volte à cidade pela qual entrou na Índia e antes da próxima lua seu desejo será plenamente satisfeito.

— O senhor quer dizer que eu devo voltar a Bombaim?

— Sim.

Não compreendo. Bombaim, essa cidade cuja metade é ocidental, que haverá nela para mim?

— Mas não achei ali nada que pudesse guiar minha busca — respondo, perplexo.

— No entanto, é lá que o senhor encontrará sua via. Vá quanto antes, não perca tempo, parta amanhã mesmo!

— Isso é tudo que o senhor tem a dizer-me?

— Se o senhor faz tanta questão, posso dizer-lhe mais...

Calou-se novamente, e seu olhar, como água estagnada, fica sem expressão. Depois prossegue:

— O senhor deixará a Índia e voltará ao Ocidente antes do próximo equinócio. No momento em que deixar nossa terra, cairá gravemente doente, o espírito lutará em seu corpo, depauperado; contudo, a hora da sua libertação ainda não chegou. E então a intenção oculta do destino lhe será revelada, porque o mandará de volta a Ariavarta (Índia). Um sábio o está esperando, os liames antiquíssimos que vos prendiam tornarão a atar-se e o senhor nos visitará três vezes e, finalmente, voltará a viver entre nós⁽¹⁾.

Calou-se. Um fraco tremor parece agitar suas pálpebras; fixando-me novamente, diz:

— Ouviu? É tudo o que havia a lhe dizer.

O resto não vale a pena transmitir. Chandi Das é refratário a toda conversa que diz respeito à sua pessoa, de modo que não sei o que pensar dessas estranhas profecias. Sinto, porém, que há ainda um mar de coisas que ele não quis me revelar.

Achei graça quando, no decorrer da conversa, o discípulo me perguntou com o ar mais sério do mundo, se os Yogues da Inglaterra eram capazes de dizer tanto quanto o mestre dizia.

Com grande esforço, consegui convencê-lo de que não há Yogues na Inglaterra!

Assim passamos a noite, cortada por longos intervalos de silêncio. Quando o Yogue nos deu a entender que a entrevista estava no fim, o pobre camponês aparece e convida-nos a partilhar de sua modesta refeição. Agradeço-lhe, dizendo que temos no carro tudo o que precisamos, e vamos cuidar do jantar na casa do chefe da aldeia, que nos ofereceu um quarto para dormir, mas o bom homem responde que nunca se permitiria faltar ao dever da hospitalidade e continua insistindo tanto, que por fim torna-se impossível recusar. Satisfeito, coloca diante de nós, no chão, um prato de cereais fritos na caçarola.

Quedo a observar o céu pelo orifício gradeado servindo de janela. A opala crescente da lua projeta uma pálida luz através do orifício, enquanto eu medito no caráter superior e na bondade, tão freqüentes nestes camponeses simples e analfabetos. Nem a

(1) A primeira parte da profecia se realizou ulteriormente.

educação colegial nem a sagacidade profissional podem compensar a degeneração de caráter, tão freqüente nos habitantes das cidades.

Enquanto me despeço de Chandi Das e seu discípulo, o homem desprende das vigas do teto a lamparina e acompanha-nos até à rua; aí, levanta a mão à testa, seguindo-nos com o olhar até desaparecermos. Seguimos o caminho à luz de uma tocha que meu criado teve o cuidado de acender.

Durmo mal, ponho-me a pensar no estranho encontro e nas não menos estranhas palavras do Yogue misterioso, perturbado pelos urros das hienas e latidos contínuos de um cão, uivando à lua.

*
* *

Embora não seguindo estritamente os conselhos de Chandi Das, mudo o itinerário e volto a Bombaim. Apenas instalado, caio doente. Exausto, limitado às quatro paredes do quarto do hotel, o espírito luta no corpo enfraquecido, combatendo o desânimo que se apodera de mim.

Decididamente, estou farto da Índia! Percorri, em condições precárias, milhares de milhas para vir encalhar finalmente neste bairro europeu de cidade turbulenta! Eis todo o resultado do meu esforço! É certo que nos bares e nos bailes, jogando bridge ou bebendo uísque com soda, nunca acharia os sábios da Índia que procurava. O tempo que passei nos bairros das cidades indianas forçosamente favoreceu a busca, mas ao preço de minha saúde. Quanto às minhas voltas pelas montanhas ou aldeias da selva, paguei-as com má alimentação e água duvidosa. Durante essa corrida sem tréguas, de noites de insônia e dias escaldantes dos trópicos, esgotei-me, e agora o resultado é tal que arrasto meu corpo como um fardo. Quanto tempo poderei agüentar semelhante vida? Minhas pálpebras chegam a doer da insônia que, desde o começo da minha viagem, se apoderou de mim como um polvo com seus tentáculos horripilantes. A obrigação de viver entre o povo de outra raça e a ficar com a balança sempre igual entre o sentido aguçado de espírito crítico e a receptividade alerta, sem a qual não se pode passar neste país, que se esquiva continuamente, acabaram com os meus nervos. Fui forçado a aprender como fazer distinção entre os sábios autênticos e os loucos, que confundem suas fantasias com a inspiração divina, entre os místicos comprovados e os traficantes do mistério, entre Yogues e charlatões, magos negros e santos. Tudo isso em tempo relativamente curto, pois não posso passar minha vida numa simples reportagem!

Sinto-me mal, fisicamente; meu moral, abalado, também não é dos melhores. Tenho impressão de fracasso. Evidentemente, não posso negar que encontrei homens de alto valor espiritual, homens que faziam coisas estupendas; entretanto, não encontrei o super-homem que estava buscando, um Mestre que satisfizesse o apelo, tanto do meu intelecto quanto do meu coração. Números de discípulos entusiastas tentaram em vão atrair-me à órbita dos seus mestres. Compreendo-os perfeitamente; como na mocidade se julga o primeiro namoro, um amor de toda a vida, assim esses excelentes jovens tomaram suas primeiras experiências espirituais por um achado final. Então, para que teimar em ser um depositário passivo de uma doutrina estranha, quando não posso ter nenhuma revelação pessoal, viva, original, uma iluminação que seja minha e não luz emprestada! Mas afinal, quem sou eu, pobre escriba, em face dessas grandiosas aspirações, senão um ambicioso desenfreado! Que direito teria eu de conquistar tão grande favor do destino?! De todos os lados só vejo motivos de desânimo...

Sentindo-me um pouco melhor, desço ao refeitório e tomo um lugar na mesa dos hóspedes, ao lado de um oficial do exército, que me fala de sua mulher doente, da convalescença prolongada, da sua licença anulada, e me desanima ainda mais. Ao terminar o almoço, acendendo um grosso charuto, acrescenta:

— Um jogo, a vida... não?

— Sim, um tanto — concordo laconicamente.

Meia hora depois, num táxi, estou a correr na Estrada Hornby através de *Hornby Road*, o bairro das agências de navegação. Reservar minha passagem com sentimento de resignação. Acho que partir o mais rápido possível é o que tenho de melhor a fazer. Volto ao meu quarto de hotel, sem mais me preocupar de olhar as lojas, palácios, templos e imponentes edifícios que compõem Bombaim e me entrego à minha ruminação.

A noite cai. O garçom serve na mesa um delicioso *curry*, mas não tenho vontade de comer; um refresco gelado me satisfaz. Chamo um táxi, faço-o parar diante de um desses estabelecimentos profusamente iluminados (um cine-teatro), cuja posse a Índia deve ao Ocidente e que esta noite parece oferecer um brinde de boas-vindas em sua taça de Letes. Não me darei por completamente perdido enquanto puder obter por uma rupia ou seu equivalente uma macia poltrona em qualquer cidade do mundo. Gosto de cinemas.

Então e tão logo me sento, vejo inevitavelmente uma esposa alucinada e um marido infiel no cenário de um luxuoso palácio. O

espetáculo me aborrece. Será que perdi também o gosto pelo cinema? Esse melodrama de paixões não tem mais o poder de me fazer rir ou chorar. Não se passou ainda a metade do filme, quando tudo que me rodeia, a sala, a tela, o público, parecem dissipar-se num mundo irreal, e meus pensamentos tornam a voltar ao assunto que me obseda.

Peregrino sem Deus, percorri, de cidade em cidade, de aldeia em aldeia, incansável, buscando lugar onde pudesse repousar meu espírito e não o achei. Para que servia, afinal, ter escrutado a face de tantos homens. Só para ver neles o reflexo de um pensamento mais sublime que o do meu país? Para que ter procurado nos seus olhares ardentes a resposta ao enigma que me atormenta?

Subitamente noto uma singular tensão apoderar-se do meu cérebro; os nervos parecem condensar-se e tenho a sensação de que o ar que me envolve está vibrando carregado de eletricidade; estranha metamorfose sinto operar-se em mim. Que voz é esta que se levanta, forçando minha atenção? Onde vem?

— A vida nada mais é que uma fita de cinema, uma ilusão traiçoeira que se desenrola sucessivamente do berço ao túmulo. Onde estão as lembranças do passado? Pudeste tu retê-las? Onde estão as imagens do futuro? Acreditas poder invocá-las? Em vez de te esforçares no caminho da Verdade, tu estás sentado aqui, estupidamente, a perder tempo com uma imagem ainda mais enganadora que a própria vida, com uma história imaginária — uma ilusão dentro de uma grande ilusão!

Sim; decididamente estou farto desses dramalhões de amor humano. Prefiro sair, respirar um pouco o ar fresco da noite.

Vagueio sem rumo pelas ruas, sob o suave luar crescente que parece estar tão perto do homem, nas Índias. Na esquina da rua, um mendigo me aborda. Um ruído indefinível saía da sua boca à guisa de palavras, tentando fazer-me compreender; levanto os olhos e recuo horrorizado: seu rosto, desfigurado por terrível doença, deixa aparecer a carne viva até os ossos. Mas a piedade cede lugar à repulsa e ponho todas as moedas que levo no bolso, na mão estendida do leproso. Vou seguindo pelas ribanceiras, à procura de um canto solitário para ficar longe dessa multidão colorida que, risonha e alegre, passeia agora, à noite, pela *Back-Bey* da cidade. Mirando estrelas, semeadas na cúpula negra, penso na crise que acabo de sofrer e abandono-me, aos poucos, a uma doce melancolia...

*

*

*

Finalmente, faltam alguns dias apenas, e meu navio levantará ferros, navegando no Mar Arábico em direção à velha Europa. Chega de metafísica. Tudo que havia a oferecer — tempo, entusiasmo, dinheiro — ofereci, e não me sacrificarei mais no altar de superstições e de hipóteses inverificáveis à procura do mestre. Deveras!... talvez pensarei assim a bordo do navio, mas agora, a voz interior me persegue cruelmente:

— Insensato que és! Este então é o fruto de tuas aspirações e de tantos anos perdidos? Queres mesmo seguir o caminho traçado, viver uma vida banal, esquecer tudo que acabas de aprender, e afogar no tumulto do egoísmo e da sensualidade mundanos, olvidando aquilo que era o melhor em ti?! Porém, toma cuidado, teu aprendizado da vida foi preparado por terríveis mestres: a solidão que modelou tua alma e a intensidade do pensamento que fez estalar o verniz que cobre o homem de sensibilidade comum. Obedecestes ao apelo imperioso da intuição e agora pensas poder tão facilmente fugir das obrigações de uma tal vocação? Não, não te iludas! Elas são como algemas presas aos teus pés!

Sozinho, sob o céu imenso pontilhado de estrelas, combato em vão essa voz impiedosa que acusa de impotência minha fraqueza para lutar contra o sentimento de angústia que me invade. Mas a voz insonora me responde:

— Estás absolutamente certo de que nenhum desses homens que encontraste era o mestre que buscavas?

Toda galeria daquelas faces bronzeadas desfilou novamente ante mim: os prestativos e vivazes homens do norte, os homens plácidos do sul, os nervosos e emotivos do leste, os Maratas do oeste, compenetrados em silêncio; rostos amigos ou hostis, loucos ou sábios, complacentes ou malévolos, mas todos eles igualmente impenetráveis. Uma face, todavia, se destaca das outras; lembro-me dos seus olhos obstinadamente fixos nos meus. É um semblante calmo de Esfinge — o do Grande Sábio de Arunachala, Maharichi da Colina Sagrada do Santo Lume, lá muito longe, no sul. Jamais pude esquecê-lo e freqüentemente sua lembrança refloresceu em mim. Mas em razão das contínuas mudanças desse caleidoscópio de seres e de coisas, as diversas impressões acumuladas desde então acabaram por afastar para o último plano as imagens impressas durante minha breve pousada no seu eremitério. Avalio agora que, de fato, ele passou na noite tenebrosa da minha vida como um meteoro vibrante de luz, e sou forçado a reconhecer que nenhum outro ser humano me atraiu tanto quanto ele. Parecia-me, porém, tão inalcançável, pairando em alturas tão longínquas, e tão indiferente em saber se vou ou não me tornar seu discípulo!

A voz estranha não deixa de argumentar:

— Indiferente? Estás bem certo disso? Não foi por que tu o deixaste precipitadamente demais?

— Sim; talvez me tivesse precipitado. Mas, pensei no meu itinerário, poderia agir de outra maneira?

— Mas há uma coisa que podes fazer: voltar a procurá-lo.

— Voltar? Não iria eu importuná-lo?

— Que importa? Não te preocupes com isso; só a vitória final tem valor. Vai, volta ao Maharichi!

— Não posso, ele mora na outra extremidade da Índia, e estou tão cansado e abatido para fazer ainda essa viagem; é impossível.

— Que importa também isso? Se queres um mestre não deves poupar esforços!

Sinto-me tão esgotado e tão fraco para querer ainda qualquer coisa! Aliás, já reservei minha passagem; só faltam três dias para eu deixar a Índia. É tarde demais, não posso fazer nada, não posso mudar.

— Nunca é tarde demais! Que aconteceu ao teu senso de valores? Dizes que Maharichi é o homem mais extraordinário que já viste e queres te afastar apenas o encontraste? Vai, volta depressa!

Sim, responde a mente, mas o corpo se revolta.

A voz silenciosa insiste:

— Não vaciles! Muda as providências tomadas! Tens que voltar a Maharichi!

A voz surge das profundezas de todo meu ser, tal como uma ordem. O que importa minha lógica, o que importa a revolta do meu corpo exausto? Sinto-me como criança, sem poder reagir. No momento em que o apelo se torna mais imperioso, a imagem de Maharichi surge diante dos meus olhos, viva, irresistível. Portanto, não reluto mais. Voltarei, e se ele consentir, entregar-me-ei em suas mãos. A sorte está lançada; estou vencido. Embora não o compreenda, sinto que não me pertencço mais. Volto ao hotel e tomo uma chávena de chá; subitamente me dou conta de que sou um homem diferente; sinto uma sensação de alívio quando tenho consciência de que as trevas que me encobriam começam a dissipar-se, como na aproximação da aurora.

No dia seguinte, desperto fresco e bem disposto, sorrindo pela primeira vez desde que voltei a Bombaim. O *Sikh* que me serve, elegante, vestido de jaquetão imaculado, uma larga cinta dourada apertando-lhe a cintura, de calças coladas às pernas, está sorrindo ao perceber-me entrar na sala do almoço.



O ESTRANHO REFÚGIO DE RAMIAH
Pequeno abrigo de pedras que ele mesmo construiu à sombra de um dos blocos eretos.



O YOGUE RAMIAH
Um dia, encontro-o à margem da lagoa, onde ele veio apanhar água com um cântaro de bronze.



NA MESQUITA MAOMETANA

Sinto sempre dentro de mim uma emoção particular diante dos graciosos arcos de uma mesquita e da delicadeza de suas cúpulas. Outra vez tiro os sapatos e entro.

— Uma carta para o senhor.

Passo rapidamente o olhar no envelope; a carta viajou muito; duas vezes já me foi reendereçada. Abro-a e, com grande surpresa, vejo que foi escrita em Arunachala por um homem eminente, membro do Conselho Legislativo de Madras, que, em consequência de tragédia familiar, afastou-se do mundo e tornou-se discípulo de Maharichi. Fizemos amizade e correspondemo-nos amiúde. Nessa carta ele escreve, entre outros pensamentos elevados, que se eu voltar ao eremitério serei sempre bem-vindo. A última frase torna-se para mim como um feixe de luz: “É uma grande sorte para o senhor ter encontrado o mestre que buscava.”

Considero a carta um sinal do destino, e imediatamente corro à Companhia de Navegação e cancelo minha passagem.

Pela segunda vez me despeço de Bombaim. Atravesso centenas de milhas da campina indiana, a planície monótona de Deccan; a vista desliza, por não ter onde parar, a não ser algumas moitas esparsas de bambus. Queria que o trem corresse mais rápido, pois sinto que estou voando para a iluminação espiritual, para o homem mais extraordinário que jamais encontrei na vida. Contemplando as paisagens através da janela encortinada de meu carro, finalmente compreendo ter achado um Super-Homem, o autêntico Richi que desejei tanto encontrar!

Sinto-me feliz quando no segundo dia da viagem entramos na calma paisagem do sul, descortinando colinas arroxeadas e, ainda mais, ao sair da planície árida, respiro o calor úmido de Madras, onde termina a primeira etapa da viagem. Aí, para baldear, tenho que atravessar a cidade; aproveito então essas horas perdidas à espera do trem para fazer algumas compras necessárias e cumprir o escritor indiano que me apresentou à Sua Santidade Shri Shankara. Ele me acolhe calorosamente, e ao saber que estou a caminho para Arunachala, exclama sorrindo:

— O senhor não me surpreende; era bem isso o que eu esperava!

— Mas o que foi que lhe deu tanta certeza?

— Ora, meu caro amigo! o senhor não se recorda do momento da nossa despedida de Sua Santidade, em Chingleput? O senhor não reparou que ele me cochichou algo no ouvido, quando estávamos na saída?

— Sim; agora me lembro, efetivamente...

— Pois bem! Sua Santidade me disse isto:

“Seu amigo Brunton vai palmilhar a Índia em busca do mestre; encontrará vários Yogues e instrutores; finalmente, porém, voltará ao Maharichi, pois é o único Mestre que lhe convém”.

Fico pasmo:

— Não diga! Mas isso é francamente impressionante!

Essas palavras me confirmam que Shri Shankara possui, de fato, o dom da profecia; tornam-me mais firme e reforçam a decisão tomada, pois desta vez, sei que estou seguindo um rumo certo.

Mas quão diversos e estranhos foram os caminhos que os astros me impuseram para eu chegar ao meu destino!

CAPÍTULO XVI

NUM EREMITÉRIO DA SELVA

HÁ MOMENTOS tão inesquecíveis em nossa vida que ficam gravados no calendário dos anos com letras de ouro. Assim foi o momento que me reservou o destino, quando pela segunda vez pisei no recinto de Maharichi.

Vejo-o sentado na sua magnífica pele de tigre, sereno e calmo como sempre; à sua frente as varetas de incenso consomem-se lentamente, rescendendo seu terso aroma. Neste momento o sábio não está em êxtase, seus olhos luminosos estão abertos para o nosso mundo e seus lábios se abrem num sorriso acolhedor, quando me inclino para cumprimentá-lo. Em respeitosa distância, os discípulos estão acorados; de pernas cruzadas; um deles manobra o "punkah".

Desta vez vim também como postulante, querendo tornar-me seu discípulo; meu espírito não conhecerá sossego enquanto não souber da sua decisão. No entanto, tenho esperanças, tão imperiosa era a voz que soava como uma ordem ao me chamar aqui. Após algumas palavras banais, apresento-lhe minha solicitação da maneira mais breve possível, dispensando todo fraseado supérfluo. Maharichi continua sorrindo, olhando-me, calado. Repito minha pergunta com a maior ênfase, ele então se decide a responder-me em excelente inglês, diretamente:

— Por que falar tanto de mestre e de discípulos? Essa diferença só existe do ponto de vista do discípulo. Para aquele que alcançou a fonte do Ser, realizando-se a si próprio, não há mestre nem discípulo — existem apenas homens.

Como devo interpretar suas palavras? Não sei o que pensar; esforço-me em expor minha petição de outra maneira e espero. Finalmente obtenho a resposta:

— O senhor tem de encontrar o mestre em si, quero dizer, em seu próprio *Eu* espiritual. Considere seu corpo como ele merece ser considerado, mas saiba que seu corpo não é o seu verdadeiro *Ego*.]

Começo a compreender. Maharichi não quer me responder claramente, tenho que procurar a resposta na sutileza oculta em sua palavra enigmática. Desisto de insistir e conversamos sobre as ocorrências da minha viagem. Passo a tarde providenciando minha nova instalação.

*
* *

Durante as semanas que se seguem levo uma vida estranha e desambientada. Passo os dias na sala junto ao Maharichi, esforçando-me por respigar as migalhas da sua alta sabedoria, e colher algum indício que seja da resposta que aguardo. As noites, lamentavelmente, são torturadas pela insônia, ainda que eu esteja bem acobertado e acomodado no chão da minha recém-construída cabana, a cem metros de distância do próprio eremitério. Levantada às pressas a fachada da cabana, é de barro ressequido, só a cobertura é de telhas, para melhor resistir à monção. Arbustos espinhosos e densos, tufos de cactos gigantes, separam-na da orla da selva. Essa acerba paisagem revela a natureza virgem, em toda sua primitiva grandeza; do lado do norte, a mata fechada continua até os primeiros atalhos da montanha, cuja massa gigantesca de rochas basálticas cobre a terra arroxeadas; ao sul, uma grande lagoa de águas espelhadas, que me atrai diariamente, e cujas margens estão rodeadas de arvoredos, em cujas copas se abrigam numerosas famílias de macacos. Os dias seguem e assemelham-se; levanto-me cedo, antes mesmo do sol nascer sobre a selva. Assim posso contemplar o céu passar por todos os matizes, de cinza a verde, de róseo a amarelo, até o ouro brilhante. Depois dou um rápido mergulho na lagoa, tomando cuidado para afastar as serpentes com bastante barulho. Voltando do banho me visto e delicio-me com três chávenas de chá perfumado que, aliás, é o meu único luxo, vivendo nesse lugar austero e longínquo.

— O chá está pronto — avisa-me o Raju, um rapazinho que não sabia uma palavra de inglês quando o tomei aos meus serviços. Raju é a pérola dos domésticos, é capaz de percorrer a cidade toda só para descobrir um objeto mais bizarro ou os mais caprichosos petiscos para satisfazer o desejo do seu amo europeu, que se compraz em inventá-los; ou, sentado na soleira da porta, esperar por mim nas horas de meditação, sempre paciente e dócil às minhas

ordens. No assunto da cozinha, infelizmente, meu paladar ocidental dá-lhe a impressão de uma mania inofensiva; após algumas tentativas infrutíferas, desisto, encarregando-me da maior tarefa, resignando-me a fazer uma só refeição substancial, satisfazendo meu apetite com o chá. Raju assiste à minha desenvoltura culinária, sem, todavia, procurar compreendê-la; seu corpo brilha no sol, qual o ébano polido; é um puro drávida, descendente dos habitantes autóctones da Índia.

Depois do chá, dirijo-me devagar para o recinto do eremitério. Antes de entrar na sala, paro, contemplando os canteiros de roseiras, ou sento-me um pouco sob os coqueiros carregados com enormes cachos. Como são lindos esses passeios matinais antes que o sol se torne mais cáldo; como é bom poder respirar as flores cobertas de orvalho e gozar do frescor da natureza ao despertar!

Entro na sala, cumprimento o sábio e acocoro-me à indiana. Tenho liberdade de fazer o que bem me parece: ler ou escrever, animar uma conversa com um ou outro discípulo, dirigir-me ao Maharichi, debatendo um ponto qualquer de doutrina, ou meditar durante uma hora sobre o tema orientado pelo sábio, apesar de serem as noites reservadas à meditação em comum. Seja qual for minha ocupação, sinto os efeitos benfazejos do ambiente, os eflúvios misteriosos, mais salutareos, penetrarem insensivelmente no meu cérebro.

A presença do Maharichi basta por si só para encher a alma e fazer nascer uma serenidade inefável. Analisando bem, constato e tenho certeza de que há uma corrente sutil e poderosa vibrando entre nós, quando estamos na presença um do outro. Compreenda-o quem puder! pois para mim não há mais dúvida.

Às onze horas volto à minha cabana para um almoço, seguido da sesta. À tardinha retomo meu lugar aos pés do Mestre. De vez em quando, para quebrar um pouco a monotonia, dou uma rápida escapada para explorar os arredores ou descer à cidade, revendo um canto qualquer do seu gigantesco templo. Às vezes, o Maharichi, na hora da sesta, aparece na minha choupana, sem se anunciar, para visitar-me. Como se pode adivinhar, aproveito logo para crivá-lo de perguntas; ele me ouve com toda paciência, e responde com sua placidez habitual, embora em termos elíticos, raramente formando uma frase completa. Uma vez, entretanto, aconteceu uma coisa curiosa. Quando ele apareceu para visitar-me, tento abordar um novo assunto e não recebo resposta. O olhar distante do sábio parece perder-se nas colinas que fecham o horizonte; fica parado como se estivesse ausente. Alguns minutos se

passam. Não sei se teria ouvido minha pergunta; estará mergulhado em meditação, ou contemplando algum ser invisível, visível somente para ele? Não importa o que haja, pois algo forte, tão forte que, vencendo minha lógica se apodera do meu ser subitamente, e me incita a compreender, desperta minha atenção e me faz ponderar: para que servem, de fato, fórmulas, perguntas e discutir eternamente — quando tenho em mim mesmo um poço inesgotável de afirmações, e basta um pequeno esforço para trazê-las à tona! Não é melhor acabar de vez com raciocínios silogísticos, com vãs argumentações, polêmicas estéreis, e esforçar-me para pôr em ação tudo o que a minha própria natureza possui em potência?

De maneira que eu também me calei, esperando. Meia hora se passa sem que o Maharichi se mova, impassível como se tivesse esquecido a minha presença. No entanto, tenho absoluta certeza de que essa revelação que acabo de conceber é obra sua e uma excelente lição para mim; sinto-me penetrado por uma espécie de telepatia, devido ao efeito dessa misteriosa irradiação que emana do seu ser.

Outra vez, no decorrer dessas visitas, vendo-me em estado de profunda melancolia, me conforta falando da finalidade gloriosa prometida ao homem que adota a via da Yoga.

— Mas, Mestre, é um caminho cheio de obstáculos e eu tenho tanta consciência da minha fraqueza!

— É uma razão a mais para ficar na senda — responde-me calmamente — pois a falta de confiança, esse receio de fracasso, acabam paralisando o espírito.

— E, se tais receios têm fundamento?

— Não, isso não é verdade. O maior erro do homem é julgar-se naturalmente fraco e mau por natureza. A natureza do homem é divina, por conseguinte forte em essência. O que nele é fraco e mau, são seus hábitos, desejos e paixões, mas não ele!

Essas palavras como estimulante maravilhoso me refrescam e animam. Teriam sido rapidamente rejeitadas se provenientes de outros lábios. Agora sou vencido, pois a voz interior me clama que a Verdade fala por essa boca, que esse homem não é um filósofo perorando sobre teorias de especulação mental, e sim, um sábio cujas palavras vêm das profundezas da alma e estão apoiadas pela sua própria e longa experiência.

Uma outra ocasião, quando falamos do Ocidente, eu não pude me conter em fazer objeção:

— É fácil para o senhor encontrar a serenidade num retiro como este onde nada lhe perturba nem distrai.

— Parece-lhe assim, mas, uma vez a finalidade obtida, quando o senhor conhecer Aquele que sabe, pouco lhe importará onde vá viver — no turbilhão das cidades ou num retiro da selva.

Ainda um outro dia, quando critiquei ao povo hindu seu pouco interesse pelo progresso material, disse-me:

— É verdade, nós somos uma dessas raças que vocês chamam de atrasadas; mas vivemos assim mesmo sem grandes necessidades. Muitas das vossas invenções modernas, frutos do progresso da ciência, são para nós desconhecidas, porque nos satisfazemos com pouco, muito menos do que vocês precisam. De maneira que o sermos menos avançados não quer dizer que somos menos felizes.

*
* *

Como Maharichi conseguiu chegar a esse elevado grau de força moral e, por assim dizer, sublimidade? De grão em grão, pelas informações tomadas dos seus discípulos, ou pelos pormenores que escapam às vezes dele mesmo, embora não goste de falar de si, acabo por esboçar, mais ou menos, a história da sua vida:

Nasceu em 1879 numa aldeia, cerca de trinta milhas distante de Madura, cidade do sul da Índia, famosa pelo seu templo. Seu pai era Brâmane; desempenhava um cargo de magistrado ou algo semelhante. Gozava da fama de ser muito caridoso, por ter sustentado numerosos indigentes. Zeloso pela instrução de seu filho, mandou-o estudar no colégio mantido por missionários americanos, onde ele aprendeu os rudimentos de inglês. No princípio, o jovem Ramana gostava somente de jogos e esportes, praticando luta livre, natação e boxe. Era excelente nadador e mergulhava nas correntes mais perigosas. Naquela época, a religião ou a filosofia não lhe interessavam; sua única singularidade se manifestava em acessos de sonambulismo, uma espécie de sono tão profundo que nada podia acordá-lo. Ao saber disso, seus colegas de turma, que temiam durante o dia pela sua prontidão na estocada, vingavam-se dele aproveitando as noites. Entravam no quarto, tiravam-no da cama e, levando-o ao pátio, davam-lhe murros e surravam-no à vontade. Satisfeitos, levavam-no de volta sem que ele acordasse; no dia seguinte, ele não se lembrava de coisa alguma. Era como se nada tivesse acontecido, mas, para um psicólogo atento, já eram os indícios evidentes do êxtase místico. Um dia, um parente veio visitá-lo em casa falando que vinha de uma peregrinação que fizera a Arunachala. Esse nome soou estranhamente aos ouvidos do garoto, sem que ele compreendesse a razão.

Foi indagar sobre a Arunachala e, ao saber que se tratava de um templo, uma idéia fixa apoderou-se da sua mente. Por que exatamente Arunachala lhe interessava mais do que inúmeros outros santuários da Índia, ele não era capaz de responder. Prosseguia seus estudos na escola dos missionários. Embora sem manifestar aptidões especiais, era inteligente e bom aluno; aos dezessete anos o destino falou. De repente deixou os estudos, abandonou o colégio, sem ter avisado aos mestres nem à família. Qual seria o motivo dessa brusca mudança, que destruía sua futura carreira? Devia ser muito importante aos seus olhos; dava, porém, bastante que pensar aos seus, essa singular e inexplicável conduta. O maior Instrutor da vida lançava o jovem Ramana num caminho jamais previsto pelos missionários, seus instrutores da escola. Seis semanas depois dessa súbita revelação, ele deixou Madura e a casa dos pais para nunca mais voltar.

Naquele dia, estava só no quarto, quando uma repentina e inexplicável angústia se apoderou dele; embora gozando boa saúde, sentiu que ia morrer. Obcecado pela idéia da morte, estava se preparando como se o acontecimento fosse iminente. Deitou-se no chão, inteiriçou os membros, fechou os olhos e suspendeu a respiração. "Bem, disse então a si mesmo, esse corpo que era meu está morto. Vão levá-lo ao pátio de cremação e vai ser reduzido a cinzas. No entanto, eu teria morrido com meu corpo? Acaso esse corpo sou eu? Meu corpo é rígido e silencioso, mas continuo a sentir meu ser com toda sua força vibrante."

É nesses termos que Maharichi descreve essa estranha experiência. O que aconteceu exatamente é difícil compreender, se não for contado. Ele julgava ter entrado numa espécie de êxtase consciente, havia atingido a fonte do *Eu*, a verdadeira origem do Ser. Nesse momento ele concebeu que o corpo era apenas o invólucro, um objeto à parte, e que o *Eu* ficava imutável na morte. O verdadeiro Ser lhe surgia dotado de realidade absoluta, embora tão profundamente oculto nas regiões inexploradas da natureza humana, que ele mesmo ignorava, como o ignoram os demais.

Essa revelação transformou Ramana por completo; perdeu todo o interesse pelos estudos, esportes e camaradas; ficou substituído pela sublime noção do *Eu* que o conquistou de maneira tão repentina e radical. Todo o pavor da morte desaparecera. Adquirira a serenidade interior e a força de espírito que desde então jamais o abandonara. Tanto quanto antigamente estava sempre pronto a vingar-se dos colegas que tomavam liberdade com ele, depois só a meiguice e a doçura foram suas réplicas aos ofensores; sofria a

injustiça com indiferença, e sua humildade era notável para com todas as coisas. Renunciou a seus hábitos antigos, buscando a solidão a fim de entregar-se livremente à meditação e dedicar-se plenamente à vida interior na qual se absorvia.

Tamanha mudança de seu caráter não ia passar despercebida. Um dia, o irmão mais velho se dirigiu ao quarto de Ramana, onde o supunha atarefado com os deveres escolares e, ao entrar, encontrou-o de olhos fechados, preso em profunda meditação; os livros e cadernos rolavam, juncando o chão, como se ele os tivesse rejeitado com repulsa. O irmão admoestou-o severamente: "Que estás tu fazendo aqui? Se for tua idéia tornar-te um Yogue, por que então estudar, visando uma carreira?"

O jovem Ramana sentiu vivamente a verdade dessas palavras e silenciosamente tomou as providências necessárias. Perdera seu pai, mas sabia poder contar com a ajuda do tio e dos seus irmãos para tomar conta da mãe; percebeu com toda a evidência que não tinha mais nada a fazer em casa. Naquele momento, um nome passou como um raio pela sua mente, o nome que o obcecava durante anos seguidos: ARUNACHALA! Iria até ali, precisava ir! No entanto não seria capaz de dar uma explicação do porquê desta escolha, obedecendo a um apelo imperioso infenso a qualquer raciocínio.

Ao contar-me essa passagem, Maharichi se exprimia nestes termos:

— Estava literalmente como que sob o domínio de um encanto; a força misteriosa que de Bombaim o trouxe aqui, afastou-me definitivamente de Madura.

O jovem Ramana deixou tudo: parentes, amigos, estudos, e tomou o rumo desconhecido, marcado pelo seu destino. Ao abandonar a casa, deixou uma carta escrita em tâmil, que depois ficou guardada no eremitério, e dizia: "Parto em procura de meu Pai, e pelo fato de obedecer ao Seu apelo, meu empreendimento é sagrado; que ninguém se atormente — será inútil gastar dinheiro em me encontrar."

Com três rupias no bolso, ignorando o mundo, ele deixou a casa paterna, guiado pela força misteriosa que o chamava a Arunachala, lugar que lhe era estranho. A chama da renúncia, que o iluminava, animava-o a despojar-se do resto; tal era seu desprezo pelos bens terrestres que, logo ao entrar no templo, tirou as vestes e prosternou-se completamente despido. Um sacerdote fez-lhe observações em vão, outros se lhe juntaram e, finalmente, conseguiram que o jovem vestisse uma tanga e, desde então, nunca usou outro traje.

Durante seis meses permaneceu no templo, às vezes mudando de lugar, mas nunca deixando os limites do santuário. Diariamente um sacerdote, surpreendido com tão precoce fervor, trazia-lhe um pouco de arroz. Passava horas e dias em êxtase tão profundo que perdia por completo a noção do mundo exterior e, quando os moleques muçulmanos lhe atiravam lama, zombando dele, nem os percebia, a não ser algumas horas depois, e não guardava rancor.

Contudo, as ondas intermináveis de peregrinos, que não cessavam de afluir ao templo, não eram muito compatíveis com a solidão à qual aspirava. Deixou portanto o santuário, para se retirar a uma pequena ermida tranqüila, em pleno campo, um pouco afastada da cidade. Lá viveu um ano e meio, satisfazendo-se com um pouco de alimento, que alguns piedosos visitantes lhe levavam.

Não falava a ninguém. De fato, durante os três primeiros anos do seu retiro, ele nem abria a boca; não porque tivesse feito voto de silêncio, mas em obediência às ordens da voz interior que lhe mandava concentrar toda a atenção à vida do espírito. Somente ao atingir a finalidade que se propusera, rompeu o silêncio, mesmo assim nunca falando muito.

Encobria precavidamente sua identidade, mas, por uma série de coincidências, dois anos depois de sua fuga, sua mãe acabou descobrindo o seu retiro. Ela veio com seu filho primogênito, querendo pelas lágrimas comover Ramana da sua indiferença, suplicando-lhe voltar para casa. Ele escreveu num pedaço de papel que uma força superior dirige o destino do homem e não é da competência das mães mudá-lo. Ela acabou cedendo.

A fama dessa história espalhou-se pelas redondezas, e os visitantes, cada vez mais numerosos, começaram a chegar para contemplá-lo em sua solidão, fato que o constrangeu mais uma vez a mudar de lugar, retirando-se para a colina do Santo Lume. Só então, numa gruta cavada na rocha, acabou vivendo alguns anos sem ser assediado.

Há muitas dessas cavernas na colina, que servem de abrigo aos Yogues e ascetas, mas a sua possuía uma virtude especial: servia de túmulo a um grande Yogue que aí estava enterrado. A cremação dos corpos é um hábito que permanece nas Índias, mas às vezes se foge desse costume em favor de um Yogue famoso que atingiu a Realização Suprema. Acredita-se geralmente, nesse caso, que o sopro da vida, ou corrente vital, continua a existir no corpo durante milhares de anos, tornando-o assim indecomponível. Antes de colocar o Yogue na tumba, banha-se-lhe o corpo que, depois de ungido, é colocado sentado, com as pernas cruzadas em pose

de meditação. A entrada do túmulo é então fechada com uma pedra pesada e cimentada depois, e o mausoléu se torna, frequentemente, um lugar de devoção. Há também outra razão por que os grandes Yogues são inumados em vez de queimados: conforme a crença geral, eles não precisam de purificação pelo fogo, sendo já suficientemente purificados pelo seu modo da vida.

É interessante notar que as grutas das montanhas sempre foram as residências favoritas dos Yogues e eremitas. Os antigos as destinavam aos deuses. Zoroastro, profeta dos parses, se entregava à meditação numa caverna; também numa gruta Maomé recebia as suas revelações. Os Yogues indianos ainda têm outras boas razões para preferir as cavernas, pois suas pedras não só os protegem das inclemências de monção, como também os abrigam das bruscas mudanças de temperatura ao levantar e ao pôr-do-sol; o frescor da sombra, seu silêncio, são favoráveis à meditação, e o ar rarefeito atenua as necessidades fisiológicas, reduzindo ao mínimo os cuidados de higiene indispensáveis ao corpo.

Pode ser que a beleza do lugar também tenha influído em Ramana para a escolha do seu retiro. Das escarpas adjacentes descortina-se uma vista deslumbrante sobre a pequena cidade e seu gigantesco templo, encolhidos aos pés da montanha. Ao longe, a planície e a cordilheira suavemente ondulada, em declínio, fecham o horizonte e limitam o encantador panorama natural.

Ramana ficou anos vivendo nessa caverna, entregue a constantes êxtases. Ele não era um Yogue, no sentido próprio da palavra, pois nunca estudara a doutrina Yoga nem praticara os exercícios sob a vigilância de um mestre. Seguiu individualmente a vereda sublime que leva ao conhecimento de si próprio, guiado por um apelo interior do seu Mestre Divino.

Em 1905, a peste fez sua aparição na cidade, trazida sem dúvida por algum peregrino. Ela acabou fazendo tal destruição que os moradores apavorados abandonaram-na, refugiando-se nas aldeias vizinhas. Tigres e leopardos, saídos dos seus covis da selva, andavam à solta pelas ruas da cidade abandonada. Forçosamente, ao descer a montanha eles tinham que passar diante da caverna do Sábio; aconselharam Maharichi a mudar, mas ele recusou, calmo e indiferente como sempre.

Naquela época um discípulo, que se ligou espontaneamente ao jovem anacoreta, providenciava seu sustento. Esse homem já faleceu, mas antes transmitiu essa história aos outros discípulos:

"Todas as noites um enorme tigre ia à caverna e lambia as mãos de Ramana, que lhe respondia com festas acariciando-lhe o

pêlo macio. O felino ficava a noite toda aos pés do Sábio e somente o deixava ao amanhecer. É uma crença enraizada nas Índias que, quando os Yogues ou os Faquires adquirem os poderes da Yoga, podem viver no fundo da selva ou nas montanhas sem receio, pois os leões, tigres, répteis ou outras feras não os atacam. Conheço também uma outra história a respeito de Ramana: um dia, quando estava acorocado na entrada da sua caverna, uma grande cobra, deslizando das rochas, veio parar à sua frente. A naja ergueu a cabeça, puxou sua língua bífida, pronta para atacar, sem que o ermitão fizesse um movimento de defesa. O homem e o réptil ficaram a olhar-se, fixando-se mutuamente; minutos depois a cobra se retirou sem lhe fazer o menor dano!"

Quando o jovem Ramana julgou dominar sua mente e chegar ao conhecimento e à realização do Eu, terminou a fase de austeridades. A vida de reclusão não era mais necessária; mesmo assim continuou vivendo na gruta, até que um belo dia recebeu a visita de um ilustre pandit, Ganapati Shastri, visita que inaugurou, por assim dizer, a vida social de Ramana.

O pandit, que viera morar nas redondezas do templo para entregar-se aos estudos e meditações, ouviu falar do jovem Yogue; a curiosidade fê-lo escalar a montanha e, chegando, achou Ramana de olhos arregalados, contemplando o sol — um dos exercícios ao qual o jovem, freqüentemente, se entregava. Um ocidental não pode avaliar o que representa esse exercício! A intensidade dos raios solares é tremenda! Lembro-me de um dia em que, escalando a encosta da colina, fui apanhado de surpresa pelo sol do meio-dia; cambaleei por muito tempo, como se estivesse embriagado.

O pandit estudou durante doze anos o compêndio de filosofia hindu e submeteu-se a todas as espécies de mortificações. Malgrado em seus intentos, continuava sempre assediado por dúvidas e perplexidades; isso o levou a fazer perguntas a Ramana e recebeu uma resposta cuja sabedoria literalmente o assombrou. Continuou a fazer outras perguntas referentes aos problemas filosófico-religiosos, que o atormentavam, e não precisou esperar muito para sentir-se aliviado das suas angústias; ficou a tal ponto impressionado, que se prosternou diante do jovem, implorando ser aceito como discípulo.

Shastri, que possui seus próprios discípulos em Vellore, regressando ao vale, comunicou-lhes a descoberta fantástica que tinha feito de um Maharich, quer dizer, um Grande Sábio, descoberta de um homem, enfim, cuja perfeição espiritual ultrapassava tudo o que havia lido ou pensado ao se referir ao assunto.

Desde então, o título de Maharichi começou a ser dado pela classe culta ao jovem Ramana; entretanto, o comum do povo o adorava como a um ser inspirado por Deus, embora Maharichi repelisse com toda força qualquer manifestação desse gênero na sua presença. Entre os hindus e nas nossas conversações, muitos dos seus devotos e conterrâneos dizem que ele é Deus.

Um pequeno grupo de discípulos começou a formar-se ao seu redor; foram eles que construíram essa ermida na encosta da colina, convencendo-o finalmente a vir morar nela. Sua mãe, que o visitava regularmente, acabou reconhecendo a santa vocação de Ramana. Quando a morte levou seu filho primogênito e todos os parentes, ela veio pedir ao Sábio a permissão de com ele viver, pedido que Maharichi aprovou. Seis anos viveu no eremitério e acabou sendo a mais fervorosa entre os discípulos do seu próprio filho. Em troca da hospitalidade, tomava conta da cozinha, e quando a velha senhora faleceu, suas cinzas foram inumadas na encosta da colina sagrada, onde mais tarde uma capela foi erigida pelos devotos do Maharichi. Ela atraía multidões, e luzes permanentemente acesas ardem em memória da mãe que deu à humanidade seu grande Sábio. De então em diante, sempre ramos de jacintos e heliotrópios e grinaldas de flores coloridas são depositados pelos fiéis, num altar, em sua homenagem.

A fama de Maharichi com o correr do tempo se espalhava por todo o país; os peregrinos, depois de visitarem o templo, antes de voltar aos seus lares, escalavam a Colina Sagrada para contemplar o Sábio; foi recentemente que Maharichi consentiu em morar na grande sala do eremitério, cedendo assim às súplicas constantes dos discípulos que a haviam construído para sua residência. O Sábio aceita alimentos, mas nunca dinheiro. Tudo o que possui, deve-o à assistência afetuosa dos seus discípulos devotados. Durante os primeiros anos da sua reclusão atrás da muralha de silêncio que o separava do mundo, não desdenhava de descer à aldeia e não teve vergonha de mendigar seu pão, andando com a cuia na mão, de porta em porta, pedindo mantimento. Uma velha mulher apiedou-se então do jovem asceta e passou a subir a montanha levando o pouco de que ele precisava para se manter. A fé que o levava a abandonar a confortável casa paterna, foi assim recompensada por essa providência benévola. Ele rejeita todos os donativos de outra espécie que o povo vem depositar aos seus pés.

Uma vez, faz pouco tempo, um bando de ladrões penetrou na sala onde o Maharichi estava só. Os malfeitores, por não haverem quase nada encontrado senão algumas rupias confiadas ao discípulo, encarregado da despensa do eremitério, acabaram ba-

tendo no Maharichi a pauladas. O Sábio, não somente sofreu com paciência, mas ofereceu-lhes de comer. Sendo incapaz de ódio, cheio de piedade para com eles, deplorando sua ignorância espiritual, deixou que saíssem livremente. Por sorte foram apanhados cometendo outros crimes, em outros lugares, e severamente punidos.

Não faltarão argumentos aos ocidentais para objetar que semelhante vida é esbanjada em pura perda. Porém, raciocinando bem, a presença desses poucos homens que escapam à febre de atividade que devora nosso mundo moderno, zelando por nós e despertando o sentido da infinita vida espiritual, não será de grande proveito para a humanidade? O observador imparcial está melhor colocado para julgar: em que será inferior um sábio da selva a um insensato que se deixa levar ao capricho das circunstâncias sem saber por que, nem para onde vai?

*
* *

Cada dia que passa me convenço mais da grandeza sublime desse homem. Dentre as pessoas de todas as condições sociais, castas ou raças, que vi desfilar no eremitério, destaca-se o exemplo de um pobre pária que passou, visivelmente aflito, por grandes angústias da alma, aliviando-as aos pés do Maharichi. O Sábio não lhe responde; aliás é muito raro que saia da sua reserva habitual e podem-se contar as palavras que por ele são pronunciadas no decorrer do dia. Entretanto, quando fixa seu olhar no aflito, é o suficiente para acalmar suas mágoas; duas horas depois, vejo-o sair serenado. Evidentemente, esse é todo o segredo do Maharichi: silencioso, com uma espécie de estranha telepatia que a ciência moderna não pode deixar de esclarecer um dia, ele emite fluidos cujas vibrações acalmam os aflitos e curam os doentes desenganados.

De outra vez, um Brâmane, diplomado e culto, vem lhe expor seu caso. Contudo, como acabo de dizer, nunca se sabe quando o Sábio responderá ou não por palavras, mas, francamente, ele não precisa abrir os lábios para ser loquaz. Com o Brâmane é um pouco mais comunicativo por se tratar do assunto abstrato e idéias altamente filosóficas; em algumas sentenças ricas de sentido, revela pensamentos profundos, capazes de abrir ao postulante visões insuspeitas.

De uma feita, quando um grupo de visitantes e discípulos estavam reunidos na sala grande, alguém veio anunciar a morte de um malfeitor, cuja má fama era conhecida em toda a redondeza. Logo se iniciou uma discussão; examinaram-se traços do seu caráter e de

suas más ações, cuja lembrança estava ainda presente na memória de todos. Quando a conversa se acalmou, o Sábio, que não dissera nada até então, deixou cair estas simples palavras:

— Pois sim; mas ele era muito limpo, tomava banho duas ou três vezes por dia.

Um camponês analfabeto com sua família, sem saber nada além do seu labor cotidiano, rudimentos da sua religião e superstições ancestrais, percorreu mais de cem milhas pelas estradas poeirentas, só para vir homenagear o Sábio. Alguém lhe dissera que Deus, revestido de forma humana, vivia no vale da Colina do Lume Sagrado. Humilde, prosternou-se três vezes no chão e, sem uma palavra, acorou-se em silêncio; ele acredita que o esforço da viagem será amplamente recompensado pelo efeito dessa presença divina. Sua mulher está ao seu lado, graciosamente envolvida dos pés à cabeça num sari púrpura formando um nó na cintura; e seu cabelo está untado de óleo de sândalo. Uma filha, que a acompanha, é uma linda menina com anéis nos tornozelos, que tilintam a cada passo. Segundo um bonito costume indiano, usa uma flor branca atrás da orelha. Em contemplação silenciosa, a família toda fica acorada durante horas. Por paradoxal que pareça, é evidente que Maharichi, só com sua presença, fortifica-lhes a fé, restaura-lhes confiança, insuflando-lhes renovada felicidade! O Sábio não faz diferença entre as crenças e vê todas elas, desde que sinceras, como expressão da única Grande Verdade; da mesma forma como venera Jesus, tem veneração por Krishna.

À minha esquerda está acorado um velhote de setenta e cinco anos, que masca bêtele enchendo as bochechas; suas mãos trêmulas seguram um livro sânscrito, sobre o qual se abaixam suas pálpebras cansadas. É um Brâmane que durante muitos anos foi chefe de estação ferroviária no Distrito de Madras. Aposentou-se aos sessenta anos e perdeu sua esposa pouco tempo depois. A oportunidade se apresentou, portanto, de satisfazer um desejo por muito tempo recalcado.

Catorze anos passou viajando por todas as regiões da Índia, visitando sábios, ascetas, ermitões e Yogues dos quais ouvia falar, na esperança de encontrar entre eles um mestre, cujo ensinamento ou personalidade o atraísse ou correspondesse às suas aspirações. Devia possuir idéias bem definidas, pois não achou o mestre antes de vir para cá. Quando o encontrei, contou-me seus dissabores; não era um falador, e gostei dele pela expressão de sinceridade no rosto marcado de rugas e pelo frescor natural de seus sentimentos puros. Sendo muito mais moço do que ele, não sabia que conselho dar-lhe, quando, para minha grande surpresa,

perguntou se eu consentiria em aceitá-lo como discípulo. "O mestre que o senhor procura não está longe daqui" — respondi-lhe — e levei-o direto ao Maharichi.

Não demorou muito para me dar razão e tornar-se um dos fiéis mais devotos do Grande Sábio.

A alguns passos dele está sentado um personagem com aspecto de homem que tem posses; usando óculos, vestido de seda, é um magistrado em gozo de férias, um dos maiores entusiastas do Maharichi. Pode-se ter certeza de vê-lo aparecer, pelo menos uma vez por ano, para visitar o Sábio, aproveitando as férias. Esse cavalheiro, culto e fino, de gosto apuradíssimo, não despreza, no entanto, acacorar-se democraticamente, misturando-se aos pobres, gente maltrapilha ou nua até à cintura, tâmile de corpos untados de óleo, que brilham como jacarandá polido. O sentimento que os une faz-lhe esquecer esnobismo e preconceitos de casta, como dantes igual abnegação levava príncipes e marajás aos pés dos Richis, nas montanhas ou na selva. A Sabedoria Divina estabelece a harmonia e a igualdade entre os homens.

Vejo entrar uma jovem mulher carregando nos braços um nenê; prosterna-se humildemente e, como neste momento se comenta um dos problemas filosóficos dos mistérios da natureza humana, silenciosamente ela se afasta para não perturbar a polêmica. A instrução não é um apanágio da mulher indiana; ela sabe pouca coisa além da cozinha, seus afazeres domésticos e criação dos filhos. Essa grande presença, porém, basta para fazê-la sentir o Amor, a Sabedoria e a Felicidade, cujas ondas, oriundas da aura do Mestre, a penetram.

O pôr-do-sol avisa a hora de meditação em comum. Muitas vezes, Maharichi, entrando em transe tão discretamente que nem é notado, dá o sinal para nós todos o seguirmos, ficando num estado semelhante ao êxtase, que põe uma barreira entre si e o mundo externo. No decorrer dessas meditações diárias, sob a poderosa tutela do Sábio, aprendo a penetrar cada vez mais profundamente em mim, logrando uma espécie de iluminação, como se fosse um raio, oriundo da órbita espiritual em que vive o Maharichi. Cada vez mais adquiro consciência de que meu espírito se torna mais receptivo a essa forma de atração que deslumbra.

É nessas horas que avalio quanto os silêncios de um homem de tal envergadura são profundos em significado e muito mais eloqüentes do que as próprias palavras. Seu inalterável equilíbrio oculta um dinamismo de tal força que afeta as pessoas presentes, sem necessidade de recorrer a palavras ou atos. Há

horas em que sinto tão intensamente o poder dessa força que se ele me desse uma ordem, tenho certeza de que cegamente lhe obedeceria, sem objetar. Porém o Maharichi é, de certo, o último homem que exigiria dos seus discípulos uma obediência servil; deixa a cada um maior liberdade de ação, no que difere muito da maioria dos mestres de Yoga que encontrei nas Índias.

Minhas meditações prosseguem naturalmente, orientadas nas diretrizes que ele me havia indicado desde minha primeira visita e que, então, me pareceram vagas e imprecisas, devido a não ter podido entendê-lo. Começo a olhar para dentro de mim mesmo.

— *Quem sou?*

Sou um corpo feito de carne, ossos e sangue? Será o espírito, a mente, os pensamentos, este complexo de sensações que formam minha personalidade que me distingue dos outros? /

Temos por hábito responder afirmativamente a cada uma dessas perguntas: o Maharichi, porém, me fez observar a necessidade de olhar mais além, sem todavia forçar seu ensinamento, tornando-o um sistema.

Aqui está o essencial:

"Sem se dar tréguas, faça esta pergunta: quem sou? Analise seu *eu* até o âmago, procure seguir seu pensamento até onde começa a raiz do *eu*, mantendo nele sua atenção introvertida. Um dia virá em que os pensamentos caóticos que, como uma roda, giram incessantemente, acabarão parando, levando-o ao ponto onde a intuição direta surge espontaneamente das profundezas do seu ser; continue a segui-la, abandone todo pensamento; entregue-se. Se for bem-sucedido, alcançará a nossa meta suprema." /

Eu me submeto a esses ensinamentos, combato cada dia meu intelecto; aos poucos abre-se um novo caminho e desço às profundidades inexploradas da mente. Graças à benfazeja presença do Maharichi, essa meditação, esse diálogo comigo mesmo prosseguem sem cansaço e com uma eficiência inesperada. A grande expectativa, apoiada pela sensação de poderosa ajuda, me estimula e mantém meus esforços. Vivo horas estranhas nas quais, nitidamente, tenho a consciência de uma força desconhecida que me penetra e guia meus passos ainda trêmulos e vacilantes pela fronteira misteriosa do ser.

A grande sala fica vazia, quando o Maharichi, seus discípulos e visitantes vão jantar no refeitório. Como não faço questão dos alimentos deles e, ainda menos, de preparar os meus, fico aguardando sua volta. Há, todavia, uma coisa que aprecio muito no regime do eremitério: é a deliciosa coalhada; como Maharichi des-

cobriu meu gosto, manda trazer-me toda noite uma grande caneca cheia.

Meia hora depois, os moradores e visitantes que pernoitam enrolam-se nos lençóis ou cobertores de algodão e deitam-se nas esteiras da sala. O Sábio dorme no divã; seu criado faz-lhe massagens nas pernas, antes de se cobrir, por sua vez, com o lençol.

Apanho então uma lanterna e vou andando, lentamente, sozinho, em direção à minha cabana. Milhares de pirilampos fazem do jardim um tapete de luz movediça. Arbustos e cactos se assemelham a massas gigantes, fosforescentes, na cortina de sombra da noite. No dia em que me demoro e saio quase à meia-noite, vejo esses estranhos insetos apagarem simultaneamente suas luzes enfeitiçadoras. Deve-se andar cautelosamente para não pisar em algum escorpião ou mesmo numa cobra; pois me acontece frequentemente estar tão absorto em meditação profunda, que esqueço os perigos do lugar; só fixo a faixa estreita da luz oriunda da minha lanterna.

Chegando à choupana, fecho cuidadosamente a porta pesada, como também os postigos da janela, pois como aqui não se usam vidraças, a prudência aconselha essa defesa contra uma possível intrusão das feras noturnas. Lanço meu último olhar às folhas das palmeiras, cuja leve trepidação sob o luar prateado desenha nas paredes sombras dançantes.

CAPÍTULO XVII

TABUINHAS DE VERDADES ESQUECIDAS

UMA TARDE, percebo um visitante, que ainda não conhecia, entrar na sala com andar digno e tomar lugar perto do divã do Maharichi. Seu rosto é fino, embora sua tez seja muito escura. O recém-chegado não diz palavra, mas vi logo que Maharichi o conhece, pois o cumprimenta com seu sorriso alegre e acolhedor. A personalidade do visitante faz grande impressão; sua aparência é a de um Buda esculpido e seus traços respiram serenidade e introspecção profunda.

Durante toda a noite, não disse uma única palavra, e quando nossos olhares se cruzam, seu olhar é tão penetrante que, confuso, desvio o meu.

Tornei a vê-lo no dia seguinte da maneira mais imprevista. Raju tinha ido à cidade fazer algumas compras. Entro na cabana vazia para cuidar do preparo do meu chá, e ao passar a soleira da porta, percebo alguma coisa se mexer e tenho a impressão de uma presença insólita; um deslisamento, um sopro leve, avisam-me, antes de eu ter percebido, que uma cobra estava no quarto.

Não consegui dominar um movimento de pavor, apesar da real beleza dessa cabeça imóvel e erguida, cujos olhos me fascinam. Não sabia o que fazer; o réptil continua a fixar-me com seu olhar sinistro e frio, atemorizante; esforço-me para dominar os nervos extremamente tensos e, recuando, saio rapidamente em busca de um pau. Nesse momento o rosto do visitante desconhecido aparece na clareira.

A calma nobreza dos seus traços tranqüiliza-me totalmente; ele se aproxima da cabana e, compreendendo logo o que se passa,

imperturbável, sem arma, entra no quarto, apesar dos gritos que dou para avisá-lo.

Via a língua bífida da cobra vibrar na boca escancarada, mas ela não tentava atacá-lo. Aos meus berros os banhistas da lagoa vizinha acorreram, mas sua intervenção não era mais necessária, pois no momento em que chegaram, o estranho visitante estava ao lado da cobra, cuja cabeça inclinada ele acariciava suavemente.

Os colmilhos cessam seus movimentos convulsivos, a serpente fica imóvel e dócil, até que a chegada de dois homens rompe o encanto da cena. Nesse momento, virando-se bruscamente sob os olhares que a fixavam, a cobra escapou-se da cabana e, com um rápido rastejo, perdeu-se na selva.

Fico assombrado.

— É uma cobra nova — diz um dos homens, grande negociante da localidade, que vinha freqüentemente visitar o Sábio, gostando de se demorar em conversa comigo. Como lhe exprimisse minha surpresa pela intrepidez demonstrada pelo desconhecido, forneceu-me esclarecimentos suplementares:

— Não é de estranhar, tratando-se do Yogue Ramiah; ele é formidável, é um dos discípulos mais adiantados o Mestre.

Desejaria imensamente entrar em contato com ele, mas avalio a dificuldade, pois soube que Ramiah fez voto de silêncio e vem do Distrito onde se fala o télego. Suponho que ele sabe tanto falar o inglês como eu o télego. Há dez anos é discípulo do Maharichi, não gosta de sair da sua reserva, não visita ninguém e mora em um pequeno abrigo de pedras que ele mesmo construiu à sombra de um dos blocos erectos que estão esparsos do outro lado da lagoa.

Não vejo, pois, possibilidade de aproximação; no entanto, sinto que o aparente abismo que há entre nós será rapidamente transposto. Assim foi.

Um dia, encontro-o à margem da lagoa onde ele veio apanhar água com um cântaro de cobre. Apesar do silêncio que o envolve, suponho que não haja impedimento para um contato amável, e atrevo-me, com minha *Kodak* na mão, a pedir-lhe por gestos que se deixe fotografar. Não encontrando objeção ao meu intento, e feita a pose, ele me acompanha à choupana. Aí achamos o ex-chefe da estação que, sentado diante da porta, me esperava.

Por sorte esse bom homem sabe o télego tão bem quanto o inglês, e vem-me a esperança de que ele possa nos servir de intérprete. Ele se prontifica com prazer; bastará um papel e um lápis.

O Yogue é refratário, evidentemente, a qualquer espécie de entrevista, mas aos poucos, acaba por revelar-me alguns pormenores da sua existência estranha.

Ramiah não tem ainda quarenta anos, e é possuidor de bens no distrito de Nallore. Ainda que não tenha definitivamente renunciado ao mundo, abandonou sua família e a administração dos seus bens para dedicar mais tempo às meditações. Em Vallore, ele possui discípulos, mas deixa-os uma vez por ano, para visitar o Sábio em companhia do qual fica, habitualmente, dois ou três meses. Na sua mocidade fez a volta da Índia em busca de um mestre; seguiu vários, e pode orgulhar-se de possuir faculdades excepcionais. Os exercícios respiratórios e a prática da meditação não têm segredos para ele, e até parece ir além dos seus instrutores, porquanto eles não lhe podiam explicar, de maneira satisfatória, certos resultados das experiências, obtidas sem a ajuda deles. Só o Maharichi lhe forneceu esses esclarecimentos, de modo que ele veio ao Sábio e, graças a ele, progrediu no caminho da Yoga.

Ramiah comunica-me, escrevendo, que vem passar dois meses aqui e está acompanhado de seu próprio criado. Exprime a alegria de ver um europeu tomar interesse pela antiga sabedoria do Oriente. Quando folheava uma revista inglesa, fiquei impressionado pelo curioso comentário que uma dessas ilustrações lhe inspirou:

— Eu acho que o povo de seu país seria bem mais feliz se fizesse um estudo de si mesmo, ao invés de elocubrar inventos e máquinas sempre mais aperfeiçoadas. Que felicidade pode haver, por exemplo, em descobrir meios de locomoção cada vez mais rápidos?

Pergunto-lhe o que se passou exatamente com a cobra.

— Não havia nada a temer — escreve, sorrindo — pois me aproximei sem ódio; meu coração transborda de amor por todos os seres vivos.

Não insisto, embora julge que isso não explica bastante. Andando em direção de sua solitária morada, ele me deixa pensativo.

Sua personalidade atrai-me cada vez mais. As semanas que se seguem ajudam-me a conhecê-lo melhor; encontramos-nos freqüentemente na clareira perto da lagoa ou, às vezes, na soleira da sua ermida. Entendemo-nos muito bem. A serenidade do seu olhar profundo faz-me um bem enorme; uma estranha espécie de amizade instala-se entre nós, uma amizade sem palavras, que atinge o seu auge no dia em que ele me abençoa, acariciando-me a testa e segurando minhas mãos nas suas.

Guardei dele apenas algumas notas em télego, traduzidas pelo velho amigo que nos serviu de intérprete e, apesar de não trocarmos uma palavra, surgiu entre nós algo de sólido, de perdurável, que jamais poderia se extinguir. Andamos sempre juntos. Algumas vezes damos longos passeios na orla da selva ou escalamos rochedos no alto da colina, e nunca o vi sair da sua calma serena, que admiro tanto.

Uma vez tive a revelação do extraordinário poder da sua perspicácia adivinhatória. Acabava de receber más notícias de Londres. Minha situação parecia ameaçada, forçando-me a interromper bruscamente minha permanência nas Índias. No eremitério estava gozando da mais ampla hospitalidade; contudo, não queria ficar numa posição delicada, pois isso não é do meu caráter. Há situações que não posso evitar e que talvez cheguem a exigir minha volta à Europa.

Conquanto isso seja uma provação, não posso me orgulhar de que tenha feito progresso.

Estou completamente aniquilado; nem me atrevo a passar as tardes ao lado de Maharichi.

Vagueio o resto do dia, melancólico, amaldiçoando a sorte que, de um só golpe, parece querer arrebatá-me o fruto de meus esforços.

Chego a um tal desânimo que, ao regressar à cabana, deixo-me cair na esteira, preso de profundo desalento. Alguém, batendo levemente na porta, me faz voltar do meu devaneio de sobressalto. A porta se abre lentamente, e qual é a minha surpresa quando vejo entrar meu amigo Ramiah!

Levanto-me às pressas e, vendo-o acocorar-se, tomo a mesma posição ao seu lado. Ele me fixa atentamente; estou lendo nos seus olhos uma pergunta muda, não sei nada do seu idioma e ele também não fala o inglês; entretanto, alguma coisa me obriga a lhe falar na minha língua materna, na esperança de que, talvez mesmo não entendendo minhas palavras, possa ler os pensamentos nos meus lábios. Em algumas frases curtas e estacadas com gestos de desânimo, conto-lhe o aborrecimento que acaba de se abater sobre mim.

Ramiah escuta-me calmamente. Por fim me faz sinal que me compreende e convida-me com o gesto a segui-lo. Saímos; vamos andando pelo atalho sombrio da selva e chegamos rapidamente a um lugar deserto, poeirento e ensolarado. Por mais de meia hora prosseguimos nosso caminho, sempre subindo. Paro um momento à sombra de uma bananeira, não podendo mais agüentar o calor;

após esse curto descanso, continuamos nossa escalada através dos arbustos até chegarmos à margem de um lago. O caminho parecia ser conhecido de Ramiah. Nossos pés se afundavam na terra fofa, enquanto estávamos subindo até um pequeno areal que rodeava um pequeno charco coberto de flores de lótus de cores variadas.

O Yogue escolhe uma árvore, cujos galhos caídos dão uma sombra agradável, e senta-se, convidando-me a tomar lugar ao seu lado. A copa maciça do plátano nos cobre como uma grande barraca-de-sol; a solidão completa do lugar acentua mais a impressão constrangedora do deserto, onde a terra nua e abandonada estende-se numa distância de cerca de duas milhas, antes de embrenhar-se, novamente, na mata virgem.

Ramiah acocora-se com as pernas cruzadas, na posição já tão familiar para mim; os olhos, fixos na superfície espelhada do lago, imobilizam-se aos poucos e vejo que se entrega a profunda reflexão. Minutos se escoam lentamente. Imóvel como uma pedra, a face serena tornada tão calma como o espelho das águas, tão absorto em contemplação introvertida como se estivesse encaixado na paisagem, qual árvore vigorosa cuja folhagem nenhuma brisa agita. Meia hora se passa. Ele continua parado, o olhar perdido no horizonte da colina ou bem mais além... transfigurado talvez por essa paz infinita da natureza ou por iluminação interior, como que fundido com o silêncio universal.

Subitamente começo a experimentar essa paz de perene doçura que imperceptivelmente penetra minha alma. Sim! Por incrível que pareça, sinto minha angústia dissipar-se, minha aflição acalmar-se. Qual é a fonte donde emana esta benéfica irradiação? Não duvido mais que devo essa mudança, essa graça, a alguma manifestação misteriosa, cujo segredo meu companheiro possui.

O calor torna-se mais suave, à aproximação da noite; a areia começa a resfriar-se. Um último raio dourado vem iluminar a face do Yogue, assemelhando-o a um ídolo santo, aureolado por um nimbo. Uma paz indizível me inunda. As vicissitudes da vida reduzem-se às suas proporções verdadeiras e recuam, diante da imensidão da existência profunda e divina, na qual sinto irresistivelmente que vou também me afundar. Percebo neste momento, e com uma clareza deslumbrante, que o homem pode aceitar, sem se perturbar, os dissabores mundanos, se porventura conseguir encontrar o centro de gravidade do seu ser. É uma loucura querer basear sua vida e suas aspirações nos bens efêmeros da nossa existência, quando a certeza da proteção divina está dentro de nós mesmos.

Quando o sábio Galileu disse a seus discípulos que não se preocupassem com o dia de amanhã, foi por que Ele sabia que um poder Superior os protegia. Percebo, num vislumbre, que desde que o homem siga essa voz interior, que não é outra senão o apelo da voz divina, estará certo de suportar, sem desfalecer, os revéses da vida.

Existe em alguma parte dentro de nós um elemento básico que dá todo o valor à existência, elemento de valor fundamental na vida, que transforma as vicissitudes em vãs quimeras, fazendo com que os homens atravessem a existência sem medo e sem dúvidas.

Percebo isso agora e estou livre do peso que me oprimia. O tempo deixou de ter significação, sem que eu pudesse compreender e avaliar o mistério dessa presença interior e da sua total independência do tempo e do espaço.

O crepúsculo cai; algo brota repentinamente das minhas reminiscências, avisando que a noite tropical surge com uma surpreendente rapidez, acompanhada por seu cortejo de terror. Mas nessa noite não receio nada, basta que esse homem extraordinário esteja perto de mim e eu o tenha como guia para o bem supremo — a serenidade.

Quando afinal ele me toca no braço, num convite para levantar-me, a escuridão é completa. Seguimos o caminho de volta de mãos dadas, sem luz, e sem outro guia senão o sentido de direção, que meu companheiro parece possuir.

Em qualquer outro momento eu teria tido medo, pois em nenhuma outra hora a criatura humana se sente tão envolta no mistério das sombras que se movem como fantasmas. Penso no meu cachorro Jackie, o fiel companheiro dos meus passeios e refeições solitárias, que voltou um dia, do combate com um leopardo, com a garganta aberta, e no seu infeliz irmão, que jamais voltou. Quem sabe se não vou ver surgir o clarão verdejante dos olhos do tigre esfomeado, pisar numa cobra, ou tocar com a sandália um escorpião real, esse pequeno monstro pálido, cuja picada é irremediavelmente mortal? Tenho vergonha de tais pensamentos ao lado do meu impávido amigo, estando sob a proteção de sua aura, na qual me sinto envolvido.

O coro noturno rivaliza com o da natureza matinal, mais profundo, talvez, e mais misterioso; ao longe ouvem-se os urros dos chacais, uivos estranhos de animais lhes fazem eco, e perto da lagoa, o coaxar dos sapos, o rastejar silencioso dos lagartos e o esvoaçar dos morcegos, acompanham o ciciar dos insetos.

Na manhã seguinte, quando desperto, abro minha alma serena ao universo deslumbrante de sol.

*
* *
*

Quantas coisas poderia dizer ainda sobre as minhas entrevistas com Maharichi, sobre a vida do eremitério, a vida dos discípulos, pacata e sem imprevistos, se não fosse tempo de pôr ponto final à minha narrativa!

Quanto mais observo Maharichi, mais vejo nele o herdeiro de um passado, para quem a descoberta da Verdade tem, evidentemente, maior valor do que uma mina de ouro.

Doravante sinto e tenho certeza de que, enfim, encontrei neste canto perdido da Índia um dos últimos Super-Homens que a terra possuiu; esta face deve ser a dos antigos Richis, cuja lembrança ficou viva neste país. Não obstante o que sei dele, sinto que o mais íntimo, o mais maravilhoso da sua alma, ainda me estão velados; o tesouro da sabedoria, do qual cada átomo do seu ser está impregnado, ainda não está ao meu alcance. O Mestre parece pairar, transportado a alturas aonde não posso segui-lo. E, quando espalha sobre mim sua graça com tanta benevolência, ligando-me a si com laços inquebrantáveis, submeto-me sem restrições ao enigma da sua personalidade.

Eu sei que, materialmente falando, se ele quisesse isolar-se de todo contato e toda intromissão, bastaria que eu encontrasse um fio de Ariadne puramente espiritual, para me ligar à sua alma. Eu o amo, porque ele soube conservar nesse ambiente de sublime grandeza uma humilde simplicidade que fascina; não pensa vangloriar-se de poderes ocultos para deles fazer, mais seguramente, impressão sobre seus patrícios apaixonados pelo mistério que o canonizariam ainda em vida, se ele não fosse tão completamente despido de pretensões.

Parece-me que a presença em nosso orbe de homens tais como Maharichi não pode ser o efeito de um capricho do destino. Mensageiro do Divino, ele é a continuação desses Seres que aparecem no decorrer dos séculos para assegurar a continuidade e a permanência do Espírito na terra; é portador da Revelação que incita à Fé, repelindo as argumentações e polêmicas estéreis.

O que dá ao seu ensinamento uma tão grande força de atração é que é inspirado em razões desinteressadas, paralelo ao espírito prático e que, analisado de perto, é perfeitamente

científico. Ele não invoca nenhum poder sobrenatural e não pede uma fé cega. A atmosfera de sublime santidade que irradia dele não se encontra no templo vizinho, cuja emanção de grandeza secular faz débil eco aos seus métodos de introspecção racional. A palavra *Deus* não sai senão raramente dos seus lábios; ele não se lança às cegas no oceano da magia, onde numerosas investidas cheias de promessas terminam em naufrágio. Propõe simplesmente um método de auto-análise, que pode ser praticado, independente de qualquer sistema filosófico ou crença religiosa, método que deve levar o homem ao conhecimento de si próprio, e daí ao Ser puro.

Estou cada vez mais convencido de que, mesmo que não tivesse havido troca de palavras, algo do espírito de Maharichí penetraria em mim. A sombra da iminente partida, infelizmente, me persegue e magoa profundamente; transfiro a partida tanto quanto posso, mas a doença me espreita de novo, e toda minha força de vontade, receio muito, será ainda impotente para se impor ao meu corpo combalido. Não se abusa da natureza impunemente; e a iminência da crise é por demais evidente.

Por lamentável ironia do destino, no momento em que minha vida espiritual parece estar perto da realização é que minha saúde se sente abalada. Algumas horas antes da minha experiência culminante na presença do Maharichí, senti calafrios seguidos de transpiração anormal, anunciando o acesso de febre que eu temia já há algum tempo.

Ao voltar do templo, onde queria visitar um santuário habitualmente fechado aos estrangeiros, entro na grande sala, no momento em que já estava em meio a meditação da noite. Contudo, tomo ainda a posição exigida, fecho os olhos e concentro-me.

Aos poucos começo a dominar meus pensamentos vadios e obtenho intensa interiorização de consciência. A forma física do Maharichí flutua, distintamente, diante da minha visão interior. Dócil às instruções do mestre, esforço-me para sobrepujar essa imagem sutil e perceber, além dela, o ser puro, sem forma, sua alma — digamos. Com grande surpresa, quase instantaneamente o consigo. A imagem desaparece e surge um sentido muito nítido de sua presença interior, real, irresistível.

As objeções que eu me tinha feito até agora quando me martelava de perguntas, todas as sensações, emoções, decepções sucessivas, são definitivamente afastadas. Esforço-me agora para atingir a fonte mesma, o foco de ação da consciência, e dirigir sobre ela toda minha atenção.

E então, vem um momento supremo. Neste estado de concentração mental, recolhido em mim mesmo, tudo que me circunda começa a esfumar-se numa sombra indecisa; a mente adquire uma impressão de estar reduzida a nada, de ter chegado a uma espécie de vácuo. Procuro manter minha atenção presa nesse estado de introversão, esforço que exige uma disciplina mental intensa. A vida lá está, com suas tentações, seus problemas de indolência e sonhos — como é difícil não se deixar distrair por eles!

Esta noite, porém, consigo chegar neste ponto quase na primeira tentativa. Depois de um curto combate contra o assalto dos pensamentos inoportunos, meu desejo é coroado de êxito, e um poder soberano, uma espécie de dinamismo interior, jamais ainda sentido, ajuda-me a triunfar, guiando-me velozmente, à finalidade anelada.

Venço a primeira batalha sem muita luta. Esse estado de tensão se transforma em seguida num sentimento de calma, de tranqüila felicidade. Percebo que estou separado da minha faculdade de pensar; assisto de fora, como um espectador, ao seu funcionamento, e algo me adverte que a mente é apenas um instrumento exterior do *Eu*. Aí há uma espécie de desligamento da mente. A faculdade de raciocínio não é mais um privilégio do qual o homem deve se orgulhar, é uma coisa totalmente comum, da qual ele pode e deve se libertar, pois nesse momento concebo claramente que, até agora, eu era seu prisioneiro. Um súbito desejo me impele a situar-me além do intelecto e a *ESTAR* fora dele, penetrando num plano ainda mais além e mais profundo do que o próprio pensamento. A vontade de saber o que irá acontecer quando estiver livre da tutela habitual do cérebro e do raciocínio, estimula essa ânsia e mantém toda minha atenção alerta e vigilante.

Sensação muito estranha, aliás, essa que consiste em se colocar à distância e observar a função cerebral como se fosse objeto de uma experiência, e assistir, assim, ao nascimento e ao desenrolar das idéias. Não menos estranho aquele sentimento que acabo de perceber, intuitivamente, quando me sinto aproximar-me do limiar do mistério que permite o acesso ao tesouro oculto da alma. Sinto-me um Cristóvão Colombo no momento de atracar numa terra desconhecida, e essa expectativa dirigida em perfeita consciência, é a antecipação de algo inconcebível.

Mas, como me separar radicalmente da antiga tirania dos pensamentos? Nunca o Maharichí me aconselhou a forçar a detenção do pensamento. "Investigue a origem do pensamento — é o seu reiterado conselho — vele pela revelação do seu verdadeiro eu, e então seus pensamentos se extinguirão por si".

Isso é exatamente o que se passa. Sinto haver atingido a raiz, a origem mesmo dos pensamentos. Relaxo então o esforço positivo e entrego-me à mais completa passividade, concentrando toda atenção nesse ponto, e não obstante mantendo-me tão vigilante como uma serpente sobre sua presa.

Domino esta condição de equilíbrio, até que verifico a exatidão dos ensinamentos do Sábio. As ondas do pensamento se acalmam gradativamente; o trabalho da faculdade racional atinge o ponto morto. Essa é bem a maior e a mais estranha sensação que vivi. O tempo parece hesitar na sua marcha, à proporção que a faculdade intuitiva penetra mais fundo e coloca suas antenas no mundo inexplorado. Os sentidos deixam de ser percebidos, e até mesmo a sua lembrança. Tenho a sensação de que posso, de um momento para outro, ficar além das coisas e atingir o umbral do mistério do universo.

E esse momento vem. O pensamento se extingue como um fogo que se apaga, e recua ao seu próprio lugar, isto é, onde a consciência não é mais interrompida na sua ação pela intervenção do raciocínio. Reconheço a verdade das palavras do Maharichi, quanto à origem transcendental do espírito. A mente está em estado de suspensão, num vácuo, como num sono sem sonhos, porém sem a menor perda de consciência. Estou perfeitamente calmo, absolutamente cômico do que sou e de tudo o que se passa em mim; todavia, essa consciência está liberta dos limites da personalidade, perde-se no sublime infinito, abrangendo todas as coisas criadas. O eu subsiste, porém uma existência transfigurada, irradiante, algo infinitamente superior à minha insignificante personalidade que era e que interpretava até agora como meu eu.

Esse algo que faz parte do divino se eleva além da consciência e torna-se Eu. Surge então o sentimento da liberdade, porque o pensamento que estava submisso a um movimento de vaivém, liberta-se: ficar livre do seu mecanismo equivale a respirar o ar puro ao sair de um cárcere.

Agora ultrapasso os limites da consciência cósmica. O mundo terrestre, que era tudo para mim, desaparece. Estou submerso na imensidão da luz, e sinto atingir à quintessência primordial donde surgem os mundos, e a matéria no seu estado primitivo, infinito, incriado, indivisível, perene, a fonte inesgotável da vida. Com a velocidade de relâmpago, adquire a noção do mistério do drama que se desenrola no espaço sideral. Tenho a consciência de chegar à substância original, à fonte mesmo do ser. Este Eu, esse Eu transfigurado, está envolto num mar de inexprimível felicidade; bebo da taça platônica de Letes!

Névoas e amarguras do passado, brumas e incertezas do futuro, tudo está esquecido. É a liberdade plena em sua divina essência. Abraço, num impulso de amor sem reserva, a criação inteira, e compreendo agora, plenamente, que conhecer tudo não é somente tudo perdoar mas também tudo amar. Minha alma está deslumbrada, em êxtase...

Como resumir tamanha experiência através de uma pena que se recusa a transmitir em palavras sutilezas tão delicadas? É mister, portanto, procurar amoldá-las para exprimir essas verdades eternas em idioma terrestre, e tenho certeza de que não será um esforço perdido. Tentemos, então, trazer à memória, mesmo em termos inábeis, algumas gotas da fonte do mundo inexplorado que se estende além das fronteiras do espírito.

*
* *

O homem pode se orgulhar da sua alta linhagem: um Ser infinitamente maior que sua mãe lhe deu vida; ele pode chegar a esse conhecimento nas horas em que o amor divino lhe abrir a porta do saber.

*
* *

Na época longínqua, em sua preexistência, o homem fez um juramento de obediência e fidelidade ao seu criador, e andava envolto em luz nas pegadas dos deuses. Se hoje alguns obedecem a esse mundo terrestre que os submete à ação material, ainda ficaram aqueles que não esqueceram da sua promessa de outrora, a qual lhes será lembrada, quando a hora chegar.

*
* *

Há no homem um elemento perene onde reside seu verdadeiro ser; ele quase o ignora, mas essa ignorância não altera nem afeta em nada sua divina origem; ele pode até esquecê-lo e embriagar-se com o prazer dos sentidos, mas no dia do seu despertar, quando se volver ansioso para seu verdadeiro Eu, lembrar-se-á do que ele é. Tornará, então, a descobrir sua alma.

*
* *

O homem pertence à eternidade, mas não se estima no seu próprio valor, porque perdeu a noção do divino que nele está encoberto. Julga cômodo submeter-se à opinião alheia, embora

fosse mais acertado encontrar a certeza plena no centro espiritual autônomo do seu próprio ser. A esfinge não tem, como se crê comumente, o olhar dirigido para horizontes terrestres, mas voltado em contemplação interior; o enigma do seu sorriso está no conhecimento de si mesmo.

*

* *

Aquele que, apesar de olhar para dentro de si, não encontrar senão trevas, dissabores, fraquezas e vaidade, não deve trocar sua decepção por ceticismo amargo; ele tem que se olhar sem tréguas, sempre mais além, sempre mais profundamente no âmago do seu ser, até que comece a perceber, por indícios muito suaves, um sopro leve que nasce quando cessa o turbilhão dos sentidos. Esses sinais devem ser recolhidos preciosamente, pois tomarão corpo, crescerão e transformar-se-ão em pensamentos elevados que transporão o limiar da mente, como missionários celestes, anunciadores da voz que se fará ouvir, voz de um ser oculto, misterioso, que vive dentro de nós e que não é outra coisa senão o Eu real.

*

* *

Há momento na vida em que o homem desfruta da revelação de sua natureza divina, mas se passar indiferente, esta revelação será como um grão semeado na rocha. Nenhum homem está excluído dessa consciência divina; é ele que se exclui por si próprio. O homem busca no mistério o segredo da vida; no entanto, cada passarinho pousado no galho, cada criança segurando a mão de sua mãe — resolveram o enigma e trazem a resposta escrita na fronte. O ser que te deu a vida, ó homem! é mais grandioso e mais nobre do que teu pensamento jamais possa imaginar; crê em sua benevolência e obedece aos seus mandamentos para que possas ouvi-los no íntimo da tua alma e compreender, pela intuição, esse sussurro, discreto como o murmúrio da folhagem acalentada pela brisa.

*

* *

O homem imagina poder viver livremente ao sabor dos seus desejos, sem avaliar que entrega sua vida a uma quimera; todo aquele que peca contra seus irmãos ou contra si mesmo, assina sua própria condenação; pode ocultar seus pecados à vista do mundo, mas não poderá jamais escondê-los ao olhar dos deuses. A balança inexorável da justiça divina governa o mundo, embora seu julga-

mento passe freqüentemente despercebido, não gozando da publicidade dos pretórios. Quem escapa à justiça da terra, não escapará nunca à justiça dos deuses, pois a implacável Nêmesis a mantém a todo momento suspensa sobre a sua cabeça.

*

* *

Aqueles que navegam num mar de amarguras, cuja vida é órfã de sol, e caminham anos embebidos de lágrimas, estão mais chegados a ouvir no fundo dos seus corações sangrentos o murmúrio discreto da verdade eterna; se eles não ouvem, ao menos, vêem o sentido trágico das voltas da fortuna. Aqueles que não se deixarem cegar nas horas de sol deslumbrante, sofrerão menos a dor nas horas amargas. Não há uma vida humana que não seja urdida de alegrias e dores e nenhum homem deve dizer-se feliz antes da hora da morte chegar. Portanto não deve contemplar seus irmãos das alturas do seu orgulho, como se estivesse andando nas nuvens, pois o abismo lhe está perto. A humildade é a única roupagem que o homem deve vestir na presença dos deuses invisíveis que podem num golpe privá-lo dos bens conquistados; todas as coisas se movem segundo um ciclo ordenado pelo destino; é cego aquele que não as percebe. Assim, após o apogeu, o perigeu; após o fluxo, o refluxo; depois da abundância, privações e carência; a saúde é um hóspede inconstante e o amor que surge não tarda a desaparecer. Mas a noite de lenta agonia da morte cede à alvorada da sabedoria reencontrada. O maior ensinamento a tirar dessas leis é o seguinte: quer ele sinta ou não, quer ele queira ou não, o supremo refúgio do homem está nele mesmo. Ele deve voltar a ser aquilo que foi, senão a angústia das decepções e a dor conspirarão periodicamente para trazê-lo de qualquer maneira. Não há um homem, por mais feliz que seja, que os deuses permitam escapar a esses dois grandes redentores da humanidade.

*

* *

O homem jamais se sentirá seguro, a não ser protegido por pensamentos sublimes. Enquanto ele se compraz nas trevas, teimando em não aceitar a luz, suas mais engenhosas descobertas científicas afundá-lo-ão no abismo; cada vez mais profunda será a noite, quanto maior o apego às coisas da matéria que ele deve deixar um dia, e não fazem mais do que criar empecilhos ao homem, que está ligado, de maneira indissolúvel, ao seu passado divino. Ele é, respira e age na presença do seu íntimo ser, presença que não

pode negar! Que ele entregue então, incondicionalmente, todos os seus pensamentos, alegrias e dores a essa melhor parcela de si próprio, se quiser viver em paz e morrer em dignidade.

*
* *

Seja quem for, uma vez que se contemplou no espelho do seu interior, despojar-se-á de todo ódio para com seu semelhante; não há pecado pior que o ódio, não maior desgraça do que o sangue derramado pela guerra, que embebe léguas de terra, não há castigo mais certo do que aquele que golpeará os que provocam flagelos no mundo; que ninguém tenha esperança de escapar ao olhar dos deuses, testemunhas ocultas e mudas dos crimes humanos! Os gemidos dos povos ressoam no mundo enquanto a paz estende os braços; os homens esmagados de dor, torturados pela dúvida, procuram, tateando às cegas, o caminho da escuridão, enquanto a luz sublime está aí para iluminá-los, mas eles não a vêem. O ódio não desaparecerá da superfície da terra enquanto o homem não tiver aprendido a olhar a face dos seus irmãos, não à luz do dia que ilumina indiferente todas as criaturas, mas transfigurados pela luz interior que é o reflexo do divino, e enquanto ele não os fixar com o respeito a que tem direito o ser em cujo coração habita um elemento da mesma essência daquele Poder chamado Deus.

*
* *

Tudo que é realmente grande na Natureza, e belo na arte, revela ao homem sua origem divina. Onde o sacerdote desaponta o devoto, o artista inspirado desperta emoções capazes de levar o homem a Deus. Aquele que gravou os raros momentos em que a beleza deixou suspender o véu do limiar das profundezas eternas, pode sempre, nas horas sombrias, refugiar-se no santuário interior. Nesse santuário gozará paz, renovará forças, encontrará o raio de luz, confiante em que no momento que atingir o umbral da sua real natureza, terá um amparo infinito e uma compensação perfeita. Os eruditos inutilmente cavarão, feito toupeiras, nos montões de volumes que atulham as paredes da sala do saber; não desvendarão jamais verdades mais profundas do que essa verdade suprema: O Eu é de essência divina! As mais ardentes aspirações do homem passam com o decorrer dos anos, mas a esperança de vida eterna, a esperança do amor perfeito, a esperança da felicidade infinita — essas, infalivelmente, realizar-se-ão porque nos foram prometidas pelo destino, que não se engana nem se deixa enganar.

*
* *

O homem pergunta aos seus antigos profetas o segredo dos altos pensamentos; busca, em longínquo passado, regras de conduta nos dogmas cobertos de poeira dos tempos, mas não sabe que é em si mesmo, na sua própria natureza, que guarda a augusta revelação que procura. É suficiente encontrá-la para sentir-se imerso em luz, e tudo que é realmente digno de ser pensado ou sentido vem se pôr, sem esforço, a seus pés. Em meditação profunda, na paz do santuário da sua mente concentrada, surgirão visões nobres e santas, como as que foram reveladas aos grandes profetas hebreus e árabes que clamavam aos povos sua origem divina. A mesma aura inundava Buda de luz, quando recebeu e transmitiu aos seus adeptos a revelação do Nirvana; é a mesma em que estava oculto o germe de amor infinito que jogou aos pés do Jesus, Maria Madalena, lamentando sua vida dissipada.

*
* *

A poeira dos tempos não pode encobrir essas verdades eternas, vivas através dos séculos, desde o primeiro homem na terra. Não há um povo que no seu nascimento não tenha recebido a revelação, mais ou menos velada, dessa vida profunda acessível ao homem. Aquele que estiver pronto para recebê-la, não deve interpretá-la apenas com o intelecto, mas concebê-la em seu coração, onde ela brilhará entre as idéias como um astro no seio da nebulosa, inspirando-lhe o desejo da realização suprema.

*
* *

Uma força irresistível, contudo, traz-me novamente a noção deste mundo e pouco a pouco, retomo a consciência daquilo que me rodeia. Vejo-me sentado de pernas cruzadas na sala do Maharichi, agora deserta. Meu olhar pousa instintivamente no relógio do eremitério e, pela hora que marca, compreendo que os moradores da casa foram tomar a refeição da noite.

Nesse momento, sinto uma presença muda ao meu lado; volto-me e vejo meu velho amigo que ficou sozinho perto de mim, olhando-me com sua inalterável ternura.

— O senhor ficou em êxtase quase duas horas — disse-me — e seu rosto sulcado pela idade, devastado pela dor, me sorri, como querendo compartilhar da minha própria felicidade. Eu queria responder-lhe, mas percebo que minha faculdade de falar de-

sapareceu momentaneamente. Só no fim de uns quinze minutos retomei a palavra, e o velhote aproveita para continuar:

— O Maharichi o observou durante todo esse tempo; creio que o espírito dele o guiava nessas horas abençoadas.

Alguns instantes depois, o Sábio entra na sala e os discípulos o seguem, tomando seus lugares em volta, enquanto não chega a hora do recolhimento. Ele se senta no divã, as pernas cruzadas, com o cotovelo apoiado no joelho, o queixo na mão, dois dedos cobrindo a face. Nossos olhos se encontram; ele não os desvia, continua fitando-me com extraordinária intensidade. Quando o servente vem diminuir as luzes, conforme o hábito da noite, estou impressionado, novamente, pelo contraste que faz esse brilho estranho do seu olhar, com a calma imperturbável dos seus traços. Os olhos brilham no claro-escuro da sala como duas estrelas gêmeas, e com tal fulgor que eu nunca tinha visto olhos iguais aos deste último descendente dos antigos Richis. Se realmente o divino é suscetível de refletir-se nos olhos humanos, isso é evidente nesses olhos que refletem o poder do Altíssimo.

A fumaça do incenso se ergue em pesadas espirais. Três quartos de hora se passam em profundo silêncio. Para que servem as palavras? Qual é a necessidade delas, agora, para nós, quando nos compreendemos melhor sem elas? Quando suave e bela harmonia aproximou nossas almas, quando recebo diretamente do seu olhar uma mensagem inexpressa, mas de perfeita clareza? O Maharichi abriu para mim o acesso à sua alma; doravante elas se comunicarão em perfeita ressonância.

*

* *

Dois dias seguidos combato a febre que aumenta. Meu amigo, ex-chefe da estação, vem me visitar à tarde, tristonho:

— Sua estada perto de nós chega ao seu fim, meu irmão, mas o senhor voltará, não é?

— Certamente que voltarei!

Não havia necessidade de refletir; a resposta saiu-me dos lábios como um eco à sua pergunta. Quando ele me deixa, saio para contemplar pela última vez a colina do Santo Lume, Arunachala, a Santa Montanha Vermelha, como os habitantes locais gostam de chamá-la. A montanha se impõe; é impossível conceber esse lugar sem ela, como é impossível fugir ao encanto que dela emana. Acaso, também eu terei sucumbido ao feitiço desse pico solitário?

No momento em que escrevo, ela se destaca clara e luminosa; tenho-a sempre presente na retina, seu contorno gracioso, a linha

suavemente ondulada da sua encosta e seu cume altivo. Segundo a tradição local, ela é completamente oca, e habitada por grandes espíritos invisíveis aos olhos mortais. É uma lenda, eu sei. Entretanto, essa montanha tem qualquer coisa de singular. Por efeito de alguma magia? Não sei. Tenho visto centenas de outras, infinitamente mais belas e mais atraentes. Devemos admitir que essa áspera paisagem, com seus enormes rochedos ameaçadores, avermelhados pelo sol tropical, engloba uma poderosa característica de personalidade que se impõe pela sua influência misteriosa e que os antigos chamavam "Terror Sagrado".

Quando vem o crepúsculo, despeço-me de todos os moradores do eremitério, à exceção de Maharichi. Despedi-me com um sentimento de tranqüila satisfação, resultante da vitória conquistada com tamanho esforço. Pela bem-aventurada vivência, logrei a certeza, sem nada sacrificar do meu racionalismo, do qual tentava, sempre em vão, libertar-me. Essa satisfação, porém, cede lugar à intensa melancolia, quando mais tarde atravesso pela última vez o pátio, em companhia do Sábio. Esse homem me conquistou de maneira singular e me afeta profundamente a idéia de deixá-lo. O Mestre ligou-me ao seu espírito com laços indessatáveis sem nada pedir em troca, se não ver a alegria de o homem encontrar-se a si mesmo e libertar-se. Ele me levou à presença do meu ser íntimo e ajudou o ocidental desgarrado que eu era, a compreender essa palavra que hoje é tão vazia de sentido quanto cheia de potência, de felicidade vibrante e fecunda.

Retardo a partida, incapaz de expressar minha emoção crescente. O céu, de um azul profundo, resplandece de milhares de estrelas. A lua em ascensão é um semicírculo crescente de prateada luz. Os inumeráveis pirilampos guarnecem o jardim com um tapete cintilante de lantejoulas. As copas de palmeiras estremecem suavemente, balouçadas pela brisa noturna.

Chega ao seu fim o belo sonho do qual acordo transfigurado. Certo de que a roda incansável do destino tornará a me trazer a este retiro, levanto as mãos juntando as palmas em sinal de adeus, balbuciando algumas palavras banais. O Sábio sorri, olhando fixamente, sem dizer uma palavra.

Um último olhar a Maharichi, contemplando pela última vez à tênue luz da lanterna, sua alta figura, de pele cor de cobre e olhos todos brilhantes, um último gesto, ao qual responde com um movimento leve da sua mão, e separamo-nos.

Subo no carro de bois, à espera; o cocheiro estala o chicote, e os dóceis animais dão volta no pátio, e lentamente, mergulham na noite tropical perfumada de jasmims.

GLOSSÁRIO DE TERMOS HINDUS, E OUTROS, CONSTANTES DESTE LIVRO

ANNA. Moeda hindu correspondente a 1/16 da rupia.

ARYA (*Sâns.*). Santo, nobre, de nobre raça. Nome de uma raça (aria) que invadiu a Índia no Período Védico.

ARYAVARTA (*Sâns.*). "A terra dos Āryas", ou seja, a Índia. Antigo nome da Índia do Norte, onde se estabeleceram os primeiros invasores bramânicos.

BABA. Termo hindustani-urdo, derivado de uma raiz turca que significa *pai*. Um tratamento respeitoso aplicado a pessoas notáveis por sua ciência.

BANJAN ou BANIANA. Árvore própria da Índia (*Ficus Indica* ou *Bengalensis*), da família da figueira comum da Europa.

BRÂHMAN (*Sâns.*). A mais elevada das quatro castas da Índia. Sacerdote ou brâmane: indivíduo pertencente à casta sacerdotal.

CHEETAH. Animal carnívoro (*Acimonia venaticus*) do sul da Índia, de pele amarela ou clara e manchas negras.

CURRY. Termo anglo-hindu, derivado do tâmil *kari*, salsa. É um prato de arroz, simples ou com carne, temperado com cúrcuma, uma planta oriental de propriedades medicinais.

GURU (*Sâns.*). Instrutor espiritual; mestre ou preceptor em doutrinas éticas e metafísicas. Também significa mestre de uma ciência qualquer; pai ou mãe; superior; pessoa digna de veneração e respeito; chefe de uma seita.

HASHISH, *hachich* ou *axis* (*Aráb.*). Erva seca; extrato das folhas de uma variedade do cânhamo (*Cannabis indica*), especialmente preparadas para mascar ou fumar. É um tóxico.

HINDUSTÃO. Terra ou país dos hindus.

HINDUSTANI. Um dos idiomas da Índia.

HOWDAH. Liteira que se coloca no lombo de um elefante ou camelo, para transportar pessoas.

JAGGERNAUT. Epíteto honorífico com que alguns designam Vishnu e Krishna. Nome de um dos maiores templos da Índia, construído beirando o ano de 1.100 de nossa era, na cidade de Puri.

JINN (*Áráb.*). Entre os maometanos é plural, designativo de uma classe de seres de hierarquia menor que a dos anjos. O singular é *jenni*.

LAKH. Raiz hindustani do sânscrito *laksha*, com o mesmo significado: 100.000 ou o seu equivalente.

MAHA (*Sânsc.*). Grande, magno.

MAHARAJ ou MAHARAJÁ (*Sânsc.*). Grande rei ou soberano.

MAHARISHEE, *Maharichi*, *Maharchi* (*Sânsc.*). Grande *Richi*, iluminado ou profeta. O dotado de visão espiritual.

MAHASAYA (*Sânsc.*). Grande receptáculo, e por extensão, pessoa de grande coração, muito acolhedora.

MAHATMA (*Sânsc.*). Grande Espírito ou Grande Alma.

MAHRATTA. Grande império. Diz-se de uma casta guerreira do sul e sudoeste da Índia.

MAHRATTI. Gentílico do povo mahratta.

NEEM. Árvore asiática e do sul da Europa (*Melia Azadirachta* ou *Azadirachta indica*). Particularmente abundante na Índia, Ceilão, e Java.

PANDIT, *Pandita* ou *Pundit* (*Sânsc.*). Sábio, doutor, letrado, professor. Também título concedido pelas universidades hindus.

PEEPUL. Árvore da Índia (*Ficus religiosa*), da família da figueira européia.

PUNKAH. Peça plana de bambu, colocada verticalmente em relação ao teto, a qual se move mediante uma corda para produzir corrente de ar.

RAJÁ ou *Rajan*. Um príncipe ou rei da Índia.

RISHEE ou *Richi*. Iluminado, sábio, inspirado; profeta.

SADGURU. Mestre perfeito.

SADHU. Bom, puro, justo, reto, virtuoso, agradável e excelente.

SAHIB. Tratamento respeitoso usado pelos hindus, mormente para com os estrangeiros.

SHAH (*Pérs.*). Designativo dos reis da Pérsia. Traduzido ao vernáculo por Xá.

SHIVA. Terceira pessoa da *Trimurti* ou Trindade hindu. Grafado em português *Xiva*.

SHRI. Prosperidade, fortuna; felicidade; bem-aventurança. Anteposto ao nome de pessoa ou coisas, é sinal de respeito, equivalente a divino, santo, venerável, glorioso, bendito. Ex.: *Shri Krishna*.

SIKH. Membro de uma comunidade militar de Punjab, estabelecida no começo do século XVI, a princípio como seita religiosa, fundada por Nanak, de Lahore.

SWAMI ou *Swamin* (*Sânsc.*). Senhor, mestre; *pandit*.

TÂMIL. Nome que se dão a si mesmos e ao seu idioma alguns povos do sul da Índia.

TÉLEGO. Idioma dos dravianos do sul da Índia, da família do tâmil.

TIFFIN. Chá com biscoitos a tomar em horas aprazadas.

URDU (*Turco*). Acampamento; nome dos hindustanos entre os hindus.

VUDU. Variante do francês falado em Haiti, *vaudou*, feitiçeiro negro. Denominação dada a certas práticas, superstições e ritos secretos dos negros do Caribe e do sul dos Estados Unidos.

YAMA (*Sânsc.*). Na mitologia pós-védica, é o rei e juiz dos mortos.

YOGA (*Sânsc.*). União do inferior com o superior, do humano com o divino, principalmente por meio da meditação e de práticas disciplinares. Nome de uma das seis principais escolas filosóficas da Índia, que foi fundada pelo famoso filósofo Patanjali, autor da obra *Yoga Sutras*, traduzida em muitas línguas ocidentais.

ZEN. Seita budista, segundo a qual a iluminação lograda por Buda só pode ser obtida pela realização do Eu Superior, e não por meios externos, como ritos, erudição, cultos, etc.